

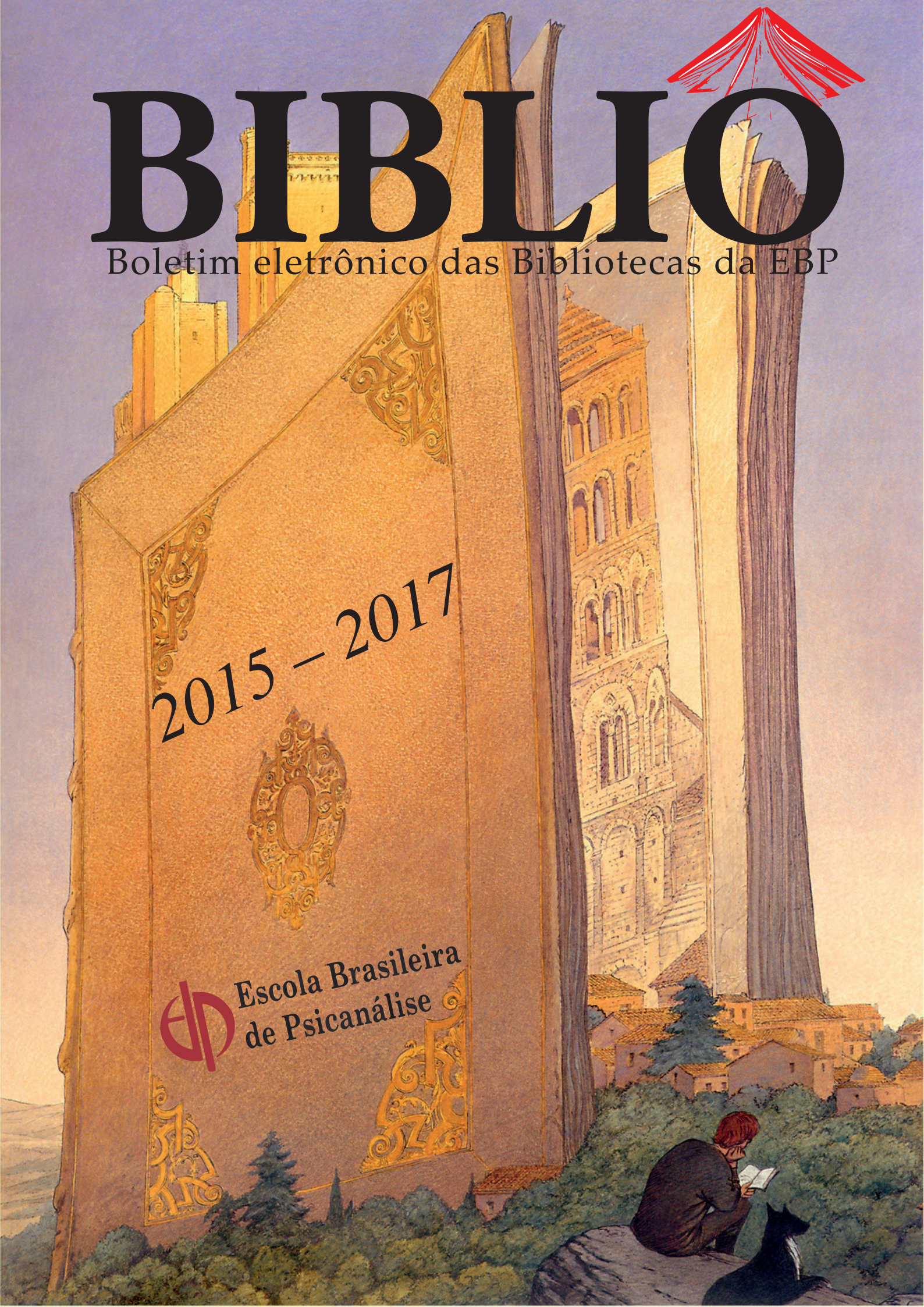
BIBLIO

Boletim eletrônico das Bibliotecas da EBP

2015 – 2017



Escola Brasileira
de Psicanálise



Nº24

EB Escola Brasileira
de Psicanálise

Maio/ Junho 2015

BIBLIO 



*« O que é um livro se não o abrimos?
Um simples cubo de papel e de couro com folhas;
mas se o lemos, alguma coisa estranha acontece,
creio que ele muda a cada vez »
J. L. Borges*

EDITORIAL

Anos atrás pensávamos que as bibliotecas fossem um dos recintos cerimoniais mais significativos, onde os leitores marcavam encontro com o gozo da escrita e da leitura assim como um encontro com outros leitores numa espécie de epifânia silenciosa e aconchegante. As bibliotecas como oráculos da cidade onde acudir para decifrar os mistérios do *Zeitgeist*.

Nos tempos após web, e graças à tirania da transparência, podemos descobrir numa fotografia a lenta agonia de uma delas. A primeira vista parece o mar dos nomes próprios após uma turbulência ou será tal vez o oceano de falsa ciência de Perelman do qual falava Lacan?

Parece que a morte de uma biblioteca acontece quando seus leitores não mais dão as caras. Ou será que todos esses livros estão digitalizados e, como o objeto na psicose, habitam no bolso móbil de cada um? Cada nova liberdade conquistada custa um preço, sabemos. No caso da biblioteca da foto é evidente que os leitores não mais se encontram para respirar o mesmo ar povoado de ácaros e memórias.

Os suportes da letra já não permanecem os mesmos, se multiplicaram, as telas luminosas disputam com os papéis, telas em decadência. Nada temos que lamentar enquanto a este fenômeno, pelo contrário devemos escudrinhá-lo e extrair o máximo de tutano possível. Em 2011-2013 tive a sorte de dirigir as bibliotecas da EBP e as circunstâncias me trazem aqui de novo. Desculpem-me de me citar e também de reaparecer, mas não resisto de dizer o mesmo: “Para nós, a elucidação do ato de leitura, a formação crítica do leitor, o respeito à dignidade da letra e a abertura do tempo de degustar os livros é uma herança da transferência de Sigmund Freud com a palavra impressa, vivificada pela disciplina do comentário, chave do ensino de Lacan”

Algo novo me interessa hoje lhes transmitir que a fotografia anterior e o encontro com minhas colegas de diretoria me fizeram pensar: as bibliotecas que nos interessam são as que enchem de gente, as que ocupem um lugar na cidade sem esconder-se na tranquilidade dos especialistas.

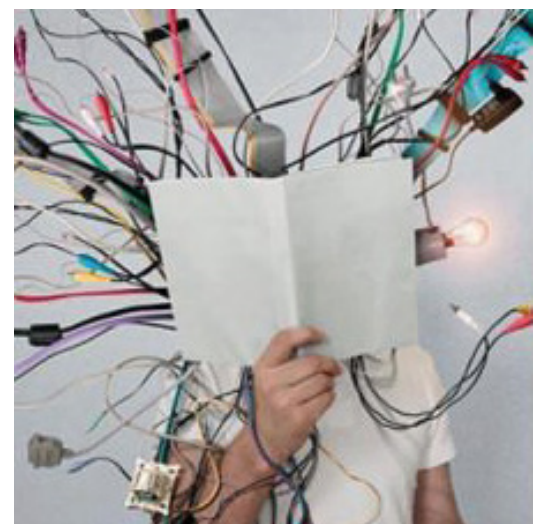
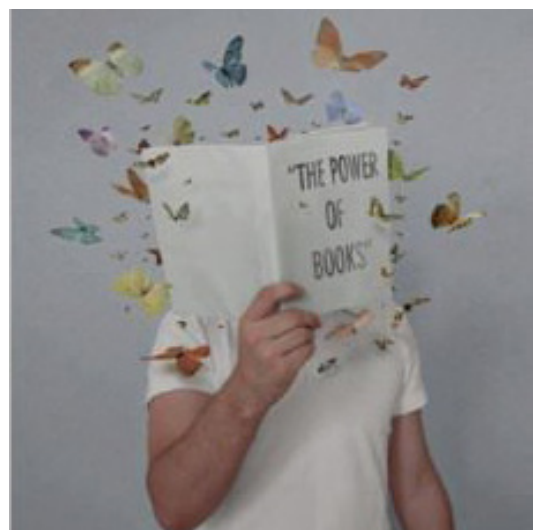
Nossas cidades precisam de bibliotecas como precisam da água, verdade evidente para qualquer um, mas nós podemos fazer com que um por um dos que aí moram, saibam disso.

Dar a conhecer nossos lançamentos, nossas projeções, nossos bancos de dados, e abrir nossos discursos, estantes, mesas e cadeiras aos parlêtres que circulam nas suas redondezas. Seja que toquem e cheirem nossos livros, que baixem nossos pdfs ou assinem nossos aplicativos. Sobretudo que se encontrem nelas.

O propósito declarado da Federação Internacional de Bibliotecas de Orientação Lacaniana (FIBOL) desde a sua fundação em 1990, é a transmissão da descoberta freudiana às comunidades nas quais elas se encontram. E a peste prolifera, como os ácaros e o desejo de leitura.

A equipe que integra sua gestão nela se orienta.

M.A.



livro vivo



X Congresso da AMP
O CORPO FALANTE
Sobre o Inconsciente no século XXI
<http://www.congressoamp2016.com/>

25 a 28 de Abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro

PROPOSTAS BIBLIOTECAS EBP 2015/2017

Sobre o banco de dados Uno

- Execução de um Catálogo das Bibliotecas da EBP em formato impresso e digital a partir do software PHL.
- Aprofundar a indexação das revistas e livros da EBP por estado editor.

Sobre o intercâmbio

- Continuidade dos convênios de intercâmbio com a ECF, a EOL e a NEL. Promoção de novos convênios com a EEP e SLP da AMP. Sistematização postal (Convênio com o Correio Postal) do intercâmbio nacional e internacional.
- Fortalecer a presença da EBP na lista de distribuição da **FIBOL Intercâmbios** enviando Bibliô regulamente e encaminhando as notícias que chegam entre os leitores. O link para Fibol no nosso site é: <http://ebp.org.br/biblioteca/fibol-por-judith-miller/>

Redes

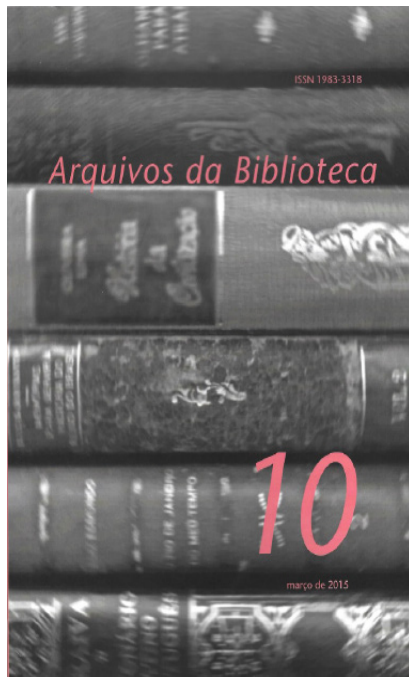
- Site. Mural de links para outras bibliotecas da rede FIBOL. Links para outros Bancos de dados Estante virtual para arquivos sonoros e audiovisuais.
- **Bibliô:** Edição rotativa nas seis seções da EBP. Frequência bimensal. Assuntos “livrescos”, elucidação do ato da leitura, assuntos mais procurados, função das bibliotecas no campo freudiano. Recenseamento das atividades de extensão das bibliotecas: seminários, colóquios, debates, conferências, projeções, apresentações de livros, filmes, etc..
- **Revista Colofón**
<http://www.eol.org.ar/template.asp?Sec=pubicaciones&SubSec=impresas&File=impresas/colofon.html>
A próxima Colofón N° 35 será dedicada a: “Ato político”. As rubricas: o real e o ato, a poética do ato, ato analítico.

Abril 2015.



ACONTECE

http://www.ebprio.com/publicacoes_arquivos_biblioteca.asp



Arquivos de Biblioteca/ Sumário

Editorial

- Fernando Coutinho Barros

I. Conferências cariocas

- Neurociências, genética e psicanálise [François Ansermet]
- O não-todo generalizado [Yves-Claude Stavy]
- Uma marca como nenhuma outra [Yves-Claude Stavy]

II. Política e psicanálise de orientação lacaniana

- A política da psicanálise e a polícia [Cristina Duba]
- Lacan, a região crísta e o catolicismo [Manoel Barros da Motta]

III. Cinema e psicanálise

- O que nos intriga em Elena [Ana Cristina Figueiredo]
- Revistando Elena [Sandra Viola]
- John Huston encontra James Joyce: impressões de uma psicanalista [Elza Marques Lisboa Freitas]
- Elle s'appelle Sabine e o autismo: da clínica à política, e retorno [Ana Martha Wilson Maia]
- À ciel ouvert: um céu aberto para cada um [Francisca Joana Menta Soares]

IV. Temas da atualidade

- Violência nas cidades [Ondina Machado]
- A violência na cidade: observações sobre a psicanálise, a lei e a violência policial [Rodrigo Abecassis]
- Violência nas cidades: uma leitura ao avesso [Vicente Machado Gaglianone]

ASUNTOS LIVRESCOS

Teresinha Natal Meirelles do Prado (Diretora da Biblioteca da Seção São Paulo) encaminha um link para uma questão que concerne ao mundo dos leitores hoje. Pequenas livrarias onde “Não temos vendedor, temos livreiros” longe de estar em agonia, proliferam.

<http://www.livrosepessoas.com/2015/04/26/pequenas-livrarias-superam-grandes-redes-e-ressurgem-em-nova-york/>

Luiz Felipe Monteiro (Associado do IPB-Bahia) envia uns quadrinhos livrescos imperdíveis

<http://librarycartoons.wordpress.com/>

SURFANDO

Bibliofalante

<http://www.congressoamp2016.com/pagina.php?id=11>

Ji Lee, designer, ironista, coreano criado em São Paulo
Gozo inédito da palavra como imagem

<http://pleaseenjoy.com/projects/personal/word-as-image/>

Ilustração de Ji Lee rejeitada pelo Time Magazine. *Brazil gordo e rico.*

<http://pleaseenjoy.com/projects/editorial-art/brazil-rich-and-fat/>

Escabelos televisivos

<http://pleaseenjoy.com/projects/editorial-art/1177/>



Ozartsetc Mike Stilkey

} Expediente

Diretora de biblioteca: **Marcela Antelo**

Diretores de Biblioteca das Seções

Lêda Silva Guimarães [Intercâmbio nacional, EBP-Rio de Janeiro]

Teresinha Natal Meirelles do Prado [Catálogo, EBP-São Paulo]

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina [Intercâmbio internacional, EBP-Minas Gerais]

Mônica Hage [Site, EBP-Bahia]

Anamaria Vasconcelos [Site, EBP – Pernambuco]

Oscar Reymundo [As Bibliotecas na cidade, EBP-Santa Catarina]

Coordenadores de Biblioteca das Delegações

Tania Mara Alves Prates [EBP-ES]

Sandra Conrado [EBP-PB]

Marcia Stival [EBP-PR]

Ana Eloa Cerqueira [EBP-RN]

Giovanna Quaglia [EBP-GO]

Anícia Eweton [EBP-MA]

Letícia Rosa Toledo [EBP-MS]

Editor responsável desse número: **Marcela Antelo**

Colaboram na edição: **Luiz Felipe Monteiro, Júlia Jones e Celeste Hampton** (design gráfico)

Rua Capistrano de Abreu, 14. Botafogo
CEP: 22271-000. Rio de Janeiro - Brasil
+55 (21) 2539-0960 | ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br

 **Escola Brasileira
de Psicanálise**



The Library, Jacob Lawrence (1960)



Flying Books Instalação de Christian Boltanski na ex Biblioteca Nacional da rua México, de Buenos Aires, que dirigira Jorge Luis Borges. Fotografia de Oscar Reymundo

« Diante da desmaterialização da biblioteca Boltanski propõe a disseminação dos textos que se agitam com o próprio movimento dos passantes »

EDITORIAL

As Bibliotecas na Cidade “Redução da maioria penal” Que solução é essa?

Há momentos de impasse na trama social que exigem da psicanálise e dos psicanalistas lacanianos uma tomada de posição e a sua participação no debate público, acima de tudo, quando a lógica da segregação se impõe como resposta ao real sem lei, sempre presente nas questões fundamentais de nossa sociedade.

Com Freud aprendemos que a pulsão de morte opera em silêncio colonizando e desarranjando todos os âmbitos da experiência humana. Com Freud também aprendemos que ao darmos a palavra a esse desarranjo, quer dizer, ao fazermos falar o sujeito que o padece, uma invenção singular pode surgir e mudar o rumo de uma vida que parecia destinada à catástrofe subjetiva.

A proposta de redução da maioria penal hoje nos convoca a uma tomada de posição e a uma participação cidadã que não poderá ser sem o diálogo com outros saberes que nos permitam elucidar algo das complexas questões presentes nos mal-estares e nos impasses de nossa sociedade contemporânea.

A Biblioteca “Vanessa Nahas”, da *Seção Santa Catarina da Escola Brasileira de Psicanálise*, inaugurou este ano um novo espaço chamado “**As Bibliotecas na Cidade**”, que tem por finalidade promover o encontro da psicanálise com os saberes de outras disciplinas que, certamente, tem para contribuir para o avanço da psicanálise nas questões cidadãs.

Nesse **Bibliô25** poderão ler as participações de Rafael Cherobin, colega do campo do Direito, e a minha própria.

Oscar Reymundo
[Diretor de Biblioteca da EBP-SC]

Redução da maioria penal. Que solução é essa?: O projeto de redução da maioria penal dá provas de que os adolescentes infratores, violentos e enlouquecidos tem se tornado uma alteridade incompreensível para a racionalidade do burocrata escravo da eficiência, da estatística e dos critérios de utilidade com os que se pretende poder determinar a racionalidade ou a irracionalidade do comportamento de tantos adolescentes que avançam às cegas e sem perspectiva num mundo que lhes permanece opaco. *Oscar Reymundo*

SAIBA MAIS

Majoridade penal: considerações a partir da leitura de “Por que a guerra de S. Freud”: Poucos temas de caráter político persistem com tanta vivacidade em meio à população como a discussão sobre a redução da maioria penal. Acreditamos, contudo, que a razão de sua proeminência atual, ao contrário do que se poderia pensar, não se deve tanto à sua importância em relação ao problema da violência ou ao fato de ser um assunto mais palpável ao leigo, mas, antes, em razão dela tangenciar justamente os cânones sob os quais nossa ordem social e jurídica foi construída, isto é, por tocar no substrato que reflete a dominação de uns sobre outros na sociedade brasileira, e que o Direito é parte intrínseca. *Rafael Caetano Cherobin*

SAIBA MAIS

ACONTECE

No Sul da EBP

Seminário Psicanálise e Biologia: “A biologia freudiana”

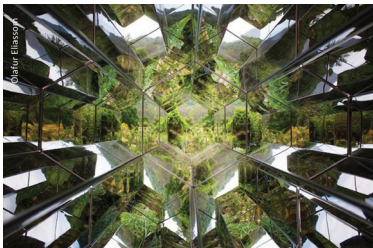
Uma das hipóteses de Lacan sobre o surgimento da psicanálise consiste em afirmar que o sujeito da psicanálise é o sujeito recusado pela ciência moderna. Uma consequência lógica desse lema consiste em colocar a seguinte proposição: a psicanálise só pôde surgir após o advento da ciência moderna. Encontramos aí uma justificativa para explorarmos um pouco mais a relação de Freud com uma das ciências de sua época, a biologia.

Neste seminário investigaremos a incorporação de algumas ideias da biologia na teoria da psicanálise realizadas por Freud sobre três modos de explicar a vida. O primeiro modo é marcado por uma influência do fisicalismo e do mecanicismo biológico, inspirado nos ideais cientificistas da físico-química. Trata-se do ponto de vista econômico e energético do aparelho psíquico. O segundo é encontrado nos conceitos influenciados pelo vitalismo biológico, ilustrado principalmente pela teoria da libido e das pulsões. Do que se trata a energia sexual? Há uma relação entre a noção de élan vital e pulsão de vida? Conceitos como aparelho, barreiras de contato, transmissão, rede significantes, arranjos lógicos, cadeias, circuitos, energia, entre outros, são geralmente utilizados pelos modelos organicistas da biologia, fortemente influenciados pela teoria da informação, inicialmente denominada cibernética. Apesar de construir uma teoria da clínica autônoma da biologia funcional e da fisiologia, Freud irá adaptar certas noções para explicar “causas próximas” dos

fenômenos psíquicos, por exemplo, na teoria do conflito entre Eros e Thanatos. No entanto, ao subverter essas noções e incorporá-las na metapsicologia, Freud torna praticamente inócuo o papel dos fatos biológicos na experiência da psicanálise demonstrando uma primazia do psíquico sobre o corpo.

No entanto, será diferente em relação à Darwin. Noções fundamentais da biologia evolucionista perdurarão até o fim da sua obra, encontradas principalmente nas explicações sobre os pontos mais opacos da experiência psicanalítica. Em um de seus últimos artigos, Análise Terminável e Interminável, Freud dá a seguinte resposta à pergunta de Ferenczi sobre o problema da feminilidade: “[...] para o campo psíquico, o campo biológico desempenha realmente o papel de fundo subjacente. O repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo” (FREUD, 1937). Não se trata aí da biologia funcional e das causas próximas, mas da biologia evolucionista. A razão de ser do repúdio à feminilidade é explicada por Freud a partir de causas remotas (distantes). Freud se apoia na teoria da recapitulação formulada por Ernest Haeckel, um dos discípulos de Darwin. Sobre esse ponto, Lacan discorda veemente de Freud e apela à lógica matemática para iluminar o continente negro da psicanálise. O norte lacaniano: o Outro que não existe; sua bússola: a lógica do não-todo.

*Luis Francisco E. Camargo
(Psicanalista, membro da EBP e AMP)*



DELEGAÇÃO PARANÁ - ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE CONVIDA PARA

NOITE DA BIBLIOTECA

DECLÍNIO DA INTIMIDADE

Convidado: **Marcelo Veras**
(Psicanalista, AME/EBP-AMP, Médico Psiquiatra, DEA em Psicologia pela Universidade de Paris VIII, Doutor em Psicologia pela UFRJ)

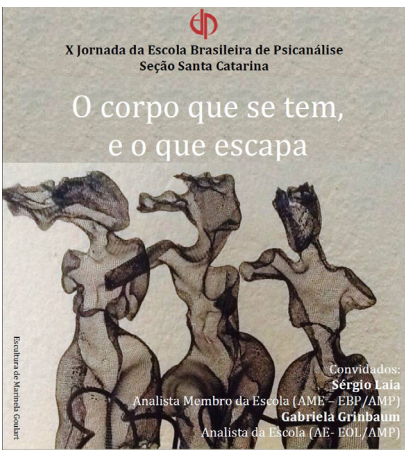
Coordenação: Célia Cartá Winter e Mária Sival Onyskiewicz

Data: 30/05/2015
Horário: 19:00h.
Local: Sede da Delegação Paraná. Rua Impaviva, 1810. Alto da XV.

Informações e inscrições: 3524-6432 (com Danciel) ou ebpparana@gmail.com
Investimento: R\$ 15,00
Vagas Limitadas

Delegação Paraná
Escola Brasileira de Psicanálise

Comentário de Teresa Pavone sobre “Declínio da intimidade”, conferência de Marcelo Veras. http://www.ebpsc.com.br/wordpress/wp-content/uploads/o_declinio_da_intimidade.pdf



X Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise
Seção Santa Catarina

**O corpo que se tem,
e o que escapa**

Convidados:
Sérgio Lala
Analista Membro da Escola (AME - EBP/AMP)
Gabriela Grinbaum
Analista da Escola (AB - EOL/AMP)

13 e 14 de novembro de 2015
Hotel Castelmar - Florianópolis/SC
Inscrições: (48) 3222-2962
ebpsc48@gmail.com / www.ebpsc.com.br

Laureci Nunes, Diretora da X Jornada da EBP-SC. http://www.ebpsc.com.br/wordpress/wp-content/uploads/o_corpo_que_se_tem_e_o_que_escapa1.pdf

Redução da maioria penal. Que solução é essa?

Oscar Reymundo



Constatamos todos os dias que os dispositivos que regulam as relações entre os sujeitos já não funcionam como em outros tempos. Os valores que sustentavam a estrutura social e familiar têm perdido a consistência e operatividade de outrora com o conseqüente debilitamento e ruptura dos laços sociais que ligam o sujeito ao Outro. Estamos em um momento da civilização global no qual o imperativo que empurra ao gozo do consumo, com sua delirante promessa de felicidade plena e duradoura, não faz senão precipitar o próprio sujeito na condição de mais um objeto de consumo. Resgato, para esta reflexão que hoje nos convoca, uma expressão de Philippe Lacadée que caracteriza a adolescência como “a mais delicada das transições” de uma vida, caracterização que muito me auxilia para situar a vulnerabilidade própria da adolescência, com sua tendência ao imediatismo e à passagem ao ato, que faz com que, neste momento particular do capitalismo, sejam os adolescentes os seres falantes que ficam mais expostos, e tantas vezes sem recursos, perante a fragilização da lei que funcionava interditando e orientando o gozo de cada um. Um dos efeitos mais evidentes desta exposição é a impossibilidade de tantos jovens para “se amparar em um relato simbólico que lhes daria certa imagem valorizada ou lhes daria o valor de si próprios”. É nessa ausência de relatos onde o silêncio da pulsão se faz ouvir de modo tantas vezes devastador.

Neste panorama atual de empuxo ao gozo desenfreado não é de estranhar que a admissibilidade da proposta de redução da maioria penal fora aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara de Deputados e, portanto, a Proposta de Emenda Constitucional 171 esteja sendo tramitada para ser votada sob os protestos de uns e os gritos de júbilo de outros que pedem e esperam que jovens, entre 16 e 18 anos, passem a ser julgados e condenados à cadeia como adultos. A justificativa para esta decisão se apóia na necessidade de buscar uma ‘correspondência’ entre as condições do delito e a gravidade das punições, uma vez que os partidários da redução da maioria penal avaliam que as sanções socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente muitas vezes não guardam essa ‘correspondência’ entre delito e punição.

A pergunta se impõe: perante os efeitos da queda selvagem do Outro, que solução é essa que se pretende veicular através da emenda? Ou deveríamos pensar que antes do que uma solução a emenda está mais do lado da velha Lei de Talião

que exige a reciprocidade do crime e da pena? Olho por olho, dente por dente: um modo de nomear o gozo da vingança. Será que algum dos legisladores que votarão a favor da emenda está apostando mesmo a que, nos tempos da implosão da autoridade tradicional e do conseqüente transbordamento de gozo, o laço social que predomina nos cárceres do Brasil pode ser um ponto de ancoragem para esse transbordamento? Que orientação há nessa emenda para tratar a dor de existir dos adolescentes que, uma vez identificados com o objeto dejetado, não sabem por que, nem como, e nem mesmo, para quem nasceram?

O projeto de redução da maioria penal dá provas de que os adolescentes infratores, violentos e enlouquecidos tem se tornado uma alteridade incompreensível para a racionalidade do burocrata da eficiência, da estatística e dos critérios de utilidade com os que se pretende poder determinar a racionalidade ou a irracionalidade do comportamento de tantos adolescentes que avançam às cegas e sem perspectiva num mundo que lhes permanece opaco.

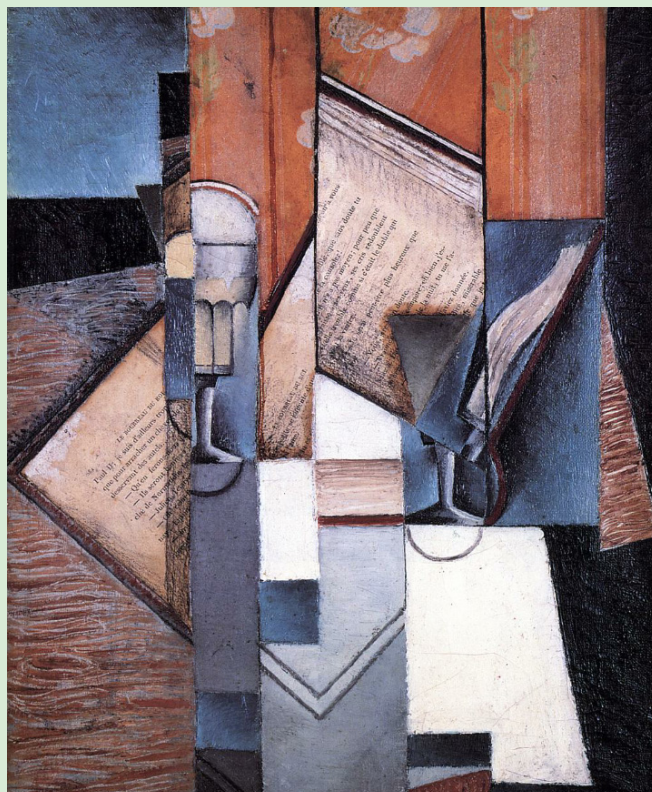
Cada dia se torna mais pateticamente claro que o gozo, essa parte indizível que desde cedo na vida agita os corpos e os pensamentos, não se deixa tomar por essa lógica utilitarista com a qual quer se legislar. Que legislador ou jurista não sabe, hoje, que na sua repetição o gozo recusa o valor dissuasivo da pena? Será que ainda existe algum governante, legislador, jurista, algum pai, mãe, educador, algum padre, pastor, algum especialista psi, algum psicanalista que ainda não tenha se confrontado com o impossível de governar, de socializar, de educar, de curar, de catequizar, de legislar ou de analisar? Certamente todo mundo já se confrontou com esses impossíveis, com os próprios e com os alheios, e certamente que muitos os interpretam com essa ponta de desprezo paternalista próprio de quem acredita falar a verdade.

Estamos em um momento da civilização no qual vemos projetar-se um mundo sem sujeito. A particularidade da clínica psicanalítica se situa, precisamente, na produção do sujeito. É isto que o analista produz quando produz o inconsciente: o sujeito como resposta do real. Lacan faz referência a essa operação destacando a dimensão ética que ela comporta. Ele diz: “De nossa posição de sujeito somos responsáveis”. E hoje, enquanto se debate a diminuição da idade de imputabilidade, o discurso jurídico trabalha em cima de uma noção de adolescência na vertente de quem é responsável enquanto imputável e de quem não é. Na lógica jurídica, a imputabilidade de um ato reprovável supõe um indivíduo que sendo capaz de dirigir suas ações têm, no momento do ato, as condições que lhe permitem compreender conscientemente a criminalidade desse ato. De outro lado, a categoria de inimputável significa que o Outro social não outorga ao indivíduo crédito algum sobre sua capacidade para dirigir suas ações e, então, o supõe não responsável, desamarrando deste modo, a ordem normativa social da ordem normativa subjetiva, deixando, então, o indivíduo por fora do laço social. Como determinar, então, um castigo para um sujeito a quem não se lhe supõe responsabilidade? A dificuldade para definir um castigo nos coloca um problema ético, uma vez que é justamente o castigo o que pode produzir algum efeito em uma posição subjetiva. A responsabilidade subjetiva implica em um sujeito do inconsciente, quer dizer que havendo

1 LACADÉE, P. *O despertar e o exílio*, Contra Capa ed., Rio de Janeiro, 2011, pág. 8

determinação inconsciente há responsabilidade. Em outras palavras, o sujeito é responsável disso que desconhece de si, isto é, as motivações de um ato podem não ser acessíveis à consciência e podem ser alheias ao sujeito, mas não por isso o isentam de responsabilidade. Desta perspectiva o sujeito sempre é imputável, não já moralmente, como no caso da responsabilidade jurídica, mas eticamente.

Na “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia” Lacan fala da relação entre culpa e responsabilidade. Ele diz: “Toda sociedade manifesta a relação entre o crime e a lei através de castigos cuja realização [...] exige um assentimento subjetivo”². Mais tarde ele esclarece que esse assentimento subjetivo é necessário para a significação mesma do castigo. Assim, o assentimento subjetivo do castigo é a responsabilidade e não a necessidade de castigo vinda do supereu. Quer dizer que o castigo fica do lado do sujeito como assentimento subjetivo. Isto requer de um trabalho que visa significar a punição como uma alternativa ao modelo standard de castigo que o discurso jurídico impõe e no qual a pena está tipificada. Em outras palavras, trata-se de lhe oferecer ao sujeito a possibilidade de passar de um fazer sem palavras ao dizer sobre seu ato, passagem que poderá ser feita através de um trabalho que lhe permita desdobrar sua própria lógica para poder encontrar algo do mundo simbólico onde inscrever e dar sentido ao ato delitivo realizado para assim poder responsabilizar-se de sua posição subjetiva. Para finalizar direi que para a psicanálise um sujeito é maior de idade quando assume a responsabilidade de querer saber sobre seu gozo mais íntimo para imprimir nele outra direção. Neste ponto é necessário dizer que nem sempre o sujeito está em condições de produzir uma invenção própria para domesticar seu gozo. Esta invenção, que na psicanálise chamamos de sintoma, é o que permite ao sujeito produzir tanto um saber sobre seu gozo, quanto um fazer algo diferente com ele, não já de modo autista, desvinculado dos outros e devastador, mas no laço social com outros. A prática psicanalítica nos ensina que nosso ato analítico é limitado e que longe estamos de podermos oferecer o tratamento para todos os males, mas também nos ensina, que no íntimo trabalho realizado nessa parceria entre o analista e o analisando, é possível encontrar uma nomeação precisa que permita um arranjo mais pacífico do sujeito com seu gozo, arranjo que permita passar da culpa à responsabilidade, única forma de estabelecer uma relação entre culpa, lei, amor e inconsciente.



2 LACAN, J. “Introducción teórica a las funciones del psicoanálisis en criminología”, *Escritos I*, Siglo Veintiuno Ed., Buenos Aires, 2007, pag. 130.



X Congresso da AMP
O CORPO FALANTE

Sobre o Inconsciente no século XXI
<http://www.congressoamp2016.com/>
25 a 28 de Abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro

Sobre a redução da maioria penal: considerações a partir da leitura de “Por que a guerra?” de Sigmund Freud

Rafael Caetano Cherobin¹



Poucos temas de caráter político persistem com tanta vivacidade em meio à população como a discussão sobre a redução da maioria penal. Acreditamos, contudo, que a razão de sua proeminência atual, ao contrário do que se poderia pensar, não se deve tanto à sua importância em relação ao problema da violência ou ao fato de ser um assunto mais palpável ao leigo, mas, antes, em razão dela tangenciar justamente os cânones sob os quais nossa ordem social e jurídica foi construída, isto é, por tocar no substrato que reflete a dominação de uns sobre outros na sociedade brasileira, e que o Direito é parte intrínseca.

Por conseguinte, não entraremos aqui no mérito dos diversos argumentos “pró” e “contra” a redução da maioria penal, nem tocaremos na difícil questão de avaliar sob qual idade alguém pode ser considerado um inimputável. Do mesmo modo, não iremos propor nenhuma posição intermediária para o problema, como a de ampliar o tempo de internação de menores nos casos mais graves e violentos. Assim procedemos porque, se estamos corretos em nossa avaliação, a redução da maioria penal é uma resposta demasiadamente simples para um problema complexo, refletindo, antes, a esperança - ou o desespero - que acaba por recair sobre o Direito Penal, notadamente em um país oligárquico e ainda marcado por uma desigualdade desumana. Aliás, não deixa de ser surpreendente observar que o problema da violência seja pensado reiteradamente a partir de comparações estatísticas e jurídicas com países do centro do capitalismo global.

Posto tais ressalvas, aquilo que realmente nos parece pertinente passa a ser a compreensão de quais razões obscuras realmente figuram em tal proposta de lei. E, na tentativa de captar tal idiosincrasia jurídica, de um modo um tanto ousado, propomos uma breve ontologia do Direito, que tentamos extrair da leitura das cartas trocadas entre Albert Einstein e Sigmund Freud em 1932, por ocasião de uma proposta da Liga das Nações e de seu Instituto Internacional para a Cooperação Intelectual, que visava promover a interlocução entre grandes pensadores sobre questões que fossem cruciais à humanidade.²

Em uma dessas cartas, então, Einstein propõe uma pergunta direta e objetiva: “Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra?”, ao que Freud tenta responder. E, a primeira constatação dele é a de que o Direito, ainda que seja considerado pela maioria das pessoas como uma ferramenta esperançosa à paz, é, antes de tudo, um derivado da violência, e não a sua antítese. Daí se retira que, se por um lado, a materialização do Direito difere de uma situação de anomia, isto é, da total ausência de regras, de modo a valer o poder dos mais fortes de matar ou escravizar os mais fracos, por outro lado, é também verdade que o Direito apenas representa a passagem da resolução dos conflitos pelo uso individual e difuso da violência, por um uso coletivo e centralizado da mesma, ou seja, autorizado em certas circunstâncias e concretizado por pessoas competentes que representam a comunidade, tudo conforme previsto em lei. Todavia, assim sendo, a ordem jurídica, que regula e permite a união não-violenta entre indivíduos, somente funciona porque legitima o uso da violência pela comunidade contra aqueles que se voltam contra ela.

O segundo ponto elencado por Freud é que uma comunidade somente pode ser duradoura se houver um grau mínimo de identificações e de vínculos emocionais entre seus membros, assim como o reconhecimento de interesses comuns. Não é difícil perceber, então, que quanto mais as leis apenas representarem grupos particulares dentro da comunidade, que, ademais, tendem a se identificar conforme seus interesses, mais os grupos prejudicados também se inclinarão a se identificar entre si, e, possivelmente, tentarão modificar as leis. Por conseguinte, conclui-se que o Direito será a expressão dessa correlação de forças reais entre os grupos, o que pode se tensionar a todo instante, e quando o conflito entre eles não se resolve através de acordos ou por meio de mudanças na cultura, a violência inevitavelmente se desencadeará. Neste caso, aqueles que estão no poder ficarão propensos a suspender o Direito quando necessário, até que um grupo saia vencedor ou até que se reequilibrem as forças existentes.

O terceiro aspecto ressaltado relaciona-se com a noção de pulsão de morte freudiana, o que explicaria as tendências humanas à agressividade e à destruição. Quando este componente pulsional se volta para fora, ele pode levar à guerra e à violência. Já quando se volta para dentro, dá origem à culpa superegógica e pode ser um antídoto contra a guerra e a violência, na medida em que as rebaixa esteticamente e as torna insuportáveis aos pacifistas.

Conclui-se da assertivas freudianas, portanto, que duas coisas podem contribuir para a estabilidade da comunidade e do Direito: a força coercitiva e os vínculos emocionais e identificatórios entre os membros. E, além disso, a pulsão de morte, quando voltada para dentro, através do supereu, pode arrefecer a violência, ainda que o excesso nesta reversão também nos faça padecer das psiconeuroses.

Agora, voltando à temática da redução da maioria penal, gostaríamos de sublinhar três pontos que as colocações de Freud nos fizeram pensar.

O primeiro deles é a discrepância entre a leitura de realidade freudiana, ainda que carente de uma análise sociológica, e o discurso liberal dominante de nossos dias, que pinta

¹ Doutorando e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor de Direito da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Aluno do Curso de Formação em Psicanálise da Orientação Lacaniana/ Seção de Santa Catarina.

² FREUD, Sigmund. *Por que a guerra?* Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 235-259. V.

XXII. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

o chamado Estado Democrático de Direito, sempre combinado ao capitalismo, como uma fórmula universal – não é por menos que já se pôde até declarar o fim da história. Ou seja, todo discurso crítico, nesse sentido, passa a ser imediatamente traduzido como populismo e anacronismo, ainda que, na contramão dessa ótica totalizante, que domina os principais meios de comunicação, torna-se também cada vez mais perceptível às pessoas que os meios convencionais de se fazer política são insuficientes atualmente, de modo que o Estado Democrático de Direito se tornou hoje tanto uma ideologia dos poderosos como uma reivindicação dos oprimidos.

O segundo ponto é que se o direito diz respeito a uma violência autorizada da comunidade, e se essa comunidade está cindida em grupos de poder, então o Direito é sempre a expressão de parte dela, e não dela como um todo. Assim, quando observamos os ânimos exaltados em relação ao debate sobre a redução da maioria penal, convém-nos perguntar se a proposta realmente visa ao universal, ou se, não obstante a igualdade de todos perante a lei, no mundo real, ela recairá com mais ênfase sobre alguma camada específica da sociedade. Sustentamos que os recentes dados sobre a população carcerária do Brasil respondem à indagação, até porque nem sempre a violência estatal precisa se dirigir contra grupos organizados e rivais, mas pode ser também disseminada contra certas minorias ou contra as camadas mais marginalizadas e desprotegidas, que se tornam as inimigas a serem combatidas. Enfim, o núcleo da questão aponta para o seguinte dilema ético: se os altos índices de violência resultam de desvios individuais de jovens criminosos, que coincidentemente são na sua maioria pobres e negros, então a proposta de lei realmente tem um caráter universal e supraclassista; em contrapartida, se os altos índices de violência possuem uma dimensão social, que por uma série de razões afeta a vida individual, então parece que o legislador, incapaz de tocar no cerne do problema, visa seletivamente à possibilidade legal de se encarcerar um grupo socialmente excluído, a saber, a mesma juventude pobre e negra. Em suma, ou a responsabilidade é toda individual, ou é também social. E, embora uma não exclua a outra necessariamente, em nossa análise constatamos que tem prevalecido politicamente a primeira posição, que no

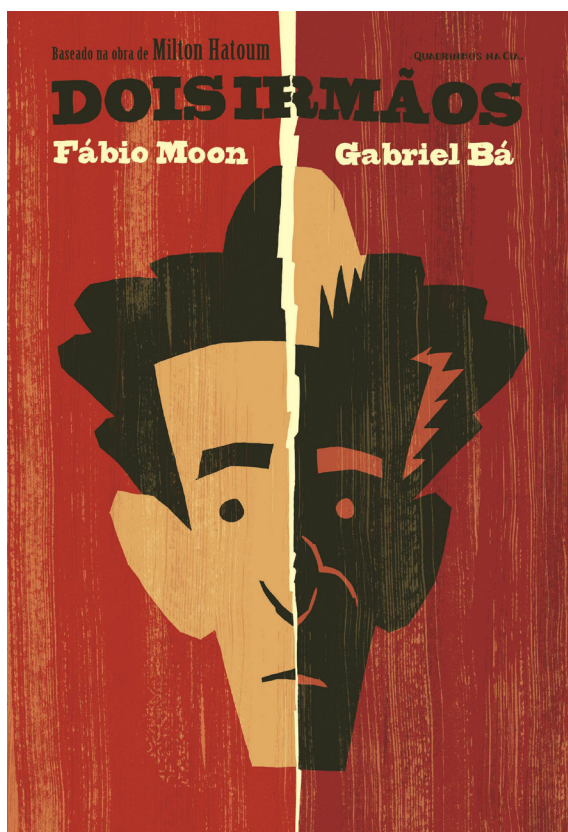
entanto consideramos superficial, pois através dela ficamos imobilizados e apenas podemos pedir por mais repressão. Todavia, repressão no país já existe, através das torturas, das execuções sumárias, do tratamento execrável nas penitenciárias, dentre outras práticas paralegais, que apesar da severidade são incapazes de pôr fim à criminalidade.

O terceiro e último ponto foi derivado de uma passagem em que Freud salienta que muitas das atrocidades cometidas na história da humanidade foram consubstanciadas em motivações idealistas, enquanto que a pulsão de morte teria facilitado e atribuído certa satisfação a tais atrocidades. Ora, não é difícil entender a partir daí por que devemos temer as pessoas que se dizem de bem, pois num movimento só elas são capazes de obter uma dupla satisfação, a da pulsão destrutiva dirigida para fora e a da obediência superegógica dirigida para dentro, combinando-se moralismo e violência, justiça e vingança. E, sabemos, outrossim, o quanto é difícil alguém desistir de seus modos de gozo, especialmente quando ele é validado socialmente.

Por fim, resta acrescentar que quando aqui buscamos pensar criticamente o assunto, não se está tentando desonerar a responsabilidade individual ou romantizar e legitimar a tragédia da criminalidade no Brasil, nem fechar as portas para o debate ou para eventuais modificações na legislação, entretanto, ao abordá-lo dentro de um contexto global da sociedade, não se pode deixar de ter a impressão de que a irracionalidade que tomou conta da questão reflete uma mistura de violência de classe e de ódio biopolítico àqueles que supostamente atrasam o progresso brasileiro, mas que, na verdade, não passam de partes intrínsecas do que aqui há de progresso, sobretudo se considerarmos que desenvolvimento e subdesenvolvimento se mesclam em nosso país. Desse modo, como um sintoma, que tanto mais volta no Real quanto menos pode ser simbolizado ou emergir à consciência, no caso, à consciência política, trata-se daquilo que não se pode dizer nem ver, do peso-morto que sobrecarrega – como diria Darci Ribeiro – esta máquina de moer gente que é o Brasil.³

3 RIBEIRO, Darci. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 106 e ss.





Muitas vezes “Dois irmãos” e outras histórias

O Salão do Livro de Paris deste ano prestou pela segunda vez homenagem especial ao Brasil – a primeira foi em 1998. E para mostrar ao público francês a diversidade e universalidade da literatura brasileira, 43 autores brasileiros, dos 48 que foram convidados, estiveram presentes. Foram selecionados autores de obras traduzidas para o francês e a escolha pretendeu abranger diferentes estilos literários, escritores novos e consagrados, homens e mulheres, de diferentes etnias, regiões e realidades culturais do país. O evento, realizado no Centro de Convenções Porta de Versailles, de 20 a 23 de março de 2015, contou com 1200 editores e recebeu cerca de 180 mil visitantes. Nos 500 m² do movimentado Pavilhão do Brasil, havia espaços para debates, além de uma livraria montada pela FNAC, com obras de escritores brasileiros, algumas em português e outras traduzidas para o francês. Os escritores ficaram hospedados no Hotel Bedford, no bairro da Madeleine. Imagine que nesse hotel, aliás ótimo, viveu o compositor Heitor Villa-Lobos entre 1952 e 1959, e foi também onde Dom Pedro II passou seus últimos dias e faleceu. Curiosidades à parte, nossos autores foram muito

bem recebidos na capital francesa. Após o café da manhã no hotel, onde os escritores geralmente se encontravam, o grupo se dispersava. Eram levados para o Salão por motoristas disponibilizados pelo evento de acordo com o horário dos compromissos de cada um. Sob a forma de mesas e debates, reunidos em pequenos grupos, conversavam sobre temas que tinham relação com a sua obra, e em seguida se dirigiam para as sessões de autógrafos. Poesia, literatura infantil, quadrinhos, arte urbana, violência nas cidades, Amazônia, cultura indígena, homenagens a Guimarães Rosa e Clarice Lispector, apenas para citar alguns dos muitos assuntos abordados. Nos dias que se seguiram ao término do evento, as atividades ainda continuaram para alguns participantes do Salão, com jornadas, encontros e debates que aconteceram na Sorbonne, no museu do Quai Branly e no Centro Georges Pompidou.

Milton Hatoum foi um dos autores de maior destaque no Salão. Foi o escritor contemporâneo brasileiro mais vendido da 35ª edição do evento, e um dos quatro que estiveram também presentes no Salão de 1998.

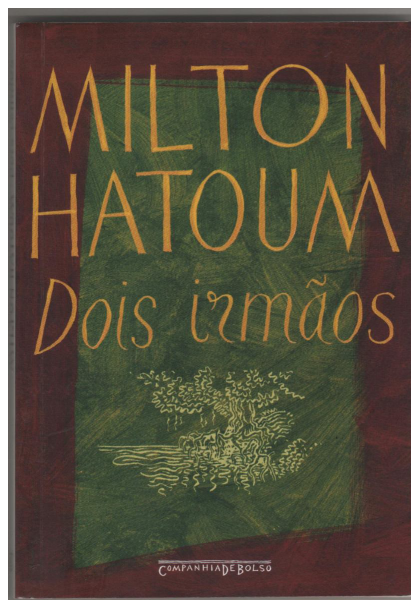
Hatoum nasceu em Manaus, 1952, numa família de origem libanesa.

Estudou arquitetura e urbanismo, mas se tornou escritor. Morou em Paris, onde estudou literatura comparada na Sorbonne (Paris III) e foi professor de literatura na Califórnia e em Manaus. O autor, que traduziu Flaubert para o português, publicou quatro romances: *Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos*, *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*, dos quais os três primeiros receberam o prêmio Jabuti. O escritor tem quase toda a sua obra traduzida para o francês e em vários outros países. *Dois irmãos*, lançado em 2000, 11 anos depois do seu primeiro romance, é seu trabalho mais conhecido na França e foi também o mais procurado pelo público durante o Salão do Livro. Segundo Hatoum, embora não seja um romance autobiográfico, algo seu está ali, ou são os personagens que estão dentro dele. E a simbiose é às vezes tão forte que o autor não se separa do narrador.

O livro retrata a cidade de Manaus no século XX e conta a história do ódio e da rivalidade entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, também descendentes de uma família de origem libanesa. O livro de Hatoum é poético, intenso e delicado, uma narrativa sensorial cheia de sutilezas. Os lugares e os personagens do seu livro têm densidade, como num bom filme, no qual o personagem se constrói, e o que acontece não destoa do resto da história. E cujo desfecho, quando se revela, está tão costurado no enredo, que já nos é familiar. Ou como numa construção, uma obra, para falar da arquitetura na vida de Hatoum, na qual se acompanha todo o processo, em etapas. E o todo não aparece de repente.

No Salão do Livro de Paris de 2015, *Dois irmãos* foi novidade outra vez. Foi lançada a sua versão em quadrinhos (aliás um grande sucesso de crítica na imprensa francesa), elaborada pelos também irmãos gêmeos Gabriel Ba e Fábio Moon. Segundo Hatoum, são “dois livros irmãos, mas que não são gêmeos”. Ele diz tratar-se de uma obra autônoma, uma tradução da história escrita, cuja adaptação opera transformações: há

muitas imagens e menos palavras, e diante das imagens sem falas há um silêncio experimentado pelo leitor, que pode imaginar aquilo que não foi dito. Os premiados quadrinistas são também os autores da adaptação em HQ de *O Alienista*, de Machado de Assis.



A mesa com Hatoum e os autores da *Graphic Novel* lotou o pequeno auditório do estande oficial brasileiro do Salão. Seja pela ausência de palavras e presença de imagens, que nos fazem imaginar o que não foi dito, seja pela presença das palavras e ausência de imagens, que nos deixam livres para imaginarmos infinitas possibilidades, possibilidades que não se fecham, deixando um sempre mais a ser inventado, *Dois irmãos* vale a pena. O livro, que também já foi adaptado para o palco, agora vai virar série de TV. Não é à toa que tanta gente quer contar essa história. Mas ficaram ainda tantas outras histórias a serem contadas. Num encontro com tanta gente que merece ser citada, é quase uma pena escolher um ou dois e deixar tantos outros de fora. Mas quem sabe de uma próxima vez?

Hercília Anastasia Cardoso de Oliveira

[Psiquiatra, participante do Núcleo de Psicanálise e Audiovisual do Instituto de Psicanálise da Bahia]

ASUNTOS LIVRESCOS

WAJCMAN, Gérard, *El ojo absoluto*, Buenos Aires: Editora Manantial. Tradução de Irene Agoff, 2011, 275 páginas.

« Ver é uma arma de poder. Da vídeovigilância até a captação da imagem na medicina, passando pelos satélites que escaneiam o planeta, inúmeros dispositivos trabalham para nos tornar integralmente visíveis. Quer se ver tudo, até a transparência. Hoje, ir de compras a um shopping significa ser filmado inúmeras vezes. Outrora eram vigiados os criminais, hoje são os inocentes os vigiados. Mas, além da vigilância, esse olhar global se infiltra em todas as zonas de nossa vida, do nascimento até a morte. A ideologia da transparência que ameaça nossas existências, o espaço privado de nossos lares e o interior de nossos corpos, dilui cada vez mais a cada dia o que temos de íntimo e secreto »

PEREZ JIMENEZ, Juan Carlos, *De lo trans*, Olivos, Pcia. de Buenos Aires: Ediciones Grama, 2013, 103 páginas.

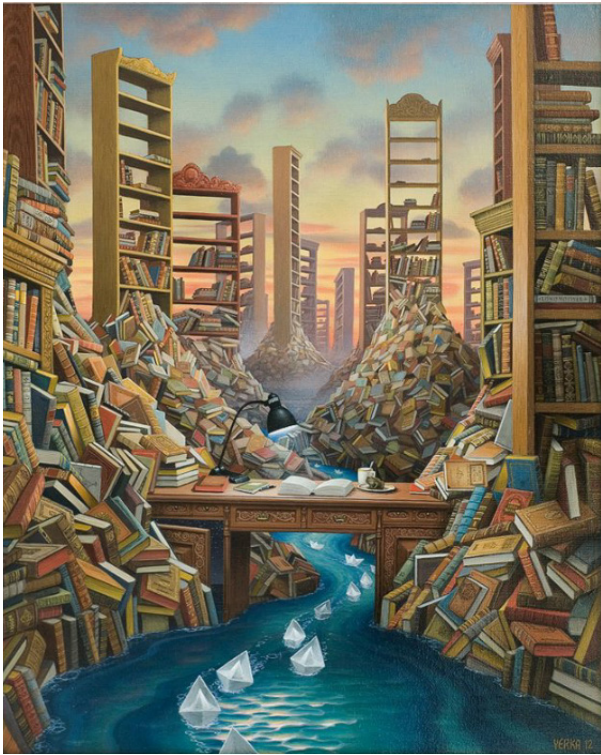
« A reflexão sobre a questão trans nos implica. A comoção que produzem as figuras dos transexuais, o andrógino e o hermafrodita, que vá do fascínio até o ódio visceral, merece toda nossa atenção uma vez que revela uma conexão profunda com algo que nos concerne. Para abordar este assunto são fundamentais as formulações sobre a sexuação que se encontram no segundo ensino de Lacan, assim como a revisão de algumas das muitas reflexões que a teoria queer faz sobre o gênero, sem perder de vista a dimensão social. Como Lacan observa, desde esta posição interdiscursiva talvez possamos obter um discurso mais débil, mas certamente não menos fértil »

BENTES, Lenita, *As patologias do ato*, Rio de Janeiro: Editora Usina de Letras, 2014, 280 páginas.

« Na atualidade as patologias do ato aparecem entre sujeitos em litígio, mas entre sujeitos em conflito com a ordem pública em razão da inexistência, aparente, do sintoma, no sentido clássico do sintoma psicanalítico. Lenita Bentes aborda essas patologias como sintomas sociais, sem com isto correr o risco de fazer uma leitura sociológica da subjetividade. Se nem todos os atos são patológicos, em todas as transgressões são delitos e tampouco todo delito supõe uma transgressão, uma vez que a transgressão requer um sujeito que decida ultrapassar um limite. Para tal deve situar-se em relação à lei e, esta como limite, está cada vez mais difícil de situar, assim como o que ela proíbe »

DIDI-HUBERMAN, Georges – *Passés cités par JLG. L'Œil de l'histoire*, 5. Paris, Les Éditions de Minuit, 2015, 207 páginas.

« No quinto volume de *O olho da história*, o historiador da arte Didi-Huberman, autor de *O que vemos, o que nos olha*, analisa a poética de Godard sob o prisma do historiador. Com seu trabalho a partir, com e sobre as imagens, Godard nada mais teria tentado, ao longo de sua filmografia, do que contar histórias (ou mesmo a História), afastando-se dos cânones narrativos do cinema popular, industrial ou documentário. O objetivo era “pratiquer l'art du montage comme un art poétique”, fundamentalmente, uma arte do corte ou cesura, “un art de la césure au sens où Hölderlin avait pu dire, prenant pour exemple l'intervention de Tirésias – l'homme double, le prophète et le visionnaire par excellence – dans l'Œdipe roi de Sophocle, qu'elle est invention et intervention à la fois : invention d'une « pure parole » dans son intervention même de « suspension antirythmique ». Nesse sentido, para Didi-Huberman, as História(s) do cinema de Godard são um imenso exercício de montagem, em que o cineasta, como Orfeu, olha para trás, vê e revê e, portanto, “il sera retourné à un nombre considérable de moments tournés par un nombre considérable de cinéastes”. O resultado é um imenso trabalho de citações, em tudo equiparável ao atlas *Mnemosyne* de Aby Warburg ou ao Livro das passagens de Walter Benjamin, cujas imagens dialéticas nos permitem ler passados de outro tempo, arcaicos, porém, tornados contemporaneamente legíveis graças à montagem, isto é, “la collision de ces « passés cités » avec le présent ou le « maintenant » de celui qui revoit, recite, remonte, retrouve”. Nesse sentido, História(s) du cinéma reataria o empreendimento *darecherche* do tempo perdido de Proust e se configuraria, em suma, como um exercício de arqueologia »



SURFANDO

- Primeiro Festival Literário Internacional de BH.
<http://www.soubh.com.br/eventos/primeiro-festival-literario-internacional-de-belo-horizonte-programacao-geral-biblioteca/>



- Marcia Stival, Coordenadora de Biblioteca da Delegação PR, encaminha um comentário sobre o filme de Fernanda Vareille inspirado no livro de Marcelo Veras A loucura entre nós, e um link onde conferir a entrevista com Amanda Gracioli e Marcelo Vera. <https://aloucuraentrenos.wordpress.com/tag/documentario/>



} Expediente

Editor responsável desse número:
Oscar Reymundo

Colaboram na edição:
Carolina Maia Scofield
Hugo Rosenthal
Raúl Antelo e
Celeste Hampton (design gráfico)

Rua Capistrano de Abreu, 14. Botafogo
CEP.: 22271-000. Rio de Janeiro - Brasil
+55 (21) 2539-0960 | ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br

Diretora de biblioteca: **Marcela Antelo**

Diretores de Biblioteca das Seções

Lêda Silva Guimarães [Intercâmbio nacional, EBP-Rio de Janeiro]
Teresinha Natal Meirelles do Prado [Catálogo, EBP-São Paulo]
Márcia Maria Rosa Vieira Luchina [Intercâmbio internacional, EBP-Minas Gerais]
Mônica Hage [Site, EBP-Bahia]
Anamaria Vasconcelos [Site, EBP – Pernambuco]
Oscar Reymundo [As Bibliotecas na cidade, EBP-Santa Catarina]

Coordenadores de Biblioteca das Delegações

Tania Mara Alves Prates [EBP-ES]
Sandra Conrado [EBP-PB]
Marcia Stival [EBP-PR]
Ana Eloa Cerqueira [EBP-RN]
Giovanna Quaglia [EBP-GO]
Anícia Eweton [EBP-MA]
Letícia Rosa Toledo [EBP-MS]

 **Escola Brasileira
de Psicanálise**

EDITORIAL

« A palavra que vivifica e a cidade »

*Até parece que o conceito de biblioteca foi sufocado pela rapidez dos tempos atuais, é o que se coloca como a tirania da transparência, no editorial do **Bibliô n. 24**.*

Mas apenas, até parece...

*A **Biblioteca Maria do Carmo Vieira** na EBP-Seção Pernambuco, vive, pulsa, compromete-se com a formação do analista e com a cidade. Sua função vai além de ser guardiã das obras de Freud e Lacan. Armazena para bem servir o que precisa ser vivificado.*

*Nessa gestão, a **Biblioteca** toma como objetivo tornar visível o acervo da Seção Pernambuco, convocando cada participante para o interesse dos livros, através de um esforço de divulgação renovado. Através da palavra escrita, falando à comunidade do que se pensa, do que se lê, do que se escreve e do que se faz a biblioteca atualizou e ampliou os meios de comunicação institucional, inseriu-se nos eventos que percorrem a cidade e abriu espaços para textos e livros em suas diversas ações.*

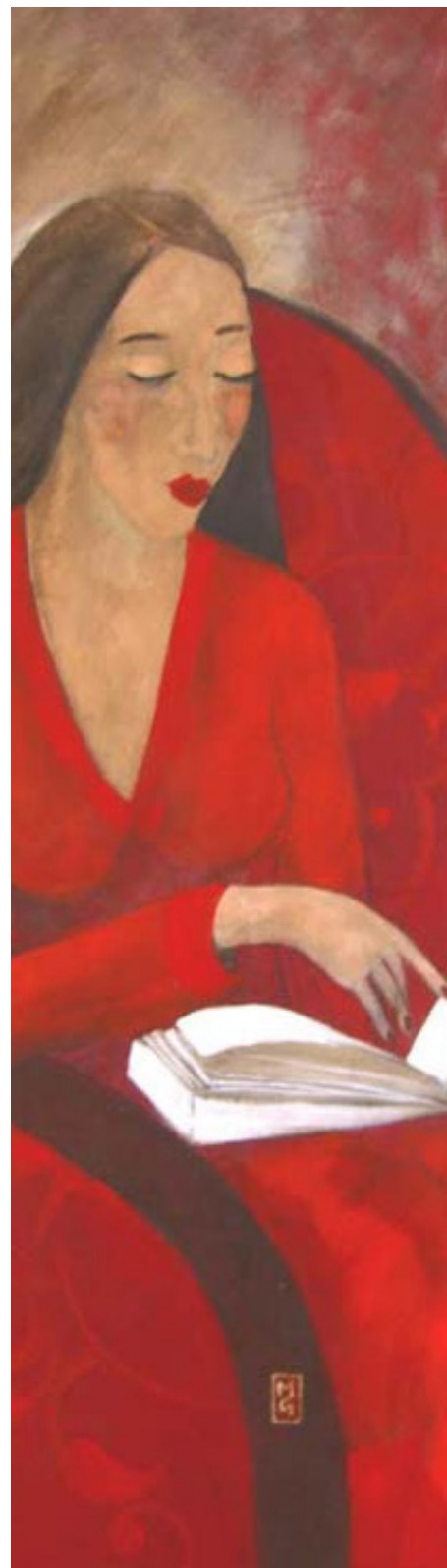
*Nesta edição, Elizabete Siqueira e Cíntia Mendes iluminam o horizonte da subjetividade de nossa época, tocando a questão da pornografia, a qual se coloca a cada dia com mais evidência na clínica e nas ruas. O primeiro texto aponta para a fragilidade do laço social com o outro, encontrada na pornografia. Este ponto suscita na autora a questão: “Haveria uma equivalência sintomática da pornografia com a melancolia?”. Em seguida, o texto de Cíntia Mendes revela o lugar que a pornografia ocupa no social e, a partir da entrevista feita com a escritora pernambucana Flávia Gomes, autora do livro de poesia erótica *Doce de Banana*, postula uma diferença possível entre a pornografia e o erótico.*

*O nosso compromisso com a obra freudiana se renova no lançamento do livro *O amor de si*, de Carlos Augusto Nicéas. Destacamos nesta edição a apresentação do livro feita por Rosane da Fonte, na noite de autógrafos, onde a mesma, fiel ao texto de Nicéas, acompanha seu retorno a Freud, ao mesmo tempo em que subsidia a atual discussão sobre o Imaginário em nossa comunidade.*

O conteúdo deste Bibliô destaca as atividades da Biblioteca realizadas no primeiro semestre deste ano que abriram a presença da Escola na cidade.

Anamaria Vasconcelos

[Diretora de Biblioteca, Analista praticante, Aderente EBP-Seção PE]



ACONTECEU

« O encontro a criança, a instituição e a psicanálise »

Projeção “*A Céu Aberto*”,
de Mariana Otero durante
o *Encontro entre a
criança, a instituição e a
psicanálise*

A exibição do delicado documentário *A Céu Aberto*, produzido pela cineasta francesa nascida na Bretanha, Mariana Otero, retratando o trabalho que é desenvolvido na instituição *Le Courtil* na Bélgica que há trinta anos propõe o tratamento analítico cotidiano de crianças que de um modo ou outro objetam o laço social. O acompanhamento de praticantes de múltiplas disciplinas visa dignificar as soluções inéditas que crianças com dificuldades de suportar a existência encontram no processo de aprendizagem e de convivência com os pares.

Para acompanhar esse trabalho visitar: <http://www.courtil.be/courtil/>. Sobre o filme pode-se visitar a entrevista da diretora com Alexandre Stevens em: <http://www.acielouvert-lefilm.com/2013/09/projection-du-film-tournai.html> e a resenha de Florence Plon em <http://florence.plon.over-blog.com/article-a-ciel-ouvert-le-courtil-entretiens-mariana-otero-123236774.html>.

O curriculum da documentarista Mariana Otero, formada em cinema no IDHEC, Institut des Hautes Études Cinématographiques de Paris e autora de outros documentários inquietantes pode ser lido em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mariana_Otero.

O evento contou com a presença e os comentários de Tânia Abreu [EBP/AMP] quem afirma que:

Na construção do fazer clínico dessa instituição vimos que através de um trabalho cotidiano, as crianças encontram sua própria maneira de lidar com suas dificuldades, como nos informa Alexandre Stevens, destacando que a instituição foi criada para acolher o que cada criança pode inventar para lidar com seu sofrimento.

Desse modo o que possa parecer bizarrice em outros espaços, ali no Courtil é acolhido o que de mais íntimo e singular a criança pode oferecer ao outro. Sensível ao que pode observar no Courtil, a cineasta, Mariana Otero, ressalta, no livro que elaborou junto a Marie Brèmond, que o que há de comum entre o cinema e a psicanálise é a possibilidade de ver o mundo a partir do olhar do outro.

O livro: OTERO, Mariana, BREMOND, Marie, *A ciel ouvert, entretiens, Le Courtil, l'invention au quotidien*. Paris, éd. Buddy Movies, 2013, pode se obter em <http://acielouvertlivre.tumblr.com/>.

Em parceria com o CIEN, CEREDA e o Conselho da Seção, a Biblioteca promoveu nos dias 24 e 25 de abril deste ano, esse encontro, tomada pela perspectiva de que a transmissão e a inscrição da psicanálise na cultura passam pelo desejo de dialogar com outros saberes.





O QUE ESSE MENINO TEM?

sobre alunos que não aprendem e a intervenção da Psicanálise na escola

Ana Lydía Santiago
Raquel Martins Assis

Conversação sobre o livro *O que esse menino tem?* Sobre alunos que não aprendem e a intervenção da psicanálise na escola.

Fazendo parte do mesmo evento, Ana Lydía Santiago [EBP/AMP] e Raquel Assis suscitaram uma conversação sobre o livro, escrito por elas: *O que esse menino tem? Sobre alunos que não aprendem e a intervenção da psicanálise na escola*. Destacam a contribuição da psicanálise de Orientação Lacaniana à compreensão dos inúmeros impasses que se produzem no campo da Educação, onde crianças e jovens desafiam o saber dos professores e se mostram refratários ao processo de alfabetização. Vimos, por fim, a potência da metodologia da Conversação sendo utilizada com a finalidade de desfazer etiquetas, ressaltando a aposta no saber produzido por cada criança e jovem. O livro já se encontra na nossa estante.

Disponível em: <http://www.livrariadopsicologo.com.br/capas/000/9788569622000.jpg>

Anamaria Vasconcelos e Cíntia Mendes
[Psicóloga/ Participante do Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental
e Psicanálise da EBP – Seção PE]

BIBLIOTECA RECOMENDA

A Biblioteca em parceria com o Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental e Psicanálise buscou dar visibilidade ao seu acervo referente a psicanálise e a psicoses. Aproveitando a vinda de Marcus André Vieira [AE/ AMP/ EBP] a Recife, articulou uma apresentação de paciente, junto à Valdiza Soares, coordenadora de Saúde mental infanto-juvenil do estado e referência técnica infanto-juvenil do município de Recife.

Valdiza Soares falou que: “Levar a psicanálise para os espaços dos serviços de saúde mental tem possibilitado o fortalecimento do lugar da singularidade do sujeito nas práticas de saúde, bem como, tem proporcionado às equipes o repensar de suas práticas, e fomentado a demanda de novas leituras.”

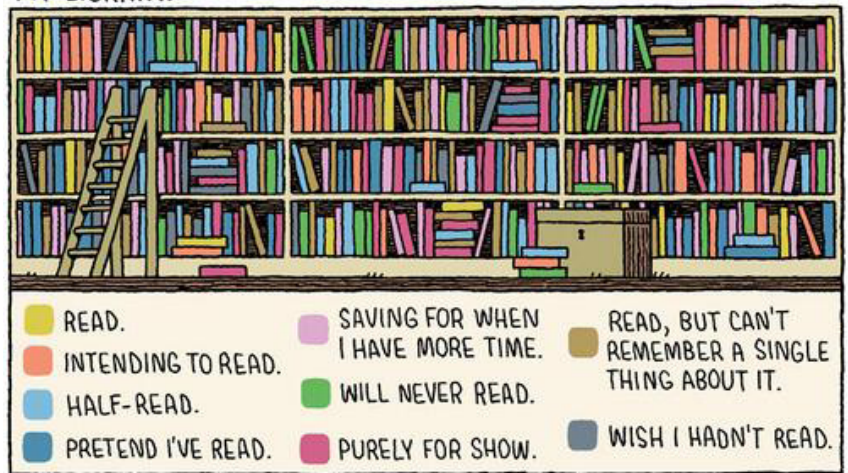
Marcus André finalizando a apresentação de paciente, em conversa com a equipe, respondeu à demanda de indicações bibliográficas sugerindo a leitura do artigo: MILLER, Jacques Alain, “Lições sobre a Apresentação de Doentes”. In: *Matemas I*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

Seguem outras indicações sobre o tema:

LACAN, Jacques, “Uma psicose lacaniana: Entrevista conduzida por Jacques Lacan”. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo, v. 26/27, 2000.

BENETTI, Antônio, “Sobre apresentação de enfermos”. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo, n.11, 1994.

MY LIBRARY.



TOM GAULD

O AMOR DE SI

« LANÇAMENTO DO LIVRO DE CARLOS AUGUSTO NICÉAS O AMOR DE SI »

O amor de si, 1ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

É com imensa alegria que a Seção PE faz o lançamento do livro de Carlos Augusto Nicéas. Introdução ao Narcisismo: o amor de si. (Nicéas, 2013)¹

Nicéas é pernambucano, médico e psicanalista, Analista Membro da EBP – AMP. Assumiu diversas funções na EBP e hoje faz parte da primeira Comissão de Garantia. Trouxe sementes fecundas através do seu ensino quando a Escola chegou efetivamente a Pernambuco. Seu livro integra a coleção Para Ler Freud, coordenada por Nina Saroldi, publicada pela Editora Civilização Brasileira. Os autores da coletânea trabalham temas escolhidos em função da relevância na obra de Freud e nas discussões da atualidade. Introdução ao Narcisismo: o amor de si apresenta-se expressivo, hoje, quando a imagem tornou-se uma referência maior, ou, como diz Nina Saroldi, os espelhos se multiplicaram.

Apoiado na sua experiência clínica, Nicéas retoma o percurso traçado por Freud e as viradas de seu ensino que dão corpo ao conceito do narcisismo, dando especial destaque ao campo das pulsões. O narcisismo, entendido como expressão do investimento libidinal no próprio eu, não se colocou para Freud como um conceito de fácil acesso: “Eu pari com dificuldades o Narcisismo”, afirma no texto Teoria do narcisismo 2de 1914, de onde Nicéas retoma a passagem do autoerotismo para o narcisismo, momento onde o corpo despedaçado se dirige para a sua unidade, prefigurada pela imagem do semelhante, que se oferece ao bebê para ser tomada como seu eu.

Segue com as indicações de Freud em seu texto³ de 1923, “O Eu e o Isso”, relativas ao estatuto corporal do eu, “o eu é antes de tudo corporal”. Avança percorrendo as referências de Lacan sobre o estádio do espelho em que reitera o lugar dado à imagem do corpo próprio, que emerge da dialética especular. Essa especularidade estrutural projeta-se nas relações com o outro onde transita todo sujeito.

O autor articula os textos de Freud, 1914 e 1923 e o escrito lacaniano O estádio do espelho, para dizer que no alicerce do narcisismo se tece uma relação amorosa

do sujeito com sua imagem. O amor que a descoberta do narcisismo permitiu a Freud reconhecer como “amor de si” explicita a direção que toma a libido, investindo amorosamente o eu.

O amor, portanto, na teoria freudiana, é inicialmente narcísico. Resta a Freud saber como se dá a passagem do amor de si para o amor do outro, que supõe um transbordamento pulsional entre diferentes registros? O amor imaginário de que o narcisismo é tributário vai ser desdobrado em direção ao registro do simbólico em que o Outro da fala se constitui como objeto de investimento libidinal. Um novo laço se estabelece por meio de palavras, inscrevendo-se dessa forma as histórias de amor.

As histórias de amor, Freud ouviu dos seus analisandos, não necessariamente como nas declarações do amor, mas nas cores de um amor de transferência. A transferência está no começo da experiência analítica e estabelece, antes de tudo, que no dispositivo freudiano há uma relação de dependência estreita da estrutura da transferência com a linguagem.

Nicéas nos deixa, ainda, a possibilidade de observar a configuração da sociedade atual, e constatar que o narcisismo apresenta-se cada vez mais em nossos laços e redes sociais, onde os sujeitos se mostram sempre glamurosos para que sejam admirados pelo outro. O autor constrói todo o seu texto utilizando-se de uma linguagem acessível a todos que se interessem pelo tema do narcisismo, e com o rigor teórico que lhe é próprio, demonstrando o fio condutor estabelecido por Freud para construir o conceito do narcisismo.

Rosane da Fonte
[Analista praticante, EBP/AMP]

ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE-SEÇÃO PERNAMBUCO
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA E SARAIVA E A
BIBLIOTECA MARIA DO CARMO VIEIRA

CONVIDAM

NOITE DE AUTÓGRAFOS
E APRESENTAÇÃO DO LIVRO

O AMOR DE SI

[COLEÇÃO PARA LER FREUD]

DE Carlos Augusto Nicéas EBP/AMP

17 DE JULHO
SEXTA

19H

SARAIVA
NO RIOMAR
SHOPPING

APRESENTAÇÃO
Rosane da Fonte

2 FREUD, S. [1914]. **Sobre o Narcisismo: uma introdução**. ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

3 _____ [1923]. **O Eu e o Isso**. ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1990.



« BRUTALIZAÇÃO, PORNOGRAFIA E MELANCOLIA NO USUFRUTO OBSCENO DAS IMAGENS »

Em 2015, não parece demasiado questionar os limites do que pode ser visto ou dito em público. Portanto, nada mais atual em tempos dominados por *reality shows*, das mais diversas procedências nos quais se mostra tudo: corpos e cópulas, do que se perguntar pelo que, de fato, está em jogo; pois o excesso no dar a ver parece mais do que liberdade de expressão.

A pornografia não é uma questão de fácil abordagem. Facilmente se pode cair nas armadilhas da banalização, da idealização ou da moralização. Jacques-Alain Miller (2014)¹ considera que na pornografia há uma troca da ilusão pela imagem. Ela tornou-se um produto a mais na série de sintomas regidos pelo imperativo “todos adictos”, “mais, sempre mais”. Ele fala de um universo de masturbadores, que já não são responsáveis de produzir suas próprias fantasias. Nesse sentido, o sexo frágil no que tange à pornografia é o masculino, que cede a isso de muito bom grado.

É preciso, sim, fazer a clínica da pornografia no século XXI, pois ela já bateu há muito tempo às portas dos nossos consultórios como empecilho ao laço com o outro para o prazer sexual. Nesse universo, não há nada mais descartável.

A pornografia não é do domínio do desejo, mas da desesperança. Vem ocupar o lugar da descrença no vínculo com o outro. O virtual substitui o real do laço com o outro. Essa ausência do outro não será preenchida e mais e mais buscada. O sujeito não faz ideia de que na realidade perdeu uma causa de desejo e busca-a num objeto intoxicante tiranicamente presente.

É sob o modo do *pathos* que o adicto é levado a reconhecer no objeto-pornô aquilo que lhe falta e que representa sua causa. Objeto colocado no lugar de uma causa em afã, reduzido a um corpo ávido que se consome ao consumir; prisioneiro sem futuro de uma triste pulsão. Daí o arrebatamento, maneira de extrair-se de uma solidão de gozo pavorosa. Ao invés de tratar a solidão dos corpos, ela a aprofunda.

Que corpo é esse que não existe fora da tela? Patologia do império das imagens? Sem dúvida. Império também do Um solitário. Última tela antes de cair na dor de existir? Equivalência sintomática da melancolia?

1 Conferência pronunciada por Jacques-Alain Miller por ocasião do encerramento do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), em 17 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp>.

Pensar a pornografia, mais do lado da melancolia do que da mania, é um paradoxo desafiador que instiga. Melancolia disfarçada, travestida. Há, sem sombra de dúvida, uma identificação simbólica abalada. Eclipse da identificação a um Significante-mestre organizador, substituído por uma pseudoidentificação narcísica de extremada potência. Sexualidade devastadora, sem palavras, sem amor, sem ternura. As mulheres se queixam de abandono e de se sentirem transformadas em restos desvalorizados e descartáveis.

Nesse império do autoerotismo, haveria um núcleo melancólico silencioso atravessado por sintomas perversos? São essas as questões cruciais que não cessam de ser postas e demandam respostas clínicas claras. Como tornar a pornografia um sintoma significativo é um desafio presente na clínica há mais de uma década.

A melancolia já foi considerada o mal do século. Será ela o pano de fundo de muitas adições à pornografia conforme nos indica a fala de sujeitos adictos e com enormes dificuldades no laço social com o outro? É preciso reexaminar esse campo e retornar aos textos clássicos sobre o tema em Freud e Lacan.

Ora, no império das imagens pornográficas, o amor é o grande ausente. Ele não trança a relação do imaginário do corpo com o simbólico da palavra e o real da morte. Em seu seminário *De Los Nombres del Padre*, Lacan (2005)² compreende a função do amor como meio entre a pulsão e o desejo. Ensina que ali, onde o desejo foi expulso, o que resta é o masoquismo como meio para unir o gozo e o corpo; sob esse véu, a morte se une ao corpo, e isso é, segundo ele, da ordem da perversão.

Ora, essa questão do meio é muito importante porque só o meio pode desatar um do outro. O que se passa na ausência do amor, senão a pura presença da morte, do gozo e do corpo. “No amor, aquilo a que os corpos tendem é a enodar-se”.³ E embora seja impossível, resta o consolo dos nós do amor como trava contra a dor de existir, pois o laço social é um laço de acasos do amor.

Nessas modalidades de gozo em que o amor está alijado não há vínculo, laço social nem com o outro nem com o Outro, e essa ausência explica o estilo das relações sexuais entre os jovens: desencantamento, brutalização, banalização (Miller, 2014).⁴

Haveria nesses excessos algo de um ódio de si não recoberto pela imagem especular que não sendo simbolizado retorna no Real do corpo?

Elizabete Siqueira

[Analista praticante EBP/AMP]

2 LACAN, Jacques, *De Los Nombres del Padre*, Buenos Aires: Paidós, 2005.

3 Idem, p. 67.

4 Conferência pronunciada por Jacques-Alain Miller por ocasião do encerramento do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), em 17 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp>.

**« A LITERATURA ERÓTICA
GANHA AS RUAS
DA CIDADE »**

*“O que será que será?
que andam suspirando
pelas alcovas
que andam sussurrando
em versos e trovas
... está na natureza,
será que será
O que não tem
decência, nem nunca
terá
O que não tem censura,
nem nunca terá
O que não faz sentido”
Chico Buarque*

Em meio à efervescência cultural do estado pernambucano, a literatura sempre foi um de seus grandes destaques trazendo nomes como João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Gilberto Freire, entre outros. Atualmente, um determinado segmento literário vem seduzindo o mercado e ganhando o espaço das “ruas, pontes e overdrives”. Estamos falando da significativa produção de contos, poemas e romances de teor erótico. Essas produções, que não são recentes, saem do limite imposto pela alta censura social para ganhar as prateleiras das livrarias, as mãos de adolescentes e jovens e, principalmente, do público feminino. O que era visto como impróprio, pecaminoso e ficava restrito às leituras feitas às escondidas, encontra lugar nos espaços coletivos à luz do dia.

Observamos, assim, que um grupo de jovens escritores pernambucanos vem recentemente mobilizando o mercado literário e alcançando visibilidade na grande mídia. Produzem principalmente poemas e pequenos contos. Usam as formas do cordel, típica produção popular, tão apreciada no Nordeste.

Entre eles, temos a criativa Flávia Gomes, que lançou em 2013 o livrinho de contos eróticos intitulado Doce



de Banana, sob o pseudônimo de Nurret Luttein, com o selo da Editora LiteraTARA. Flávia descreve que seu livro mistura libido, liberdade e uma pitada inteligente de humor. Ela afirma que o oferece ao público em nome da liberdade nua e crua. A autora vem apoiando e trabalhando com inúmeros projetos suscitados a partir dessa publicação, inclusive no campo da dança, das artes plásticas, do teatro e da gastronomia. Ela aceitou conversar conosco e falar um pouco dessa produção que vem ganhando a cidade, o interior do estado e outras regiões do país.

A referida escritora comenta que, desde o início de sua vida adulta, começou a escrever poemas eróticos mantendo-os guardados em seu arquivo pessoal, dando apenas a conhecer a alguns amigos íntimos, que reclamavam pela publicação dos poemas. Contudo, só há pouco mais de dois anos resolveu socializar essa produção. Ela comenta que o livro Doce de Banana nasceu de uma catarse, após ter lido

o livro *Baba de Moço* do também autor pernambucano Raimundo de Moraes. Flávia, junto a outros escritores locais, participou da coletânea *Recife e outras partes baixas do corpo*, lançada este ano. Atualmente, trabalha na produção de uma fotonovela baseada numa de suas crônicas eróticas chamada *Nhac*.

Flávia destaca nessa entrevista que “a literatura erótica mobiliza as pessoas porque tem compromisso com a verdade, quebra o pacto social do silêncio sobre algo que é natural, é humano.”. Ela acrescenta: “Acredito que a literatura sempre teve o seu lugar e penso também que esse ‘boom’ das imagens, do livre acesso a conteúdos pornográficos contribuiu para que as pessoas percam o medo de acessar tais conteúdos e de mostrar que consome esse tipo de produção para a sociedade. O interesse por esse segmento literário sempre existiu, antes ele precisava ser mantido em segredo. Agora as pessoas têm menos “grilos”. E essa ruptura me parece que se deve à exposição dos corpos, ao excesso de imagens e à liberdade que se tem para acessar isso.”

Pudemos ainda compreender que, para alguns dos escritores e consumidores deste segmento literário, principalmente do gênero feminino, a mobilização que se tem produzido nas pessoas deve-se exatamente ao fato de essa produção apontar para questões como o fortalecimento do feminino e o desejo pela liberdade de conhecer e explorar as possibilidades de prazer no próprio corpo. Outros ressaltam a contribuição social desse ramo literário: a quebra de preconceitos, e a ruptura entre o amor e o sexo, ampliando as possibilidades de experiências. Em resumo, apontam que suas obras permitem a desmistificação da atividade sexual, e contribuem para o aumento de poder da figura feminina.

Nota-se como a autora acredita atender ao anseio de liberdade do público e, ainda, mobilizá-lo com a possibilidade de quebra da norma social sobre algo natural e humano. Um compromisso com uma verdade nua e crua. É interessante notar que a autora associa a possibilidade dessa ruptura ao fato de que as pessoas estejam menos “griladas” e à mercê da exposição dos corpos, do excesso de imagens e do livre acesso a tudo isso.

Mas, sabemos que essa cisão é sustentada na tentativa de lidar com o fracasso de ter um contentamento perfeito na junção do amor com o sexo. A literatura erótica está presente no campo das artes desde o período da Antiguidade Clássica e se apresenta como fonte de fantasias, de esclarecimento quanto às práticas sexuais e, além disso, coloca em destaque questões próprias a cada época e cultura. Nos tempos atuais, contudo, a busca desenfreada pelas ‘liberdades individuais’ produz efeitos contraditórios na vida dos sujeitos, esvaziando os semblantes que humanizam a sexualidade.

Miller 1, ao apresentar o tema do X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, destaca que a clínica da pornografia é característica do séc. XXI. Ele aponta que “a difusão planetária da pornografia teve efeitos dos quais o psicanalista recebe testemunhos. O que diz, o que representa a onipresença do pornô no começo deste século? Nada senão: a relação sexual não existe.” É isso que se coloca em evidência nessa empolgação sobre a exposição das práticas sexuais. E se reflete nos “costumes das novas gerações, quanto ao estilo das relações sexuais” em que apresentam “desencantamento, violência e banalização”.

Assim, acreditamos que a indústria pornográfica contemporânea tende a contaminar a literatura erótica, no sentido de atuar como uma tentativa de tamponamento do vazio que se instaura frente ao fracasso da relação sexual. Compreende-se que essa liberdade sexual, buscada com tanto afincamento nos tempos de hoje e, supostamente, encontrada no maior número de experiências sexuais possíveis, desprovidas de qualquer significação, tem se apresentado como um imperativo mortífero de gozo.

Entretanto, o livro de Flávia Gomes é pura poesia, com as sonoridades e as rimas que guardam toda a força telúrica do cordel. Assim – engano de Flávia – ela reveste de poesia a verdade crua e nua da satisfação sexual desvinculada de sentido e de fantasia.

Haveria por essa via, esse esforço de poesia, a possibilidade de conjugar amor com sexo, no contexto contemporâneo do império das imagens e da exposição dos corpos?

Cíntia Mendes

[Psicóloga/ Participante do Núcleo de Pesquisa em Saúde Mental e Psicanálise]



1 Conferência pronunciada por Jacques-Alain Miller por ocasião do encerramento do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), 17 de abril de 2014. <http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp>

« Elena »

– O livro do filme de Petra Costa – Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014



A arte transforma, satisfaz desejos, abre caminhos para lidar com o irrevogável da vida, para conviver com o impossível. A arte revivifica palavras, ilumina. Para a psicanálise não é diferente, a arte a ilumina.

Em 2014, as bibliotecas da EBP tiveram acesso ao filme documentário **Elena**, tocante, delicado, impactante. Agora, chega **Elena** para nossas bibliotecas, de um outro modo, sob literatura. O livro do documentário, de Petra Costa, é constituído não só pelo roteiro do filme, mas também pelo registro fotográfico e escrito do seus efeitos múltiplos e complexos em jornalistas, psicanalistas, cineastas e críticos de cinema. O livro nos mostra o que repercute do filme em cada um que escreve, várias faces de uma obra prima, guardando sua integridade .

Elena, de acordo com Eliane Brum, trata do feminino, desse labirinto em três posições: mãe, mulher e filha, de três mulheres... ou seria apenas uma? Trata da perda, da dor e de invenções para achar uma saída. **Elena** nos mostra como a arte pode ser vida ou estar a serviço da vida.

Elena, de Petra Costa, como bem coloca Marcela Antelo, nos traz a riqueza que está no indizível. Revela pontes, criadas a partir de uma tarefa de luto, com a medida do que se pode contar.

Anamaria Vasconcelos

[Analista praticante, Aderente à Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Pernambuco]



« Conversas no Café: entrevistas/ Eduardo Cesar Maia, Renato Lima e Thiago Corrêa »

– Recife: Café Colombo, 2015. Vol.2. –

O livro traz 21 entrevistas selecionadas entre as realizadas pelo programa Café Colombo, levado ao ar aos domingos, a partir das 14 horas, na Rádio Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, desde agosto de 2002.

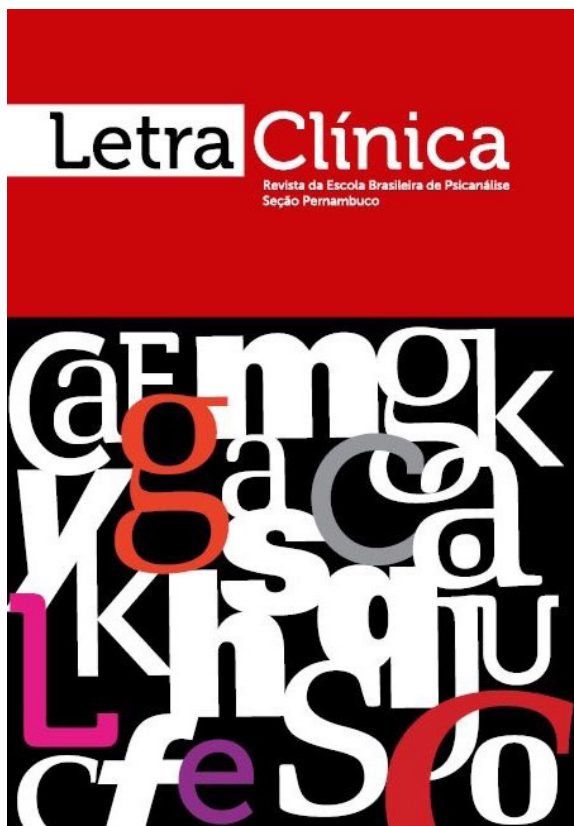
O volume traz uma segunda amostra dos temas, tópicos e autores abordados no programa que, tendo como carro-chefe

a literatura e a cultura, nunca deixou de tratar e polemizar sobre economia, história, ou filosofia. Como se lê na Apresentação: “esta edição reúne os ingredientes que fazem do Café Colombo um programa tão especial: umas pitadas de prosa e poesia, receitas do mundo econômico, um pouco do óleo amargo da política e uma cachaça envelhecida para nos lembrar do poder depurador da história.

As entrevistas variam do mais popular ao mais erudito, expressando, no geral, a trama dos discursos que compõem os modos de ver o mundo.

José Carlos Lapenda
[EBP/ AMP]





« A Letra clínica »

O que quer a revista "Letra Clínica"?

Ao apresentar Letra Clínica, revista da EBP, Seção PE em Bibliô, novamente surge a razão maior para sua existência, que é o desejo de manter operante um significante que representa a Seção Pernambuco para a comunidade local: a clínica na experiência analítica.

Pensando por esse caminho, me deparo com um fato estranhamente interessante, pois dá um toque de originalidade a essa publicação. A revista possui dois números um. O primeiro saiu em 2004, quando a Seção ainda se formava; nem era mais delegação e ainda não era Seção. O segundo número um, apareceu em 2006, quando a Escola em Pernambuco tornou-se Seção. Outro um, que por ter o mesmo nome, era dois.

Evidentemente, podemos dar sentido ao acontecido, pois, segundo recorde, a questão foi discutida na época.

Faço essa introdução, pois vejo, "só depois", que o que se insinuou no título da revista em 2004, revelou-se como ato

em 2006. O número de 2004 corre por fora das edições que apareceram depois. A edição de 2006 repete não só o número um, como o nome da revista.

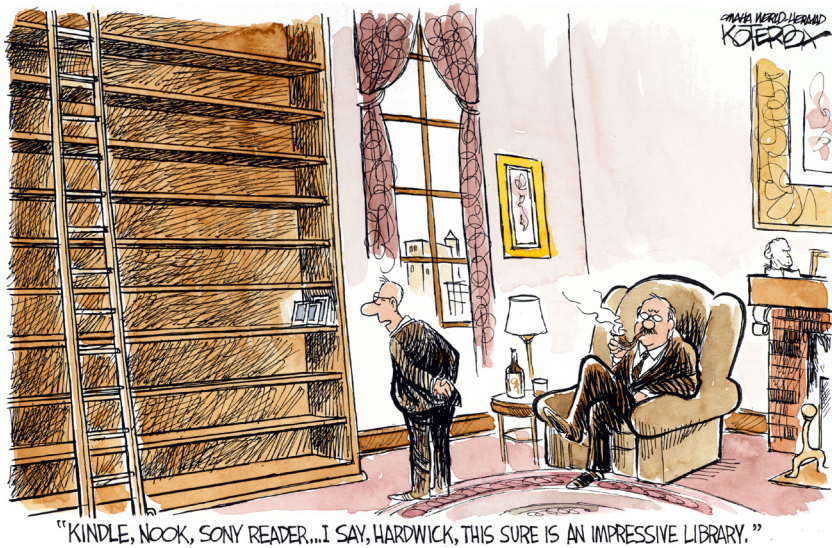
A intensão colocada no título, olhada por um novo viés, o tornou vivo. Letra Clínica, agora, não é apenas uma revista, mas se quer Letra, "Terra do Litoral", "rasura", "traço" que, a partir de 2004, seu antes, seu gesto fundador, pela repetição, transportou o elá anterior a um recomeço que se renovará diante da página em branco.

É isso que a revista Letra Clínica da Seção Pernambuco quer. Uma promessa de leitura viva, porque sempre renovada pela singularidade.

Rosa Reis
[EBP/ AMP]



SURFANDO



"KINDLE, NOOK, SONY READER....I SAY, HARDWICK, THIS SURE IS AN IMPRESSIVE LIBRARY."

Entrevista: "Acreditamos que podemos controlar as nossas imagens", concedida por Marcus André Vieira à Revista Continente.

<http://www.revistacontinente.com.br/sessoes/925-revista/entrevista/18813-acreditamos-que-podemos-controlar-nossas-imagens.html>

Entrevista sobre Alienação Parental de Maria Eliane Neves Baptista à rede de tv aberta Tribuna

<http://www.tvtribunape.com.br/programacao-local#ponto-de-vista>

Café Colombo

Um programa de livros e ideias, há mais de treze anos trazendo as melhores entrevistas com diferentes autores. Site:

<http://www.cafecolombo.com.br/>

Fanpage: <http://www.facebook.com/cafecolombo?fref=nf>

Pernambucanos que fazem cinema, por Késia Ramos (cartelizante)

O cinema feito por pernambucanos tem sotaque popular com intenção cosmopolita, no sentido empregado por Liev Tolstói: "se queres ser universal, canta adequadamente a tua aldeia". Estas produções, forjadas no universal forno do particular, categorias tão caras à Psicanálise, vêm deixando sua marca e ocupando um espaço no cenário da sétima arte, promovendo interesse entre outros realizadores no Brasil e exterior.

Para conhecer um pouco deste cinema feito em Pernambuco, existe a caixa de DVDs *Antologia Cinema Pernambucano*, que reúne 212 longas, médias e curtas-metragens produzidos em Pernambuco desde a década de 1920 até 2013.

Idealizado pelas produtoras Isabela Cribari e Germana Pereira.

Em breve haverá a exibição do filme já premiado de Gabriel Mascaro, "Boi Neon". É uma trama situada no Nordeste brasileiro sobre o drama particular de um vaqueiro e sua família.

Páginas eletrônicas imperdíveis:

- <http://www.cinemaescrito.com/>
- <http://www.revistaforum.com.br/milosmorpha/>
- <https://www.facebook.com/Cinema-Pernambucano-599069506810895/timeline/>
- <https://www.facebook.com/HistoriaDoCinemaPernambucano>

Edifício Pernambuco, ilustração de Ianah Maia

Edifício criativo, no centro de Recife, que abriga artistas, produtoras de vídeo, residência artística, estúdios de tatuagem, design, fotografia, ateliê de artes visuais, etc. Acontecem frequentemente oficinas de Desenho, Aquarela, Traço Livre, Encadernação artesanal no sexto andar, um coletivo de artistas e produtores que tem vida própria. Debates, oficinas, cineclubes e pocket shows. Discutem sobre o programa sobre mobilidade urbana, sustentam um grupo de desenho experimental chamado Risco!, e o ponto alto é o *ExcentriCidades*, projeto de artes integradas que acontece mensalmente. A celebração, sempre numa quarta-feira, é um intercâmbio de experiências entre várias linguagens artísticas como música, artes visuais, teatro, dança, entre



outras. O evento busca retribuir a energia criativa do centro da cidade com atividades lúdicas e artísticas no próprio espaço.

Artista visual e integrante do coletivo, Ianah Maia que ilustra essa nota realiza pintura de murais nas cidades por onde passa, Recife, Salvador, São Paulo e Buenos Aires. Formada em cinema de animação também realiza ilustrações de livros e revistas na América latina.

Encontráreis em: <https://www.facebook.com/ColetivoSextoAndar?fref=ts>

} Expediente

BIBLIO 26

Diretora de biblioteca: **Marcela Antelo**

Diretores de Biblioteca das Seções

Lêda Silva Guimarães [Intercâmbio nacional, EBP-Rio de Janeiro]

Teresinha Natal Meirelles do Prado [Catálogo, EBP-São Paulo]

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina [Intercâmbio internacional, EBP-Minas Gerais]

Mônica Hage [Site, EBP-Bahia]

Anamaria Vasconcelos [Site, EBP – Pernambuco]

Oscar Reymundo [As Bibliotecas na cidade, EBP-Santa Catarina]

Editor responsável desse número: **Anamaria Vasconcelos**

Colaboram na edição: **Cíntia Mendes e J.C. Lapenda**

Design gráfico: **Celeste Hampton**

Rua Capistrano de Abreu, 14. Botafogo
CEP: 22271-000. Rio de Janeiro - Brasil
+55 (21) 2539-0960 | ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br

 **Escola Brasileira
de Psicanálise**



X Congresso da AMP
O CORPO FALANTE
Sobre o Inconsciente no século XXI
25 a 28 de Abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro



Editorial

Não há leitura adequada sem por à prova a transmissão. “Leitura” e “transmissão” são os significantes que dão o contorno deste *Bibliô n. 27*. Estamos assistindo à morte da leitura tradicional, aquela do livro impresso, onde a magia estava no seu manuseio? Qual seria a função de uma biblioteca se ela não ajudasse a promover o encontro com o livro? É preciso tirar o livro da estante! Mas, o que se lê do que se escreve? A leitura não é uma só. Na perspectiva de estimular a leitura e releitura de textos fundamentais da obra de Freud e de Lacan, e advertidos de que a leitura em Psicanálise não deve tratar de circunscrever o real, mas sim de buscar os pontos onde este impossível pode formular-se, a *Biblioteca da Seção Bahia* criou o espaço dos *Ateliês de Leitura*. No texto escrito a quatro mãos, em *Acontece*, a colega Carla Fernandes e eu falamos deste novo espaço e de como acreditamos que a transmissão só acontece no um a um.

Os efeitos que a leitura pode provocar em cada um de nós encontra-se bem traduzido nos textos dos colegas Lucíola Macêdo (MG), Luis Francisco Camargo (SC) e Tânia Abreu (BA), que convidamos para nos contar um pouco sobre esse “acontecimento”: os livros que marcaram a sua formação. Convidamos você, leitor, a embarcar nessa deliciosa viagem no tempo, com eles, lendo a rubrica *Assuntos Livrescos*.

E o que acontece quando lemos um romance? Quando abrimos uma janela, quando vemos o mar pela primeira vez, cheiramos uma flor que não conhecíamos, nos deparamos com o mais lindo pôr do sol ou experimentamos um sabor inédito, isso provoca uma experiência única de sensações, que são apenas nossas... Acontece também quando lemos um livro! Mas, e quando o assunto é o amor...? A literatura disponível no circuito comercial nos limita a estórias de um amor idealizado, fazendo a relação sexual existir. Trazemos, ainda em *Assuntos Livrescos*, pequenas resenhas de clássicos romances que falam do amor, na sua vertente mais próxima do real, cheio de vícios, ciúmes, paixões, enganos e mentiras. Os colegas Daniela Araújo, Júlia Solano, Luiz Felipe Monteiro e Rogério Barros nos presenteariam com as suas traduções desse material.

Confirmam ainda alguns links interessantes em *Surfando*, que trazem muito mais sobre bibliotecas, livros e peças de teatro.

ACONTECE

O trabalho artesanal dos ateliês de leitura

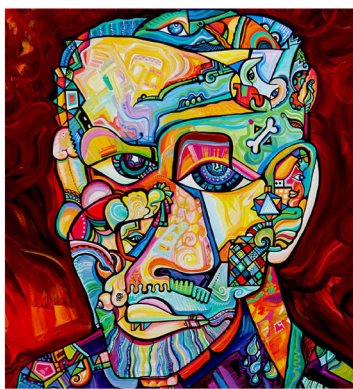
Mônica Hage [AMP/EBP - Bahia]

Carla Fernandes [Associada IPB]

Será que podemos dizer que, no século XXI, estamos assistindo à morte da leitura tradicional, aquela do livro impresso, onde a magia estava no seu manuseio? Será que, com o advento da internet, da era digital, passamos a adotar novas formas de leitura? O mundo mudou! Uns dizem que o hábito de leitura foi revivido com a internet; que passamos a ler mais. Será mesmo? Talvez a internet tenha introduzido outra forma de leitura. Como ler no mundo das imagens? “A web é imagética!” Nela, o texto é uma imagem. E, se o mundo hoje está acelerado, um ritmo de leitura baseado no ritmo de reconhecimento de imagens, muitas vezes, é o que seduz.

No entanto, a despeito de tudo isso, apostamos que o hábito da leitura deva ser cultivado e preservado. Assim, acreditando que nada melhor que ele seja estimulado dentro da sua própria casa, a *Biblioteca do Campo Freudiano na Bahia* lançou, em 2015, a ideia dos *Ateliês de leitura*.

ATIVIDADE DA BIBLIOTECA EBP-BAHIA



ATELIÊS DE LEITURA
Leitura comentada de textos centrais da obra de Freud e Lacan

Coord: Mônica Hage | Equipe: Carla Fernandes, Ethel Poll, Luiz Felipe, Lúcia Sarno e Wilker França
FREUD: 07/05; 01/06; 09/07; 06/08; 10/09; 08/10 e 05/11
LACAN: 21/05; 11/06; 16/07; 13/08; 24/09; 22/10 e 19/11

Taxa de inscrição - Associados do IPB - 70,00 | Não Associados: 100,00
Horário: 19:30 às 21:00hs (Linha verde do EBP)

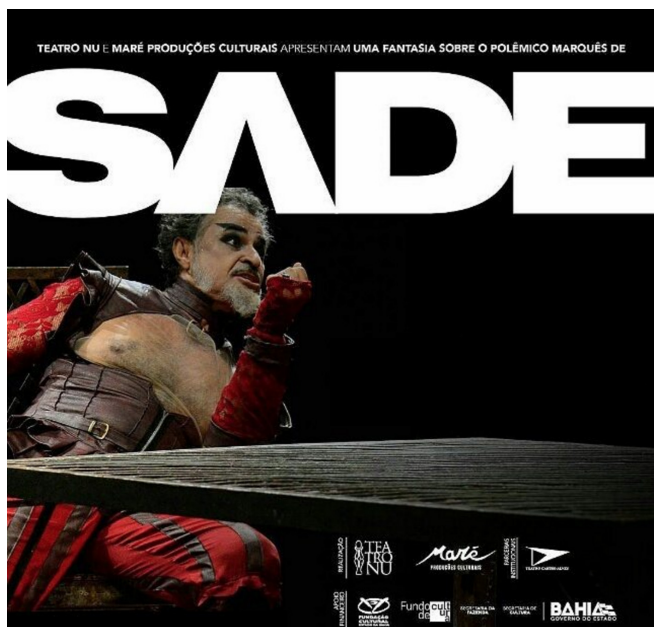
Instituto Brasileiro de Psicanálise

A importância deste espaço de retorno a Freud e ao primeiro Lacan, em um momento em que nos dirigimos ao “Ultimíssimo Lacan”, conjuga-se com duas razões: 1- a necessidade de fazermos um estudo retroativo, isto é, voltarmos aos primórdios, a fim de identificar o que do que estudamos hoje se estabelece como um processo de continuidade, ou de ruptura; 2- apostamos na importância de oferecer, ao jovem que ingressa no estudo, um espaço de discussão dos textos centrais da Psicanálise.



Durante esse ano os textos trabalhados no Ateliê de Leitura de Freud foram “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1915), “Os instintos e suas vicissitudes” (1915) e “Repressão” (1915); no Ateliê de Leitura de Lacan, “A direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder” (1958) e “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” (1967). Cada texto foi trabalhado a cada três encontros, fazendo um paralelo com o tempo lógico proposto por Lacan: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. Os Ateliês funcionam sob coordenação de Mônica Hage, membro da EBP-BA e da AMP e conta com uma equipe composta por Carla Fernandes, Ethel Poll, Luiz Felipe Monteiro, Maria Luíza Sarno e Wilker França, associados do *Instituto de Psicanálise da Bahia* (IPB).

Acreditando que a transmissão da Psicanálise se dá de forma particular, no um a um, a aposta da Biblioteca da Seção Bahia é que as leituras compartilhadas possam vir a ter um efeito de transmissão!



SADE

Júlia Solano [Associada IPB]

*“Tudo é bom quando é excessivo.”
“A primeira lei que a natureza me
impõe é gozar à custa seja de quem
for.”*

(Marquês de Sade)

O impacto que essas frases, escritas pelo Marquês de Sade no séc. XVIII provocam ainda nos dias atuais, nos dão a dimensão da complexidade de sua obra. É este mesmo impacto que a peça, intitulada *Sade*, encenada pelo grupo *TEATRO NU*, parece produzir nos espectadores. Escrita por Gil Vicente Tavares, este espetáculo destaca momentos marcantes da vida de Donatien Alphonse François de Sade, o famoso Marquês de Sade, entrelaçando-os a elementos ficcionais, bem como a alguns trechos de suas obras.

A relação difícil que mantinha com um de seus filhos, quem inclusive queima seus livros após sua morte, a longa permanência no **cárcere onde escreveu a maior parte das suas obras primas** que por muito tempo foram rejeitadas pelo público, a perseguição de sua sogra que não o perdoou por estabelecido uma relação com a própria cunhada são situações vividas por este autor que são retratadas na peça e que nos permitem traçar uma certa distinção entre sua a vida e a sua obra. Ao contrário dos seus livros que versam sobre relacionamentos sádicos estabelecidos por algozes que abusam de suas **vítimas, a sua vida pessoal**, tal como

vemos na peça, aponta para o oposto, pois Sade parece ter sido muito mais vítima do que algoz. **É isso o que nos diz Lacan, no seu texto *Kant com Sade***, quando diz que Sade na sua vida é um masoquista e não um sádico; o sadismo se reservava aos seus livros.

Outro aspecto que podemos destacar do espetáculo é o efeito que este parece produzir nos espectadores. A cada momento que trechos dos escritos de Sade **são proferidos pelos atores, parte da plateia** fica impactada, nos fazendo perceber que a sua obra, ainda é tão chocante quanto era há mais de duzentos anos atrás. Parece que nem a monarquia, nem os entusiastas da revolução francesa, nem a tão bem informada e “liberal” sociedade atual conseguem conviver facilmente com as ideias deste autor, que não cansa de apontar a dimensão de gozo que está sempre presente nos ditos bons costumes, denunciando assim a hipocrisia em jogo nas relações sociais que supostamente prezariam pelo bem de todos. O que está por trás da moralidade rígida e suas severas proibições é, na verdade, um convite à transgressão, ao gozo. E diante disto, Sade nos convida: gozemos!

Como é possível lidar com isso que nos ultrapassa, que gera prazer no desprazer, o vivo e indomesticável dentro cada um de nós, o “insocializável”? É dessa dificuldade que a humanidade padecerá sempre, mesmo quando tentamos negá-la, tal como vem sendo feito atualmente através de práticas cada vez mais populares que prometem domesticar e normatizar comportamentos, buscando assim anular a dimensão do mal estar humano. Por isso ficamos tão impactados quando ouvimos as palavras do Marquês de Sade no palco, mesmo depois de duzentos anos, pois elas tocam naquilo que nos embaraça desde sempre e que sempre nos embaraçará seja agora, seja daqui a quinhentos anos. Há gozo!



Leituratua

Em 1906 Freud recebe uma carta de um dos frequentadores da Sociedade das Quartas-feiras, o editor vienense Hugo Heller. Na missiva, o remente faz a curiosa solicitação para que Freud enumere dez bons livros que o marcaram em sua vida. A lista ficou conhecida como os “Dez bons amigos de Freud”.

A referência amistosa aos livros é índice não só da intimidade dessas obras com uma vida, como também dos efeitos que a experiência de leitura pôde remeter ao seu leitor.

A experiência de leitura é por vezes uma confrontação com algo da contingência que ressoa no falasser, algo inesperado, mas já sabido, como também uma perplexidade insuspeita. Ler, poderia se dizer, é um suspense.

Dito isso, e seguindo o espírito da carta recebida por Freud, o Bibliô convidou Luis Francisco Camargo, Lucíola Macedo e Tânia Abreu a fazerem a sua lista dos bons livros que marcaram especialmente a sua formação como psicanalista. A pergunta endereçada a cada um foi: “Quais os livros que tiveram um efeito de acontecimento em sua formação analítica?”.

livros que marcaram

Lucíola Macêdo [AMP/EBP - Minas Gerais]

A pergunta sobre os livros que marcaram minha formação foi um convite a uma breve viagem no tempo, que por sorte, não durou mais que um instante. Subitamente o livro acontecimento que funcionou como divisor de águas se apresentou à minha memória, junto com uma sequência de flashes sobre o modo como ele chegou às minhas mãos: era então estudante de psicologia, tinha começado a ler Freud e Lacan nas esparsas disciplinas do curso, estava em análise, começava a frequentar a Seção Bahia e me engajara na Iniciativa Escola, ao mesmo tempo em que me dedicava aos múltiplos interesses, que já naquela época, se faziam presentes: transitava entre o existencialismo, a mística, a poesia e outras artes; além de psicanálise gostava de astrologia, yoga, surf, triatlão, música, artes plásticas e dança contemporânea... foi quando comecei a ler mais, ainda. O seminário estava entre as referências bibliográficas das aulas de Leda Guimarães, professora convidada a lecionar uma disciplina naquele semestre. A conversa sobre mais, ainda

se prolongava durante o percurso de uma carona que lhe dava em meu descapotado e velho bugre, até a rodoviária. Leda ia e vinha de Feira de Santana em dias de aula em São Lázaro – e eu voltava para casa em Itapuã, já às voltas com a urgência em escrever um texto sobre aquelas leituras que me reviravam. Foi um acontecimento, mais, ainda, nos idos de meus vinte e poucos anos, e em meio à escrita, os poemas, a dança, a errância, os livros, os impasses do sexual, o Outro gozo, a literatura, os mapas astrais e também os geopolíticos, a filosofia, os amores, a mística, o mar, e a vida de cada dia... Tudo isso junto e misturado até chegar naquele ponto, o da letra, depois do qual a escrita, os poemas, a dança, a errância, os livros, o Outro gozo, a literatura, os mapas, a filosofia, os amores, a mística, o mar, e a vida de cada dia, ganharam uma legibilidade radicalmente diferente. Foi quando eu disse adeus à esfera, e com ela às concepções de mundo. Foi quando, com Lacan, a ficha caiu: “nada é menos garantido... do que a existência de um mundo”. Foi com “A função do escrito”, seguido de “O amor e o significante” que o adeus aconteceu: o adeus à revolução, à começar por aquela dos astros, a copernicana; foi com a partição da esfera em elipse; bye bye centro, centramento, consciência, “e tudo o que gira ao redor”; com a elipse isso não gira, “isso cai”, “isso falha”, isso desfunciona, isso acontece no corpo de gozo. Foi esse o primeiro corte operado, em psicanálise, pela leitura de um livro, corte incisivo e indelével, no que se convencionou chamar de tempo, produzindo-se ali um antes e um depois. Logo após a leitura de mais, ainda, e já tendo feito uma escolha pela psicanálise, vem o segundo livro da lista. Aquele sobre o qual Lacan dizia, já na primeira linha do Seminário 20, ter aprendido que poderia, sobre isto que estava em jogo (o gozo), dizer ainda, um pouco mais. O segundo livro de minha lista é o Seminário 7, a ética da psicanálise. O terceiro, e na sequência, é o Seminário 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. A leitura de mais, ainda foi sem freios, pura fruição. Já na leitura do seminário da ética, e também de os quatro conceitos fundamentais, tentava, sempre que possível, recorrer às referências e autores com os quais Lacan dialogava, especialmente, ao texto freudiano. Isso se tornou para mim um método. Mas essa é outra história...



Amigos de formação

Tânia Abreu de Lima
[AMP/EBP - Bahia]

Em 2002 a comunidade da AMP se dedicou a discutir os efeitos de formação do analista, salientando, sobretudo, que não há um automatismo nesta formação, um mecanismo único, o que dá lugar à contingência. As causas da formação apontam à singularidade.

No meu caso tratou-se de uma estante do pai repleta de livros de Eric Fromm e outros autores pós-freudianos, dos quais não destaque nenhum, apenas o significativo “psicanálise”.

Alguns anos depois, na Universidade, me encantei com o texto freudiano “O Inconsciente”, um de meus primeiros amigos, marco definitivo de uma escolha pela psicanálise sem volta ou vacilações. O fascínio se dava pelo estudo do saber introduzido por Freud no mundo ocidental – um acontecimento - através do qual se diziam e se escreviam coisas movidos por algo que não é capaz de se inscrever. Sonhos, lapsos, esquecimentos, fatos da vida cotidiana adquiriam um novo sentido e eram motor do funcionamento da operação analítica. “A psicopatologia da vida cotidiana” e a “Interpretação dos Sonhos” funcionaram como sedimentação para o encontro com Lacan que ocorrera anos mais tarde.

Antes de designar meus “amigos lacanianos”, não posso deixar de citar quão importante fora na minha formação a escuta que Freud dedicou às históricas. Ao ingressar em um estágio clínico no Hospital psiquiátrico, Juliano Moreira, sou designada para apresentar meu primeiro caso clínico. A hipótese diagnóstica era que diante da obviedade de uma epilepsia pode se esconder uma histeria. Para enfrentar o organicismo médico caminhei de mãos dadas com uma pequena passagem do texto Histeria, denominada “Histero-Epilepsia”. O efeito final foi a descoberta de que falar, escutar e escrever, guiada pelo saber psicanalítico, era algo totalmente novo do que vivenciava até então. “O Além do princípio do Prazer”, virada de 1920, marco da genialidade de Freud, ao tempo em que solidificava minha paixão pela clínica e seu incompreensível, apontava o interesse por Jacques Lacan e suas subversões.

Destaco dois textos da obra de Lacan como cruciais na minha formação: Seminário Livro 8, “A Transferência” e “Lituraterra”. Dois períodos, um único ponto de junção para mim : o amor. Platão, Claudel, representantes do amor na cultura e ícones para se discutir o amor de transferência na clínica psicanalítica. “Lituraterra”, o sulco que a letra produz na terra, marca a outra face do amor em mim: a literatura.

Clarice Lispector e seu modo “não todo” de escrever fecham minha contribuição, dispensando palavras.

Cinco livros que produziram efeitos na minha formação

Luis Francisco Camargo
[AMP/EBP - Santa Catarina]

Gostaria de agradecer Mônica Hage e a equipe Bibliô pelo convite de apresentar uma pequena lista de livros que tiveram um efeito de acontecimento na minha formação analítica. A lista que me veio ao espírito num clarão, curiosamente, inclui livros que foram lidos antes de eu sequer pensar em realizar uma formação em psicanálise. Eles produziram efeitos, a posteriori, na minha formação. É importante informar que todos esses livros foram objetos de minha análise pessoal, sem exceção, inclusive influenciando na escolha do meu atual analista. Por isso, posso inferir que esses cinco companheiros potencializaram minha transferência para com a psicanálise, influenciando no desejo de formação. Após terem sido reintegrados à minha própria história, passei a respeitá-los como se fossem um pedaço de mim.

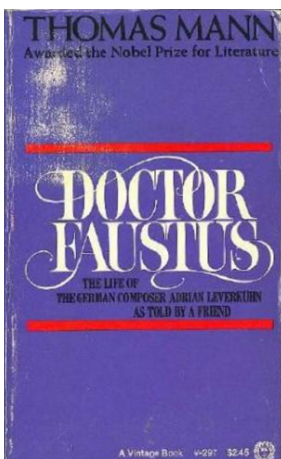


MANU, A MENINA QUE SABIA OUVIR. Michel Ende, escritor alemão de literatura infanto-juvenil, conhecido mais por sua obra “A história sem fim” (*Die unendliche Geschichte*), que em 1984 se tornou um filme e mais tarde inspirou uma série de animação (1996) apresentada no Brasil na sessão da tarde. Michel Ende é filho do pintor surrealista Edgar Ende.

Talvez seja curioso um livro de literatura infanto-juvenil produzir efeitos na formação de um analista. Manu despertou-me o prazer em ouvir histórias. Li esse livro quando tinha 10 ou 11 anos. Obviamente que nessa idade eu desconhecia completamente a psicanálise, mas posso dizer que esse livro abriu um caminho em direção ao gosto pela escuta, tanto para as histórias contadas como para a música, com a qual mantenho uma relação estreita.

Manu é a história de uma garota abandonada que vive num anfiteatro da periferia de uma grande cidade. Ela é adotada pelos vizinhos, eles a alimentam, cada um a sua maneira, contribuindo para o conforto e sua sobrevivência. Em troca, ela ouve o que eles têm a dizer. A grande virtude de Manu é saber ouvir. Ela tem um grande interesse em ouvir o que os outros têm a dizer, e é exatamente isso que ela faz. “Manu ouvia de um jeito que fazia as pessoas pouco inteligentes ter repentinamente ideias brilhantes. Ela não dizia, nem perguntava nada que pudesse pôr tais ideias na cabeça das

pessoas: ela ficava simplesmente ali sentada, ouvindo com atenção e simpatia. [...] Não tinha bons conselhos para dar às pessoas, e nem sempre encontrava as palavras certas para dizer. Ela não era também uma pessoa divertida que cantava ou dançava ou tocava algum instrumento. Nem tinha poderes mágicos para ver o futuro”. Assim como Manu, um analista tem um interesse vivo em ouvir o que os outros têm a dizer.



DR. FAUSTO. *Thomas Mann (1875-1955).* *O que posso dizer de Dr. Fausto? Objeto de teses, artigos, ensaios; tanta coisa já foi dita. Tomas Mann é um dos maiores romancistas do século XX, filho de Johann Mann e da romancista teuto-brasileira Júlia da Silva Brunhs. Conhecido também por outros de seus clássicos, A montanha mágica e Buddenbrooks, que lhe deu o Nobel de literatura em 1929.*

Não vou me enveredar pela parte erudita da obra, mas pela minha relação pessoal com ela. Um clássico da literatura universal. É um livro que marcou profundamente a minha vida. Um monumento arquitetônico erudito, complexo, detalhado, vivo e misterioso. Reflete a alma de um dos personagens mais comentados da literatura mundial, Fausto. Trata-se da história do músico e compositor Adrian Leverkühn, narrada por seu professor e amigo Zeitblom. O personagem é inspirado na lenda de Fausto e as passagens musicais sobre a sua obra inspiradas na técnica dodecafônica e serial do compositor Arnold Schönberg. Assim como Fausto, Adrian vende a sua alma ao Demônio a fim de viver suficiente para terminar a sua grande obra. “Tecnicamente é o seu romance mais ousado, no qual música e política, realidade e símbolo, fato e ficção combinam-se num grade panorama que, segundo Otto Maria Carpeaux, alcançou uma altura na qual nenhum dos seus contemporâneos foi capaz de acompanhá-lo”. O livro inicia com uma passagem do Inferno de Dante. Mann descreve Adrian no cenário de uma vida alemã protestante. Adrian estuda teologia, mas torna-se obcecado pela harmonia, contraponto e polifonia, influenciado por seu professor de música Kretzschmar. Conhece Esmeralda, mulher que lhe transmite sífilis e que tem o mesmo nome da borboleta que fascinava seu pai. Na medida em que a história se desenvolve, Zeitblom passa a se tornar o único amigo de Adrian, e esse cada vez mais passa apresentar um caráter demoníaco, afastando-se totalmente da religião.

Já músico, trabalhando na adaptação musical de uma peça de Shakespeare, na Palestina, Itália, Adrian tem um diálogo em alemão arcaico com uma figura mefistofélica. Esse é o alicerce do romance, exatamente na metade do livro que tem aproximadamente 700 páginas. A descrição do encontro de Adrian com Mefistófeles revelou em mim um desejo pelo misterioso e pelo oculto; que influi na minha prática. Arrisco-me afirmar que diante do demoníaco é necessário

um pouco de coragem a um analista. E, vale lembrar, que o demoníaco era como os alienistas franceses descreviam o ataque final na grande histeria do século XIX.

No livro de Mann não encontramos nenhum ataque infernal. O interlocutor de Adrian é um gentleman sem nome, que se apresenta como Ele, ou o Outro. “Ora, eu não cheguei para atrair-te a alguma recepção e para adular-te, a fim de que tomes parte de uma rodinha musical. Vim te falar de negócios. Não vais buscar roupas quentes? Não se pode conversar, quando os dentes estalejam” (p. 316). O trato consistiu em oferecer-lhe vinte quatro anos de vida como gênio – o período de incubação da suposta sífilis – se Adrian renunciasse o amor. “Minha condição era clara e correta, determinada pelo legítimo zelo do inferno. O amor te fica proibido, porque esquenta. Tua vida deve ser frígida e, portanto, não tens o direito de amar pessoa alguma” (p. 350). O diálogo revela a anatomia do psiquismo de Adrian e da sua neurose, que poderíamos descrever como uma mistura de hipocondria e neurastenia. Nada mais é proibido no pacto com o pai demoníaco do que o amor e o encontro com o feminino.

Quando da minha primeira entrevista com o meu atual analista, lembrei-me desse diálogo de Adrian com o Demônio. Apesar de não termos realizado nenhum pacto e ele não me ter colocado quaisquer condições, a não ser aquela imposta pelo dispositivo, correspondente à renúncia de uma parcela de gozo, ficou claro para mim que era o diabo que eu procurava na figura do analista. O significante da transferência estava posto, e análise se iniciava através de um diálogo com o meu próprio demônio.



HAMLET. *William Shakespeare (1564-1616).* *Outro clássico da literatura universal, comentado por Freud e por Lacan no seu seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação.* Hamlet me empurrou para o curso de psicologia, assim como A república

de Platão. Foi também um dos livros que me causou mais impacto, pelo estilo de Shakespeare, o diálogo, assim como Platão. Naquela época, acho que inconscientemente já intuía que se tratava de um conflito psíquico em Hamlet. Não vou apresentar a obra e nem o personagem, isso é desnecessário. Mas para os leitores de A interpretação dos sonhos e do seminário O desejo e sua interpretação, Hamlet é uma bibliografia obrigatória. O efeito da leitura de Hamlet em minha formação não é teórico, mas subjetivo; despertou em mim o interesse pelos mistérios do conflito psíquico. Hamlet é um personagem que ilustra a neurose obsessiva freudiana e a divisão do sujeito lacaniano. Trata-se para mim, de uma divisão entre ser ou não ser um homem, honrar ou não honrar o significante fálico transmitido pelo pai através da mãe. Na época em que li Hamlet, a divisão do personagem

era visível, da qual, obviamente, eu me identificava. Trata-se aqui dos livros como bons companheiros, e para isso é necessário assumir os pontos de identificação. Lacan afirmava que uma histórica não é uma mulher, e em Hamlet temos um obsessivo que não é um homem. Hamlet se divide aí, diante do pai, no lugar do homem e do filho e se recusa, segundo Lacan, a reconhecer a castração da mãe. Para mim, tudo de Shakespeare é perfeito: Othello, Macbeth, Noite de reis, O mercador de Veneza, Sonhos de uma noite de verão, Rei Lear, etc... Mas em Hamlet encontramos ilustrações sobre o complexo de castração, sobre o complexo de Édipo e, sobretudo, sobre o universo da posição masculina, atualmente um tanto desprestigiado.

ESCRITOS. Jacques Lacan (1901-1981).

A primeira vez que vi os Escritos à venda em uma livraria foi um acontecimento para mim, de corpo e espírito. Após tê-lo comprado, atravessando a porta da livraria com o objeto em minhas mãos, sentia-me alguém potente e importante, uma mistura de Conan, o bárbaro, com um professor da universidade de Princeton. Eu

tinha nas mãos algo raro e único, um tesouro. O nome da rua era Anita Garibaldi, no centro de Florianópolis. Anita Garibaldi, a heroína dos dois mundos, era nada junto ao meu Escritos. Aliás, com a aquisição dos Escritos era como se eu tivesse conquistado a companheira de Giuseppe. Já na calçada, eu não andava, eu flutuava como uma entidade. Eu estava fascinado por aquele volume de quase 1000 páginas. Eu dizia para mim mesmo e silenciosamente para os outros, aguardem, vou desvendar tudo.

Na época, eu era estudante de psicologia e teria que abrir mão de alguns prazeres para decifrá-lo. Mas para conquistar os Escritos de Lacan, assim como Adrian Leverkűn, eu poderia até prescindir do amor e das mulheres, se necessário. Na verdade, eu não sabia que ali eu selava um pacto com um Mefistófeles, Lacan, o diabo provavelmente. O livro havia sido recentemente lançado pela editora Jorge Zahar e o valor era alto. Nenhum problema para mim, pois eu pensava que o resto da minha vida eu iria passar solitário desvendando os seus segredos. Com os Escritos eu não precisava de mais nada, ele me nutriria. Não sabia eu que a conquista dos Escritos de Lacan jamais seria alcançada. Continuo aqui batendo cabeça com os meus Escritos, no amplo sentido que a expressão possui. Mas felizmente meu pacto não durou muito, sou casado e pai de três filhos. Não abdiquei nem das mulheres e nem do amor. No entanto, continuo apaixonado pelos Escritos. Minha mulher diz que é a Outra. Quem sou eu pra discordar?

Em relação a essa coletânea fundamental de Lacan, a minha intenção em transmitir a sua importância pode ser traduzida pelas próprias palavras do autor: “Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu

endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” (LACAN, 1998, p. 11).

ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL. Sigmund Freud (1859-1939). Segundo Lacan, as “vias que Freud abriu ao longo dessa experiência, ele as perseguiu durante toda a sua vida, atingindo algo que se poderia chamar uma terra prometida. Não se pode dizer, entretanto, que ele tenha entrado nela. Basta ler o que se pode considerar o seu testamento, “Análise terminável e interminável”, para ver que se ali havia algo de que teve consciência, é de que não tinha entrado na terra prometida” (LACAN, J., O Seminário, Livro 1, “Os escritos técnicos de Freud”, p. 24). Pode parecer frustrante o modo como Lacan re-lê esse texto de Freud, mas não é. Foi a herança deixada desse texto de Freud que Lacan tomou-a para si e procurou desenvolvê-la ao longo do seu ensino.

Encontramos em “Análise terminável e interminável” uma descrição precisa sobre os limites da experiência psicanalítica nos anos 30, os limites de Freud e seus colaboradores, dos quais Lacan conseguiu atravessar. O problema sobre a assíntota nos finais dos tratamentos e sobre os seus obstáculos: os parciais, os fundamentais e o absoluto, a rocha da castração. Além disso, a interlocução crítica de Freud com as tentativas de seus alunos em acelerar os tratamentos, tanto a de Sandor Ferenczi com a técnica ativa, quanto à de Otto Rank na teoria do trauma do nascimento. Miller qualificou esse texto de Freud como uma sinfonia do resto. Os restos das fixações libidinais e o fracasso da sua desativação, responsáveis pelo masoquismo primário e a reação terapêutica negativa. A relação do Eu com os restos, descrito como mecanismos de defesa. Por fim, a herança arcaica filogenética, a recapitulação no desenvolvimento do indivíduo de um resto da evolução humana, o assassinato do pai. Podemos afirmar que esse texto é a fonte do programa de pesquisa lacaniano, e a partir dele é possível pensar o problema do gozo feminino, o final de análise, tanto na vertente do atravessamento da fantasia como no da identificação ao sintoma. Encontramos também a inspiração do sinthoma lacaniano, em torno de um resto impossível de desativar.

Esse foi um texto que produziu efeitos epistêmicos na minha formação, tendo em vista que me debrucei sobre ele durante um longo período em que realizei um mestrado e um doutorado. É um texto fundamental para entendermos a relação entre o ensino de Lacan e a experiência fundamental de Freud.

Referências:

- ENDE, Michel. **Manu, a menina que sabia ouvir.** São Paulo: Editora Salamandra, 1984.
- MANN, Thomas. **Doutor Fausto.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet.** Porto Alegre: L&PM Editores, 1997 (Tradução de Millôr Fernandes).
- LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável.** Edição *Standard* das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII, 1996, p. 225-270.



Os vícios do amor em quatro clássicos da literatura

Natália Martínez, 26 de outubro de 2015 *



Mencionem um livro de amor, mas que seja recente, assim, o primeiro que venha a mente. Qual seria? Muitos pensaram em *Crepúsculo*, alguns outros em Diário de uma paixão, talvez A culpa é das estrelas, ou até Cinquenta tons de cinza. Algo mais? A mim, não me ocorre nada. É que a literatura comercial ultimamente tem se dedicado a ridícula missão de idealizar o amor em par ao mostrarnos histórias pouco verídicas e por demais perfeitas

O que não é certo? Pensemos em Nicholas Sparks, o Deus da novela romântica e pouco sensata do nosso tempo. Os relatos desse inesgotável escritor estadunidense já tem uma fórmula preestabelecida. Identificar uma delas é fácil, é preciso apenas encontrar os seguintes elementos na trama: um rio, lago ou mar, uma guerra, cartas (mesmo que ninguém as use hoje em dia), profundos valores cristãos, algum morto e uma separação que, na maioria das vezes, é inevitável. Os personagens em suas histórias são idílicos, os encontros são passionais e o amor que se vive entre eles é tão perfeito que de real não se goza nem uma quarta parte. Esta enfermidade do amor pouco verídico não é uma doença apenas do nosso amigo Sparks, mas de muitos outros escritores do best-seller atual.

Será por isso que não nos conformamos com ninguém nem nada, quando se trata de amor? O que esperamos? Um príncipe encantado que nunca chegará? O amor comercial que tanto se apresenta atualmente nos faz esquecer o que, na realidade, somos: seres imperfeitos com defeitos, seres cheios de vícios e dúvidas que não fazem nada além de amplificar-se no momento em que nos apaixonamos. Então... amores ideais? Nah! Não servem de nada. Melhor falarmos de livros que de fato nos ajudaram a entender o que é isso tudo que sentimos quando o cupido nos flecha.

Otelo, de Shakespeare



“O ciumento não o é por uma razão: é porque é. O ciúme é um monstro gerado e nascido de si mesmo”.

O amor sem ciúmes não leva as alturas. É o que deixa claro o mestre e senhor dos rompantes apaixonados: Shakespeare. Temos ouvido muitas vezes como termina o trágico amor entre Romeu e Julieta, ou a relação benéfica de Hamlet e Ofélia, mas quando se trata de desvendar um dos sentimentos mais recorrentes e doentios em uma relação, nenhuma obra literária é melhor do que Otelo.

Esta história de enganos, mentiras e inveja vai se desenrolando suavemente no contexto de uma guerra entre Chipre e Turquia. Embora o trabalho tenha como título o nome do general, Otelo, um excelente combatente negro: Iago, seu assistente, parece ser o verdadeiro protagonista da obra. A mente perversa deste sujeito veneziano, Iago, vai acabando com a sanidade desses personagens. Joga com eles como se fossem fantoches, e suas paixões e medos são os cordões que os fazem dançar no seu ritmo. Iago convence Otelo que sua preciosa esposa está lhe enganando. Este personagem que parecia sensato e racional o suficiente para ser o principal estrategista de guerra, sucumbe ao ciúme. Sua mente adoce e esse sentimento toma posse do mesmo completamente. Eu não vou dizer mais, deve ser lido! Ou visto.

Esta surpreendente obra teatral de 1604 nos ensina os limites que um homem corrompido pelo ciúme pode chegar; Ceder aos ciúmes faria o nosso destino muito semelhante ao de Otelo, e acreditem, ninguém quer isso.



A Dama das Camélias, de Alexandre Dumas Filho

“Juntamente com a vida ideal está a vida material, as decisões mais castas estão amarradas à terra por fios ridículos, mas de ferro, que não podem ser facilmente rompidos.”

Custa-nos admitir isso em voz alta, mas os níveis sociais determinam de quem podemos ou não nos apaixonar. Delimitam fronteiras que proíbem a alguns e permitem a outros. Vamos pensar, transpor estas fronteiras sociais aos nos apaixonarmos só acontece nas novelas. Na vida real, há muitos poucos casos. Assim, vale a pena recomendar um romance que enfrente esse tabu: o livro que serviu de ponte condutora entre a literatura universal do Romantismo ao Realismo: *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas filho.

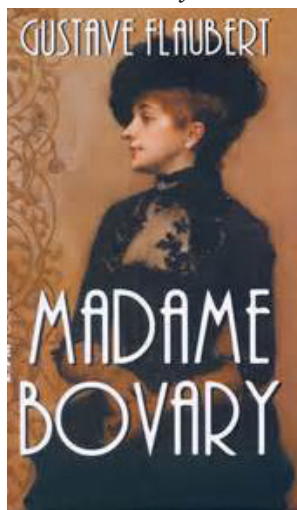
Acredita-se que Dumas teve um caso apaixonado com uma jovem cortesã parisiense. Sim, o filho de Alexandre Dumas, autor de *Os Três Mosqueteiros* e *O Conde de Monte Cristo*, um dos escritores mais significativos do romantismo francês, estava apaixonado por uma cortesã. Você pode imaginar o escândalo que provocou!

O trabalho é um espelho do romance apaixonado do autor. Conta a história de Marguerite Gautier e Armand Duval. Informa como era naquela época a prostituição através dos costumes e da vida cotidiana da protagonista. Encontramos também aqueles ciúmes enlouquecedores sobre os quais já mencionamos e a vingança por parte do protagonista e narrador.

Uma obra que nos deixa com uma questão sufocante: se os preconceitos sociais são o que determinam de quem podemos ou não enamorarmos, será o amor uma casualidade?

“O dever é sentir o que é grande, amar o que é belo, e não aceitar todas as convenções da sociedade com a ignomínia que ela nos impõe.”

Madame Bovary, de Flaubert



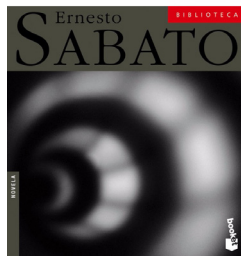
Emma, também conhecida como Madame Bovary, é um bom exemplo de quão ruim pode ser ler muitas comédias românticas. Quando essa assídua leitora de clichês se casa com Charles Bovary, percebe que o casamento não é tudo que contam. Emma se torna a esposa do rico Charles, e nada mais que isso. Dessas mulheres dignas de serem apresentadas à sociedade, mas que não são vistas como algo mais. Como se chama? Ah sim, a esposa troféu!

Mas sim, todos precisamos sair da monotonia entediante que devora o amor na relação de um casal a não ser que este se concentre em evitá-la a todo custo. O tédio é o maior destruidor de qualquer relacionamento, e é muitas vezes o que faz com que muitos abandonem a fidelidade. Qualquer pessoa que tenha sido capturado pelas garras afiadas da monotonia fará qualquer coisa para escapar, descobrir novas emoções e sentimentos que possam convencê-la de que goza de alguma liberdade.

Este livro é um dos principais pontos de referência para o realismo francês. É caracterizado por sua profunda crítica a sociedade burguesa do século XIX. O romance marca a maneira pela qual a esposa, confinada dentro das paredes de sua casa, busca desesperadamente sentir, pelo menos uma vez, tudo o que tinha lido nesses romances.

O túnel, de Ernesto Sabato

EL TÚNEL



“Penso agora até que ponto o amor cega e que mágico poder de transformação tem. A beleza do mundo!”

Por que *O Túnel* para falar de apaixonamento? A linha que separa o apaixonamento da obsessão é muito mais tênue do que cremos. Se nos distraímos um pouco a cruzamos em um abrir e fechar de olhos.

Esta novela psicológica do escritor argentino Ernesto Sabato foi publicada em 1948 e foi reconhecida como parte do existencialismo e elogiada por Albert Camus como a representante deste.

Desde a primeira linha da obra literária, o leitor sabe: Juan Pablo Castel, um pintor, que atua como narrador da história, matou María Iribarne. A novela se desenvolve como uma espécie de confissão na que o leitor é capaz de viver na mente do assassino, conhecê-lo a fundo e, até compreendê-lo. O protagonista, sozinho entre a multidão de Buenos Aires começa uma obsessão com uma jovem que por azar do destino prestou demasiada atenção a uma de suas pinturas em uma exposição. Ao ter a sensação de compreendê-lo o leitor se converte em cúmplice dos minuciosos atos de Juan Pablo. Há que ler para entender como esse ser extremamente racional passou a cometer um crime passionnal!

Apaixonamento ou obsessão? Existe alguma diferença entre ambos?

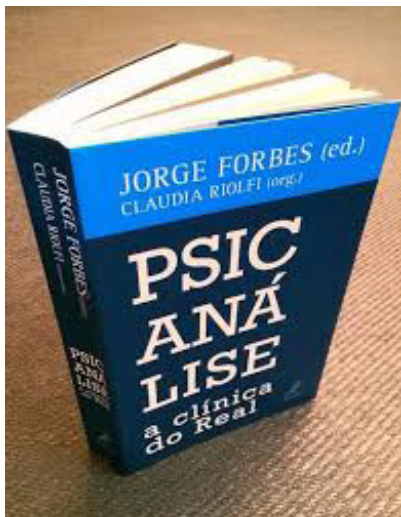
Há muitos, muitíssimos livros a mais para recomendar. O amor é o tema mais recorrente quando se trata de desvelar a alma. É provavelmente a mais sublime e tormentosa de nossas preocupações, essa que nos rouba o sonho das noites e que durante o dia nos faz andar meio adormecidos. É confuso. Inexplicável. Vai além do que nos é apresentado hoje, a partir de simples explicações que são oferecidos para tentar compreender. E há muito por trás de cada caso de amor, é por isso que vale a pena agradecer aos bons autores que têm se preocupado em mostrar-nos o que realmente acontece quando nos apaixonamos. Os sintomas, sentimentos que vêm junto a ele... todos esses de que devemos cuidar.

Então, graças aos bons escritores podemos retirar a venda que nos puseram, essas que desde pequeno nos enganaram, alterando os contos dos Irmãos Grimm. Essa fita que geralmente termina com “E eles viveram felizes para sempre”.

* Matéria reproduzida do site: <http://culturacolectiva.com/los-vicios-del-amor-en-4-clasicos-de-la-literatura/>

Tradução:

Daniela Araújo, Julia Solano,
Luiz Felipe Monteiro, Rogério Barros



Surfando

Finalistas do Jabuti 2015 na categoria Psicologia,

Psicanálise e Comportamento.

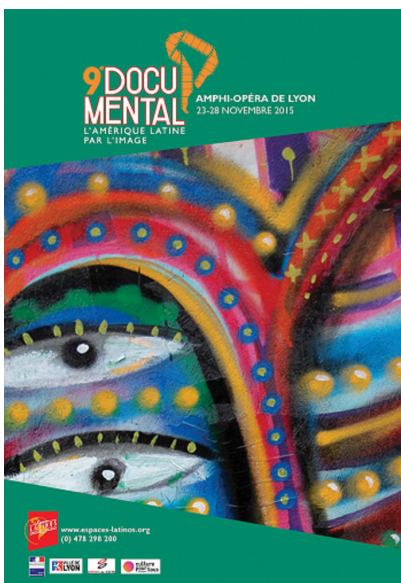
Não é todo ano que temos dois finalistas entre os

membros da EBP!!

Primo Levi: a Escrita do Trauma –
Autor: Lucíola Freitas de Macêdo –
Editora: Subversos

Psicanálise – a Clínica do Real – Autor:
Jorge Forbes (editor), Claudia Riolfi
(org.) – Editora: Editora Manole
(anexo la imagen del segundo libro que
faltaba)

[http://premiojabuti.com.br/
resultados-2015/psicologiae-
psicanalise-2/](http://premiojabuti.com.br/resultados-2015/psicologiae-psicanalise-2/)



As minas do rap em Lyon

[http://www.autresbresils.
net/As-Minas-do-Rap-au-
DOCUMENTAL-Lyon?id_
evenement=52](http://www.autresbresils.net/As-Minas-do-Rap-au-DOCUMENTAL-Lyon?id_eventement=52)



Mario de Andrade

Conheça bons espaços de leitura infantil e como Mário de Andrade os tornou realidade — Histórias que mudam o mundo — Medium

[https://medium.com/
itau/conhe%C3%A7a-a-
import%C3%A2ncia-de-
m%C3%A1rio-de-andrade-para-as-
bibliotecas-infantis-e-conhe%C3%A7a-
outros-esp%C3%A7os-de-
f7c674592749](https://medium.com/itau/conhe%C3%A7a-a-import%C3%A2ncia-de-m%C3%A1rio-de-andrade-para-as-bibliotecas-infantis-e-conhe%C3%A7a-outros-esp%C3%A7os-de-f7c674592749)

Revista BOOKS Dossiê Surpreendentes diários íntimos

[http://www.books.fr/
magazines/numero-45/](http://www.books.fr/magazines/numero-45/)



Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

<http://www.bbm.usp.br/>

Biblioteca Brasiliana Guita e José **Mindlin**

Nota de rodapé:

Luiz Felipe Monteiro [Associado IPB]

Ela se apresenta no texto de forma discreta e sorradeira e nos remete aos alicerces bibliográficos utilizados por um autor no exercício de seu raciocínio escrito. A nota de rodapé é para o leitor uma plataforma de vôo para outras leituras, leituras cruzadas, leituras ressoantes.

Deste esta perspectiva, a nota de rodapé é um bom nome para esta seção do Bibliô cuja proposta é apresentar uma citação bibliográfica sobre algum tema em psicanálise onde o autor utiliza-se de referências de outros discursos.

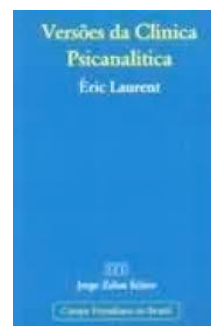
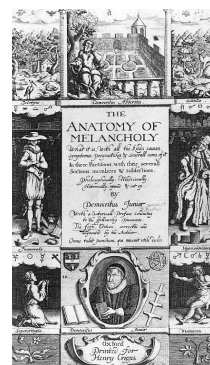
Aqui apresentamos um trecho do capítulo “Melancolia, dor de existir, covardia moral” do livro Versões da Clínica Psicanalítica de Éric Laurent. Nesse texto onde o autor delineia um percurso preciso das observações de Lacan sobre o tema da Melancolia, Laurent vai se servir de Jorge Luis Borges e sua Biblioteca de Babel, além da obra clássica de Richard Burton A Anatomia da Melancolia. A referência ao escritor argentino além de ilustrar um ponto central na clínica da melancolia é uma citação simpática a como o psicanalista pode se servir da referência à ideia de biblioteca.

“O que separa a depressão da melancolia e rompe seu *continuum* é que, na melancolia, trata-se do objeto *a* fora de qualquer pontuação fálica. Um gozo imperativo retorna no lugar onde falta o gozo fálico, quando o sujeito esbarra na impossibilidade inscrita na inexistência da relação sexual.

Cabe –nos distinguir, a partir de *Televisão*, a clínica da covardia moral e a do rechaço do inconsciente. Trata-se, no primeiro caso, de um sujeito definido a partir da estrutura da linguagem, cuja chave é o desejo. No segundo caso, o rechaço do inconsciente remete-nos a um outro registro, aquele em que o gozo mortífero ata-se ao nascimento do símbolo. Foi nessa zona que, em 1953, Lacan assim apontou: “Quando queremos atingir no sujeito aquilo que havia antes dos jogos seriais da fala, aquilo que é primordial no nascimento dos símbolos, isso, nós o encontramos na morte”¹. Aqui, o indicado é uma clínica que não se esgote em acompanhar o estabelecimento do “discurso deprimido”. Podemos incluir nela não apenas os fenômenos depressivos isolados do adulto, que escapam a qualquer retomada da história do sujeito e de seus sintomas, mas também os grandes momentos depressivos da criança. Trata-se, aí, de interrogar o sujeito, não pelo lado do inconsciente, como discurso do Outro, mas pelo lado do silêncio das pulsões de morte. No novo gozo que irrompe nesse sujeito, encontramos indicações sobre o que poderemos esperar em tais ou quais momentos da vida, nos encontros ruins que possam ter lugar, inclusive no curso da psicanálise. Nossa hipótese é que esses momentos de rechaço do inconsciente têm tanto valor indicativo quanto este ou aquele “fenômeno elementar”, isolado por Lacan, por exemplo, depois de Freud, no caso do Homem dos Lobos.

Nesses momentos, o sujeito é confrontado, não com o Outro do significante, mas com o lugar da letra, com a terrível biblioteca universal da qual o sujeito está excluído como vivente. Desse sentimento, Jorge Luis Borges, muito interessado no budismo, soube fazer um conto. Sua famosa “Biblioteca de Babel”, com efeito, é explicitamente colocada sob os auspícios do grane melancólico Burton e de sua *Anatomia da melancolia*³. O ponto a que ele nos remete é o de um exercício recomendado por Burton para distrair o melancólico: iniciá-lo na variação das vinte e três letras. O bibliotecário de Borges, que se “prepara para morrer”, constata: “A escrita metódica me distrai, felizmente, da atual condição dos homens. A certeza de que tudo está escrito anula-os ou faz deles fantasmas”². Desse momento de destituição subjetiva imposto pela prática da letra, o sujeito borgesiano extrai sua certeza melancólica. *Letter, litter*, o aforismo joyceano soube ser levado em conta por Borges, e encontrou a imagem que o consuma no momento em que o corpo do bibliotecário cai no universo dos livros da biblioteca, até se apagar, *sicut palea*. Essa certeza é o avesso do que Lacan pretendia obter dessa outra prática da letra que é a psicanálise. Ele não colocava nada menos que o entusiasmo como o afeto exigível por ocasião de seu fim”.

LAURENT, Éric. Melancolia, dor de existir, covardia moral. In: Versões da Clínica Psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.



As notas de rodapé de Laurent em seu texto:

¹ LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil. 1966, p. 320. [LACAN, Jaques. *Escritos*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1998].

² BORGES, J. L. *Ficciones*. Paris: Gallimard. 1951, p. 106. [BORGES, Jorge Luis. *A Biblioteca de Babel*. In: *Ficções*. São Paulo: Globo, 2001].

³ Apesar do texto original não registrar a citação bibliográfica ao livro de Burton, segue a referência: BURTON, Richard. *Anatomia da melancolia* (v. I). Curitiba: Editora UFPR, 2001.

} Expediente

BIBLIÓ 27



Editora responsável desse número: **Monica Hage** [AMP/EBP - Bahia]

Comissão editorial:

Carla Fernandes [Associada IPB]

Daniela Araújo [Associada IPB]

Júlia Solano [Associada IPB]

Luiz Felipe Monteiro [Associado IPB]

Rogério Barros [Associado IPB]

Design gráfico:

Celeste Hampton

Foto de capa:

Maria Spektor

Diretora de biblioteca: **Marcela Antelo**

Diretores de Biblioteca das Seções

Lêda Silva Guimarães [Intercâmbio nacional, EBP - Rio de Janeiro]

Teresinha Natal Meirelles do Prado [Catálogo, EBP - São Paulo]

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina [Intercâmbio internacional, EBP - Minas Gerais]

Mônica Hage [Site, EBP - Bahia]

Anamaria Vasconcelos [Site, EBP - Pernambuco]

Oscar Reymundo [As Bibliotecas na cidade, EBP - Santa Catarina]



ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br

 **Escola Brasileira
de Psicanálise**



X Congresso da AMP
O CORPO FALANTE

Sobre o Inconsciente no século XXI

25 a 28 de Abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro



Nº28

EB Escola Brasileira
de Psicanálise

Fevereiro/ Março 2016

BIBLIO 



EDITORIAL

Este número de Bibliô traz uma questão que nos é bastante cara, através da pergunta: “O que é um livro?”. Considerando que Lacan, no final de seu ensino, dizia que um analista é um leitor, leitor muito particular, que corta ao ler, e sem o qual, não haveria mais psicanálise, do modo como a concebemos hoje, esta pergunta mostra a sua pertinência. Para que uma leitura se dê, é necessário algo que se dê a ler...

Buscamos selecionar pontos coincidentes entre esses dois campos, entre o que se escreve e o que se lê, e levantar alguns aspectos ligados à pergunta mencionada, no intuito de trazer alguns elementos que nos permitam considerar algo da especificidade da escrita em psicanálise.

Esperamos que a leitura seja agradável!

Teresinha N. Meirelles do Prado

[EBP/AMP]

Diretora de biblioteca (2015 - 2017) – Seção SP

Surfando

Um livro só existe porque leitores há



*Enquanto houver leitores,
os livros continuarão a existir.*

Foto obtida no site: <http://talewhisper.deviantart.com/art/Reading-166942527>

Mesmo que sua forma de apresentação se modifique, mesmo que o objeto de papel seja um dia substituído por máquinas-livros, capazes de transmitir texturas, além dos sons, que um *talking book* já é capaz de reproduzir hoje.

Questão candente, muitos escritores se debruçaram sobre ela. Um exemplo é Maurice Blanchot, um escritor que também produziu textos críticos nos quais sua própria escrita é por ele aproximada à de autores com os quais mantém alguma identificação de trabalho, tornando-os objeto de questionamentos. Blanchot marca uma diferença entre o grau de exigências para um ouvinte de músicas, um contemplador de quadros e um leitor. Segundo ele, a obra plástica e a musical parecem prescindir daquele que a contempla: “A estátua que se desenterra e que se apresenta à admiração, nada espera, nada recebe, parece, antes, arrancada ao seu lugar”¹. O livro, por sua vez, parece por princípio incompleto, necessita um leitor para realizar-se como tal. “O que é um livro que não se lê? Algo que ainda não está escrito. Ler seria, pois, não escrever de novo o livro, mas fazer com que o livro se escreva,

ou *seja* escrito – desta vez sem a intermediação do escritor, sem ninguém que o escreva”².

Talvez Blanchot se refira desta forma à necessidade, no caso da apreensão do que o texto fornece, de uma intermediação. O enredo, por exemplo, é algo que se desprende do conjunto de letras dispostas sobre o papel sob uma certa organização. A leitura não é o texto, nem o autor, nem o leitor; é algo que se dá no intervalo que confronta esses três elementos.

A leitura confere ao livro a existência abrupta que a estátua “parece” reter do cinzel: esse isolamento que a furta aos olhos que a veem, essa distância altaneira, essa sabedoria órfã, que dispensa tanto o escultor quanto o olhar que gostaria de voltar a esculpi-la. O livro tem, de certo modo, necessidade do leitor para tornar-se estátua, necessidade do leitor para afirmar-se coisa sem autor, e também sem leitor.³

Blanchot destaca que a leitura é o que “faz com que a obra se torne obra”, não por uma suposta atividade, mas por “deixar ser” (a obra) o que ela é.

Jorge Luis Borges também propõe o leitor como aquele que dá existência ao texto, como na referência que faz a Berkeley: o sabor da maçã não está nem no fruto nem na boca que a come, mas no contato de ambos. Esse encontro, embora esteja submetido às contingências, esta não diz de suas determinações: “Pois o que é um livro em si mesmo? Um livro é um objeto físico num mundo de objetos físicos. É um conjunto de símbolos mortos. E então aparece o leitor certo, e as palavras – ou antes, a poesia por trás das palavras, pois as próprias palavras são meros símbolos – saltam para a vida, e temos uma ressurreição da palavra”⁴.

Não foram só os escritores e semiólogos que se ocuparam dessa questão da leitura. Ao se perguntar o que se lê, necessariamente se colocam uma série de perguntas acerca do que se escreve. Lacan, em diversos momentos se refere ao escrito. Particularmente no *Seminário 18*, ao discutir o que seria a possibilidade de um discurso que não fosse semblante, refere-se ao escrito como produção em relação com a verdade, e à escrita como marca, inscrição de gozo, sob diversos aspectos. Além de ressaltar o fato de que o escrito é secundário à linguagem, o que marca um distanciamento claro em uma discussão já antiga com Derrida e Laplanche, para os quais, de certo modo, a escrita era primária em relação à linguagem; no caso de Derrida apoiando-se no bloco mágico freudiano, e no caso de Laplanche tomando como referência a teoria freudiana do apoio, que levaria à subordinação do psíquico ao biológico, Lacan destaca que “questionar a *dimensão* [termo de sua forja, aproximando dimensão e morada] da verdade na sua morada, é algo que só se faz por meio do escrito”⁵. Algo da fala se destaca aí, portanto, como algo que se escreve por meio do dizer. Uma escrita que não remete a um significado e, tal como o uso das letras pela lógica matemática, Lacan destaca que essa letra, que ele designa pelo ‘a’, se escreve como algo que se destaca do corpo a partir da operação da linguagem, outra forma de falar de acontecimento de corpo, o que no *Seminário 20* Lacan chama de “efeito do discurso”: “Se há alguma coisa que possa nos introduzir à dimensão da escrita como tal, é nos apercebermos de que o significado não tem nada a ver com os ouvidos, mas somente com a leitura, da leitura do que se ouve do significante. O significado não é aquilo que se ouve. O que se ouve é significante. O significado é efeito do significante. Distingue-se aí algo que não passa de efeito do discurso [...]”⁶. Vê-se aqui uma coincidência com o que Blanchot refere acerca do texto literário, embora ele esteja falando de outro objeto.

Vale ainda destacar o que Lacan afirma, no *Seminário 25, O momento de concluir*, especialmente nas sessões de 20 de dezembro de 1977 e 10 de janeiro de 1978, acerca da escrita e do lugar no analista como leitor.

“Dizer é diferente de falar. O analisante fala. Ele faz poesia. Ele faz poesia quando consegue – é pouco frequente – mas é arte [*il est art*]. Eu corto porque não quero dizer ‘é tarde’ [*il est tard*]. O analista corta. O que ele diz é corte, quer dizer, participa da escrita, com a ressalva de que para ele, ele só produz equívocidade na ortografia. Ele escreve diferentemente, de modo que, por meio da ortografia, de uma forma diferente de escrever, ele soa algo diferente do que é dito, que é dito com a intenção de dizer, isto é, conscientemente, na medida em que a consciência está bem longe. É por isso que eu digo que, nem no que diz o analisante, nem no que diz o analista, há outra coisa além de escrita. Essa consciência não vai longe, não se sabe o que se diz quando se fala. É por isso que o analisante diz mais do que quer dizer. O analista corta ao ler o que está no que ele quer dizer, se é que o analista sabe, ele próprio, o que quer”⁷.

Nesse *Seminário*, Lacan designa o inconsciente como “a face real disto em que estamos emaranhados [sinthoma]”. (Lacan, 10/01/78) e vai destacar que a escrita produz uma força pela qual algo do real se escreve. A escrita seria então um artifício que consiste em tornar legível (como o é o saber) essa marca. A leitura que o analista opera se dá pelo corte na fala do analisante, no dizer que a ultrapassa: “O Simbólico é a linguagem; aprendemos a falar e isso deixa marcas, e por deixar marcas, deixa consequências que nada mais são do que o sinthoma. E a análise consiste [...] em se dar conta do motivo pelo qual temos esses *sinthomas*, de modo que a análise está ligada ao saber”. [Idem] E considerando que só há sujeito suposto, o psicanalista é por ele designado como um ‘sujeito suposto saber ler de outro modo’.

Daí a proximidade entre as operações de leitura e escrita (tomadas na sua literalidade) e aquelas que designam, a partir de Lacan, o inconsciente, o sintoma e o lugar do analista para cada *falasser* e em cada análise. No mínimo vale por seu caráter alusivo. Ainda para repisar esse tom de alusão, vale destacar a etimologia da palavra: do latim *scribere*, significa “traçar caracteres”, que por sua vez remete a uma raiz indo-europeia **kerf^h sker*, que detém a ideia de “cortar”, “incisar”, “rasgar”, “escarificar”⁸. Vemos que na etimologia a palavra “escrita” está ainda mais próxima da psicanálise e do corpo falante.

Teresinha N. Meirelles do Prado

1 Blanchot, M. O espaço literário. RJ: Rocco, 1987, p. 192

2 Idem, ibidem, p. 193

3 Idem, ibidem

4 Borges, J. L. Esse ofício do verso. RJ: Cia das Letras, 2000, p. 12

5 Lacan, J. Seminário 18, aula de 17/02/71

6 Lacan, J. (1985). O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, p. 47

7 Lacan, J. [20/12/77]. Seminário 25: O momento de concluir. (Inédito)

8 R. Grandsaignes d’Hauterive, Dictionnaire des racines des langues indoeuropéennes, Paris : Larousse, 1949 apud Calvet, Louis-Jean. Histoire de l’écriture. Paris : Hachette, 2007, p. 25

psicanalista como leitor de lacan *



Por um novo leitor

Lacan publicou em vida apenas um único livro de sua autoria. Foi só em 1966 que publicou seus *Escritos*, um catatau com cerca de 900 páginas. Trata-se ali do compêndio de diversos textos ao longo de sua trajetória até então. Todos eles publicados de forma esparsa e, finalmente, editados segundo uma lógica não cronológica e linear.

É de se notar que o título – *Escritos* – tem um caráter eminentemente tautológico. Assim como foram também “Radiofonia” (uma emissão numa rádio belga), “Televisão” (um programa numa TV francesa), os *Seminários* (dados durante 25 anos ininterruptamente). Como não pensar, nessa coincidência de procedimentos semelhantes ao longo de sua obra, em um ato deliberado

que visa a afastar seu leitor / espectador da falácia do conteúdo como resposta apaziguadora, tal como ele mesmo aponta na frase de “O aturdido”: “Que se diga fica escondido por trás do que se diz no que se ouve”?¹

Com relação à obra de Lacan, podemos abordá-la a partir de três distintos aspectos especialmente. O primeiro aspecto é seu caráter criptográfico. Trata-se da leitura de uma escrita criptografada: servimo-nos de uma chave de leitura que se utiliza para cifrar e decifrar um texto orientado, aparentemente ininteligível, incompreensível para quem não se autorize por si mesmo a enfrentá-lo.

A criptografia é um termo que vem do grego e faz a junção de *kryptós* + *graphein*. “Kryptós” quer dizer *escondido*. “Graphein”, por sua vez, quer dizer *escrita*. A criptografia seria então essa escrita destinada àqueles que detêm uma chave de leitura, uma espécie de código secreto em que somente o destinatário tem acesso à mensagem.

Já desde o *Seminário*, livro 2 (1954-55), Lacan faz uma articulação entre psicanálise e cibernética. E a criptografia moderna é formada pelo estudo de algoritmos criptográficos que são implementados em computadores e nas inovações da internet. Poderíamos com isso arriscar que uma possível (dentre as muitas possíveis) chave secreta de Lacan foi aquilo que mais para a frente, grosso modo, ele chamou de “desejo do analista”?

O segundo aspecto que podemos abordar e acompanhar nos desdobramentos desta obra, é encarando-a como um imenso *puzzle*. Ao longo de seu ensino Lacan foi escrevendo textos, prefácios, montando relatórios, ditando seus seminários, fazendo conferências, enfim, compondo um gigantesco

quebra-cabeça em que temos, como leitores, a incumbência de conectar inúmeras peças soltas.

Um “puzzle”, além de significar em inglês “quebra-cabeça”, também quer dizer uma questão que apresenta dificuldades, ou seja, um *puzzle* também pode significar um *enigma*. Um enigma a ser decifrado certamente por alguns poucos ou apenas que foi ou será citado por tantos outros.

O terceiro e decisivo aspecto – e que mereceria aqui maiores considerações – é ler Lacan tratando-o como um *hipertexto*. O leitor tem com isso a liberdade de escolher múltiplos caminhos. A partir de associações possíveis que cada texto, ou cada título de um *Seminário*, mas também cada significante, cada conceito ou cada autor mencionado por ele nos remete a uma leitura própria e particular de seu legado.

Se pegarmos um elemento qualquer em relação ao qual somos fisgados por uma palavra de Lacan, um neologismo, por exemplo, facilmente hoje temos condições de fazer um mergulho numa outra dimensão e alcance de sua obra, principalmente com o advento das novas tecnologias digitais.

O verdadeiro caminho

Nos primeiros anos da década de 1920, em sua *Antologia de páginas íntimas* Kafka enumerou em suas meditações mais de uma centena de aforismos sobre o pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho. No final, ele coloca misteriosamente um asterisco e deixa a seguinte nota:

“Não é necessário saíres da tua casa. Continua sentado à mesa, ouve. Não ouças sequer, espera simplesmente. Não esperes,

sequer, sê absolutamente solitário, absolutamente silencioso. Então o mundo irá oferecer-se a ti para se fazer desmascarar, não pode agir de outro modo; sob o teu encanto, desenrolará os seus anéis a teus pés”.

Tal prenúncio pode nos ajudar também a pensar sobre a figura do leitor, de um modo geral, num universo saturado de tantos livros. Tudo parece já ter sido escrito e guardado em inúmeros volumes que se amontoam nas prateleiras. Mas como os livros foram parar ali nesta virtual biblioteca? Não importa o tamanho das estantes, o certo é que há hoje uma tensão jamais existente entre livro e leitor, abalada mais do que nunca pela tecnologia digital.

Qualquer livro que seguramos nas mãos não deixa de ser também um sólido de três dimensões que podemos apreciar em diferentes posições, lugares e perspectivas, como se estivéssemos diante de uma verdade que requer ser tomada por diversos lados.

Sempre há algo de inquietante quando se observa alguém que lê um livro. Um sujeito ali isolado do mundo, concentrado, entretido em sua leitura, separado dos outros em volta na sua vida cotidiana, quase promovendo ali um desajuste social no ambiente.

Porém, atualmente, os tempos são outros. Diante das inovações tecnológicas esse leitor que carrega sempre algum aparelho nas mãos – seja ele um *smartphone*, um *tablet* ou um *kindle* – pode andar por aí sem se preocupar se é um desajustado por ficar lendo a tela destes novos *gadgets* pelos quais somos bombardeados hoje, quase todos os dias. Ele pode caminhar agora e levar consigo sua infinita biblioteca de babel no bolso ou na mochila.



Mas como disse Kafka, não é nem mais necessário sair de casa, solitariamente estamos conectados com o mundo. As prateleiras das casas estão cada vez mais vazias, a memória do computador suporta hoje milhares de downloads, e mesmo que quiséssemos, não conseguiríamos ler o que temos à nossa disposição.

No entanto, o leitor do século XXI é aquele que consegue estabelecer as conexões fundamentais. Para tanto, afinal, o que é preciso ler? O que aconteceu com as enciclopédias? Onde elas foram parar? Mas, antes da pergunta derradeira: ‘o que é um livro?’, cabe-nos, como psicanalistas, outra pergunta: como ler hoje Lacan?

Do mimeógrafo aos gadgets



A primeira geração de psicanalistas que se formaram depois da morte de Lacan, mas principalmente aquela do final do século XX, fora da

França, entrou em contato com sua obra de um modo muito peculiar. Os primeiros Seminários até então publicados (11, 7, 1, 3 e 20) eram escassos e foram aparecendo aos poucos; os outros, muitas vezes eram versões piratas e não autorizadas.

A obra de Lacan, rarefeita na época, apresentava para aqueles leitores em particular imensos buracos negros teóricos que forjaram leituras, inclusive, muito criativas, para não dizer também difamatórias, ou quem sabe, ingênuas, mas que com o passar dos anos e de outros escritos e seminários estabelecidos foram se encaixando como em um quebra-cabeça...

A psicanálise como prática não é apenas uma questão de escuta, ela é também uma questão de leitura. No campo da linguagem a psicanálise toma seu ponto de partida na fala, mas ela se refere, no final das contas, a uma escritura. Porém, há uma distância entre falar e escrever. E é nesta distância que Lacan operou sua clínica e seu ensino.

Enfim, a psicanálise explora esta estranha solidariedade entre a forma que se lê e a forma que se escuta. Afinal, a leitura do sintoma é a posição de partida de um psicanalista. E ser lacaniano, mais ainda, significa sucintamente ler Lacan com rigor e desejo.

*Rodrigo Camargo**

* Analista praticante, professor convidado e membro da Seção Clínica da CLIPP-SP.

¹ Lacan, J. (2003). “O aturdido”. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: JZE, p. 448

Além da Biblioteca



Exposição Além da Biblioteca [SP-Arte/2012; foto: Leonardo Finotti]

*“Um livro é um cubo de papel,
uma coisa entre outras”*

Jorge Luis Borges

Quando recebi o e-mail da Teresinha Prado, Diretora de Biblioteca da EBP-SP, nos convocando ao trabalho para o Bibliô, imediatamente lembrei-me do catálogo de uma exposição realizada no Museu Lasar Segall em São Paulo (2011), cujo título é: *Além da biblioteca*. Esta seleção de artistas e suas obras que confluiu na exposição e no catálogo, que funcionam como uma introdução ao universo do livro de artista.

Com curadoria de Ana Luiza Fonseca, o livro reúne obras de 11 artistas contemporâneos, entre eles Ana Luiza Dias Batista, com o intuito de lançar um olhar sobre obras de arte que são livros – *O livro de artista*. Segundo Jorge Schwartz: “A experiência representa a oportunidade de o artista se converter em autor de um “livro”, fugindo à tirania da paginação sucessiva, ou da escrita linear imposta pela cultura do ocidente, para se projetar no universo que oscila entre a letra, a página, o livro e a escultura tradicional de livro.”¹

Falar da história do livro implica uma construção e, portanto, o reconhecimento de que a invenção do livro é uma das mais radicais produções inovadoras realizadas por vários povos com a intenção de gravar e passar conhecimento de geração em geração.

Na Antiguidade, temos conhecimento de que a primeira forma encontrada para gravar o dia-a-dia, a história, foi escrevendo em pedra ou tábuas de argila. Após algum tempo, surgiram os *khartés*, que eram cilindros de folhas de papiro, mais fáceis de transportar. A inovação seguinte foi o pergaminho, que em pouco tempo substituiu o papiro.

Oportuno lembrar o Livro-obra, de Lygia Clark, e seu ato de criação em *Caminhando*, de 1963, onde ela faz do ato de cortar a fita o próprio trabalho artístico. Tania Rivera comenta que o corte da fita proposto por Lygia Clark difere do corte da banda de Moebius proposto por Lacan. Lacan, no *Seminário 10*, fazia os ouvintes de seu Seminário sentirem ativamente essa figura topológica e ressaltava a importância do corte da fita de ponta a ponta... Para Lacan, a fita de Moebius não seria mais do que esse corte, ato que faz nela surgir a diferenciação entre dentro e fora.”² “Pegando esta faixa e, depois de abri-la, religando-a a ela mesma, fazendo-a dar meia-volta durante esse percurso, vocês obterão com muita facilidade uma banda de Moebius.”³



Lygia Clark e a fita branca de “O dentro é o fora”

Tania Rivera é clara ao mostrar que para Lygia Clark, antes da fita ser a obra, a fita é apenas uma fita branca, e ela se constrói como obra de arte por meio de um corte. A trajetória do corte acompanha a continuidade dentro-fora dessa figura topológica até encontrar o limite físico de sua largura. “Em seu diálogo com minha obra, *O dentro é o fora*, o sujeito atuante reencontra sua própria precariedade.”⁴

Para baixar o Livro-obra de Lygia Clark, o app:
<http://itunes.apple.com/us/app/livro-obra/id560831084...>

Em minha pesquisa, deparei-me com outra exposição, também no Museu Lasar Segall:

“Não faça nada sem alegria”: a biblioteca indisciplinada de Guita e José Mindlin

(Museu Lasar Segall, de 3 de outubro a 5 de dezembro de 1999, São Paulo).



O bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita Mindlin são conhecidos por possuírem uma das maiores bibliotecas particulares do Brasil, “Brasíliana”⁵, com cerca de 40 mil volumes de obras de literatura, relatos de viajantes, manuscritos históricos e literários, periódicos, livros científicos e didáticos, iconografia e livros de artistas.

Para a exposição foram selecionados 113 significativos exemplares que puderam ser vistos pelo público na exposição e “Entre as preciosidades da mostra, a *Crônica de Nuremberg* (1493) e a impressão única do *Poema em Louvor de Santa Cruz*, de um monge beneditino do século IX, que, segundo Mindlin, “pode ser considerado um precursor da poesia concreta.”⁶

Destaco duas perguntas feitas a Mindlin por ocasião da Exposição pela revista *Isto é Gente*:

Por que sua biblioteca é “indisciplinada”? Responde ele: “Porque ela não tem um direcionamento certo. Há muitas vertentes: arte, literatura, história, crítica, o livro como objeto de arte...”

O que se deve fazer para que a biblioteca não se torne um depósito de livros? “A biblioteca deve ser viva e atualizada. Primeiro você precisa conhecer os temas. Aí você tem que ter os clássicos e o que vem sendo publicado nos últimos anos.”

A “Brasíliana” foi doada para a USP pelo casal José e Guita Mindlin.

A Biblioteca Brasíliana Guita e José Mindlin na USP

“A Biblioteca Brasíliana Guita e José Mindlin é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP). Foi criada em janeiro de 2005 para abrigar e integrar a coleção Brasíliana reunida ao longo de mais de oitenta anos pelo bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita. São 32,2 mil títulos que correspondem a 60 mil volumes, aproximadamente.” Com o seu expressivo conjunto de livros e manuscritos, é considerada a mais importante coleção do gênero formada por particulares.⁷

*Perpétua Medrado Gonçalves **

* Aderente EBP Seção São Paulo e Associada da CLIPP

¹ SCHWARTZ, Jorge. Além da biblioteca/ Organização de Jorge Schwartz [Textos de Ana Luíza Fonseca e Jorge Schwartz]. São Paulo: Museu Lasar Segall: IBRAM-Min C: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011

² Lacan, J. O Seminário: livro 10: a angústia Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 109

³ RIVERA, Tania. O avesso do imaginário: Arte contemporânea e psicanálise. São Paulo, Cosac Naify, 2014, p. 33

⁴ Idem, *ibidem*

⁵ Hoje pertencente ao patrimônio da Universidade de São Paulo, mediante doação

⁶ Fonte: Revista Isto É Gente de 06 de outubro de 1999

⁷ Fonte: A Biblioteca Mindlin na USP



Os livros de história desconhecem essa deriva.



* Esta passagem é um excerto do capítulo "Implicação mútua". In: Ana Luíza Dias Batista. *Língua Morta*. Tese de doutorado. São Paulo, Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-20102014-101155/pt-br.php>

História é um objeto decorativo de porcelana branca comprado pronto. Ele tem a forma de um livro aberto, de pé, ligeiramente inclinado para trás, como se apoiado num cavalete. A frente tem curvas e ondulações, simulando em porcelana o caimento leve do papel. Ela costuma ser decorada com ornamentos e mensagens (poemas, aforismos, salmos, congratulações) pintados ou decalcados.

Em *História*, foi aplicado um decalque para porcelana comprado pronto. A aplicação não respeitou os limites das duas páginas do livro; o decalque foi posicionado a meio caminho entre elas, moldando-se à dobra central. Ele é circular e se dissipa nas extremidades irregularmente, resultando um contorno impreciso, que ressalta o tratamento expressivo da figura. A figura é uma caravela navegando, nuvens no céu, mar agitado. Velas infladas, a caravela parece deslocar-se em velocidade da esquerda para a direita, de perfil.

Moldando-se às ondulações na face do objeto de porcelana, face que simula as páginas de um livro aberto e talvez reverbere a superfície de um mar agitado, o decalque redondo, cujos contornos reiteram o tratamento pictórico da figura que delimitam, parece deslocar-se da esquerda para a direita em velocidade, sofrendo os efeitos de um fenômeno da natureza implicado na cena que reproduz.

Ana Luíza Dias Batista
[Artista plástica e doutora em artes]

BMA - A BIBLIOTECA PULSANTE *

Quem é apaixonado por livro diz que ele nunca deixará de existir. Se ele não vai deixar de existir, no que se tornará? Este é um questionamento no mundo globalizado, no mundo informatizado, de excesso de informações, de vida corrida, de pouca paciência para ler, de informações relâmpagos, que nem sempre requerem aprofundamento.



O desafio dos livros e das bibliotecas, que são sua casa há muito tempo, é se manter vivo e pulsante. Descobrimos que a cidade de São Paulo se mantém pulsante, e com ela a BMA (Biblioteca Mário de Andrade).

Fizemos¹ um passeio pela Biblioteca Mário de Andrade, e como não

poderia deixar de ser, revisitamos o passado e a história de São Paulo, das pessoas e das personalidades que fizeram e fazem a cidade viva. Para mim, não sem antes me encontrar com minha própria história de usuária da biblioteca. Vivi ali momentos de nostalgia, resignificando momentos e sentimentos. Meu corpo esteve e estava ali!

Este é o objetivo da Biblioteca Mário de Andrade, colocar seu corpo em movimento e propiciar que o que há de pulsante em cada um, ali também encontre seu lugar, um lugar.

Segundo a Supervisora de Atendimento, Kátia Santos, uma excelente e atenciosa funcionária, apaixonada pela BMA, que rompeu naquele momento a barreira da burocracia e nos dedicou um tempo sem agendamento prévio, e ainda nos proporcionou um encontro com muitos encantos em cada canto: “a proposta da biblioteca é manter o pensamento de Mário de Andrade presente o tempo todo, já que ele pensava além do seu tempo; e a biblioteca pode ser pensada também como “uma história que precisa se mover”.

Diante da arquitetura do prédio em que corriam nossos olhos e de cada uma das coisas que eram ditas e contadas por Kátia, nossos ouvidos se aguçavam e a curiosidade de saber mais crescia. A cada pedaço da história da BMA contado por Katia, nosso olhar se descortinava e um novo elemento se somava ou se mesclava com a história de um espaço vivo e pulsante.

Na entrada, somos recebidas pela imponente e belíssima escultura A LEITURA, de Caetano Fraccaroli (1911-1987), que foi professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP.



A Biblioteca Mário de Andrade (BMA) é a segunda maior do país. Logo, uma das mais importantes e a maior biblioteca pública da cidade de São Paulo. A primeira é a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Fundada em 1925 como Biblioteca Municipal de São Paulo e inaugurada em 1926, na Rua 7 de Abril. Num primeiro momento funcionava no prédio da Câmara Municipal de São Paulo, mas em 1937 incorporou a Biblioteca Pública do Estado. Foi em 1942 que se instalou no novo edifício, que foi considerado um marco da arquitetura *Moderna* em São Paulo, após ter sido projetado pelo arquiteto francês Jacques Pilon em parceria com o arquiteto Rubens Borba.

É considerado modernista porque o edifício é representativo do estilo *Art Déco*. Sua fachada sutilmente ornamentada, volumes simplificados a formas geométricas, um mobiliário detalhado, circulação pública no plano horizontal e o acervo bibliográfico pensado em duas torres verticais, embora apenas uma torre tenha sido construída.

Pilon se insere na proposta de verticalização dos bairros centrais. Uma arquitetura vertical pensada nos anos 20, para repensar a cidade com ideais modernistas para a vida cotidiana do paulistano! Uma solução para dar conta do acelerado processo de urbanização de São Paulo e da explosão demográfica na cidade, com a chegada de imigrantes de vários países.

E por que “Mário de Andrade” foi pensado como patrono da biblioteca? O nome “Mário de Andrade” só viria em 1960, quando, sob a direção de Francisco José Azevedo, a então Biblioteca Municipal de São Paulo recebeu o nome do grande poeta modernista, tornando-se a conhecida e carinhosamente apelidada “BMA”. Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945), embora tenha iniciado seu primeiro poema em 1904, teve seu talento confirmado com sua participação na Semana de Arte Moderna de 1922, com o livro *Paulicéia Desvairada*.

No livro, Mário desponta num cenário de grandes mudanças na cidade e coloca em prática seu projeto de renovação cultural do país, a partir de suas pesquisas da vanguarda no mundo todo, mas também do que era tradicional no Brasil.

Em seu poema “Ode ao Burguês”, a plateia era alvo de seus versos:

*“Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! O homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!”*

Depois de várias andanças, em 25 de janeiro de 2011 a Biblioteca foi finalmente reinaugurada. Nesse movimento da biblioteca, os frequentadores voltaram com maior intensidade, dentre eles estudiosos, pesquisadores, artistas e intelectuais. A retomada da programação cultural no Auditório, por sua vez, ajudou a Biblioteca Mário de Andrade a retomar seu lugar na agenda cultural da cidade.

E eis que a ousadia de Mário se reinventa em 2015, com a proposta de a BMA funcionar 24 horas! A ideia e desafio é manter pulsante a BMA e que o público possa fazer dela a sua balada. Ou ao sair da balada, que possa encontrar na biblioteca um outro ponto de encontro, com outros ou com livros. Que um encontro, qualquer que seja, possa se dar! Um encontro com o inusitado! Um encontro contingente! E por que não parar para ler ou levar um livro para ler?



Por Eliana Machado Figueiredo **

* Imagens autorizadas por Marcelo Carpinetti, do setor de Comunicação e Ação Cultural da BMA

** Analista praticante, associada ao CLIN-a

Fotos: <http://docvirt.com/DocReader.Net/DocReader.aspx?bib=FOTOS&pesq=>

<http://picasaweb.google.com/cegp45/ALeituraBibliotecaMarioDeAndrade>

¹ Visita realizada com Perpétua Medrado à BMA no dia 29 de janeiro de 2016, acompanhada pela Supervisora de Atendimento, Kátia Santos, funcionária da biblioteca

LANÇAMENTOS

Recém-lançados em São Paulo

- *Carta de São Paulo – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise.*

São Paulo Nº 1, ano 22. Novembro 2015



Carta de São Paulo 22, um marco de comprometimento com o trabalho decidido! Em edição especial, a Diretoria da Seção São Paulo, 2015-2017, nos comunica o novo estatuto desta publicação, periódico semestral! Este número, carinhosamente preparado para coroar os preparativos para as Jornadas da EBP-SP, Corpo de Mulher, realizadas em novembro de 2015, tem como enfoque a publicação de sete textos de analistas da Escola – Marie-Hélène Brousse, Clotilde Leguil, Domenico Cosenza, Heloísa Caldas, Maria Josefina S. Fuentes, Sílvia Salman e César Skaf -, a maioria deles apresentada nos encontros da Seção, às quartas-feiras.

Corpo de mulher, fio condutor que entrelaça os textos, fazendo-os conversar com um mesmo objetivo – discutir diferentes formas com que o sujeito goza de seu corpo de mulher -, porém pelo viés singular de cada autor. Como abordar o corpo feminino em pleno discurso do mestre no século XXI? Como pode gozar um corpo sem estar preso à definição de gênero imposta pela anatomia e pela sociedade? Vejamos, sucintamente, o que nos dizem os autores.

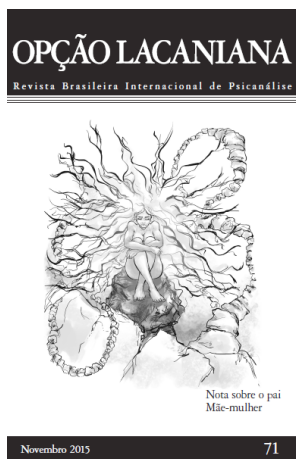
O corpo, segundo Lacan, pontua Brousse, não é da ordem do sexo ou do gênero, mas aquele que um sujeito feminino pode construir em análise, o resultado da marca do significante “mulher”, e, conseqüentemente, um estilo próprio de gozo; Cosenza, por sua vez, aborda, além da visão histórica da anorexia ao longo das mudanças no discurso do mestre até chegar ao domínio do capitalismo e do império das imagens, a forma como sujeitos anoréxicos, cujo objeto *a* “nada” gera desejo nenhum, desenvolvem parceria com seu sintoma, parceria esta que se apresenta como solução, até mesmo como estilo de vida; Caldas, alicerçando-se em Simone de Beauvoir, afirma que o corpo da mulher não existe, é uma invenção! Essa invenção, algumas vezes, está desvinculada do gênero, porém, apresenta-se marcada pelo trauma causado pela submissão à linguagem, determinante da subjetividade do sujeito e de sua forma de gozo singular; Sota Fuentes, discorrendo sobre saídas para o *não-todo*-corpo sexuado da mulher que não encontra representação nem no significante, nem na imagem do espelho, aponta, apoiando-se em Lacan, o falocentrismo - “melhor garantia da mulher” (64) -, que implica castração, perda de gozo e a conseqüente possibilidade de saída para seus impasses, saída singular vinculada “ao seu sintoma, inigualável” (74); Salman questiona prontamente se a experiência analítica leva à invenção de *uma* mulher, uma vez que ela não existe. Para embasar sua questão ela retoma a construção de seu próprio caso, visando a demonstrar a passagem de menina à histeria e da histeria a *uma* mulher. Afirma, assim, que histeria e feminilidade são modos diferentes de uma mulher relacionar-se com o falo; Skaf relata, resumidamente, o caso de uma mulher que mantém parcerias amorosas com mulheres e alimenta uma fantasia de maternidade, objetivando ressaltar que o gozo e a sexualidade escapam da normatividade. Para tanto, Skaf tece comentários sobre o caso da homossexual de Freud.

Os pontos extraídos dos sete textos publicados na Carta de São Paulo 22 apresentam o eixo central que os articulam, a invenção do corpo de *uma* mulher, fora da norma e padrão ditados pela sociedade, e a forma de gozo singular correspondente a cada invenção.

Parabéns ao Conselho Editorial e Diretoria da EBP-SP pelo entusiasmo e decisão de comprometimento com nosso periódico semestral. Excelente pontapé inicial! O jogo está só começando...

Claudia Aldigueri Rodriguez
[correspondente da Seção SP]

• *Opção Lacaniana N°71*



O último número de Opção Lacaniana, lançado no final do ano passado, traz algumas preciosidades que vale a pena destacar: abrindo esse número há um pequeno texto de Lacan, originalmente um comentário endereçado a Michel de Certeau no congresso de Strasbourg, em 12 de outubro de 1968. Nesse comentário, Lacan aborda a história em sua dupla vertente: de “lenda e processo operatório que transforma a relação da história com o objeto passado”, e responde à pergunta de Certeau “o que acontece quando não há mais um pai a quem se votar?”

Seguem-se dois textos de Jacques-Alain Miller, extraídos de dois momentos de seu Curso, em que trata várias dimensões da questão mãe X mulher. As duas rubricas seguintes trazem textos apresentados por colegas do Campo Freudiano e convidados nas Jornadas da ECF: “Être mère” e no Congresso da EBP.

T.N.M.P.

• *Scilicet: o corpo falante – sobre o inconsciente no século XXI.*

São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016



Este volume preparatório ao X Congresso da AMP, dedicado ao inconsciente considerado pela perspectiva do corpo falante no século XXI é, como diz Miquel Bassols na “Abertura” do livro, um corpo mosaico, formado por diversos textos heterogêneos.

Esta edição da já consagrada série dos *Scilicet* que se tornou referência para os congressos da AMP, dispensa delongas na apresentação. Este ano, colegas de vários locais do mundo aceitaram o desafio de articular, orientados pela instigante conferência de J.-A. Miller “O inconsciente e o corpo falante” (também presente nesta edição), que nos convida a ‘tomar a substituição do inconsciente freudiano pelo falasser como índice do que muda na psicanálise no século XXI’, para que possamos então dizer do que fazemos (“façamos a aposta de que analisar o falasser é o que já fazemos, resta-nos saber dizê-lo”).

Leitura imprescindível para todos os que estarão em breve no Rio, os verbetes ali contidos são também norteadores para aqueles que não puderem estar lá.

T.N.M.P.

- *Ser mãe – mulheres psicanalistas falam da maternidade.*

São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015



Lançado originalmente em francês, os textos desse livro foram produzidos a partir do debate que aconteceu no ano passado em Paris, em torno das Jornadas da ECF. A organizadora, Christiane Alberti convidou várias mulheres psicanalistas para discutir diversos aspectos que envolvem os sintomas contemporâneos da maternidade, dentre os quais estão a demanda de filho dirigida à ciência, a tendência a uma certa maternização do mundo, a homoparentalidade, o *burn-out* das mães, a negação da gravidez, entre outros. Os autores deste livro são convidados a questionar em que medida as mudanças no mundo contemporâneo afetam o desejo de ser mãe.

T.N.M.P.

- No prelo (para o congresso da AMP – Rio).
Lacan, J. *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação.*

Rio de Janeiro: Zahar, 2016

Seminário 6 de Lacan, finalmente no Brasil, em português! Tão conhecido de todos... Porém, “O desejo e sua interpretação”, quem há de resistir a ele? Inúmeras são as razões.

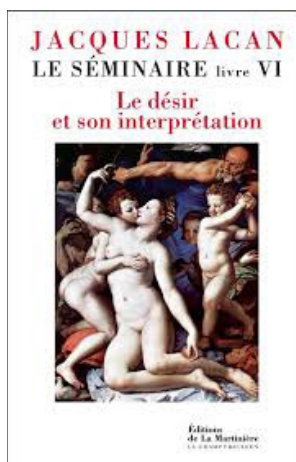
O desejo, anteriormente articulado nos *Seminários IV e V*, em “Função e Campo da fala e da linguagem” e “A direção do tratamento...”, toma agora outro rumo. Lacan quer interpretá-lo. Melhor caminho que o do sonho? Dois sonhos, o do pai morto, de Freud, e o da tosse, de Ella Sharpe, que Lacan interpreta, com muita originalidade, pela dialética do próprio sonho com a fantasia - a resposta subjetiva ao encontro com o ponto de pânico, aquele que gera “abolição do sujeito e apego ao objeto imaginário”, diz Miller, citando Lacan (*Opção Lacaniana*, p.31). Lacan ressalta que a fantasia é o lugar onde o sujeito encontra resposta para sua questão com relação ao desejo (33).

Por outro lado, Lacan se utiliza dos personagens shakespearianos de Hamlet - por excelência, uma tragédia do desejo -, para analisar o papel que desempenham como objetos a do desejo. “*Ser ou não ser*” objeto do desejo? O que será, que será que ele tem de tão trágico como “metonímia da falta-a-ser? E se é metonímico, como interpretá-lo? Lacan só nos oferece uma saída: “o desejo implica uma relação com o objeto através da fantasia” e é exatamente ela e seus objetos reais, em “estreita relação com a pulsão vital do sujeito” (34), que propiciam a possibilidade de interpretação e ao corte da sessão como forma mais eficaz de interpretação. Algo inusitado até então.

Em tempos de *falasser*/corpo falante, “O desejo e sua interpretação”, por já ter passeado pela EBP em seu melhor estilo francês, será saudado e acolhido afetuosamente, em terras brasileiras, em sua tradução para o português.

Imperdível: para quem transita bem no idioma francês, uma interessantíssima entrevista concedida por *Jacques-Alain Miller e Clotilde Leguil* a Philippe Petit, da France Culture por ocasião do lançamento do livro na França: <http://www.franceculture.fr/emissions/les-nouveaux-chemins-de-la-connaissance/lacan-le-desir-dans-tous-ses-etats>

Claudia Aldigueri Rodriguez
[correspondente da Seção SP]



• Jaudel, N., *A lenda negra de Jacques Lacan*.

Rio de Janeiro: Contracapa, 2016



Neste polêmico livro Nathalie Jaudel desconstrói dois mitos: o da “lenda negra” acerca de Jacques Lacan e o da confiabilidade das referências e conclusões de Elisabeth Roudinesco acerca de Lacan, servindo-se de uma pretensa neutralidade que à medida que lemos este livro, percebemos que não tem nada de neutra. A autora faz um exaustivo estudo, com acompanhamento e conferência de fontes, confrontação de versões, levantamento de contradições internas, enfim, assume a postura de historiadora que aquela cujos trabalhos foram objeto de sua pesquisa deveria ter adotado e nos revela contradições, alusões imprecisas, uso tendencioso das informações, utilização sobretudo de relatos de entrevistados, na sua maioria não disponíveis a outros pesquisadores/historiadores, concretizando o ponto de tensão que dificulta a diferenciação entre um texto histórico e uma narrativa ficcional. Nesse contexto, o termo “lenda negra”, essa expressão que dá título ao livro, foi cunhada por um historiador espanhol, Julian Juderías, que deu esse mesmo título ao livro que escreveu sobre a postura tendenciosa de historiadores que exageraram na tinta ao retratar episódios da inquisição na península ibérica, criando um estereótipo negativo para a ação da igreja católica ao mesmo tempo em que omitiam as mesmas arbitrariedades cometidas por instituições protestantes, com a finalidade de denegrir a imagem da monarquia espanhola e portuguesa nos séculos XVI e XVII. Como agravante, há o fato de que Roudinesco participou da história que pretende narrar com isenção. Como ser juiz e parte ao mesmo tempo? Esta é uma das questões cruciais que este livro aponta.

T.N.M.P.



X Congresso da AMP
O CORPO FALANTE

Sobre o Inconsciente no século XXI

25 a 28 de Abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro



} Expediente

BIBLIO 28



Editora responsável desse número: **Teresinha N. M. Prado** [AMP/EBP-SP]

Comissão editorial:

Rodrigo Camargo
Claudia Aldigueri
Perpétua Medrado
Eliana Figueiredo



Convidada:

Ana Dias Batista
Jorge Méndez Blake

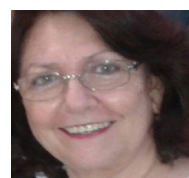
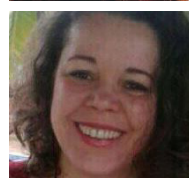
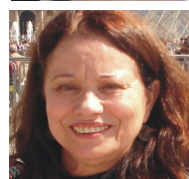


Foto de capa:

Fonte: <http://www.mendezblake.com/>

Design gráfico:

Celeste Hampton



Diretora de biblioteca: **Marcela Antelo**

Diretores de Biblioteca das Seções

Lêda Silva Guimarães [Intercâmbio nacional, EBP - Rio de Janeiro]

Teresinha Natal Meirelles do Prado [Catálogo, EBP - São Paulo]

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina [Intercâmbio internacional, EBP - Minas Gerais]

Mônica Hage [Site, EBP - Bahia]

Anamaria Vasconcelos [Site, EBP - Pernambuco]

Oscar Reymundo [As Bibliotecas na cidade, EBP - Santa Catarina]

ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br

 **Escola Brasileira
de Psicanálise**





*The walking
library, 1930,
Ramsgate,
UK*

Em 1930, por dois centavos, esse jovem corpo falante feminino, um bibliocorpo, oferecia livros em empréstimo por uma semana, era só questão de vê-la passar novamente e devolver. Dez anos depois, 1939, 500 bombas alemãs destruíram 1200 moradias na sua cidade costeira, Ramsgate, a 72 milhas de Londres. Livros e bombas, invenções humanas. Apostamos nos livros. “Para permanecer afiada, uma mente precisa de livros assim como uma espada precisa de uma pedra de amolar”, diz o sábio não todo Tyrion Lannister de *A Game of Thrones*.

Nas livrarias do *X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise* você encontrará os livros que não sabia que procurava. A Biblioteca da *EBP-Rio* preparou suculentos destaques. O *Bibliô 29* tem a honra de trazê-los à luz.

Marcela Antelo

Bibliocorpo

“Não se pode escrever sem a força do corpo”¹, afirmou Marguerite Duras, destacando que a força impactante de um escrito advém das vísceras de quem ousa tentar capturar o real pela via das letras refeitas em palavras.

O corpo falante - sobre o inconsciente no século XXI, tema do *X Congresso da AMP* que ocorrerá de 25 a 28 de abril-2016 no Rio de Janeiro, ocupa-se do mistério que articula o corpo gozante às palavras, questão fundamental para a práxis da psicanálise. Ainda que tal mistério tenha impulsionado o desenvolvimento do ensino de Lacan, cabe aos psicanalistas, em seu compromisso ético com a psicanálise, não eludir, não apagar e não desconsiderar a zona fundamental dos despenhadeiros entre as bordas do simbólico e o real sempre fugidio.

O *Bibliô 29* apresenta as publicações daqueles que não se deixaram intimidar pelo desafio da escrita, trazendo aos leitores e participantes do Congresso da AMP várias publicações que serão lançadas durante o evento. Destacamos especialmente as publicações da EBP e de alguns colegas de outras Escolas da AMP.

Desejamos a todos um excelente Congresso bordado de leituras impactantes!

Lêda Guimarães
[Diretora de Biblioteca da EBP-Rio]

¹ DURAS, M. *Écrire*. Paris: Éditions Gallimard, 1993. (Collection Folio).

A psicanálise, a ciência, o real

Divididos em cinco partes, os vinte e cinco textos que compõem este primeiro livro

em português de Miquel Bassols i Puig partem do real da psicanálise e a ele retornam de diferentes maneiras. Escritos numa prosa segura, serena e, quando preciso, irônica, eles buscam delimitar, entre os mundos simbólicos da ciência e da arte, a singularidade da descoberta do inconsciente por Sigmund Freud, à luz das ressonâncias causadas pelo ensino de Jacques Lacan. Como se apreende ao lê-los, a despeito das recorrentes e infrutíferas tentativas hoje empregadas no afã

de localizar o Eu e a consciência em genes ou neurônios, talvez no intuito de salvaguardá-los dos efeitos do inconsciente, o real da psicanálise surge quando se perturbam os campos da linguagem e da sexualidade.

Com efeito, em vez de corresponder a uma forma de experimento científico ou mesmo a uma arte clínica insuflada pelas palavras, a psicanálise é, a um tempo, uma prática e um discurso que lida com sujeitos em sua fala e no gozo de seu corpo. Sujeitos, portanto, tomados

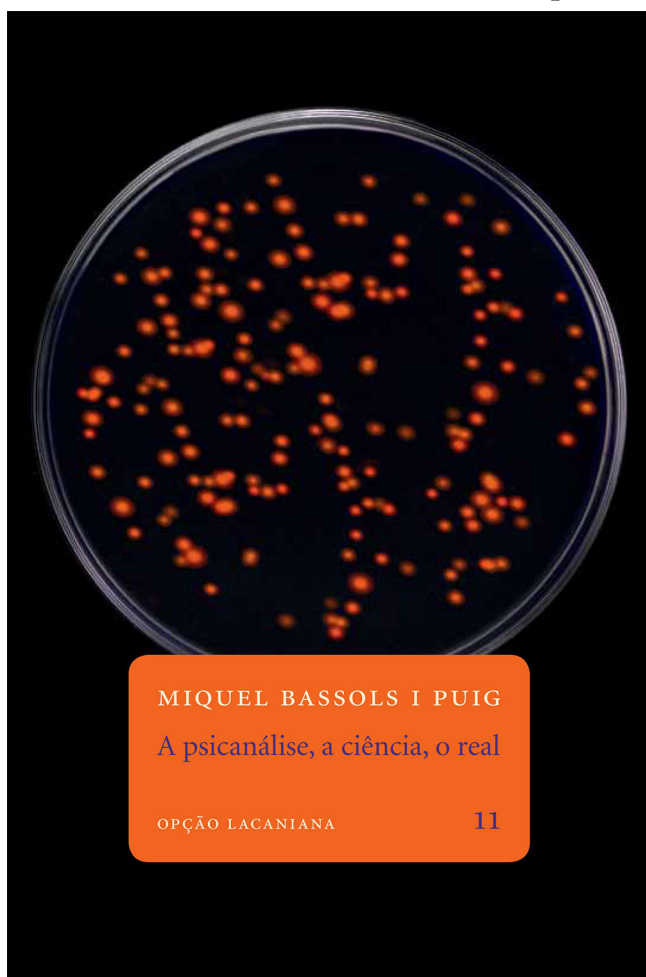
um a um, em face das implicações decorrentes de serem precedidos pelo desejo do Outro. Pois bem, na lida com que se transferem tais implicações, deposita-se passo a passo – e este é o porto para o qual conflui a argumentação do autor – o que não cessa de não se escrever,

ausência em torno da qual, não muitas vezes, é claro, consegue-se aceder ao silêncio próprio e consequente à vida como ela é.

No mesmo hiato de bordas divergentes, porém conjugadas pelo verbo, como as orelhas de um livro, que por inteiro não se deixam ficar nem dentro, nem fora dele, encontra-se aqui (pausa, para não refletir) o convite a que você, leitor, acompanhe o itinerário psicanalítico traçado nas páginas que se seguem.

Miquel Bassols

[AME/ AMP-ELP]



Arquivos da Biblioteca

nº 12

A política editorial da revista *Arquivos da Biblioteca* é orientada pela publicação de intervenções ocorridas na *Escola Brasileira de Psicanálise*, seção Rio de Janeiro. Por essa razão, sua temática é múltipla e vibrante, permitindo ao leitor uma proximidade com um real capturado em forma de escrita.

Dentre os vários trabalhos publicados em *Arquivos de Biblioteca* Nº12 destaco algumas formulações de Marina Recalde (AE da EOL/AMP) que cruzam diretamente com o tema do Congresso da AMP:

“Meu corpo sempre foi um problema” (...) “Um corpo trêmulo e alérgico, pequeno, obscuro, mortificado, enlouquecido”. Para nos apresentar a solução resultante do seu fim de análise, Marina Recalde levanta várias questões às quais se dedicou a trabalhar no seu testemunho “Corpo, significante e gozo”: Como fazer com um corpo de que não se gosta, que fala sozinho e que atrapalha? Como tocar o corpo de um modo vital, desligado das coordenadas neuróticas que potencializavam o sofrimento e a mortificação? Qual é o corpo, ao final do percurso, depois de ter atravessado uma análise?

Motivados pelo Congresso da AMP-2016 ocupamo-nos na *Diretoria de Biblioteca* com o eixo investigativo da prevalência do pornô na vida cotidiana. Para tanto, na conferência “E as mulheres, como ficam com a pornografia?”, Marcia Rosa Luchina formula que a pornografia atual apaga a idéia que temos da lei e do desejo, do pecado e do código, e, talvez mais secretamente, de nossa própria história e de nosso estatuto de sujeito. Para apresentar um resultado de suas investigações, Marcia Rosa Luchina abre a questão: “e as mulheres? Quando se trata da pornografia, elas seriam e estariam

ai apenas como objeto em cenas produzidas por homens?”.

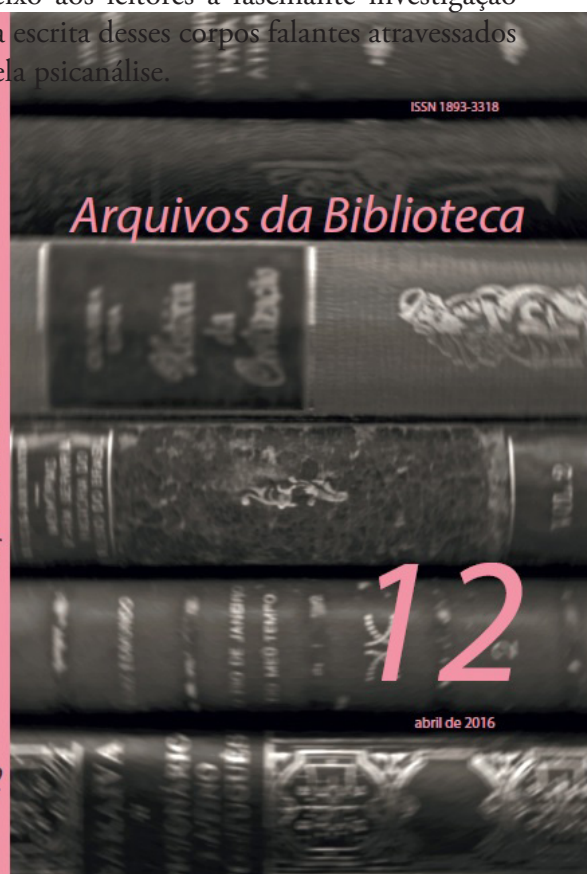
Do lado dos homens, Bernardino Horne inverte a perspectiva neurótica da solidão transformando-a numa alegria vibrante, ao nos dizer em sua conferência “Aquele que para existir deixa de ser” que a escolha da psicanálise “é renúncia instintiva, é solidão, é renúncia econômica. E é sobre esse ponto que, quando chegamos ao final, estamos sozinhos. Quando nascemos estamos sozinhos, quando morremos estamos sozinhos. E, quando terminamos a análise, estamos sozinhos. Ao mesmo tempo, é uma solidão alegre”. Nesta mesma direção, Luiz Fernando Carrijo Cunha, no testemunho “É preciso acender a luz’ ou uma imagem a mais”, se refere à diferença entre se deixar “engolfar” pelo vazio e “delimitar” o vazio, passagem que só lhe foi possível analiticamente a partir do esvaziamento do olhar como objeto, apresentando, assim, uma saída para a prevalência do olhar tão habitual nas neuroses.

Os demais trabalhos apresentam elaborações instigantes que ainda poderiam ser referidas ao tema do Congresso da AMP, porém deixo aos leitores a fascinante investigação da escrita desses corpos falantes atravessados pela psicanálise.

EBP – Rio

Arquivos da Biblioteca

12



Arteira nº 7, Revista de Psicanálise, EBP-SC: “O que escapa”



Este número de **Arteira** evoca o espírito do programa de pesquisa do *X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise “O corpo falante, sobre o inconsciente no século XXI”*.

Como dizer o que escapa? Como tocar pela palavra aquilo que a rechaça e que promove a fuga do sentido? Por outro lado, o que escapa não deixa de produzir efeitos sobre o corpo, provocando a tagarelice e a elucubração sobre a *lalingua*. O que escapa não cessa de não se escrever, e tocá-lo é praticamente uma raridade, um acontecimento, expressão que recentemente se tornou uma noção importante para a psicanálise da orientação lacaniana. O que escapa está na serie do trauma e do acontecimento de corpo, está fora do campo do Outro. Somente no horizonte esvaecido do simbólico isso que escapa pode ser vislumbrado como disforme. Ele é completamente único. Por isso a prática da psicanálise é uma prática do caso único, pois se orienta pelo que escapa de cada ser falante. Será possível dizer sobre o que escapa? Uma coisa é certa, bem-ditos aqueles que o conseguem. Freud não hesitou em elucubrar sobre o que escapa, e uma de suas elucubrações pode ser encontrada neste volume de *Arteira*.

Temos a honra e a alegria de publicar um texto inédito de Freud, traduzido diretamente de um manuscrito em alemão

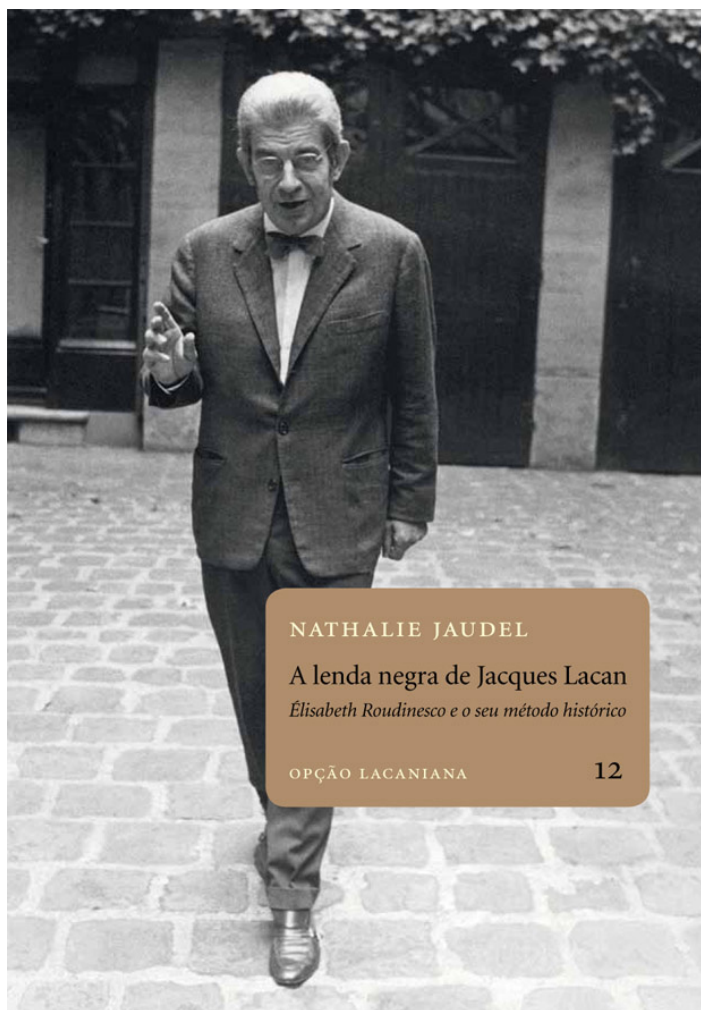
pelo psicanalista Emiliano Rossi. Trata-se de um rascunho do décimo segundo ensaio dos textos sobre a metapsicologia, intitulado por Freud de *Übersicht der Übertraggsneurosen, “Panorama das neuroses de transferência”*. O rascunho apresenta hipóteses sobre as causas distantes das neuroses, responsáveis pela predisposição biológica nos indivíduos: o suposto fator biológico sobre a *feminilidade*, hipótese apresentada por Freud no último parágrafo do texto “Análise terminável e interminável”. Um texto imperdível!

Boa leitura!

Luis Francisco E. Camargo
Editor responsável

A lenda negra de Jacques Lacan

Élisabeth Roudinesco e o seu método histórico



NATHALIE JAUDEL

A lenda negra de Jacques Lacan
Élisabeth Roudinesco e o seu método histórico

OPÇÃO LACANIANA

12

NATHALIE JAUDEL

Psicanalista. Membro da École de la Cause freudienne (ecf) e da Associação Mundial de Psicanálise (amp). Formada em Direito e diplomada pela SciencesPo Paris.

Tradução

Teresinha Natal Meirelles do Prado.

CONTRA CAPA EDITORA

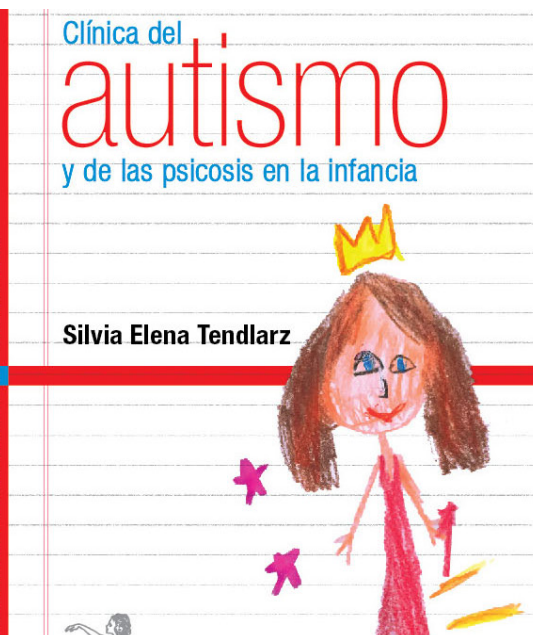
Coleção Opção Lacaniana, vol. 12

Este é um livro polêmico, uma operação para ajustar os ponteiros. Mais de três décadas após a morte de Jacques Lacan, a “lenda negra” continua a circular pela cultura: Lacan tirano, Lacan sem escrúpulos, Lacan ávido, Lacan tantá. A única biografia existente sobre o maior psicanalista francês se construiu sob o pretexto da objetividade, mas continua a fazer ressoar essa lenda. Nela, sua autora Élisabeth Roudinesco, ao desconsiderar que não se deve ser o historiador da história em que se está incluído, negligencia o que Lacan dizia de si próprio e da prática a que dedicou grande parte de sua vida, deixa-se levar por sua transferência negativa em relação ao homem que conheceu primeiro socialmente e passa ao largo dos efeitos de sua clínica e de seu ensino.

Nathalie Jaudel, sem propor uma “contrabiografia” e, sobretudo, sem se valer de entrevistas e depoimentos para traçar o seu retrato de Lacan, atém-se a textos escritos, aos quais o sujeito de que trata sempre deu extrema importância. Nessa via, não apenas retoma a ideia freudiana de que todo biógrafo, na intenção de aproximar dos leitores o seu herói, tende a rebaixá-lo, como também mostra que conhecer a vida de um autor pode, muitas vezes, dificultar ou mesmo impedir uma apreensão consequente de sua obra.

Sua bússola, assim, a um só tempo “amigável e desenvolta”, como observado por Roland Barthes a respeito da tarefa biográfica, mapeia quer a absoluta singularidade de Jacques Lacan, quer a força, o impacto e a originalidade dos avanços que este imprimiu à invenção de Sigmund Freud.

Clínica del autismo y de las psicosis en la infancia



O presente livro retoma a discussão psicanalítica a partir das diferentes orientações que trabalham, com o autismo e a psicose na infância, desde os anos 30. Em alguns casos os diferenciam, em outros o autismo se confunde com a esquizofrenia. Cada orientação apresenta uma proposta para o tratamento das crianças de acordo com o marco teórico envolvido. Nos últimos anos a posição decidida pela orientação laciana permitiu efetuar uma diferenciação entre o autismo e a psicose, detendo-se em suas particularidades e nas consequências que decorrem da direção do tratamento.

A psicose nas crianças corresponde à estrutura da psicose para além da idade cronológica. O retorno do gozo sobre o corpo o fragmenta na esquizofrenia e produz a emergência das ideias hipocondríacas, ou dá origem a um outro mau na paranoia, face ao retorno de gozo sobre o Outro. O fora do discurso conduz o esquizofrênico, como assinala Jacques-Alain Miller, a recorrer à invenção para fazer-se um corpo, posto que a função de cada órgão se torna um problema. Na paranoia a invenção recai mais sobre o laço social. A criança psicótica não consegue concentrar o gozo sobre o falo, por isso pode tornar-se um condensador de gozo para a mãe, de acordo com a teorização de Lacan dos anos 60. O acontecimento de corpo se torna então ser um objeto para outro corpo. Isso permite a Lacan generalizar a posição de objeto que ocupa o sujeito psicótico e examinar suas incidências na direção do tratamento.

Do lado do autismo o retorno do gozo sobre a borda, como propõe Eric Laurent em seu livro *A batalha do autismo*, produz um encapsulamento proposto como uma neo-borda que não se superpõe com a superfície corporal. O banho de *lalíngua* no autismo provoca uma iteração sem corpo pela “foraclusão do furo”: o acontecimento de corpo o torna um ser sem furo, com uma impossível separação do ruído de *lalíngua* como experiência alucinatória, com uma iteração do Um da letra em suas diferentes modalidades. A inexistência da borda do furo, diz Laurent, se redobra na inexistência do corpo.

Estas considerações permitem refletir sobre a direção do tratamento da criança autista dada na sutileza do laço, e a construção de séries, o deslocamento do encapsulamento autista, o trabalho sobre a borda a partir das diferentes modalidades da iteração, de seus interesses específicos, e na busca de algo novo na repetição, a partir do respeito da singularidade de cada criança.

Silvia Elena Tendlarz
[AME-EOL/ AMP]

Correio nº78

Dizer sobre o parlêtre

A *Correio* N°78, como a anterior, tem como tema o X Congresso, importante acontecimento para a AMP, mais em especial para nós da EBP, que o sediaremos no Rio de Janeiro. Seremos, portanto, os anfitriões! Para tanto, dedicamo-nos à preparação do banquete para os analistas, colegas vindos de todas as partes.

O que ressoa em cada artigo deste número da *Correio* é o convite de Miller no texto de apresentação do X Congresso – Dizer sobre o que já fazemos: a clínica do *parlêtre*. Um fazer sem saber? Um fazer com o inesperado que nos convoca na prática a extrair daí um saber e dizer. Momento novo na linha de continuidade da psicanálise, decorrente dessa experiência em que prevalece o real, o sem sentido, o gozo Um e o *sinthoma*.

Fragmento do editorial, de Ana Lúcia Lutterbach Holck.



Sumário:

Editorial - Ana Lúcia Lutterbach Holck

O inconsciente no século XXI

Lacan, professor de desejo – Jacques-Alain Miller

“Fiat trou!”

Inconsciente e acontecimento de corpo. Éric Laurent responde às questões de *La Cause du désir*
A caminho do corpo falante – Miquel Bassols
Por uma política do acontecimento (o *sinthoma* e o corpo falante) – Marcus André Vieira

Um novo imaginário

O novo imaginário é o corpo – Jésus Santiago
Parlêtre e consistência corporal – Ram Avraham Mandil
Escabelo – Patricio Alvarez
O outro no Espelho – Marcelo Veras
Pôr em dia a imagem com relação ao *sinthoma* – Manuel Zlotnik

Fazer do *sinthoma* um S.K.Belo

O escabelo e o *sinthoma* – Pierre-Gilles Guéguen
Do escabelo ao *sinthoma* e retorno – Elisa Alvarenga
Os escabelos invertidos [Pequeno ensaio de uma primeira leitura em torno da música] – Guy Briole

Peças Soltas

O *parlêtre* Joyce no Finn's Hotel – Mirta Zbrun
Eu acho – Márcia Stival Onyszkiewicz
Lalingua do corpo – Alma Pérez Abella
Ferid'alingua – Lucíola Freitas de Macêdo
Elevador – Cinthia Busato
A imagem como parceira da devastação – Paola Salinas
Fazer das rumações obsessivas uma peça solta – Adela Fryd
Existe dores que estão na moda? – Gabriel Vulpara
Falasser ao telefone – Marcela Antelo
Ressonâncias possíveis de uma Outra presença – Andréa Vilanova

Os novos desafios do real

Indo para o Rio com os novos desafios do real – Jorge Forbes
A crença no real e o amor – Luiz Fernando Carrijo da Cunha
Do privado ao público e retorno – Marina Recalde

A psicanálise na cidade

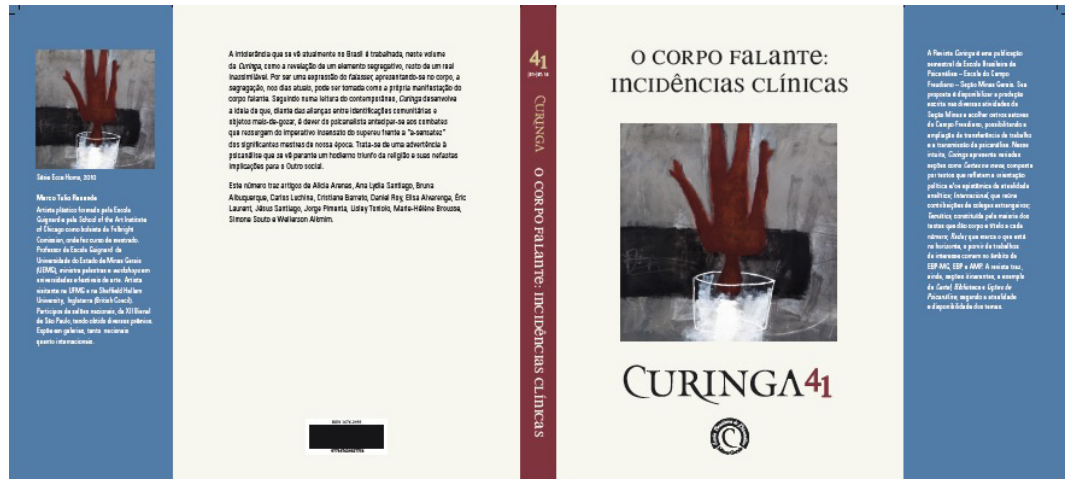
Psicanálise e política de Saúde Mental – Paula Borsoi

CORREIO: revista da Escola Brasileira de Psicanálise: dizer sobre o parlêtre. São Paulo: EBP, n. 78, abr. 2016.

Curinga nº 41

O corpo falante incidências clínicas

A *Curinga* Nº41, publicada pela EBP-MG, antecipou sua edição de final de semestre para ser lançada no X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise. “O corpo falante: incidências clínicas” é o título deste número, que busca enfatizar as expressões do *parlêtre*, tanto na clínica como na cultura.



No âmbito clínico, o artigo de Elisa Alvarenga investiga a relação do corpo falante com os humores e toma o binômio alienação/ separação como o que dá o fundamento das oscilações de humor espontâneas. Trata-se de uma pulsação entre a presença e a ejeção do objeto *a*, em uma temporalidade não simbolizada. Carlos Luchina apresenta um caso de psicose, comentado por Simone Souto. No manejo do caso vê-se a instauração de uma sublimação mínima do gozo, retirando o sujeito da dicotomia mortal construída entre ser objeto de gozo do Outro e ser um dejetivo. Aprofundando teoricamente o tema, *Curinga* disponibiliza a seus leitores o texto de Alicia Arenas, “*O mistério do corpo falante*”, no qual demarca, com Lacan, que a experiência analítica não é sem o corpo, mas “no-corpo” (*en-corps*).

Em uma esfera mais ampla, as incidências do corpo falante no laço social mostram-se atravessadas pelo Um, como desenvolve Éric Laurent em “*Das crises identitárias aos triunfos das religiões*”, artigo inédito e gentilmente cedido pelo autor para ser publicado na *Curinga*. É também nessa via que avança o texto do Diretor de Cartéis da EBP-MG, Wellerson Alkmim. A intolerância que se vê atualmente no Brasil é interpretada como o surgimento de um elemento segregativo, resto de um real inassimilável. Tal segregação contemporânea se configura como uma expressão do *parlêtre*, por se localizar no corpo, sendo a própria manifestação do corpo falante. Também Daniel Roy indica, em seu artigo, que, frente às alianças atuais entre identificações comunitárias e

objetos mais-de-gozar, o psicanalista deve se antecipar aos combates que ressurgem do imperativo insensato do supereu frente à “a-sensatez” dos significantes mestres de nossa época.

Ainda na vertente do corpo falante, e já anunciando o tema da próxima jornada da EBP-MG, “*Jovens.com. Corpos e linguagens*”, os artigos de Cristiane Barreto e de Ana Lydia Santiago, Bruna Albuquerque e Lisley Toniolo revelam os modos encontrados pelos adolescentes para bordejar o impossível da sexualidade e da morte.

Recolhendo os ecos da XIX Jornada da EBP-MG, “*O que quer a mãe, hoje?*”, ocorrida em 2015, *Curinga* apresenta o artigo de Jorge Pimenta sobre uma das dimensões da maternidade contemporânea, a subversão de “ser mãe”. E, em primeira mão, publica o testemunho do AE em exercício, Jésus Santiago, cujo título “*Ser tolo do inumano da mulher*” enuncia o termo provocador de um estimulante debate, decorrido dos comentários, também publicados, da então convidada internacional, Marie-Hélène Brousse.

Paula Pimenta
[Coordenadora da Equipe de Publicação]

Deseo y sinthome: Consecuencias de la última enseñanza de Lacan

Junto com “Sutilezas” (Grama, 2013) e “Piezas útiles” (Grama, 2014), “Deseo y sinthome” fecha uma trilogia sobre as consequências clínicas do último ensino de Lacan. Neste livro, a interrogação aponta à relação entre o Seminário 6 de Lacan e o curso de Miller “O ultimíssimo Lacan”, ou seja, entre a clínica do significante e a clínica do gozo.

Uma das questões principais elaboradas pelos autores é a do novo status do corpo e dos seus gozos. Deste modo, seu alvo coincide com aquele do X Congresso da AMP, “O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI”.

Os seis capítulos do livro discutem o desejo, a função, o sinthoma do analista, os modos de interpretar, o laço entre o parlêre e o corpo, o real do sinthoma, a transferência hoje, e a relação entre desejo e gozo.

Gerardo Arenas
[EOL/ AMP]

Deseo y sinthome

Junto a *Sutilezas* (Grama, 2013) y *Piezas útiles* (Grama, 2014), este libro cierra la trilogía titulada *Consecuencias de la última enseñanza de Lacan*.

Consecuencias de la última enseñanza de Lacan

Gerardo Arenas (compilador)

Patricio Álvarez	Gabriela Grinbaum
Guillermo Belaga	Kuky Mildiner
Graciela Brodsky	Patricia Moraga
Gabriela Camaly	Marisa Morao
Alejandro Daumas	Débora Rabinovich
Oswaldo Delgado	Marina Recalde
Luis Erneta	Marita Salgado
Pablo Fridman	Silvia Salman
Miguel Furman	Ernesto Sinatra
Alejandra Glaze	Gustavo Stiglitz
Irene Greiser	Manuel Zlotnik

grama
EDICIONES

ARENAS, Gerardo (Comp.). Deseo y sinthome: Consecuencias de la última enseñanza de Lacan. Buenos Aires: Grama, 2016. (Consecuencias de la última enseñanza de Lacan, v.3)

Latusa n°20 Um corpo que nasce

Latusa N°20 traz um grande número de artigos. O tema, “Um corpo que nasce”, em sintonia com o do X Congresso da AMP, atraiu muitos autores, cujos trabalhos foram reunidos em seções. Temos assim: O inconsciente e o corpo falante/ Ciência e corpo falante/ Corpo, mulher e criança/ Corpo e segregação/ Arte, pornografia e horror/ ICP e Passe. E, para concluir, um depoimento de Laerte, em entrevista conduzida por Cristina Duba e Maria Inês Lamy.





Sobachamada “Questão de Instituto” vocês poderão acompanhar, no corpo desta *Entrevários Nº 15*, a elaboração sustentada de uma prática que não se furta ao questionamento. Um ponto de amarração possível ao que aqui nos é apresentado, refere-se justamente à elaboração do ensino e da transmissão da psicanálise no campo dos Institutos do Campo Freudiano, no que tange à sua ética, ao seu posicionamento diante do modo de apreensão do saber e da verdade no contemporâneo, e por que não dizer, do seu futuro. Tal elaboração pode ser acompanhada em diferentes recortes realizados pelos autores, nos quais a lógica da psicanálise em intensão, articulada ao discurso analítico, se põe em tensão com o ensino da psicanálise não desvinculado da experiência analítica.

Trata-se do ensino de uma práxis? De uma práxis que produz saber? O ponto primordial, se tomado como a manutenção da tensão que há entre a intensão e a extensão, permite que o trabalho de ensino e transmissão possa ir além de uma formação discursiva, como indica Heloisa Caldas. Ela discute a via da psicanálise como forma de engendrar uma abordagem do contemporâneo para além de uma amarração discursiva, não negligenciando o real em jogo nas relações humanas. Heloisa nos fala desse para além do discurso ao abordar o que a psicanálise pode aportar à discussão sobre a violência à mulher, sendo justamente uma via que permite um acesso ao violento do gozo feminino para além de representações, permitindo um saber fazer que inclui um real intransmissível.

Luis Francisco Camargo aborda a disjunção entre saber e verdade localizando o impossível de ensinar. Contudo, se o que interessa à psicanálise é a meia verdade ali apontada, somente na tentativa de uma produção de saber é que essa meia verdade, necessária ao sujeito, pode ser tocada. Ensino e política estão atrelados a partir desse impossível.

Com a clínica, a política da psicanálise em ato é discutida nos diferentes casos clínicos, atendidos na clínica do CLIN-a. O vivo ali se apresenta fazendo avançar um desejo de saber marcado pelo real que se coloca em cada caso. Assim, os textos de Silvia Jacobo com comentários de Gustavo Menezes, os textos de Fernanda Turbat, Mirmila Musse, e do núcleo CIRANDA-SP

vão tecendo questionamentos que os trabalhos seguintes tocam.

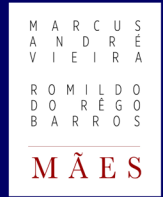
Maria Cecília Galletti Ferretti e Patrícia Badari apontam para um saber fazer com o instituto justamente a partir do que a clínica ensina. Patrícia nos alerta para o tempo do “Outro que não existe” e o imperativo de gozo marcando as relações e o ensino na vertente de suposição de saber, o que se rearticula à ideia de um ensino próximo do matema, retomada por Cecília, não sem uma abertura ao real de um turbilhão que se apresenta.

As experiências nos núcleos do CLIN-a em Ribeirão Preto, relatadas por Diva Rubim Parentoni, dão testemunho da busca por uma articulação entre esses dois pontos, a intensão e a extensão, o suposto e o exposto. E por fim, Eliana Figueiredo nos diz da singularidade, discutindo a supervisão na formação analítica, em que o que se apresenta é da ordem do analítico e não do acúmulo teórico que garantiria uma prática, efeito de supervisão, efeito subjetivo.

Convido-os à leitura!

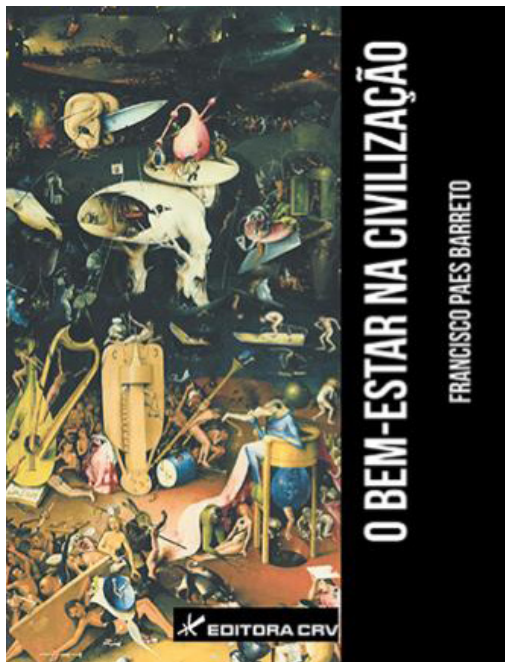
Editorial por Paola Salinas

O que é o desejo da mãe? O que seria uma função materna? Essas perguntas sustentam e atravessam, um a um, os textos e comentários de *Marcus André Vieira* e *Romildo do Rêgo Barros* no decorrer deste livro, que é também uma conversa. Marcus e Romildo, ambos psicanalistas, se arriscam no esforço de buscar circunscrever as ferramentas com que contam as crianças hoje para se constituírem nas novas formações familiares. Para isso, retomam a leitura edipiana clássica, proposta por Sigmund Freud e, a partir dela, contando com suas experiências clínicas, ancorados pela leitura da psicanálise lacaniana, buscam avançar. Leitura indispensável para quem se vê interrogado pelo tema e deseja fazer parte desta conversa.



subversos

VIEIRA, Marcus André; BARROS, Romildo do Rêgo. *Mães*. Rio de Janeiro: Subversos, 2015.



O bem-estar na civilização

A psicanálise tem o que oferecer à medicina, à psiquiatria, à saúde mental, à cultura. Sua contribuição não é importante sob o ponto de vista quantitativo; sua validação não se faz pelo método estatístico. Constatação particularmente preciosa nos dias atuais, em que prevalece verdadeira ditadura da quantificação. A importância de sua contribuição é de ordem qualitativa. E ainda que seu alicerce seja constituído de casos únicos, isso não impede a construção de afirmações de validade geral. Para Lacan, tudo o que a psicanálise sabe sobre a neurose obsessiva se deve à análise que Freud realizou

do homem dos ratos. Outro exemplo: Freud causou escândalo ao afirmar a existência da sexualidade infantil. Hoje, há quem se oponha a essa concepção?

A contribuição da psicanálise não é da ordem da boa nova, não é da ordem da salvação, é da ordem do questionamento. Ajuda a evitar proposições simplistas e a devolver a cada problema a complexidade que lhe pertence. A psicanálise interpela seus próprios parâmetros e os próprios psicanalistas! O ensino de Lacan é magnífica prova do que acaba de ser dito. Miller cunhou a expressão Lacan contra Lacan, para discernir como foi possível contestar e refazer incessantemente o próprio percurso, a ponto de formular, em diferentes momentos, proposições diametralmente opostas. O que não é exclusividade da psicanálise. A física, considerada disciplina paradigmática da ciência, apresenta algo correlato, que pode ser captado quando se aproxima a mecânica clássica da teoria da relatividade e da mecânica quântica.

Os tópicos delineados são desenvolvidos nos ensaios que compõem o livro.

Francisco Paes Barreto

BARRETO, Francisco Paes. *O bem-estar na civilização*. Curitiba: Editora CRV, 2015.

Jacques Lacan O SEMINÁRIO



livro 6 o desejo
e sua interpretação



Sempre acompanhando as publicações de Lacan na França, a Zahar lança o **livro 6** dos consagrados Seminários de Lacan: *O desejo e sua interpretação*. Sobre ele **Jacques-Alain Miller diz**:

“O que Lacan mostra? Que o desejo não é uma função biológica; que ele não é coordenado a um objeto natural; que seu objeto é fantasístico. Por conseguinte, o desejo é extravagante. [...] Prega-nos peças, mas ao mesmo tempo, se não for reconhecido, fabrica sintoma. Numa análise, trata-se de interpretar, isto é, ler no sintoma a mensagem de desejo que ele encerra.

[...] Até pouco tempo, nossas bússolas, por mais diversas que fossem, apontavam, sem exceção, para o mesmo norte: o Pai. Acreditava-se que o patriarcado era uma invariante antropológica. Seu declínio se acelerou com a igualdade de condições, a intensificação do poder do capitalismo, o predomínio da técnica. Estamos em fase de saída da era do Pai.

Outro discurso está em vias de suplantar o antigo. A inovação no lugar da tradição. Em vez da hierarquia, a rede. O atrativo do futuro prevalece sobre o peso do passado. O feminino alcança o viril.

Jacques
Lacan

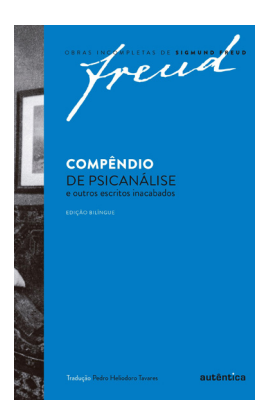
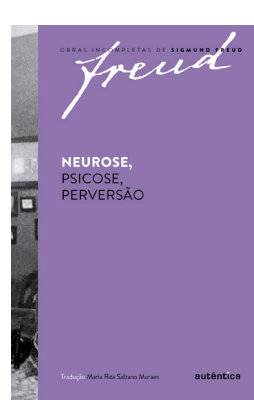
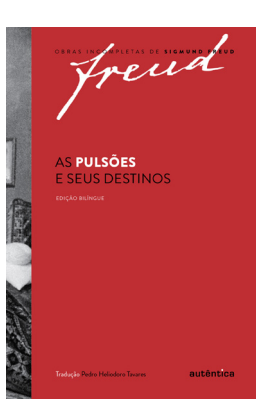
O Seminário,
livro 6:
O desejo e sua
interpretação

[...] O Édipo não é a solução única do desejo, é apenas sua forma normalizada; esta é patogênica; não esgota o destino do desejo. Daí o elogio da perversão que encerra o volume. Lacan lhe confere o valor de uma rebelião contra as identificações que asseguram a manutenção da rotina social.

[...] Estamos envolvidos. Lacan fala de nós.”

Neste Seminário, sete lições tratam o desejo e da questão patriarcal a partir de *Hamlet*, de Shakespeare. O volume traz também um apêndice de autoria de Jacques-Alain Miller, em que ele comenta algumas referências culturais e bibliográficas feitas por Lacan ao longo do livro.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. (Campo Freudiano no Brasil)



Atualização de Obras incompletas de Sigmund Freud

Retorno a Freud, finalmente.

Em agosto de 2014, *Yolanda Vilela*, editora da belíssima *Derivas analíticas – Revista digital de Psicanálise e cultura da EBP-MG1* – publicou uma longa entrevista com os editores do mais novo projeto de tradução de Freud, a coleção *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, pela editora Autêntica. Com sua amável permissão, republicamos aqui a entrevista, acrescentando apenas algumas breves notícias sobre o que ocorreu nestes 18 meses.

Quando da entrevista, havia dois volumes em preparação. Os dois já foram lançados. Primeiro, publicamos o “Compêndio de psicanálise” (“Abriss der Psychoanalyse”), em edição bilíngue. O *Abriss*, que o público brasileiro costuma se referir como “Esboço” é, na verdade, um “compêndio”. É uma espécie de testamento, que condensa toda a terminologia freudiana, já que foi escrito no último ano de vida de Freud.

Em seguida, lançamos o primeiro volume temático. A coleção é a primeira edição temática de Freud em português, todas as outras sendo cronológicas. No ano passado, publicamos “Arte, literatura e os artistas”, uma antologia com todos os textos de Freud sobre esses temas. Ficou um volume interessantíssimo, com um esclarecedor prefácio, redigido pelo professor de estética e filosofia das artes *Ernani Chaves*, que ensina na UFPA e que já foi professor visitante em prestigiosas universidades alemãs, como a *Freie Universität de Berlin*.

Atualmente, está sendo finalizado mais um volume temático: “Neurose, psicose, perversão”. Esse volume reúne todos os principais textos de Freud sobre esses temas, desde os Manuscritos e cartas a Fliess, sobre a paranoia, por exemplo, até os textos sobre a “Perda da realidade na neurose e na psicose” ou “O problema econômico do masoquismo”. Esse volume vai incluir um alentado aparato crítico, composto de notas e notícias bibliográficas que ajudam a situar o leitor, quanto à gênese, contexto e repercussão de cada ensaio de Freud. Além disso, conta com um posfácio de nosso colega *Antônio Teixeira* (EBP/AMP). O lançamento está previsto para o início de maio.

Em seguida, temos mais um volume que conta com a colaboração de outro colega da EBP/AMP. O volume “Fundamentos da clínica psicanalítica” reunirá os assim chamados artigos técnicos de Freud, todos eles da “primeira tópica” e os textos que, depois, repensam a questão da técnica a partir da nova teoria pulsional. São basicamente os textos, se podemos chamar assim, de ética freudiana, como “A questão

REFERENCIAS DAS OBRAS INCOMPLETAS DE SIGMUND FREUD

FREUD, Sigmund. Sobre a concepção das afásias: um estudo crítico. Tradução Emiliano de Brito Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 1).

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 2).

FREUD, Sigmund. Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados. Tradução Pedro Heliodoro Tavares, revisão técnica Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 3).

FREUD, Sigmund. Arte, literatura e os artistas. Tradução Ernani Chaves, revisão de tradução Pedro Heliodoro Tavares, revisão técnica Gilson Iannini. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 4).

FREUD, Sigmund. Neurose, psicose, perversão. Tradução Cláudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 5).

FREUD, Sigmund. Fundamentos da clínica psicanalítica. Tradução Pedro Heliodoro Tavares, revisão técnica Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras incompletas de Sigmund Freud, v. 6).

da análise leiga”, “Análise terminável”, “Construções”, que lidam com temas como a formação do analista, o final de análise, os limites da interpretação, etc. Esse volume será posfaciado por *Sérgio Laia* (EBP/AMP) e será publicado no início do segundo semestre, ainda esse ano.

Além disso, há diversos volumes em fases iniciais e intermediárias de preparação. O fato de contarmos com uma equipe de tradutores, uma equipe interdisciplinar e experiente, faculta trabalharmos em vários volumes ao mesmo tempo. No entanto, é difícil publicar mais do que dois volumes por ano, porque todas as traduções passam por uma criteriosa revisão técnica, a cargo de *Pedro Heliodoro Tavares*, psicanalista e professor de letras germânicas da USP, antes de passar pela edição final.

Na entrevista publicada na *Derivas*, os principais aspectos gerais da coleção estão bem detalhados. Esperamos, com todo esse esforço, contribuir para tornar possível que o Brasil, finalmente, possa fazer um “retorno a Freud”.

Gilson Iannini
[AP/Belo Horizonte]

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Freud: uma tradução para o século XXI. Entrevistadora: Yolanda Vilela. *Derivas analíticas*: revista digital de psicanálise e cultura da Escola Brasileira de Psicanálise - MG, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/traducao>>. Acesso em: 13/04/2016. Entrevista sobre a coleção Obras incompletas de S. Freud.

Veja a coleção incompleta aqui:

<http://grupoautentica.com.br/autentica/colecoes/68>

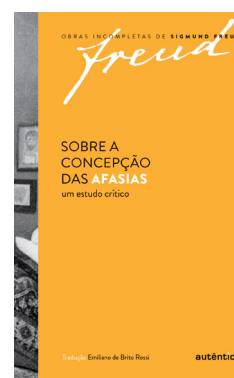
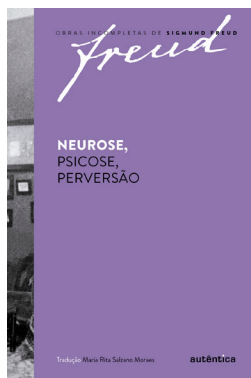
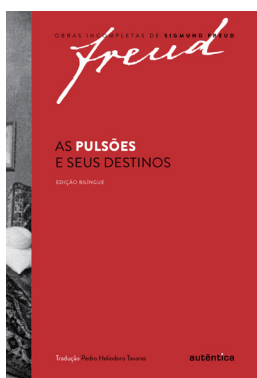
***Derivas analíticas*. Revista digital de Psicanálise e cultura da EBP-MG**

<http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/traducao>

Acesse a entrevista completa com Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares

Freud: uma tradução para o século XXI

***Derivas analíticas*. Revista digital de Psicanálise e cultura da EBP-MG**



Opção Lacanianana nº 72

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Jacques Lacan – O mal-entendido
Jacques-Alain Miller – Interpretar a criança

Este número de *Opção Lacanianana* conta com três textos de referência: “O mal-entendido”, de Jacques Lacan, pronunciado por ele em 1980 e publicado originalmente em *Ornicar?* N°22/23, acompanhado por uma discussão empreendida por colegas da Seção Rio, que discutiram esse texto em um cartel; “Em direção à adolescência”, de Jacques-Alain Miller, texto importantíssimo para as discussões que se iniciam em torno do tema do *XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano*, que acontecerá em novembro, em São Paulo; e o terceiro texto, também de Jacques-Alain Miller, “Interpretar a criança”, intervenção na Segunda Jornada do *Institut de l’Enfant*, que teve lugar em Issy-les-Moulineaux, em 2013, e que traz questões importantes para quem se debruça sobre aspectos da clínica com crianças. Além desses textos de referência, como sempre, esta edição contou com a colaboração de outros colegas da EBP.

Teresinha N. M. Prado

Março 2016

72

Ser Mãe

*Nota sobre
o livro
Ser Mãe,
mulheres
psicanalistas
falam da
maternidade*



Esses textos discutem a diversidade com que a maternidade se apresenta em nosso mundo contemporâneo e os novos sintomas ligados a ela. Com eles aprendemos que não há uma medida certa a ser seguida que

pudesse dizer como ser mãe, cada uma inventa de modo singular sua relação com a maternidade e não sem passar pelo corpo.

Transcrevemos as palavras de Ana Lucia Lutterbach Holck, diretora Geral da Escola Brasileira de Psicanálise na contracapa do livro:

“Para a psicanálise, a culpa não é da mãe e a responsabilidade, pelas contingências que atravessam a vida de cada um, coloca um ponto de basta na culpa para dar lugar à invenção de soluções singulares.

SER MÃE é uma coletânea de textos escritos por mulheres psicanalistas francesas da Associação Mundial de Psicanálise, que abordam o tema em suas diversas vertentes, mas sempre a partir da clínica psicanalítica, dando voz aos dizeres de uma mãe fora das expectativas da civilização e em contato com o real da experiência. Testemunham assim, não só as palavras inéditas sobre ser mãe como os impasses atuais sobre o tema: a devastação feminina pós parto, o desejo ilimitado, o compartilhamento dos cuidados maternos com o pai, as mulheres às voltas com as novas tecnologias que pluralizam a mãe

em biológica, doadora ou portadora do bebê. Apesar de ser um livro de psicanálise, sua linguagem clara e sem jargões é também um convite a todo leitor que se interessa sobre o tema.”

O livro “Ser Mãe, mulheres psicanalistas falam da maternidade”, cuja organização da Edição Brasileira ficou a cargo de Elisa Alvarenga e a tradução foi feita por Vera Avelar Ribeiro, teve seu lançamento em São Paulo durante o VII Enapol, O império das imagens. Tivemos sucesso de venda e sua primeira edição já está esgotada.

ALBERTI, Christiane; ALVARENGA, Elisa (Orgs.). Ser mãe: mulheres psicanalistas falam da maternidade. Tradução Vera Avelar Ribeiro. Belo Horizonte: EBP, 2015.

Surfando

- O livro original foi resultado das 44^o jornadas da ECF/Paris. Confira:

<http://www.etemere.fr/vient-paraitre/>



• *O Seminário 6* de Jacques Lacan, *O desejo e sua interpretação*

Não deixe de linkar a :

http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_14/Apresentacao_do_seminario_6.pdf

Confira esse debate

<http://www.bibliofranca.org.br/?programacao=o-desejo-e-sua-interpretacao-debate-sobre-lacan#.VxYr-3qo2SY>



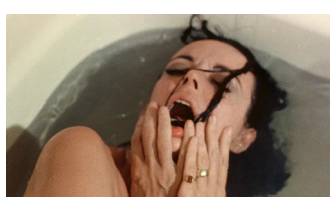
• *Mostra Corpo e cinema*

<https://mostracorpoecinema.wordpress.com/>

Seleção de 20 filmes toca em temas como as relações afetivas, o erotismo, a dança, a antropofagia, o feminismo, a violência e a monstrosidade.

Apresentamos ao público da Caixa Cultural a mostra *Corpo e Cinema*, um quadro formado por 12 longas e 8 curtas-metragens de diferentes origens e épocas cujas formas, linguagens e mise-en-scènes abrigam os corpos e a questão da corporalidade de maneira muito particular.

Local: CAIXA Cultural Rio de Janeiro – Cinema 1
Endereço: Av. Almirante Barroso, 25, Centro (Metrô: Estação Carioca)
Telefone: (21) 3980-3815
Data: 19 de abril a 01 de maio de 2016 (terça-feira a domingo)
Fanpage: <http://www.facebook.com/mostracorpoecinema>





X Congresso da AMP O CORPO FALANTE

Sobre o Inconsciente no século XXI

25 a 28 de Abril de 2016 • Hotel Sofitel - Copacabana, Rio de Janeiro



• Última versão da *Bibliofalante* multilíngua:

Pela imagem entre no *flipping book* e navegue entre línguas. Compartilhe, faça ela falar.

<https://www.congressoamp2016.com/bibliofalante/#>

https://www.congressoamp2016.com/index_lang.php?url=/

*E assim tu pintor, de qualquer escola que sejas,
atende segundo as circunstâncias,
à qualidade dos que falam
e a natureza da coisa que te fala.*
Leonardo da Vinci, *Tratado da pintura*

Bibliofalante é um instrumento de investigação baseado na escolha das citações precisas que ajudem a orientar leituras, desde Freud ao mais contemporâneo dos autores, que se enderecem ao corpo falante. Uma bibliografia para desbravadores, como indica Jacques-Alain Miller em sua conferência de abertura.

Equipes constituídas nas cinco línguas mais faladas no Campo Freudiano tomaram como bússola compartilhada de investigação o significante *parlêtre*.

Cada uma das línguas escolheu a fina extensão da articulação do "parlêtre" com outros significantes que surgiram no curso da investigação: Corpo, RSI, Sintoma, Inconsciente, Escabelo, etc.

As línguas se distinguem por cores, extraindo delas o toque de real que lhes é próprio.

O formato *flippingbook*, foi escolhido por seu potencial interativo e por ser um suporte que permite singularizar o percurso de cada um. Pesquisa por autor, por palavra, envio da seleção por email, acesso no telefone, Ipad, no site, descarga o livro fila por todos os lados.

Até a realização do Congresso, a *Bibliofalante* será publicada em dois tempos.

Cada língua contou com uma equipe que aparecerá mencionada na sua cor correspondente.

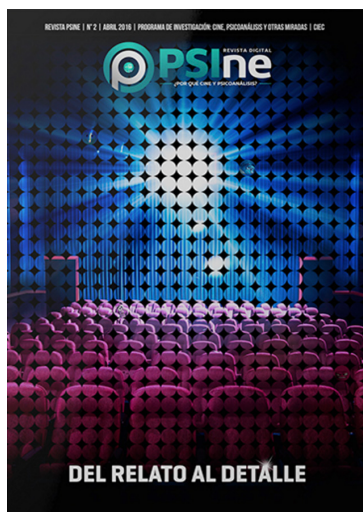
Desde já agradecemos a boa disposição dos colegas aqui nomeados, provenientes de todas as escolas da AMP para integrar-se a esta viagem.

Marcela Antelo
(Editora)

X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise
25 a 28 de abril de 2016, Rio de Janeiro

Bibliofalante
O CORPO FALANTE
Sobre o inconsciente no século XXI

Bibliofalante
multilíngua
Español • Français • Português • Italiano • English



• Confira a *Revista Digital PSIne*, Nº2, CIEC, Córdoba Del relato al detalle

<http://revistapsine.com/>



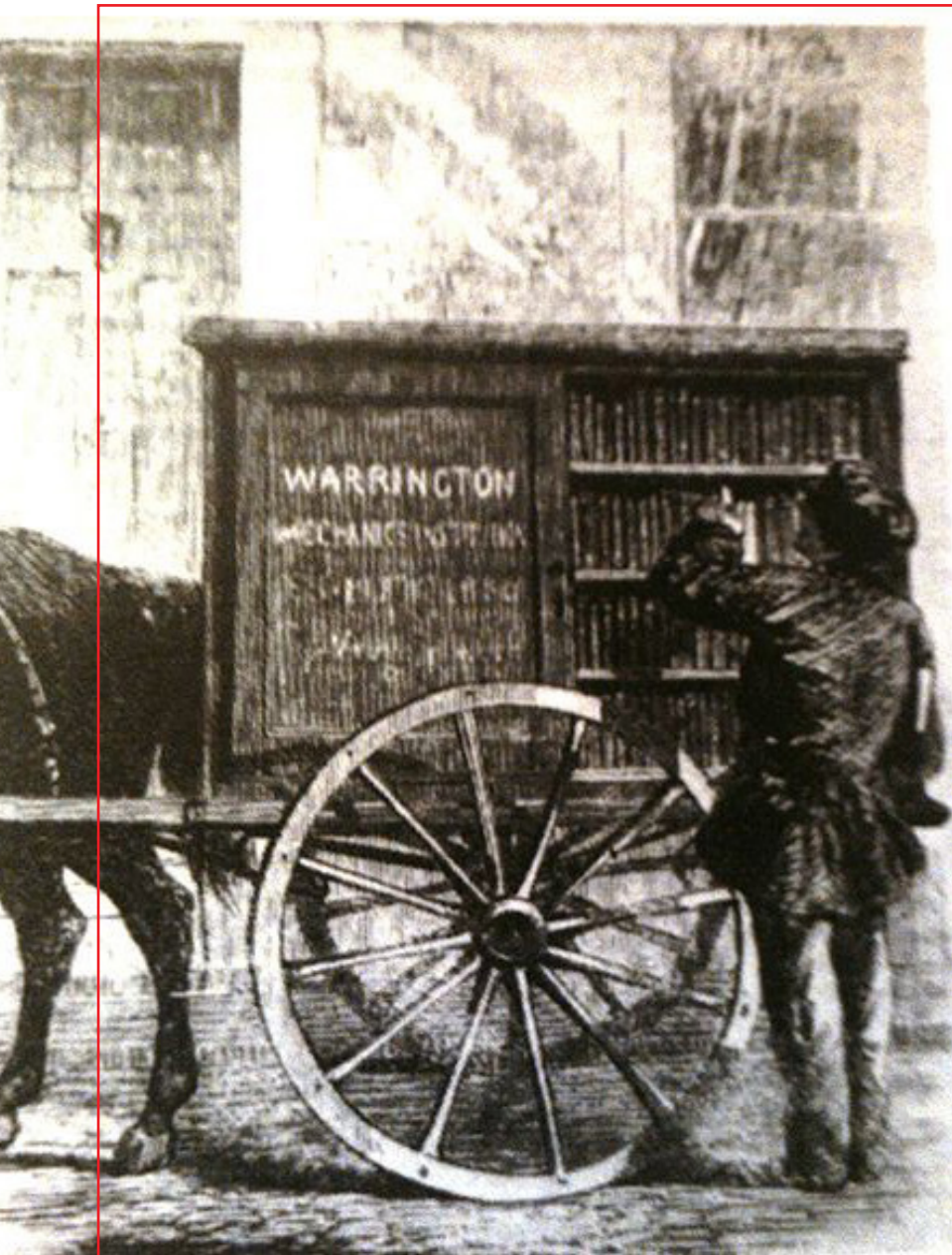
} Expediente

BIBLIO 29

Editor responsável:	Marcela Antelo
Editor responsável desse número:	Lêda Guimarães
Comissão editorial:	Ana Cristina Figueiredo Ana Martha Wilson Maia Andrea Rolo Beth Karam Elza Freitas Francisca Joana Menta Soares Hena Souza Lemgruber José Alberto Ferreira Patrícia Guimarães Patrícia Paterson Simone Bianchi Jessica Nogueira [Bibliotecaria EBP-Rio]
Coordenadoras da Livraria do Congresso da AMP:	Maricia Ciscato Maria Bernadette Pitteri
Crédito imagem de capa:	“The walking library” Fonte: VSW Soibelman Syndicate News Agency Archive
Design gráfico:	Celeste Hampton
Equipe bibliotecas EBP:	Marcela Antelo [Diretora] Lêda Silva Guimarães [EBP - Rio de Janeiro] Teresinha Natal Meirelles do Prado [EBP - São Paulo] Márcia Maria Rosa Vieira Luchina [EBP - Minas Gerais] Mônica Hage [EBP - Bahia] Anamaria Vasconcelos [EBP - Pernambuco] Oscar Reymundo [EBP - Santa Catarina]

ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br

 **Escola Brasileira
de Psicanálise**



EDITORIAL

*Os livros
sabem de
tudo.
Já sabem
deste dilema.
Só não sabem
que, no
fundo,
ler não passa
de uma
lenda.*

*M de memória,
Paulo Leminski*

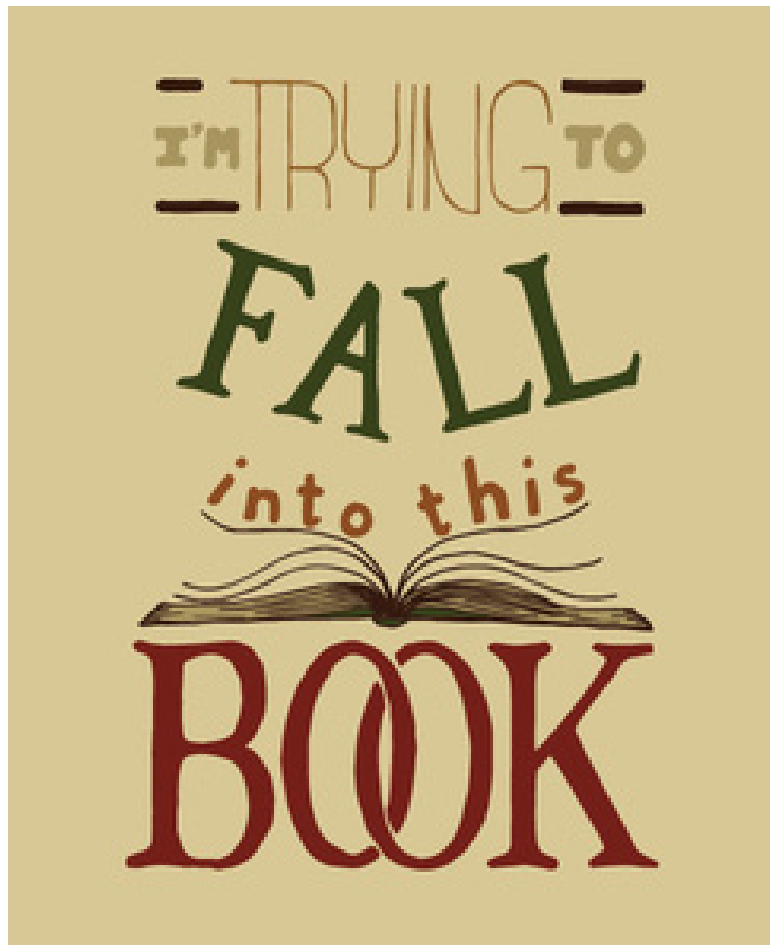
A foto que nos inspira neste número redondo de *Bibliô* revela a persistência de um desejo. A livraria ambulante de Warrington, Cheshire, começou a cavalgar em 1858 levando livros a cada porta e multiplicando os empréstimos da livraria pública que a inventara. Hoje, um novo Hermes cumpre a função e é cada dia mais fácil cair dentro de um livro - *fall into a book* -, como bem dizem os britânicos, já que nos borboleteiam ao redor por todas as telas da aletosfera. Eis o destino de um leitor se um drone insensato e acéfalo não atravessar o caminho da queda, abortando a possibilidade da lenda. Animados pela atualidade do *Seminário 6* de Jacques Lacan, O desejo e sua interpretação, levamos a vocês alguns divinos detalhes sobre o livro que há na mesa de todos nós.

M.A

A fenda subjetiva no Seminário 6

Gerardo Arenas

Na aula inaugural de seu último curso, Jacques-Alain Miller disse que estabelecer *O Seminário de Jacques Lacan* é traduzi-lo, já que implica conjeturar, repetidamente, qual teria sido a intenção de Lacan, o que teria querido dizer... embora não o haja dito ou o tenha feito de maneira obscura, imperfeita. [1] Quem traduz um seminário já estabelecido por Miller tampouco pode tornar óbvio o passo dessa conjetura, na mesma medida em que para fazer uma tradução é desejável ter presente o texto original, que nesse caso também falta. A diferença radica em que



pelo menos conta com a tradução de Miller. Portanto, estabelecer é traduzir. E a recíproca, também vale? Em algumas ocasiões sim, embora dentro de limites mais estreitos.

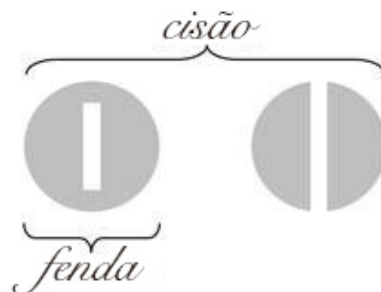
Mostrarei isso mediante um exemplo que escolho pelas dificuldades que me colocou e pelo ensino que me deixou como saldo: o da tradução do termo *fente* (fenda) nos capítulos XXIII e seguintes do *Seminário 6, O desejo e sua interpretação*.

Na verdade, nenhuma das passagens pontuais onde *fente* aparece coloca problemas de interpretação. Quando alude ao postigo através do qual um voyeur pode espiar, *fente* é *fresta* ou *rachadura*. Se se refere à braguilha que se abre no gesto exibicionista, *fente* é *furo* ou *abertura*. E naquelas circunstâncias em que pretende dar uma imagem da estrutura do sujeito, uma longa tradição verte *fente* por cisão ou por *divisão*.

O problema surge quando, ao passar de cada um desses contextos ao conjunto que eles formam, perguntamo-nos por que Lacan, que em sua língua dispunha de termos usuais e bem-diferenciados (*fente*, *ouverture*, *scission* ou *division*, respectivamente), haveria optado por utilizar o mesmo vocábulo em todos esses casos, inclusive forçando às vezes o campo semântico que lhe é próprio. Aqui, a pergunta pela *intenção* de Lacan se impõe com todo seu peso.

Antes de indicar que resposta esbocei para esta pergunta, creio indispensável fazer um esclarecimento.

Em francês, o substantivo *fente* e o verbo *fendre* possuem a mesma raiz latina que têm o substantivo *hendidura* e o verbo *hendir* (ou *hender*) em castelhano. Linhagem idêntica acredita-se que tenham os termos *hendija* (fenda) e *rendija* (fresta). Todos eles assinalam a ação ou o efeito de abrir ou rachar algo *sem dividi-lo completamente*. Por sua vez, tanto os termos franceses *scission* e *scinder*, como seus correlatos castelhanos *escisión* e *escindir* surgem de uma raiz diferente que – além de aparentá-los aos ingleses *splitting* e *split*, e com os alemães *Spalt* (ou *Spaltung*) e *spalten* – os refere ao ato de abrir ou cortar algo, *mas sem especificar se o divide totalmente ou não*.



Atender a essas distinções seria, por acaso, fiar fino demais? [2] Talvez sim, talvez não. Mas se pensamos que essas precisões de Lacan darão lugar à discussão da estrutura topológica do sujeito, a resposta se inclina um pouco mais em direção ao não.

Em meu entender, a escolha do termo *fente* e seu emprego sistemático (ainda que ao preço de forçamentos expressivos) permitem conjecturar em Lacan uma intenção dupla.



Por um lado, procura esclarecer que o que Freud denominava *Ichspaltung* (que os ingleses traduzem como *splitting of the ego* e que costumamos traduzir por *cisão do eu*) não há de ser entendido como uma divisão ou uma fragmentação do eu (ou do sujeito, segundo a leitura que fazamos do termo *Ich*), mas como uma fenda, quer dizer, como o surgimento de uma abertura que não o segmenta em partes.

Por outro lado, permite outorgar um relevo conceitual à noção de

fenda, que pode ser considerado um antecedente necessário dos desenvolvimentos relativos ao inconsciente pulsátil no *Seminário 11* e às diversas manipulações do toro esburacado que povoam o ultimíssimo ensino de Lacan.

O tradutor se vê então fisgado por pelo menos quatro forças. Por um lado, as tradições o inclinam a empregar *fenda*, *abertura* e *cisão* segundo os casos. A regra tácita de não dar traduções diferentes de um mesmo termo em contextos similares, por outro lado, o impulsiona a utilizar *fenda* em todos eles, em detrimento da correção do resultado. Além disso, a necessidade de traduzir o impede de deixar intacta a palavra *fente* e recorrer a incômodas notas de esclarecimento. Por último, a responsabilidade por estabelecer o texto castelhano o obriga a não apagar as pegadas da (conjeturada) dupla intenção do autor.

A solução adotada em tal beco sem saída consistiu em conjugar a pluralidade de sentidos com a unicidade do significante que os condensa (*fente*, incluído entre colchetes) e, assim, romper, seguindo Lacan, com a tradição que verte *Spaltung* e *splitting* por cisão.

O leitor julgará se esta solução foi acertada ou não.

NOTAS

- [1] L'orientation lacanienne, curso de 19 de enero de 2011 (inédito).
- [2] Splitting hairs, diria um inglês; couper les cheveux en quatre, um francês.

NT – L'objet fendu do original em francês foi traduzido ao português como objeto cindido (LACAN, Jacques. O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. Col. Campo freudiano). Talvez o termo gap seja mais adequado para traduzir splitting, mantendo a fidelidade com fenda.

Artigo originalmente publicado em: Virtualia. Revista digital de la EOL, n. 28, Buenos Aires, julio 2014.
<http://virtualia.eol.org.ar/028/template.asp?Anticipo/La-hendidura-subjetiva-en-el-Seminario-6.html>

Tradução: Roberto Dias

Revisão: Luiz Gonzaga Morando Queiroz

Gerardo Arenas

Psicanalista em Buenos Aires, membro da AMP/EOL, do Instituto Oscar Masotta e de Acción Lacaniana. Tradutor para o espanhol do Seminário, livro 6; de *El mito individual del neurótico*, *El Seminario, Libro 19, ...o peor*, e de seminários de Jacques-Alain Miller (*Donc* e *El lugar y el lazo*). Autor de *La flecha de Eros* (Buenos Aires: Grama, 2012); *En busca de lo singular: el primer proyecto de Lacan y el giro de los setenta* (Buenos Aires: Grama, 2010); *Usos de la interpretación en las psicosis* (Buenos Aires: Russell, 2001); *Estructura lógica de la interpretación* (Buenos Aires: Atuel, 1998).

A loucura de Hamlet e a do mundo

*Antoni Vicens**



*“Compreende-se o
Hamlet? Não há
dúvida, a certeza é
que enlouquece... (...)
Todos nós tememos a
verdade.”*

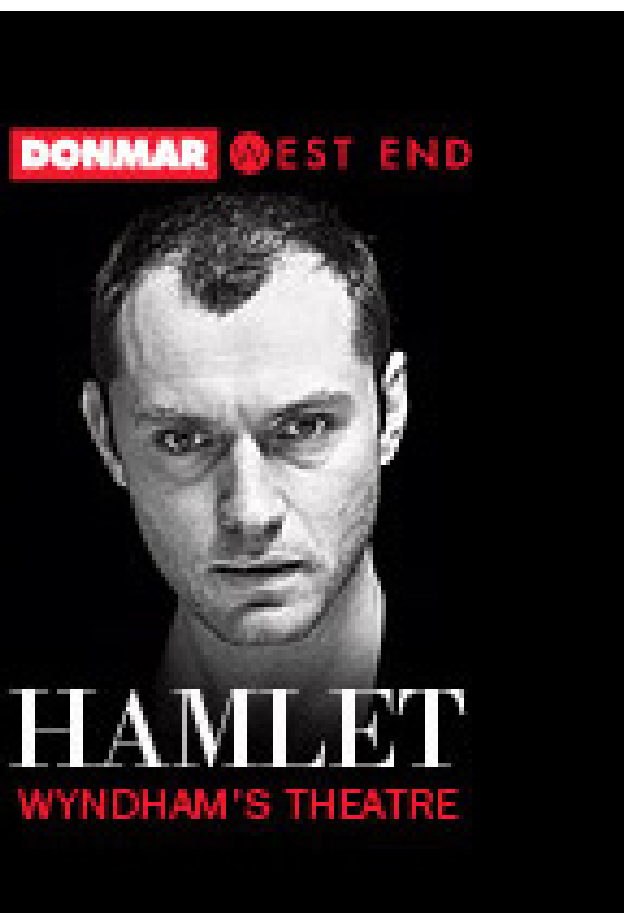
*“Shakespeare (...)
concebeu o tipo de
César. Algo assim não
se intui.”*

Friedrich Nietzsche, Ecce homo

Hamlet segue avançando em nossa direção, armado dos pés à cabeça com os signos de nosso ser, e nos lança seu desafio: Venha até mim, se puder. Saia a meu encontro e encontre a si mesmo! Seja o homem de desejo que dizes que queres ser; mas, antes, passe pela minha história.

Jacques Lacan dedicou a *Hamlet* suas sete lições de seminário em 1959 num momento crucial de sua carreira e de seu ensino. A necessidade de fazer reconhecer o valor da formação psicanalítica que ele e seu grupo dispensavam aparece como um ato no qual o sentido de sua clínica, de sua elaboração conceitual e de sua política estavam a ponto de deixá-lo, como o homem autêntico, sozinho com seu desejo. Acredito que essas lições que dedicou a Hamlet ilustram a posição tomada por Lacan no destino da

psicanálise e antecipam os conteúdos do que desenvolveu no seminário do curso seguinte, *A ética da psicanálise*. Quero dizer com isto que elas anunciam a virada extrema que tomaria seu trabalho, e que de fato nos leva às instituições atuais da psicanálise.



Lacan apresenta Hamlet como um homem de desejo, que não pode deixar de atuar, mas cuja ação é adiada. Não indefinidamente, mas até um ponto muito preciso: Hamlet só faz o que tem de fazer – matar Cláudio – quando ele mesmo já está condenado à morte sem remédio.

Neste trajeto, mostra-nos sua culpabilidade inconsciente: aquela que se liga a seu ser. “É-lhe insuportável ser”, diz Lacan. E seu monólogo *To be or not to be*, o simples fato de pronunciá-lo, o leva ao compromisso de ser. *L'engage (...) dans l'être*, diz Lacan, fazendo referência às doutrinas então próximas do *engagement*; mas também *l'engage lè-*

se langage. Leiamos, portanto, aí, que Hamlet mostra o compromisso de nosso ser com a linguagem.

Hamlet deseja, portanto, mas não sabe o que quer. Avança na via de seu desejo, mas apenas o assume após ter entrado num espaço cuja lógica havia de desenvolver Lacan em seu Seminário no ano seguinte. Trata-se do espaço privilegiado da tragédia: a dimensão do ser entre duas mortes. Na tragédia *Édipo rei*, o que introduz Édipo nessa dimensão é a peste de Tebas; e quanto a Antígona, seu ato fatal a conduz a ser enterrada em vida, morta antes de morrer, para morrer depois de morta.

Através da obra de Freud, a psicanálise recupera este espaço para nossos tempos “áridos do cientificismo”. Neste sentido, a leitura de *Hamlet* é muito ilustrativa porque, diferentemente de Édipo, que é um herói dos tempos antigos, Hamlet é um homem de nossa época: é o sujeito da ciência, o homem contemporâneo ao *The Advancement of Learning*, de Francis Bacon, que antecede em pouco o *Discurso do método* cartesiano.

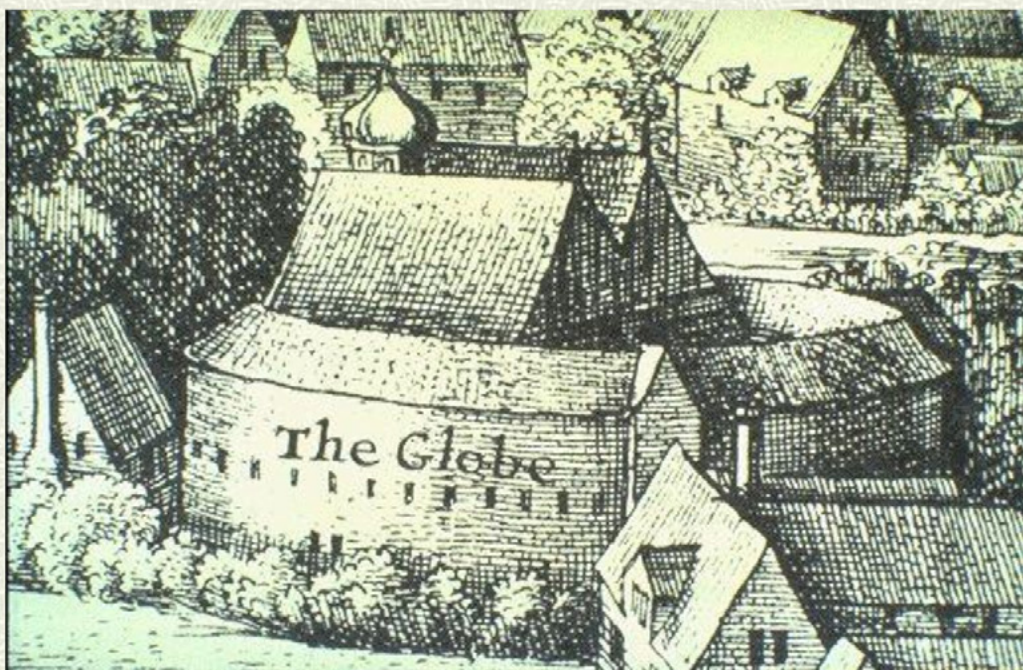
Hamlet é um homem que sabe e, poderíamos dizer, que sabe demais. Assim como Édipo, diz Lacan, mata seu pai e se casa com sua mãe sem saber que o são, Hamlet é aquele que, de entrada, e graças à palavra do espectro, já sabe. E precisamente suas dificuldades provêm deste saber e de seu domínio. É por isso que impõe a si mesmo uma forma de loucura: suspenso como está à hora do Outro - como diz Lacan em seu Seminário -, vê-se obrigado a desconcertá-lo em busca da oportunidade de levar a cabo sua política.

Por outro lado, a tragédia nos mostra que seu desejo não se realiza se não for passando por todo um campo de obstáculos especulares. E se leva adiante seu desejo, é diante destes espelhos. Encontramo-nos certamente no espaço da política dos tempos modernos: o palácio de Versalhes é um palácio de espelhos; e também quando se firmaram os tratados que supostamente haviam de dar fim à Grande Guerra.

A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, se desenvolve entre personagens inesquecíveis. Digamos, para começar, que Ofélia não é o espelho de Hamlet, mas que, precisamente, ela é a oportunidade de que surja o objeto que não tem imagem especular. Ofélia é para Hamlet a ideia que ele tem do ser: ou é uma condenação ou é um dom. Se, por um lado, Ofélia representa

a matriz, Hamlet assinala que desta matriz sairão novos condenados. Se, por outro lado, Ofélia é o objeto mais precioso, o objeto excelente, se é o que vem a completar o narcisismo masculino de Hamlet, se responde à figura do que significa seu nome - como diz Lacan: o *phallos*, o falo -, então Ofélia é o signo propício do dom do amor. É nesta vacilação onde se joga a ambiguidade

Shakespeare's Globe Theatre

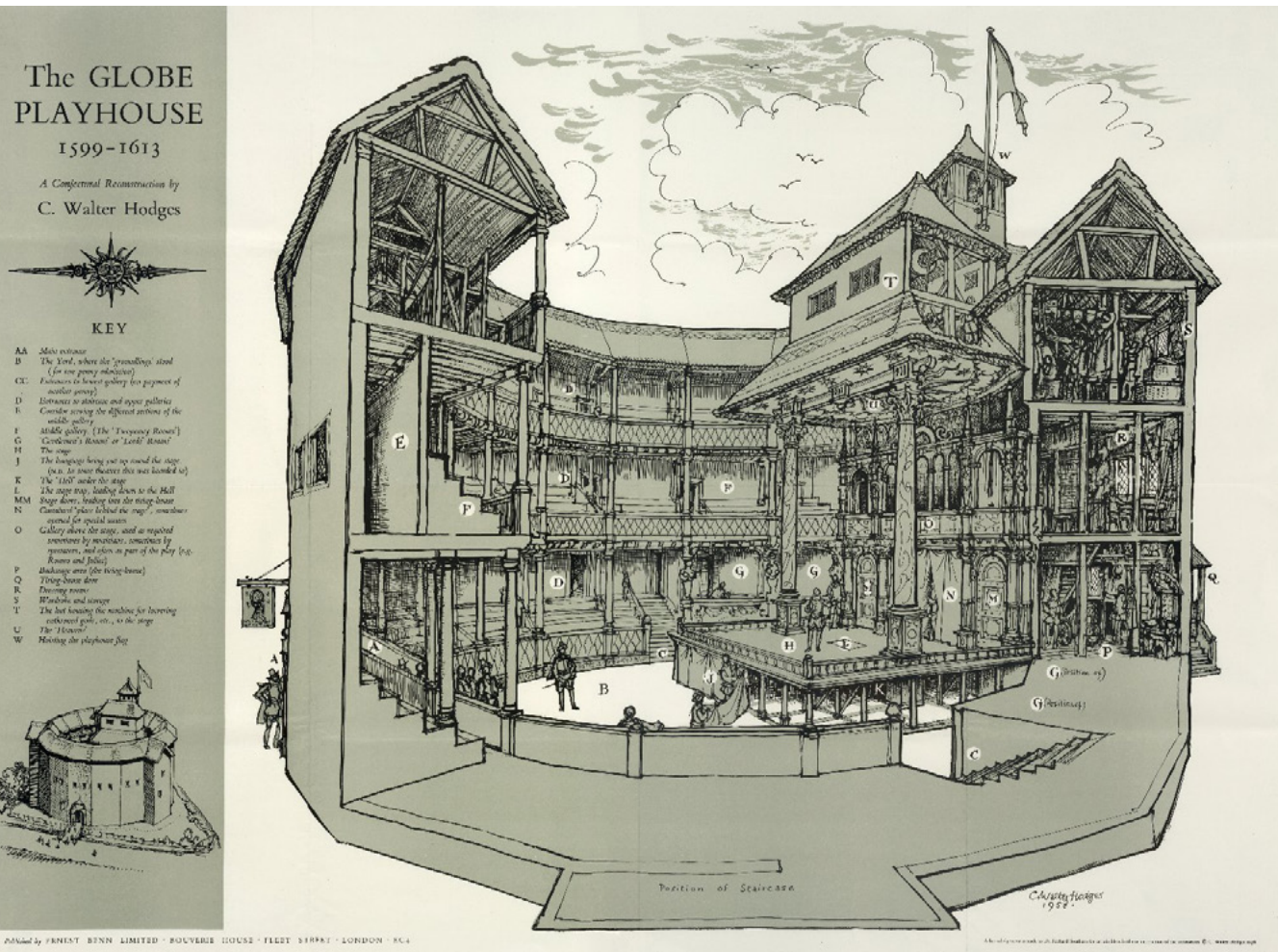


da atitude de Hamlet com Ofélia. Mas a estes dois aspectos de Ofélia é necessário acrescentar um terceiro passo: é o de Ofélia morta. E é aí onde já não restam miragens; Ofélia morta é a oportunidade para que o herói pronuncie seu *cogito* e assuma seu ser: *This is I, Hamlet the Dane*. O que quer dizer: “A mim, cabe-me fazer seu luto; e com o trabalho deste luto assumo meu desejo”.

Cláudio, num sentido, é um personagem edípico, que fez o que Hamlet não se atreve a fazer: matar o pai; mas, ao mesmo tempo, encarna o poder real. Embora há que dizer que, como político, resulta bastante medíocre: se, por um lado, consegue deter a ofensiva de Fortinbrás, por outro aparece como um rei culpabilizado, dividido portanto, e que não pode chegar a estar à altura. De fato, com suas decisões políticas,

vai destruindo-se mais e mais, como um homem possuído pela pulsão de morte. Fixemos em como há de suportar todas e cada uma das insolências de Hamlet; e como não consegue convertê-lo em um de seus homens fiéis, nem mesmo oferecendo-lhe a sucessão ao trono. Utiliza como espíões dois tolos como Rosencrantz e Guildenstern; tem de esconder-se ridiculamente atrás dos tapetes para espiar; tem remorsos o tempo todo e por tudo o que faz; não lhe cai bem a vestimenta de rei; não suporta ver-se refletido

na pantomima; prepara um complô para matar Hamlet, e se sai mal; esconde a morte de Polônio e provoca uma rebelião popular. A obra nos dá os indícios suficientes de que foi ele que mandou matar Ofélia, mas é apenas porque não sabe o que fazer com ela. E, finalmente, prepara um segundo complô para matar Hamlet que acaba arrastando todo mundo e deixando o reino nas mãos de outra dinastia. E, como se não bastasse, nem sequer é ele quem vota pelo novo monarca, mas sim Hamlet moribundo é quem o faz.



Gertrudes, por sua parte, é uma mulher dividida entre um amor doentio por seu filho e um desejo tão grande de não dormir só - *con béant*, segundo o qualificativo de Lacan -, que encurta seu luto de viúva até servir ao usurpador seu corpo ainda quente do marido anterior. E deixamos de lado sua hipotética participação no assassinato de Hamlet, cujo exame resultaria muito

eloquente para a compreensão daquele amor idealizado que, segundo Hamlet filho, lhe tinha seu pai.

Lacan nos faz prestar atenção também ao fato de que Laertes, amigo de Hamlet, amigo de verdade, apesar ou talvez mesmo através de sua rivalidade, vem a ser sua imagem especular, tal qual ele mesmo o diz quando

aceita o duelo: *I'll be your foil, Laertes!*: “serei teu espelho, serei a folha brilhante sobre a qual darás teu melhor reflexo”¹.

Com efeito, *A tragédia de Hamlet*, príncipe da Dinamarca se apresenta a nós como um jogo de espelhos no qual o espectador é capturado. A *play-scene* é como o espelho no fundo de *Las meninas*, onde nos vemos refletidos, mais precisamente aí onde não nos corresponde estar: no lugar dos reis que está pintando Velázquez. Quando Cláudio se vê na pantomima, não pode ver mais que aquilo que põe em crise sua qualidade de rei: sua culpa, seu interior; esquecendo



lamentavelmente que os reis não têm interior.

A obra propõe também outra simetria, a que se produz entre a coroa da Dinamarca e a da Noruega. Como diz Hamlet, numa linha que tem desafiado as interpretações, *I am but mad north-north-west*, “Eu só sou louco a Norte-noroeste.” Com efeito, esta é a orientação exata da linha reta navegável que conduz desde Elsinor até a capital da

Noruega. Em vez disso, diz Hamlet, “quando o vento é do sul distingo um gavião de um falcão.” É que, exatamente ao sul de Elsinor, em seu mesmo meridiano, fica Wittenberg, em cuja Universidade Hamlet aprendeu as distinções básicas da linguagem e as artes políticas dos tempos modernos.

A Noruega é, portanto, o “Outro cenário” da obra, que nunca aparece em cena, mas que está presente o tempo todo. Daí vão chegando indícios até que, com o desenlace da obra, poderíamos dizer que o espelho (se) gira: de Hamlet pai para Fortinbrás pai; de Hamlet filho para Fortinbrás filho; e em ambos os casos um tio mediador.

Neste jogo de cenários, e em relação aos personagens da tragédia, desenvolve-se a loucura de Hamlet, na qual distinguimos três formas, que chamaremos de neurose hamletiana, loucura bufonesca de Hamlet, e uma terceira classe de loucura, que há que referir à loucura do mundo.

Em primeiro lugar, portanto, Hamlet é um neurótico; ou poderíamos dizer inclusive que representa a neurose mesma. Tal como diz Lacan, *lhe é insuportável ser*; se sente culpado pelo seu ser. Não pode atacar Cláudio, porque nele vê seu pai; e se se vê aí a si mesmo, é como homem de sua mãe. E por outro lado, não pode separar-se de Gertrudes, está fixado junto a ela. E é precisamente por tudo isso que se encontra sem saber o que é que há de querer; ao mesmo tempo em que está embaraçado com um saber que o impulsiona inevitavelmente a atuar. Neste sentido, procrastina; adia seu ato. E essa neurose se cura: quando Ofélia está morta, surge do luto a possibilidade de uma nova metáfora e de um novo objeto motor de seu desejo. Isto faz equivaler a recuperação freudiana do supereu ao acontecimento inconsciente denominado por Freud de complexo de castração.

Mas, por outro lado, Hamlet, a partir do momento em que sabe das circunstâncias da morte de seu pai, o rei, adota como

estratégia política fazer-se louco, atuar como um bufão de corte, personagem de outro viés bem shakespeariano. Não é por nada que, na cena com os coveiros, encontra-se cara a cara com a caveira de um deles, de um dos autênticos, dos que já não restam no tempo de Hamlet filho, um bufão a quem professou amor verdadeiro e que lhe ensinou coisas essenciais em sua formação como homem de corte. A partir daí, Hamlet representa a transformação na qual fazer-se de louco passa a ser, como diz Lacan, uma das dimensões essenciais na política do herói moderno.

Fazer-se de louco é uma manobra de Hamlet que tira Cláudio de si e o deixa à sua mercê. Manobra política de grande voo que contrasta com as intrigas antiquadas e ridículas de seus adversários. Vejam-se, por exemplo, os conselhos caricaturescos que Polônio dá a Laertes como viático. Desta loucura, o mais divertido seja talvez a resposta psicoterapêutica que, como indica Lacan, desperta em Polônio. Seu diagnóstico é: “Vosso nobre filho está louco.” E a causa desta loucura é o amor.

Hamlet, com efeito, põe-se a falar de uma maneira quase maníaca, como diagnostica Lacan. Joga para negar o sentido, para desligar-se do falo, do falo monárquico, por exemplo. Com o que não diremos que ridiculariza seus adversários, mas que, melhor, faz surgir *a thing* que se esconde sob as vestimentas, os brilhos, os toques de trompeta da corte. E é precisamente por aqui que esta segunda loucura de Hamlet nos leva à terceira. Mas antes de falar dela, convém referir-nos à loucura do mundo.

Ao longo de *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, Shakespeare espalha numerosos indícios da desordem do mundo em que vivem tanto Hamlet como os demais personagens. Por exemplo, sabemos como Lacan ressalta um detalhe que havia escapado aos leitores mais perspicazes da obra, que se encontra em seu próprio começo, na cena da mudança da guarda. O

que chega pergunta: *Who's there?*, “Quem está aí?” – quando a pergunta deveria ter sido feita por quem faz a guarda. E este replica, naturalmente: “Sou eu quem pergunta! Alto, e diz quem vem!” Desde o próprio início da obra nos é indicado que algo se encontra transtornado. O sentido destas réplicas é: Tem alguém aqui que vigie?

Mais algumas linhas abaixo, Horácio e Marcelo falam da aparição, como de um augúrio, “de alguma estranha comoção em nosso Estado”. Parece, vêm dizer, que o cadáver do *valiant Hamlet*, do Hamlet pai, se revira em sua tumba, porque o jovem Fortinbrás quer atacar o Estado, o qual, nestas condições, está em pé de



guerra. Horácio recorda então os augúrios que anunciaram a queda de César: mortos saindo de suas tumbas, cometas e eclipses. E apenas por uma fanfarronaria denegadora, Cláudio zomba deste jovem Fortinbrás que crê que, morto Hamlet pai, “nosso Estado se tenha desagregado ou desunido”.

Recordemos também a frase de Hamlet: *All is not well*, “Nem tudo está bem”. Ou a famosa réplica de Marcelo: *Something is rotten in the state of Denmark*, “Há algo de podre no Estado da Dinamarca.” Ou também como, ao final do primeiro ato, Hamlet utiliza palavras parecidas com as de Cláudio, mas o faz afirmativamente: “Nosso tempo está desnorteado.”

É, pois, em relação a este desnorteio dos tempos que, como diz Hamlet, “O rei é uma coisa... de nada”. E é daí que provém a terceira classe de loucura hamletiana.

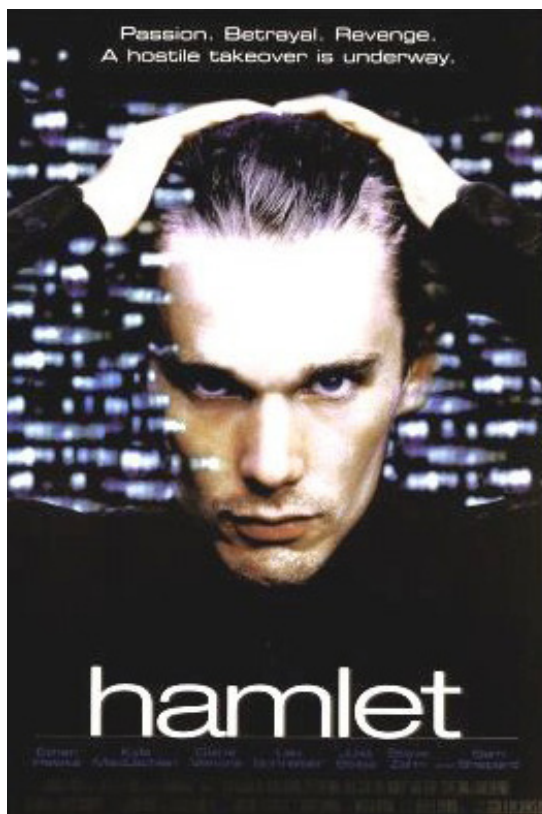
Na obra, escutamos da boca de Hamlet algumas manifestações que assinalam que ele, Hamlet em pessoa, sabe muito bem o que é ser rei, o que é ser rei nos tempos que lhe cabe viver; e também que sabe que este rei que agora governa a Dinamarca, um “rei só de remendos e retalhos”, é demasiadamente corpóreo, obsceno demais para representar a verdade da coroa: é indigno.

Por isso pode-se capturá-lo, ao rei, sua consciência culpada, com uma representação teatral: *The play's the thing, Where in I'll catch the conscience of the King*. “O negócio é a peça – que eu usarei / Pra explodir a consciência do Rei”. Isto é o mesmo que dizer que Cláudio não está à altura de *a thing* incaptável que o rei tem de representar. E é o próprio Cláudio quem, justo antes do monólogo de Hamlet *To be or not to be*, se compara com a puta que não vale nem a coisa - *the thing* - que lhe serve para maquiarse.

E também, quando Rosencrantz suplica a Hamlet que indique onde está o corpo de Polônio, Hamlet responde: “O corpo está com o Rei, mas o Rei não está com o corpo”,

o que assinala novamente a incapacidade de Cláudio de ser a coisa de nada que sustenta a coroa.

O rei, portanto, é uma coisa. É, por um lado, o falo, a sombra alongada, *out stretched*, ereta; é uma anamorfose; mas também é pó, um corpo finalmente, mortal como tal. Pois bem, esta dualidade está presente o tempo todo em *A tragédia de Hamlet*, e a tragédia é que nunca chega a ser sintetizada.



Certamente, na transmissão deste poder real, de pai para filho especialmente, há algo que falha. Mas temos de entender também o câmbio de época que se produz entre Hamlet pai e Hamlet filho. Com efeito, Shakespeare os utiliza para representar uma transformação capital que se produz na Europa na constituição da monarquia, uma transformação da qual a Inglaterra do Renascimento foi pioneira. É algo sobre o que nos ilustra o livro de Ernst Kantorowicz, publicado nos EUA dois anos antes do Seminário de Lacan sobre Hamlet: *The King's two Bodies*, ou *Os dois corpos do rei*. Nele vemos de que maneira a Inglaterra

avançou um século em relação ao continente na identificação clássica do monarca com o Estado, que para os franceses chegaria a seu cume com Luís XIV. Kantorowicz descreve minuciosamente as noções teóricas que contribuíram com uma transformação paulatina, que quiçá passou despercebida para os contemporâneos, mas da qual o gênio de Shakespeare nos permite captar algumas dimensões.

É de destacar a interessante leitura que Kantorowicz faz de *Ricardo II* de Shakespeare, e a forma como mostra como a noção cristã de *corpo místico* foi secularizando-se até formar a noção do corpo do Estado, a qual, do Renascimento aos nossos dias, encontra-se vigente. Kantorowicz mostra como, desde o Renascimento, o rei está provido, de fato, de dois corpos: um caduco, mortal, feito de realidade, e outro imortal, permanente, ficção da realidade do reino. Assim se torna possível que o rei, sendo como é, a cabeça do Estado, seja, ao mesmo tempo, seu corpo inteiro, e que o rei, por legitimar seu poder pelo uso da força, passe a ser o suporte corporal do Estado.

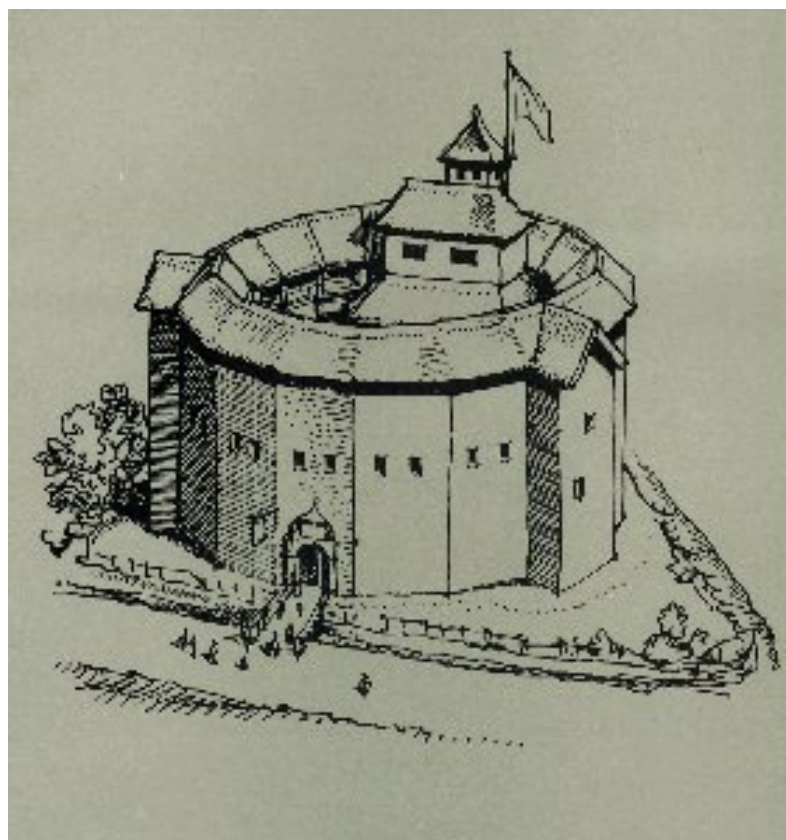
Na passagem da Idade Média ao Renascimento, o rei se situa, como uma nova e inédita figura do tempo, no espaço intermediário entre a eternidade e a temporalidade. Como os anjos, é criado e temporal, ao mesmo tempo em que, permanente como é, é um ser imortal.

A monarquia moderna nasce provida da noção de um tempo que, mesmo sendo infinito, possui um passado e um futuro: é o tempo da crônica, antecedente da história propriamente dita. E, se o corpo do rei é uma ficção - Kantorowicz insiste no fato de que, nascida esta doutrina na Inglaterra, não podia consistir numa abstração, mas sim numa ficção -, é uma *fictio figura veritatis*, como dizia Santo Tomás, ou uma verdade com estrutura de ficção, como diz Lacan.

O que aqui nos interessa sublinhar é que é o corpo do rei, um corpo instalado na dimensão da imortalidade, o que sustenta esta ficção.

E é assim que o rei não morre nunca: ele é a continuidade dinástica: *Corona non moritur*. É uma ave fênix: “O rei morreu! Viva o rei!”.

O rei tem, portanto, uma existência dupla: duplamente ameaçada, duplamente mortal, pela morte que lhe ameaça, e pela Outra morte, a que ameaça a coroa. Esta é, portanto, *a thing*, a coisa que é o rei: um ser que tem que haver-se com estas duas mortes. E esta é também a coisa que deve chegar a ser o rei da Dinamarca, exatamente no tempo que vai de Hamlet pai - um rei tirado de uma saga medieval, que arrisca, ele com seu *único* corpo, num duelo de morte, um pedaço do reino - a Hamlet filho, que já sabe que corpo de ficção são os reis.



Vemos, então, o que Hamlet tem à sua frente: chegar a ser esta coisa, aceitar sê-la, encarnar essa ficção que figura a verdade. E, efetivamente, não faltam as referências de Hamlet a seus direitos à dignidade real, à sua legítima pretensão à coroa. E é algo que também Laertes tem presente quando adverte Ofélia de que a sua escolha como

esposa por parte de Hamlet deve ajustar-se à lei e aos conselhos deste corpo do qual ele é a cabeça.

Recordemos também como, depois da frase: *The time is out of joint*, “Nosso tempo está desnordeado”, Hamlet acrescenta: “Maldita a sina/ Que me fez nascer um dia para consertá-lo”. Entendamos: para colocá-lo no Direito. E evoquemos também como Ofélia, no cume de sua loucura de angústia, pergunta: “Onde está a radiosa rainha da Dinamarca?”. Trata-se da mesma majestade que ela tinha de representar com Hamlet depois da vingança. Mas, de algum modo, Ofélia sabe que Hamlet foi enviado à morte - e que a Majestade da Dinamarca é Cláudio, um covarde “feito de remendos e retalhos”.

Hamlet, pelo que lhe diz respeito, se comporta realmente como um rei. Não é por casualidade que vai à Inglaterra levando em sua bagagem o selo do dinamarquês, o selo da Dinamarca, o de seu pai, aquele cujo guardião é agora sua linhagem. E também tem este sentido de assunção da realeza o grito que profere desde dentro da tumba de Ofélia: “Esse sou eu, Hamlet, da Dinamarca.” E também deixa claro para Horácio, quando lhe relata a aventura do barco, que “esse que matou o meu rei e prostituiu minha mãe; que se interpôs entre a eleição ao trono e as minhas esperanças”, referindo-se, claro está, às de ser rei. Já assinalamos que suas últimas palavras, as que lhe dão seu voto a Fortinbrás, são as de um rei.

“Pois é; não achas que é meu dever agora – / Com esse que matou o meu rei e prostituiu minha mãe; / [...] que lançou o anzol da infâmia pra pescar minha própria vida – / Não é meu dever de consciência abatê-lo com suas próprias armas? / E não seria criminoso deixar que essa pústula da natureza / Continuasse a disseminar sua virulência?”

Aqui reside, portanto, a terceira loucura de Hamlet: tem de ser rei. Tem de ser, portanto, algo que é e não é ao mesmo tempo. Mas

esta coisa, essa *thing* feita de *nothing*, não chega a sê-la senão morto.

Esta loucura se destaca ainda mais se comparamos Hamlet com outro personagem com o qual Shakespeare esteve ocupado durante a mesma época.

Kantorowicz analisa *Ricardo II* de Shakespeare para nos ensinar os segredos do corpo do rei. É especialmente relevante a cena de sua abdicação; e como, quando pede um espelho para ver-se, quebra-o em seguida, sem poder olhar-se nele. Também em *Macbeth*, quando as bruxas descrevem a procissão de uma linhagem real, o último de seus membros porta um espelho no qual estão refletidos todos seus ascendentes.

Na tetralogia que formam Ricardo II, Henrique IV (primeira e segunda partes) e Henrique V, escrita na mesma época de *Hamlet*, Shakespeare mostra uma linhagem real, uma coroa mantida imortal por uns reis ingleses que, mais ou menos indignos, estiveram com tudo à altura do poder do reino.

E, sobretudo, destacando-se sobre o *foil*, sobre o contraste que forma Falstaff, encontramos o que parece o contraexemplo de Hamlet: Hal, ou Harry, o futuro Henrique V. Certamente, o espectador é sacudido por um calafrio quando o desconsiderado Hal, o sem-vergonha, acreditando já estar morto Henrique IV, prova a coroa e é surpreendido por seu pai. Apesar da desmesura deste ato, não é de mau agouro. Quando efetivamente morre Henrique IV, Hal é coroado como rei Henrique V. Manda então Falstaff passear, e faz o que tem que fazer. Logo vemos Henrique V como um grande rei, vencedor da batalha de Agincourt, com a qual começa o imperialismo britânico.

Também poderíamos comparar os obstáculos de Hamlet para chegar a ser corpo de rei. Vejam seus monólogos: “Oh, que esta carne tão, tão maculada derretesse...”, e contrastem com o monólogo de Henrique V na noite anterior à batalha: *Upon the King!*

“Tudo sobre o rei! (...) Que têm os reis que a gente não tenha, senão as cerimônias, as constantes cerimônias?”

E pelo que se refere à relação com a herança, com os pecados do pai e a maneira como Henrique IV se havia feito com a coroa de Ricardo II, antes da batalha, explica muito bem que já tem ajustadas todas as contas: uma tumba, dois monastérios, trezentos pobres; uma tumba nova para Ricardo, dois monastérios com monges que cantam, e trezentos pobres que comem graças a ele; ao que se acrescentam suas próprias ações, que pagam tudo. Não se deve mais falar disto, hoje é São Crispiniano, e o que se deve fazer é ir à batalha.



Por que Hamlet não pode atuar assim? Ele sabe que é o dinamarquês, um equivalente ao reino, e que o outro é um usurpador. Um bom assassinato de Cláudio criaria um pouco de caos, mas bastaria que ele dissesse então, desde seu poder incrementado: “Não vos preocupeis. Eu sou o herdeiro legítimo. E tu, Polônio, aposenta-te!” - Durará pouco. - “Laertes, vejamos o que aprendeste na corte da França; Horácio, ficas de conselheiro;

Rosencrantz e Guildenstern, continuarei espremendo-os como uma esponja.” Hamlet se casa com Ofélia, e continua fazendo imortal o corpo do rei.

Mas por que Hamlet não faz nada disto? Por que se detém horrorizado ante o ventre de Ofélia? Não é porque lhe falem nem força, nem inteligência. E, no entanto, somente morto pode calçar seu corpo a serviço da ficção monárquica; não pode emprestá-lo antes de ser suporte dos signos do poder. Somente morto Hamlet pode olhar-se no espelho de sua linhagem: somente morto, somente num espaço entre duas mortes realizado como sacrifício. O porquê desta sua incapacidade, já sabemos: é um neurótico. E o é na dimensão dos signos da realeza, a qual é, o tempo todo, sua vocação, seu destino: seu desejo.

Mas Shakespeare nos convida a continuar perguntando-nos: Por que Hamlet é um neurótico? E a solução nos dão os *clowns* coveiros. Qualquer um o sabe: Hamlet nasceu no mesmo dia em que “o falecido rei Hamlet venceu Fortinbrás”.

Situemo-nos na época. Um duelo como este não se improvisava: preparava-se com tempo, anunciava-se, as pessoas assistiam. E Hamlet foi concebido, e logo veio ao mundo, sob a sombra deste duelo. A rainha Gertrudes levou um filho no ventre, que quiçá viveria, que quiçá seria homem. E foi assim, e a bolsa rompeu no mesmo dia em que ela corria o risco de ficar viúva e o reino esquarterado. Este menino seria herdeiro de um rei que, na situação do momento, esperando a hora fatídica do duelo de morte dos reis, já era, por antecipação, um morto. E isto sucedia com um rei dos tempos antigos, quando os reis tinham um só corpo que, como nesse caso, era idêntico ao reino.

Esta era a situação que Hamlet teve que encontrar na repetição: um duelo que o faria, ou morto, ou rei; e, definitivamente, *the Dane*, o Dinamarquês.

Tenhamos em conta que, ademais, ao filho que havia de nascer, lhe puseram o mesmo nome de seu pai; para Gertrudes, era um Hamlet por outro.

E é porque o pai morreu antecipadamente naquela decisão de dar a vida que agora volta a aparecer, desde o mundo dos ainda não mortos totalmente, vestido como no dia do combate; e o faz para recompor o corpo imortal do rei, para reordenar a linhagem.

Hamlet é o sujeito concebido e parido sob aqueles signos que, na conjuntura de sua tragédia, deve escolher entre aceitar e repudiar sua herança. Trata-se de uma escolha forçada: não pode repudiá-la; mas para aceitá-la, deve pagar um preço: não poderá, ao contrário de Hal, calçar a coroa.

Os signos lhe matam o desejo, ao mesmo tempo que o dão; é por isto que luta, o tempo todo, encarniçadamente, contra o que o mortifica. Não se submete vergonhosamente ao sacrifício, porque é, apesar de tudo, homem de desejo.

Qual poderia ser a moral? Shakespeare, suporte de seu monarca, a deixa bem clara. Com *A tragédia de Hamlet* diz a seus contemporâneos: respeitai a coroa; é uma ficção do reino; e mais importante que o próprio rei. Preste atenção no que se passa neste país, na Dinamarca, um país suficientemente longínquo para não estar na órbita inglesa, mas próximo o suficiente para não ser exótico: se falha, não o rei, mas a coroa, o corpo político se desmembra; e, no fim das contas, acaba sendo conquistado pelo estrangeiro.

Mas a nós interessa outra classe de genialidade: Shakespeare não se limita a apresentar-nos o simples quadro dos fatos e sua moral, mas também trata seus personagens como causas. E, por isso, vemos em *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* o vínculo que há entre o inconsciente e as estruturas do poder, tal como hoje, como sempre, nos causam a todos.

Tradução: Roberto Dias

Revisão: Luiz Gonzaga Morando Queiroz

Referências:

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*: São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SHAKESPEARE, William. *A trágica história de Hamlet, Príncipe de Dinamarca*. [1603] Edição digital. Porto Alegre: L&PM, 1997. (Pocket books) Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/millor/teatro/download.htm#hamlet>>.

Artigo publicado originalmente em *Freudiana*, ELP-Catalunya, Barcelona, n. 63, 2011, cedido amavelmente pelo autor.

ENDNOTES

1 Utilizamos a tradução de Millôr Fernandes, com exceção desse trecho, no qual preferimos manter uma tradução literal da versão em castelhano de *Hamlet para não perder as ressonâncias do especular*. Em Millôr podemos ler: "Serei o floreado do teu hábil florete, Laertes. / Como uma estrela numa noite negra / A tua perícia brilhará mais visível que nunca, / Refletida na minha incompetência." p. 110

Antoni Vicens

Psicanalista em Barcelona, AME, membro da ELP e da AMP. AE durante o período 2008-2011 e presidente da ELP durante o período 2012-2014. É Professor Titular de Filosofia na Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Acaba de publicar o osso dos seus testemunhos de passe em *Lenta, precipitadamente. Una experiència psicoanalítica*, Buenos Aires, Fundación Cipac, Unsam Edita: Universidad Nacional de General San Martín, serie Tyché, 2013. Pode se ler a apresentação em <https://issuu.com/unsamedita/docs/lenta__precipitadamente_issuu/18> e escutar sua palavra em: <<http://www.radiolacan.com/es/topic/520/3#>>.

Hamlet: obra-de-arte e quintessência do pó

Flavia Trocoli*

Alguém já disse que são tantos Hamlets quanto são os seus leitores. Então, vou limitar-me a ler Hamlet através de seus leitores. Essas indicações de leitura, que apresento hoje aqui¹ de maneira mais topicalizada do que argumentativa, se organizarão através da ênfase em um eixo problemático, a saber: a relação disjuntiva entre pensamento e ação, questão exaustivamente trabalhada desde o romantismo alemão até Harold Bloom.

- *A tragédia grega – estrutura da ação trágica*: dando destaque ao fato de que a tragédia grega surge ao mesmo tempo que o Direito, Vernant e Vidal-Naquet, em *Mito e tragédia na Grécia Antiga*, propõem que a tragédia grega sustenta-se em uma estrutura ternária em que se enlaçam a estética, a política e a psicologia. Diferente da epopéia em que a ação dos homens estava ligada aos deuses e às suas qualidades, a ação trágica é o núcleo da tragédia, o herói é agente e paciente da ação, é engendrado pela ação.

- *Drama de Hamlet* – pensamento sem ação: mais de 20 séculos depois, enquanto Racine ainda se esmerava em seguir o modelo grego, Shakespeare reinventará, por assim dizer, o trágico através de *Hamlet*, o herói que justamente procrastina sua ação. Hamlet pensa e não age.

Depois da saída do fantasma, Hamlet diz: “Só o teu mandamento permaneça nas páginas do livro do meu cérebro.” Ainda nessa direção podemos ler a enigmática frase - “The time is out of joint” - não apenas como um diagnóstico do seu tempo (o do terror), mas como um entre, como uma disjunção entre o pensamento e a ação. Tempo do drama da sucessão que não deixa de ser tempo, também, do luto. O Rei e a Rainha dizem a Hamlet que ele precisa tocar a vida. Ele reivindica o luto denunciando o tempo, sem luto, da morte do pai e do casamento da mãe com o tio: as carnes do enterro foram servidas no casamento.

- *A representação – cena sobre a cena*: muitos críticos dirão que Hamlet é um drama sobre a representação teatral, dessa perspectiva Hamlet é um personagem trágico em busca da ação e que duvida dela. Em ruptura com Édipo Rei, *Hamlet* dramatiza a perda da unidade da tragédia clássica. Não sabe sobre o ser e não sabe sobre o fazer. Seu drama é ontológico e ético: parecer, fazer ou não fazer, ser e não-ser. O que resistirá à destruição absoluta, à voragem do nada? A própria força do verso, a astúcia da linguagem de Hamlet. O pensamento ilimitado diante da finitude da vida: somos obra-de-arte e quintessência do pó.

¹ Exposição na Reunião do Prática das Letras em 20/05/2016.

BLOOM, Harold. *Hamlet - poema ilimitado*. Tradução: José Roberto O' Shea. Inclui texto integral de "Hamlet" traduzido por Anna Amélia de Queiroz Carneiro deMendonça. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BRADLEY, A.C. *A tragédia: Hamlet, Otelo, Rei Lear, Macbeth*. Tradução: Alexandre Rosas. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DUARTE, Pedro. "A filosofia Romântica do trágico, ou a moderna ironia de Hamlet." In: Revista Terceira Margem – Dossiê Tragédia e modernidade. Número 27. 2013. <http://www.revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/issue/view/1>

FRYE, Northorp. *Sobre Shakespeare*. Tradução: Simone Lopes de Mello. São Paulo: EDUSP, 1992.

HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KERMODE, Frank. *A linguagem de Shakespeare*. Tradução: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VERNANT, J-P. & VIDAL-NAQUET., P. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva.

Flávia
Trocóli

Psicanalista e professora de literatura da UFRJ, participante do Núcleo de pesquisa Práticas da Letra do ICP (RJ) coordenado por Ana Lúcia Lutterbach.

LANÇAMENTOS



Le non-rapport sexuel à l'adolescence: théâtre et cinéma

De Laëtitia Jodeau-Belle e Christiane Page, Presses Universitaires de Rennes, 2015.

Reproduzimos o índice desse suculento livro que acaba de sair. Não há como não cair nele. Trata-se da primeira referência à adolescência estética do texto de Jacques-Alain Miller, “Em direção à adolescência”, que também habita a mesa atual de todos nós e que está acessível em <<http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>>.

A introdução, “Do jogo com o véu ao véu arrancado”, assinada pelas duas autoras, revela a aposta precisa do livro: nomear o percurso realizado pelos artistas do fim do século XIX até o século XXI na sua maneira de cernir a questão da não relação sexual. A arte antecipa o gozo do leitor, do espectador; o véu cai e confronta o impossível de suportar que a tentativa de escritura do real a partir da arte suscita. Partindo de *O despertar da primavera*, de Frank Wedekind, de 1890, convocado numa quarta-feira de 1907 na companhia de Freud, e que voltou a merecer a atenção quando Lacan escreveu o prefácio da tradução francesa feita em 1974 por François Regnault, *Le non-rapport sexuel à l'adolescence* acompanha a saga da função e gozo do véu até chegar a obras recentes da cinematografia que fazem da jovem púbere a protagonista.

A introdução pode ser lida em: http://www.pur-editions.fr/couvertures/1426152151_doc.pdf

LANÇAMENTOS



Desarraigados

Jacques-Alain Miller e outros,
Buenos Aires, Paidós, 2016.

Nota para a edição castelhana,
Silvia Geller (AP da EOL/NLS, Suíça)

A maneira pela qual a clínica lacaniana produziu uma diferença na direção e tratamento do sintoma foi através da contrastação de resultados. Isto pode realizar-se de uma maneira incerta e espontânea ou mediante a convocatória a trabalhar um tema em particular do qual supõe-se que poderemos obter um ensino.

Jacques-Alain Miller, com o instrumento das conversações, reposicionou a elaboração de nossa clínica em um dispositivo vivo de estudo, pesquisa e reflexão. Na verdade, as

conversações propostas por J.-A. Miller têm produzido um diferencial em nossa clínica, já que permitiram construir novas noções e conceitos que estão na origem e desenvolvimento de nossa doxa mas que, ao mesmo tempo, permitem reorganizá-la através de novos paradigmas que fundamentam nossa episteme no campo da clínica psicanalítica.

São muitas as novidades que permaneceram seladas na publicação da série de atividades que conhecemos como “conversação”, como a que apresentamos hoje. Mas, além disso, o que é original é que guardam uma estreita relação com a história de nossa clínica.

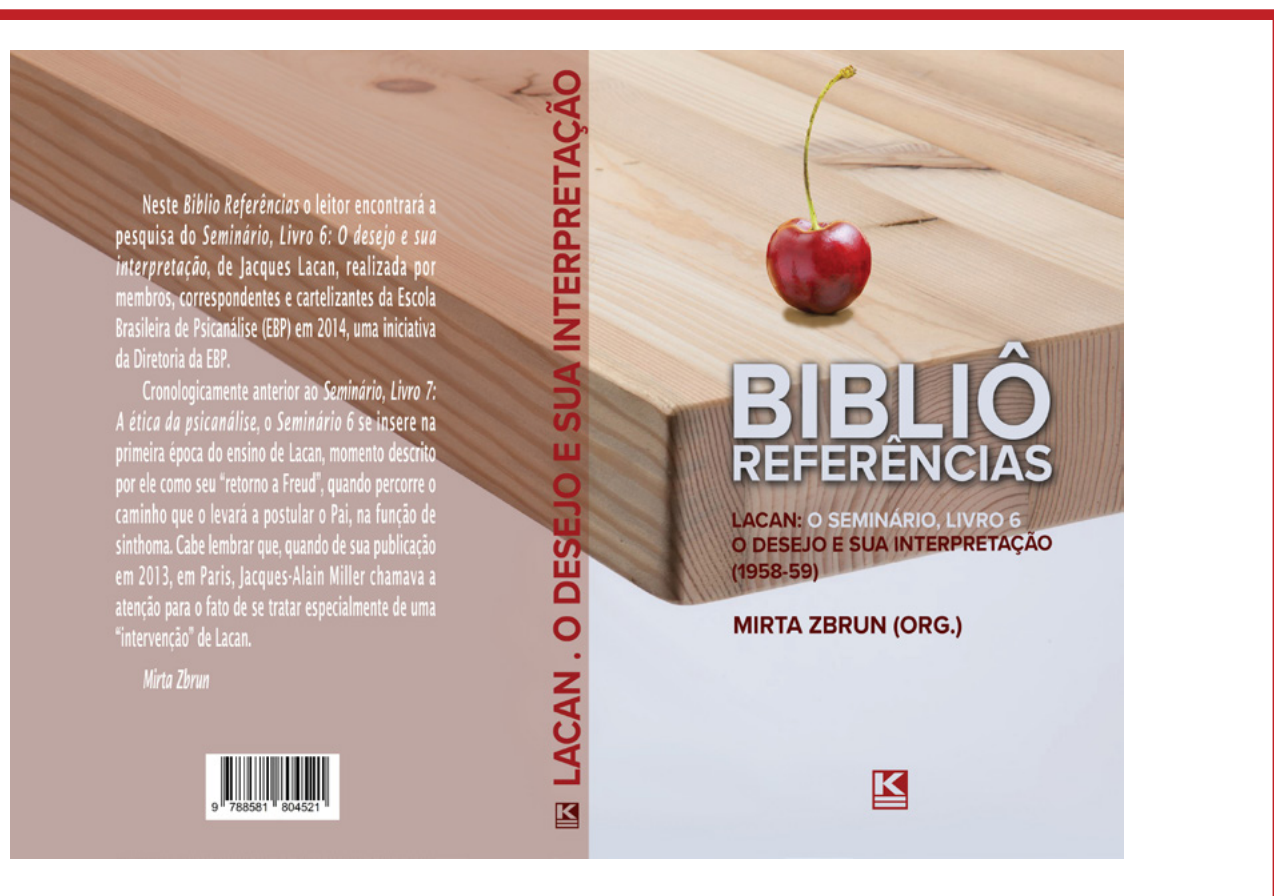
Desarraigados é um ponto conclusivo de um percurso que J.-A. Miller começa com a ideia do inclassificável. Poderíamos brincar com um neologismo dizendo que o contrário de classificar é inclassificar. Esta torção do termo responde a uma ideia absolutamente original de J.-A. Miller quando inaugura uma conversação clínica com esse título. Ele já sabia, nesse momento, que algo de nossos recursos ou ferramentas já não nos eram suficientes para abordar nem as psicoses, nem as neuroses. Esta noção não foi suficiente, pois tivemos os ‘casos raros’. Até inclusive chegar ao conceito de psicose ordinária, algo fundamental para avançar na clínica das psicoses. Essas psicoses que não se podiam enquadrar em nossas classificações, que devíamos inclassificar para captar como construir alguma aproximação a seu tratamento. As psicoses ordinárias, opostas às extraordinárias, às de todos os dias, eram psicoses comuns. Com elementos comuns e, por que não, generalizáveis de outra maneira. Psicoses que se inscreviam em uma curva de Gauss, obrigando a pensar novamente a ideia com a qual trabalhávamos até o momento em nossa tradicional aproximação.

O desarraigamento implica a perda de toda referência simbólica. Com ele, podemos localizar na errância uma consequência inevitável dessa situação. Aquele que perde suas raízes permanece suspenso sem poder agarrar-se, segurar-se, pegar-se a algo que funciona como uma âncora e de alguma maneira o prende. Este livro publica uma série de casos que ilustram esta situação. Alguns nos quais se repositona a ideia de desarraigamento e outros em que ela se verifica plenamente. A perda de toda captura simbólica, que Jacques Lacan desenvolve muito cedo em seu ensino, deixa o sujeito sem uma proteção. O sujeito funciona com identificações que lhe permitem vincular-se ao Outro, de modo a construir ou permanecer inserido no laço social. Fora dessa referência, está o nada, a errância numa pura metonímia. Em nossa época, as consequências da falta de arraigamento no simbólico é um fenômeno observável. Assistimos à ausência de ideais vinculantes que levam o sujeito à busca desenfreada por um resguardo, uma referência que o sustente, ou o incitam a servir-se do primeiro que encontra em seu caminho, numa escolha forçada que vem de mãos dadas com a morte.

Como podemos ver, os efeitos do desarraigamento são sérios e comprometem o mais íntimo da vida. Consideramos que o aprofundamento desta temática constitui uma orientação sui generis nos problemas mais aberrantes desencadeados pela manifestação crua da pulsão de morte. A dessubjetivação contemporânea exige uma responsabilidade do psicanalista que, tal como Jacques Lacan o afirmou, deve poder unir a seu horizonte a subjetividade de sua época.

Estudemos os desarraigamentos.

Tradução: Roberto Dias



Surfando

- Vídeos italianos sobre o *desiderio*, seminário VI de Jacques Lacan
<http://www.bibliotecadelcampofreudiano.it/desiderio-e-lacan.html>

- Dicas de literatura infantil e relatos de uma mãe que lê para seus dois filhos.
maequele.com.br / instagram @maequele

- *Uma biblioteca na primeira infância*
<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=240>



AVISO AOS MESTRES

BEATRICE KING *discusses the psychological work of FREUD, warns teachers that—*

HIS INFLUENCE IS DANGEROUS



★ Teachers are coming to regard him as THE great teacher. ★

SIGMUND FREUD is a great man. His contribution to education through his discovery of the existence of a sub-conscious mind which influences our actions is of immense value.

He has shown us how vitally important is the early and even prenatal environment of children. He has shown that the habit we have of not bothering much about difficulties in the early years because "the children will just grow out of them" is a bad habit, which can have very serious effects when they are grown up.

So too he has shown that we are dangerously wrong when we say "things don't matter much while the children are young."

It is just when they are young that things matter tremendously.

Teachers are more and more coming to regard him as *the* great teacher. Psychology is more and more being influenced by Freud's psycho-analytical researches.

Because his influence on teachers and education is so great it is important for us who believe that a truly democratic education must have a just economic and political foundation, to approach Freud's teachings critically.

I think that the increasing influence Freud is having on educationists is very dangerous.

Perhaps because, when they were first published here, his theories were seriously disapproved of by the orthodox, the advanced and progressive educationists took them up. The result to-day is a sort of paralysis of the will to do anything radical among many leaders of education.

In its worst form it is found among those educationists who believe, as one responsible for the training of teachers said to me, that we must not oppose Hitler actively, nor criticise him publicly, because that only makes him

worse, as his actions are due to various complexes caused by wrong treatment in early childhood.

Opposition would only aggravate the case. The cure was not suggested.

THE Freudian theory that wars are due to neuroses among nations is gaining more and more adherents. Scant attention if any is paid to economic and political causes.

It's all so simple: If wars are due to neuroses, we ordinary folks are absolved from doing anything except to be psycho-analysed. Only the specialist in Freudian psychology can deal with that.

More serious still is the effect on teachers in their teaching and in their attitude to social problems.

The naughty child, the difficult child is said to be the result of fixations or complexes. It is not uncommon for a recommendation to be made for a child to be psycho-analysed. Fortunately for the children of workers the treatment is too lengthy and costly for their parents to be able to afford it.

Nobody denies that there are many influences other than material ones, which mould a child. But these

psychological states are conditioned by material things.

The economic environment affects parents and children alike, and thus their behaviour to each other.

Instead of primarily directing the teacher's attention to these factors and insisting on their vital importance, Freudian psycho-analysis absorbs their attention in theories which serve as a form of escape from reality.

There is even a movement on foot to persuade all teachers to be psycho-analysed. This accomplished, it is presumably argued, the teachers will then be perfectly harmonious beings and so train perfectly harmonious children which will bring about the perfectly harmonious world.

Without doubt psycho-analysis is helpful at times, but teachers should be on their guard against its misuse. They should insist that the first inquiry about a difficult child should be into the economic conditions under which the child lives.

They should insist that the first thing to be done is to right the wrong economic conditions, that without that no psychological treatment will be of any avail.

Bibliô agradece a colaboração dos autores aqui publicados.

Editor responsável: **Marcela Antelo**
Design gráfico: **Celeste Hampton**
Revisor: **Luiz Gonzaga Morando Queiroz**

Equipe bibliotecas EBP
Marcela Antelo [Diretora]
Lêda Silva Guimarães [EBP - Rio de Janeiro]
Teresinha Natal Meirelles do Prado [EBP - São Paulo]
Márcia Maria Rosa Vieira Luchina [EBP - Minas Gerais]
Mônica Hage [EBP - Bahia]
Anamaria Vasconcelos [EBP - Pernambuco]
Oscar Reymundo [EBP - Santa Catarina]

Diretoria EBP 2015-2017
Ana Lúcia Lutterbach Holck [EBP Diretora geral]
Paula Borsoi [Diretora tesoureira]
Fernanda Otoni Brisset [Diretora secretária]
Marcela Antelo [Diretora biblioteca]

ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br



Instalação: Richard Wentworth "False Ceiling" – Que o céu nos proteja.

EDITORIAL 1

Absolutamente bibliófilo esse número do **Bibliô** foi concebido por uma das bibliotecas mais substanciais da EBP, a *Biblioteca Ailton Bráz Senna da Seção Minas Gerais da EBP*. Os textos surgem de experiências de biblioteca, dos momentos em que elas abrem suas portas para a cidade.

Maria Esther Maciel nos delicia com suas palavras sobre a expressão livro de cabeceira. O deleite do livro de cabeceira que só se experimenta na cama, revela os verdadeiros casos de amor que cada um tece com eles. Envolvidos ou não por um enredo, únicos ou substituíveis, a marca do livro de cabeceira, é sua singularidade múltipla. A autora se apoia na incorporação do livro-diário de Sei Shonagon, *O livro de cabeceira*, na escrituralidade fílmica de Peter Greenaway, no filme do mesmo nome. O filme foi produzido sensualmente, nos ensina.

Ana Lúcia Lutterbach nos transmite sua experiência íntima com o livro como objeto. Difícil não encontrar o que busca nas suas estantes ordenadas ao modo da enciclopédia chinesa de Borges: livros para ser devorados, livros para "não para ler", livros obra de arte, livros inquietos, livros da máxima fidelidade, livros cobiçados, livros odiados, livros incendiados, livros rasgados, livros descartáveis, e claro, não falta o livro que falta. Em soma, um testemunho de como os modos de gozo ordenam as bibliotecas, a cada uma a sua.

Teodoro Rennó Assunção nos transmite a perturbação que causa uma biblioteca sendo desempacotada e de como lhe permite por em questão o valor de uso e de gozo do tesouro pessoal. Momento heroico de reflexão bibliofílica, escreve o autor. Passo a passo nos conduz a acompanhá-lo, não sem suspense, a abrir os entulhantes caixotes. **Bibliô** vive uma epifania com esse ensaio.

Além desses três testemunhos palpantes contamos com duas colaborações sobre o ato de escrever. *O desassossego da experiência* da escrita de Suzana Faleiro Barroso traz pérolas sobre a experiência da escritura da clínica e sobre a assinatura do que se escreve como ato maior de enunciação. Já Gilson Iannini no seu texto *Retórica da elaboração poética*. Notas sobre Freud e a escrita nos introduz nos artifícios retóricos comuns tanto à escrita poética como na escrita freudiana. A lupa focaliza na nas pistas deixadas por Freud sobre a relação de Édipo com Hamlet.

Passo à palavra a Márcia Rosa, diretora de biblioteca da Seção Minas Gerais, inventora desse número 31.

De resto surfamos com vocês assíduos leitores,

Marcela Antelo

Leendo e escrevendo entre as montanhas de Minas

Começamos por uma **BIBLIOTECA LITORAL**, atentos para que não ficasse de lado uma discussão sobre a função política de uma biblioteca. Propusemo-nos a fazer chover letras, letrinhas, palavras, imagens, sons, livros etc., de modo tal que os sulcos, desassossegando fronteiras invisíveis, operassem a condição litoral.

Entrar em uma Biblioteca Litoral seria tocar os furos no saber escavados pelas letras, pelos sons, pelas imagens, pelos (...), e invocar ou interpelar aí o que resta do gozo no campo da civilização ou da cultura.

Se Freud apresentou a civilização através de um mal-estar fundado nos imperativos do supereu, Lacan a apresentou, sucessivamente, como “um empilhamento de mundos que se sucederam em uma loja de destroços” (1962), como “um esgoto” (1971) e, finalmente, propôs que se denominasse cultura “um caldo de linguagem” (1977).

Na abertura das atividades, percorremos a experiência da cidade de Medellín com a Biblioteca España. Debruçamo-nos sobre as “literaturas de testemunho”, tais como a de Primo Levi e as de testemunho de passe, e concluímos com uma discussão sobre “o desassossego da experiência de escrita”.

Um comentário de Freud - “... tornei-me um verme de livros” - nos abriu as trilhas para o segundo encontro: **BIBLIOFAGIA**. Se Freud se colocou diante do livro no sonho sobre a Monografia Botânica, Lacan nos propôs “comer o livro” para sabermos o que resultaria disso. Assim, ocupamo-nos dos desassossegos produzidos pelo objeto livro e pelas inquietações com o ato da leitura... de Freud, Lacan e outros.

Nessa ocasião, uma artista plástica realizou uma *Performance/Instalação* sobre o objeto livro e os nossos convidados nos trouxeram suas produções sobre “Escritos... para não serem lidos”, sobre os “Livros de cabeceira: literatura e artes plásticas”, bem como responderam à nossa pergunta: “Depois de comer o livro, o que sobra?”

Uma lenda nos abriu as portas para a **BIBLIOTECA DE CADA UM**: “leitor voraz e ciumento, um grão-vizir da Pérsia carregava a sua biblioteca quando viajava, acomodando-a em quatrocentos camelos treinados para andar em ordem alfabética.” Assim, organizamos nosso terceiro encontro a partir da pergunta “E você? Como organiza os seus camelos?”.

Para respondê-la, reunimo-nos em torno dos temas “desempacotando minha biblioteca” e “os livros que a gente (não) joga fora”, bem como de uma resenha oral de um livro escolhido: *Lacan chinês*: poesia, ideograma e caligrafia chinesa de uma psicanálise, de Cleyton de Andrade, publicado pela Edufal em 2015.

Para concluirmos nossa passagem pelas estantes da Biblioteca da EBP-MG, interessar-nos-á comentar **AS RELIGIÕES DO LIVRO**, mas também discutirmos nossa relação religiosa, profana, sacrílega, ..., com os livros. Para isso, perguntaremos aos nossos convidados: “Você reza em qual bíblia?”, “Qual livro proibido você leu escondido?”. Teremos ainda como objeto de uma resenha oral o livro *O bem-estar na civilização*, publicado pela CRV em 2016, com a presença do autor Francisco Paes Barreto.

Ficam aqui os agradecimentos a todos que vieram até a Biblioteca da EBP-MG!

Cada um que deu sua contribuição e esteve presente fez com que as atividades da Biblioteca Aílson Braz Sena gerassem bastante entusiasmo.

Márcia Rosa



ACONTECE

Livros de Cabeceira

A expressão “livros de cabeceira” designa, numa perspectiva ampla, os livros que, ao longo de uma vida, compuseram um repertório particular de leituras preferidas (ou inesquecíveis) de alguém, e que poderiam ocupar uma pequena estante no quarto, ao lado da cama, de forma a serem relidos de acordo com as demandas íntimas da pessoa. Ela pode, também, deflagrar outras possibilidades de sentido, graças à palavra “cabeceira” que, nos dicionários, guarda algumas interessantes definições, como:

“A parte da cama onde deita a cabeça.”

“Almofada ou travesseiro para descansar a cabeça.”

“Topo da mesa retangular ou oval, geralmente ocupado pelo anfitrião e/ou convidado de honra, num banquete ou refeição formal.”

“O lado da cabeça; frente, dianteira.”

“Lugar onde nasce um rio; nascente (cabeceira do rio).”

Sob o prisma dessas designações, “livros de cabeceira” seriam também aqueles sobre os quais deitamos nossas cabeças; aqueles que ocupam um lugar de honra em um determinado espaço e estão sempre na dianteira. Poderiam também ser tomados, pela força da imagem do rio, como os livros que deflagram um fluxo, uma corrente, conduzindo-nos a outros livros e paragens. Ou aqueles que provocam o nascimento do próprio ato de escrever, uma espécie de nascente de palavras.

Por outro lado, o singular da expressão (“livro de cabeceira”) tem a potencialidade de conferir exclusividade a um determinado livro: aquele que, dentre todos, é o mais relevante, o ponto de fulgor da nascente, o primeiríssimo dos primeiros. Em outras palavras, o “único amor”.

Mas seria, de fato, possível eleger esse livro em meio aos vários que poderiam cumprir esse papel na vida de uma pessoa, sobretudo quando se trata de alguém que tem no ato da leitura um de seus maiores deleites desde sempre? Talvez possamos ter um livro de cabeceira em cada um dos principais momentos de nossa trajetória no mundo. Mas creio que um só na vida inteira é para poucos, e depende de diversas circunstâncias.

De qualquer forma, a expressão no singular existe. Mas prefiro ler nesse singular a pluralidade que ele encerra.

Quando a escritora japonesa medieval Sei Shonagon intitulou o seu diário de *O livro de cabeceira* (ou de travesseiro, como as tradutoras brasileiras da obra preferiram chamá-lo), ela se valeu de um outro sentido do termo, moldado pelo contexto em que vivia. Isso porque, no século X, ainda existia o hábito entre os japoneses letrados de manter um livro secreto dentro do travesseiro de madeira no qual encostavam a cabeça para dormir. E esse livro foi adquirindo, aos poucos, várias acepções na cultura japonesa, como explicitarei mais adiante.

Vale lembrar que Shonagon foi uma das figuras literárias mais importantes do Japão medieval, integrando, ao lado de sua contemporânea e rival Murasaki Shikibu, autora de *História de Genji*, uma plêiade de escritoras que fez surgir toda uma literatura em língua vernácula, num momento único da história da literatura oriental. Sobre sua biografia, pouco se sabe. Consta que foi dama da corte da Dinastia Heian e viveu em fins do século X, num ambiente social refinado, no qual predominavam os valores estéticos e, em especial, o culto à poesia e à caligrafia. Dedicou-se, sobretudo, ao registro de detalhes da vida na corte, documentando, com sensibilidade e não sem malícia, um mundo cuja realidade parecia ter abolido, pela força dos rituais, as leis de gravidade que a sustentavam. Como afirma Maria Kodama, que traduziu com Borges alguns excertos de *O livro de cabeceira* para o espanhol, a escrita de Shonagon “revela uma personalidade de mulher aguda, observadora, bem informada, ágil, sensível às belezas e sutilezas do mundo, ao destino das coisas, em suma, uma personalidade complexa e inteligente”¹.

Octavio Paz, no ensaio “Três momentos da literatura japonesa”, incluído no livro *Las peras del olmo*, de 1957, explica que, no contexto em que Shonagon viveu, a vida era vista como um espetáculo, uma cerimônia, em que os homens se apaixonavam pelas damas tanto por causa da elegância de sua escrita quanto pela engenhosidade de seus versos.

O diário que ela escreveu foi precursor de um gênero tipicamente japonês conhecido como zuihitsu (escritos ocasionais) e está marcado pelo traço da heterogeneidade. Nele, a escritora inseriu 164 listas de coisas agradáveis, desagradáveis, irritantes, esplêndidas etc. – encenou intimidades vividas e postiças, recriou sensações e criou guias diários para a vida cotidiana na corte. Fez ainda observações sobre plantas, pássaros e insetos, além de críticas dirigidas aos homens medíocres. Tudo isso numa escrita transparente, ágil e de uma inquietante modernidade, por meio da qual podemos ver, como apontou Paz, “um mundo milagrosamente suspenso em si mesmo, perto e distante ao mesmo tempo”. Mundo *up to date*, com os olhos fixos no presente, movido pelo sentimento de fugacidade das coisas.

A propósito desse gênero literário zuihitsu, sabe-se que, inicialmente, ele definia os diários mantidos dentro dos travesseiros de madeira, como o de Shonagon, passando, mais tarde, a designar livros afrodisíacos para amantes insones, até se converterem em manuais de sexo para amantes entediados ou para iniciar no sexo os inocentes. Em sua fase tardia, eles se inseririam, portanto, dentro do que Foucault, com o intento de diferenciar as formas de se lidar com a sexualidade no Ocidente e no Oriente, chamou de *ars erótica*, em

1 KODAMA. *Prólogo*, p. 9. Tradução minha.

contraponto à *scientia sexualis*, predominante no mundo ocidental. ² No que tange à *ars erótica*, o prazer é concebido como uma arte e, como explica Octavio Paz – que também incursionou no estudo das diferenças entre as concepções ocidentais e orientais de corporalidade –, “não há a mais leve preocupação com a saúde, exceto como condição do prazer, nem com a família, nem com a imortalidade”. Em resumo, o prazer aparece como uma ramificação da estética. ³

O livro de cabeceira, assim, pode ser tomado como um livro que dá prazer e inicia o leitor/leitora nas artes e deleites do amor. E por isso mesmo, é para ser lido na cama.

Foi com vistas a explorar todos esses sentidos do “livro de cabeceira” que o cineasta britânico Peter Greenaway compôs *The pillow book* (1995), tomando como ponto de partida e principal referência literária o diário da escritora japonesa. No filme, o cineasta promove uma fusão entre livro, filme e corpo, associando página, tela e pele. Essas articulações funcionam como o suporte de uma narrativa ao mesmo tempo contínua e descontínua, visual e textual, erótica e escatológica, na qual também se imbricam gêneros sexuais e textuais, culturas do Oriente e do Ocidente, línguas, registros de escrita e de imagem, tempos, espaços e tradições distintas.

A trama do filme, ao contrário do que se pensa, não foi extraída nem adaptada do livro de Shonagon (que é um livro sem enredo), mas criada pelo próprio Greenaway. Ela se resume na história de uma japonesa de Kyoto, Nagiko, que quando criança tinha, a cada aniversário, o rosto caligrafado pelo pai escritor, num ritual de celebração que marcaria toda a sua história de vida. Na idade adulta, vivendo em Hong Kong, Nagiko começa a buscar amantes que escrevam no seu corpo, de forma a reeditar a cena escritural paterna. Mas após o encontro com Jerome, um tradutor inglês bissexual, que a desafia (ou incita) a assumir ela mesma o papel de escritora, a moça passa a escrever livros em corpos de outros homens, de idades e compleições físicas variadas, enviando-os a um velho editor com quem Jerome mantinha uma ligação amorosa. Por coincidência, o mesmo editor que explorara o pai da protagonista nos tempos remotos de Kyoto. Depois que Jerome morre e tem o corpo escrito por Nagiko, o editor, enciumado, manda desenterrar o cadáver do rapaz, arranca-lhe, cirurgicamente, a pele caligrafada e a transforma literalmente em um livro.

O livro-diário de Sei Shonagon tem uma presença incisiva ao longo de todo o filme, por figurar tanto como uma fonte provedora de imagens e palavras para a composição da trama, quanto como uma espécie de personagem, dotado de concretude física e convertido em objeto de culto (o seu único livro de cabeceira) por parte da protagonista. O livro medieval, assim, é trazido por Greenaway à flor da tela, potencializado por sucessivas sobreposições de imagens e textos. Os ideogramas da escrita oriental aparecem na tela como metáforas vivas do corpo. E dialogam, de forma produtiva, com diferentes tipos de textos que proliferam ao longo da película, e que vão de passagens bíblicas em inglês e latim a letreiros luminosos de lojas e livrarias, títulos de livros e grafites. Para não mencionar o uso estratégico das legendas em inglês correspondentes às falas e escritas estrangeiras do filme, que acabam adquirindo também, pela força da caligrafia, uma função poética enquanto texto inscrito/traduzido nas margens da tela. Incrições em japonês, francês, italiano, inglês, chinês, com caracteres kanji, hiragana e katakana, letras góticas e fontes exóticas também cobrem as peles dos personagens e a superfície da tela, num jogo babélico de impressionante força sinestésica.

Dessa forma, o filme se converte também num livro múltiplo e heterogêneo, antigo e atual, oriental e ocidental ao mesmo tempo. A ideia de “livro de cabeceira”, assim, também se pluraliza, fazendo jus à singularidade múltipla da expressão.

² Segundo Foucault, a China, o Japão e a Índia dotaram-se de uma *ars erótica*, em que “a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como uma prática e recolhido como experiência”. Já a nossa civilização, segundo ele, “pelo menos, à primeira vista, não possui *ars erótica*”. “Em compensação”, completa, “é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*”. Cf. FOUCAULT. *História da sexualidade* 1, p. 57.

³ PAZ. *Conjunções e disjunções*, p. 98-99.

Enfim, *O livro de cabeceira* é um filme em que a conjunção entre corpo e textualidade é levada às últimas consequências, não apenas nos âmbitos temático e narrativo, mas também no que tange à própria materialidade significativa da linguagem. Sob essa perspectiva, o filme também se *produz sensualmente*, à feição do que Barthes denomina *escritura*, ou seja, uma prática, um fazer, uma *poiésis*, que escapa a uma existência meramente conceitual e narrativa, afirmando-se como “a ciência dos gozos da linguagem, seu Kamasutra”⁴. E é dessa maneira que a textualidade fílmica assume também uma explícita corporalidade, ao se converter numa espécie de anagrama de nosso corpo erótico, associado a um livro.

A literatura, sob esse prisma, pode ser também associada no filme a “uma arte da tatuagem”, a qual, segundo Severo Sarduy, “inscreve, cifra na massa amorfa da linguagem os verdadeiros signos da significação”⁵. Mas tal inscrição (indelével) nunca é possível sem ferida, sem perda. Nas palavras de Sarduy:

A escritura seria a arte desses grafos, do pictural assumido pelo discurso, mas também a arte da proliferação. A plasticidade do signo escrito e seu caráter barroco estão presentes em toda literatura que não esqueça sua natureza de inscrição, o que se poderia chamar de sua *escrituralidade*.⁶

Pode-se dizer que esses efeitos escriturais do filme devem-se exatamente à forma como Greenaway incorpora o texto de Shonagon no filme.

Vale acrescentar que os livros sempre fizeram parte do universo artístico de Greenaway. Outro filme centrado na imagem do livro é *Prospero's books* (no Brasil, *A última tempestade*), de 1991, uma transcrição de *A tempestade*, de Shakespeare. Nele, a obra de Shakespeare é retomada a partir dos 24 livros que Próspero, o duque de Milão, teria levado para o exílio após ser destituído do poder pelo próprio irmão, Antônio. Seriam esses os “24 livros de cabeceira” do personagem – livros inesgotáveis, que continham todo o conhecimento do universo, e que o teriam ajudado a enfrentar o naufrágio, encontrar e colonizar a ilha onde passou a viver, povoá-la com espíritos e espelhos, educar a filha Miranda e escrever a própria história da qual é personagem.

Aqui retomamos a ideia inicial desta apresentação quando me reportei ao sentido de “livros de cabeceira” como aqueles que constituem o repertório de livros que define/resume a história de alguém com o mundo das letras. Livros medulares, imprescindíveis e inesquecíveis, que não deixam também de ser casos de amor na vida da pessoa que os leu e que sempre voltam à cena de leitura nos momentos necessários.

Maria Esther Maciel

Referências:

BARTHES, Roland. *O império dos signos*. Trad. Leyla Perrone. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1 – a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

KODAMA, Maria. Prólogo. In: SHONAGON, Sei. *El libro de la almohada*. Selección y traducción de Jorge Luis Borges y Maria Kodama. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

PAZ, Octavio. *Conjunções e disjunções*. Trad. Lúcia Teixeira Wisnik. São Paulo: Perspectiva, 1979.

4 BARTHES. *O prazer do texto*, p. 11.

5 SARDUY. *Escrito sobre um corpo*, p. 53.

6 SARDUY. *Escrito sobre um corpo*, p. 54.

Arrumando a biblioteca no novo apartamento

É engraçado que uma certa experiência perturbadora – a da desordem potenciada de uma biblioteca sendo desempacotada em uma nova residência (também esta ainda sendo basicamente arrumada: por exemplo, num primeiro momento, sem máquina de lavar roupa, sem micro-ondas, sem aquecedor funcionando direito, sem conexão com a internet, sem TV a cabo, sem cortinas ou persianas em todos os cômodos...) – possa ter se dado sob o signo irônico da procura do conhecido pequeno ensaio de Walter Benjamin, “Desempacotando minha biblioteca” (“Ich packe meine Bibliothek aus”), que – em sua versão francesa que dá título ao agora prático livrinho *Je déballe ma bibliothèque* da coleção *Rivages poche* – procurei inutilmente nos caixotes com a etiqueta “quarto” (onde, na casa da rua Venezuela

586, estava há já um bom tempo) ou “sala” (a cujos livros poderia ter sido ajuntado por engano), obrigando-me a um primeiro passeio por micro-acervos diletantes conexos muito palatáveis, mas que sabia de antemão destinados a não serem lidos nem consultados nos próximos quatro meses, o que o tornava – em meio ao tremendo cansaço de uma mudança de uma casa habitada durante uns dezoito anos – o candidato ideal para um primeiro plano de uma breve organização de memórias recentes e de reflexões sobre o que é (ou como é usada) uma biblioteca no suporte tradicional do papel.

Mas o que a releitura posterior deste breve ensaio de Benjamin iria primeiramente evidenciar é o quanto eu estava afastado – neste momento heroico de utilização de minha biblioteca reduzida a um mínimo essencial possível – de toda uma reflexão bibliofílica sobre o modo de aquisição de obras raras (e eventualmente caras) que já quase não faziam parte deste meu acervo ordinário e que em nada poderiam me ajudar na mera e utilitária separação e organização de uma pequena bibliografia básica para os cursos do semestre (p. ex., os dicionários de Grego antigo, de Latim, de línguas europeias modernas, de português,

as gramáticas do Grego antigo, os textos gregos e suas traduções que iria ler ao longo do semestre, assim como os comentários e obras genéricas pertinentes a estes textos). Mas o primeiríssimo e básico momento de leitura seria constituído apenas por uma revisão rápida das seis primeiras lições de dois métodos de Grego antigo, assim como por uma releitura do artigo de James Redfield sobre o próêmio da *Iliada*, e do de Pietro Pucci sobre o próêmio da *Odisseia*. Já estava (eu) suficientemente cansado com esta mera e básica leitura utilitária (de um repertório técnico de professor de aulas inadiáveis de Grego antigo) e mal conseguia pensar no possível valor fetichista daqueles objetos eventualmente transgressores de sua primeira função prática: a leitura.

Apenas para a decoração provisória de uma mesa da sala (mas talvez ambicionando no futuro próximo um pouco de leitura diletante pontual), separei então também algumas coletâneas de poemas curtos “orientais” em traduções (*Les Quatrains [Rubayat]*, de Omar Khayam, *Ottanta Canzoni [Oitenta Canções]*, de Hafez, e *HAIKU: Anthologie du poème court japonais [Antologia do poema curto japonês]*) que nem cheguei a abrir, dando elas assim, depois e retrospectivamente, a rápida e triste impressão frívola de bibelôs de madame, cuja função (além do tolo e inútil exibicionismo para a família) seria somente consolar com a mera e luxuosa possibilidade de um uso (ou seja: a leitura) que nunca chegaria a se realizar. A única coisa que, na hora H da mudança coincidindo com o começo de semestre letivo universitário, consegui ler rapidinho e com prazer foi o atônito capítulo 26 (“O que fazer da vida?”) da re-achada autobiografia de Tostão (*Lembranças, Opiniões, Reflexões sobre Futebol*).

No primeiríssimo momento da chegada dos entulhantes caixotes até um canto da sala (junto ao meu escritório) do novo apartamento, não tendo ainda sido montadas as primeiras estantes de madeira que ficavam em meu escritório subterrâneo (ou de quintal) da rua Venezuela 586, pude apenas abrir

os caixotes com as indicações “mesa do escritório” e “Homero e Hesíodo” para deles retirar e colocar sobre a ampla mesa de fundo aquele material básico já citado de dicionários, gramáticas, métodos de Grego antigo, textos gregos (e suas traduções) a serem lidos, e os comentadores mais importantes destes. O que eu não iria utilizar de imediato tinha de ser pacientemente recolocado em seus caixotes para não bagunçar ainda mais o ambiente. Semelhantemente, a procura do volume *Je déballe ma bibliothèque*, de W. Benjamin, me fez revirar gozosamente (com sua pletora de possibilidades) um setor germânico da minha bibliotecazinha do quarto de dormir da Venezuela 586 (com a etiqueta “quarto”), mas – como eu não o achava – fui obrigado mais de uma vez a recolocar todo o conteúdo de livros em seus pequenos e médios caixotes de papelão, o que era motivo apenas para me deixar saudavelmente resfolegante e suando. Foi a partir destas primeiras e inúteis buscas (mas que delimitavam bem um setor de caixotes a não mais serem abertos) que retirei, como uma espécie de ornamentais primícias, os três volumes recém-citados de coletâneas de poemas curtos “orientais” traduzidos para o francês ou italiano. O resultado magro dessa operação era apenas voltar ao estado anterior de um amontoado de caixotes fechados num canto de sala.

Mas o que a impossibilidade física de consultar a maior parte da minha biblioteca deixava claro era o quanto eu passara a ser dependente (para melhor pensar algum tema) de poder ao menos localizar e abrir o livro onde eu acharia aquela referência bibliográfica básica que poderia me servir de primeiro suporte. Obviamente esta consulta concreta era orientada por uma anterior memória internalizada desta pequena biblioteca, fazendo ver o quanto o pensamento (formado a partir de hábitos bibliográficos acadêmicos) operava não livre e ousadamente, mas apenas a partir de um banco mínimo de dados sem os quais ele se sentia desorganizado e como à beira do precipício da desrazão.

Mesmo que de algum modo já soubesse que – pela natureza mesma ordinária e utilitária da minha biblioteca – eu não deveria encontrar grande coisa para pensar esta estranha experiência de (des)arrumação

dos livros no conhecido ensaio “Desempacotando minha biblioteca” de Benjamin (que trata sobretudo das aquisições), eu não conseguia abrir mão desta consulta (ou leitura, pois o ensaio era breve) para, ainda que em contraposição a ele (mas também podendo dele me servir em alguma coisa), construir com mais calma a descrição do que estava vivendo. Semelhantemente, na organização (e possibilidade de dispor) das coisas que compõem uma cozinha e uma área de serviço, assim como um banheiro e um guarda-roupa, estava a própria possibilidade de uma vida minimamente normal, isto é: em que os objetos úteis e necessários se tornam facilmente localizáveis e são usados (sem que se pense muito neles) já dentro do maravilhoso automatismo dos hábitos.

O que a mudança de casa (com o transporte da biblioteca) potenciava absurdamente era a percepção de que a vida prática cotidiana era um constante (mesmo se mínimo) rearranjo das coisas ou instrumentos dentro de um espaço delimitado. Uma vida humana qualquer ordinária deixava-se ver assim como uma rede de delicadíssimas orientações e reorientações espaciais (segundo uma complexa rede de projetos e tarefas, mais ou menos urgentes, a realizar ao longo dos dias), sendo que uma biblioteca permitia ao pensamento a materialização espacial das coordenadas de um repertório básico de referências (tornando-as presentes e ao alcance da mão), sem as quais ele se sentia perdido e como se sob o ataque de uma forte e contínua labirintite.

É certo que uma biblioteca se materializa espacialmente segundo uma ordenação e disposição dos livros (que pode se dar mais ou menos rigorosamente segundo critérios diversos, como a ordem alfabética, as literaturas em suas respectivas línguas, os gêneros, os domínios temáticos, os autores, e outros menos previsíveis e consagrados), mas a dificuldade em achar o ensaiozinho (ou o livrinho intitulado a partir dele) de W. Benjamin nos caixotes parecia revelar antes uma confusão (ou não respeito) do critério dos sítios ou lugares da antiga casa em que os livros estavam (“quarto”, “sala” e “escritório”), o que obviamente não quer dizer que a ordenação mesma desta biblioteca particular obedecesse rigorosamente a qualquer critério simples ou composto (eu tenderia antes a

dizer que ela era uma bagunça bárbara dificilmente compreensível), mas tão somente que eu já sabia me localizar quase automaticamente nesta desordem e que, portanto, ela se tornara para mim – através do hábito – uma nova ordem (ou seja: uma bagunça muito bem arrumadinha), sem a qual eu me sentia miseravelmente desorientado.¹

Por outro lado, a esta altura da vida (com já quase cinquenta anos), era inevitável reconhecer o quanto este repertório básico (formado desde os anos de colégio e graduação na Faculdade) era relativamente limitado, previsível e apenas transformável minimamente através de um laborioso esforço. Walter Benjamin figurava assim desde há muito (mesmo que agora ele já pudesse parecer datado e criticável em muitos pontos) como um mestre (insubmisso e radical) de pensamento da modernidade, assim como o eram também autores como Nietzsche e Georges Bataille (ou, em uma esfera mais puramente literária, Edgar Allan Poe, Baudelaire, Proust e Kafka), o que hoje – devido a uma feliz e árdua ampliação e diversificação do meu repertório (que não caberia aqui pedantemente enumerar) – apenas demonstrava o quanto de comum (em uma certa formação universitária nos anos 80 do século passado) havia nele, não sendo de fato possível viver de todo (sobretudo quando jovem) fora do espírito da época.

O pequeno dossiê benjaminiano sobre livros e colecionismo (reunido rápida e negligentemente, depois do primeiríssimo momento da mudança, a partir do ensaio-núcleo “Desempacotando minha biblioteca”) poderia ele mesmo, composto de exemplares vários o mais das vezes ordinários, ativar quase imediatamente algumas ondas de recordações das situações passadas nas quais foram adquiridos, em passeios por cidades e lugares diversos. O mais antigo volume (deste breve dossiê W. Benjamin) é uma reunião de ensaios organizada e traduzida para

o espanhol por Jesús Aguirre sob o título de *Discursos*
1 W. Benjamin, neste ensaio, após falar da “desordem habitual” dos livros que compõem a sua biblioteca, coloca a seguinte questão propositiva: “Pois o que é a posse senão uma desordem na qual o hábito se acomodou de tal modo que ela só pode aparecer como uma ordem?” (“Desempacotando minha biblioteca”, p. 228). Pouco depois ele generaliza não sem alguma razão: “Assim, a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os polos da ordem e da desordem.” (*Ibidem*).

interrumpidos I, publicada pela Taurus em 1973 e que adquiri em 1979 (juntamente com *Haschish*, traduzido pelo mesmo Jesús Aguirre) na hoje para mim saudosa livraria do José Maria Gomes no Maletta, onde, desde o tempo da UMES, eu ia com alguma frequência para contemplar as novidades marxistas o mais das vezes em traduções espanholas. Neste volume era possível encontrar o maior e relativamente desconhecido ensaio de Benjamin sobre o colecionismo (ainda não publicado em livro em português até recentemente e ausente, por exemplo, dos dois volumes: *1. Mythe et violence* e *2. Poésie et Révolution*, que compõem a primeira edição francesa das obras escolhidas de Benjamin, organizada e traduzida por Maurice de Gandillac e publicada pela Denoël em 1971): “Historia y coleccionismo: Eduard Fuchs”, o que fazia dele uma pequena (e, no momento presente, utilíssima) raridade. Suas primeiras leituras, ainda nos anos 80, me trouxeram não só informações sobre um colecionador alemão aficcionado e erudito no domínio da cidade de Paris, mas também o desconcerto dos nexos dialéticos entre uma paixão pela propriedade e uma vocação para a educação pública através da reunião e seleção de um material reproduzido em fotos e publicado em livro (em obras importantes, mas jamais consultadas por mim, como *História da arte erótica*, *A caricatura dos povos europeus*, *Os grandes mestres do erotismo* e *A escultura Tang: Cerâmica funerária chinesa dos séculos VII ao X*).²

No voluminho já bem manuseado *Je déballe ma bibliothèque* (Paris: Payot & Rivages, 2000) eram

2 Da última releitura deste ensaio, que talvez não fosse usar diretamente, pude colher, afortunado, uma observação instigante de Benjamin na nota 49 que vinha logo após uma citação de Fuchs em que este defende a orgia a partir de um critério antropológico elementar [“(…) devemos ter bem claro que a orgia forma parte do que nos distingue do animal. Este, ao contrário do homem, não conhece a orgia... O animal se retira da iguaria mais saborosa e da fonte mais cristalina, quando aplacou sua fome e sua sede, e sua urgência sexual geralmente se limita a breves e determinados períodos do ano.”]. Ei-la, fragmento soberano e sem contextualização, colhida como se ao mero acaso: “Seria apressado pôr em conexão imediata o umbral entre animal e homem, que Fuchs vê na orgia, com este outro umbral que representa a posição ereta? Com ele aparece na história natural algo inaudito até então: que no orgasmo os amantes possam se olhar nos olhos. Só assim se torna possível a orgia. E não tanto pelo acréscimo de incentivos que o olhar encontra. Resulta antes decisivo que a expressão da fartura, e inclusive da incapacidade, chegue a converter-se em um estimulante erótico.” (p. 125).

também encontráveis outros breves artigos que não haviam aparecido no volume II das *Obras escolhidas (Rua de mão única)* de Benjamin pela Brasiliense (onde estava o “Desempacotando minha biblioteca”) nem no volume I (*Magia e técnica, arte e política*, onde estava o artigo “Livros infantis antigos e esquecidos”): o esclarecedor “Para colecionadores pobres” (que reivindica, para além do bom preço esperável, a importância do escritor menor para a definição do que uma época tem de mais característico); o curioso e inaudito “Livros de doentes mentais pegos na minha coleção” (que me lembrou da coleção de *Fous littéraires [Loucos literários]* reunida por Raymond Queneau e brincalhonamente intitulada *A enciclopédia das ciências inexatas*); o talvez hoje etiquetável como sociologia da literatura mas saborosíssimo “Romances de empregadas do século precedente”; uma amável e inteligente carta (escrita em francês) sobre *Le regard*, de Georges Salles; e uma reveladora lista dos livros lidos por Benjamin (onde impressiona o ostensivo predomínio da literatura sobre a crítica literária ou filosofia, e especialmente o grande número de romances policiais, com um destaque para Simenon).

A bem-cuidada edição italiana da *Obra das passagens (Das Passagen-Werk)* de Benjamin (volume XI das *Obras* publicadas sob a direção de G. Agamben), publicada pela Einaudi em 1986 com o título *Parigi, capitale del XIX secolo (I “Passages” di Parigi)*, comprada – com o júbilo de então adquirir algo raro e importante (mesmo que meu italiano fosse sofrível) – em 1987 na Livraria Italiana em São Paulo (Av. São Luís 192, loja 18, como diz o selo³), que ficava não muito longe da Livraria Francesa, na Barão de Itapetininga, que então, ainda estudante de mestrado na USP, eu frequentava com fervor bibliômano. Nela era possível colher (mas sempre em conexão com os temas da grande obra sobre as passagens parisienses) algumas notas possivelmente úteis sobre “O colecionista” na rubrica H (da página 266 a 278 nesta edição) que tinha como primeira

3 Já os dois volumes citados da edição francesa organizada por Maurice de Gandillac, que comprei em algum sebo paulistano do qual não me recordo mais, contêm o selo da também saudosa “Livraria Duas Cidades, rua Bento Freitas 158, cep 01220, São Paulo”, onde, nos anos 80, eu ia às vezes em deliciosas flanagens livrescas vespertinas à caça de novidades de literatura francesa e de crítica literária brasileira.

epígrafe a seguinte frase de Baudelaire: “Toutes ces vieilleseries-là ont une valeur morale” (“Todas estas velharias aí têm um valor moral”).

Permito-me também citar alguns livros (que tratam do tema do colecionismo e da bibliofilia) não de Benjamin diretamente, mas de autores com os quais ele virtualmente tem (ou teve explicitamente) afinidades. Como aquisição um pouco mais recente, também pelo nobre e pouco custoso meio da mera recepção de um dom (bem marcado na dedicatória escrita por um amável colega de trabalho: “Pro Teodoro, celebrando o salutar diletantismo. Com o abraço do X. Paris, 26 junho 2002”), mas que jamais fora lido em sua inteireza, o livro epistolar-ensaístico de Johann Wolfgang Goethe *Le collectionneur et les siens*, que certamente Benjamin conhecia, apesar de não citá-lo em seus escritos sobre o tema, e que traz fecundas reflexões sobre o modo de apreciar, colecionar e mostrar obras de artes plásticas como desenhos (esboços), pinturas e esculturas, mas que em momento algum considera o colecionador ou a coleção de livros. Antecipando um comentário sobre a quase total ausência de livros raros (ou muito caros) em minha biblioteca, eu diria que analogamente jamais fizera uma aquisição (mesmo medianamente) cara de obras de artes plásticas (os quadros ou mini-esculturas também esperavam no chão a difícil decisão de onde colocá-los em um novo ambiente cujos espaços felizmente ainda vazios nas paredes eram enormes), sendo quase todas as obras de artistas contemporâneos belo-horizontinos (Cristiano Rennó, Isaura Pena, Patrícia Leite, José Bento, Cao Guimarães e ainda três gravuras de Amílcar de Castro) dons ou contra-dons em troca de textos para os artistas ou galeristas, a única exceção do meu micro-acervo, provavelmente a sua peça mais valiosa, sendo uma gravura de Tarsila do Amaral generosamente dada por minha mãe. Ainda que também não muito grande, o número de livros de arte (o mais das vezes bem mais caros do que livros comuns) era certamente muito maior do que o das obras de arte. De onde eu digito agora este texto, é possível divisar, virando a cadeira, alguns deles nas prateleiras de baixo da última estante à direita: o (não propriamente livro de arte) *Arte Moderna*, de Giulio Carlo Argan; um ordinário *Max Ernst* da

coleção italiana *I Maestri del Novecento*; um *Anish Kapoor* italiano da Edizioni Prada; o *Sérgio Camargo* da coleção “espaços da arte brasileira” da Cosac & Naify; o *Nelson Felix* da Cosac & Naify; e o *Barroco de Lírios*, de Tunga. Todos estes livros (já mais ou menos usados) juntos certamente não valeriam o preço de uma única das obras dos artistas (nem todos muito conhecidos fora de Belo Horizonte) há pouco citados.

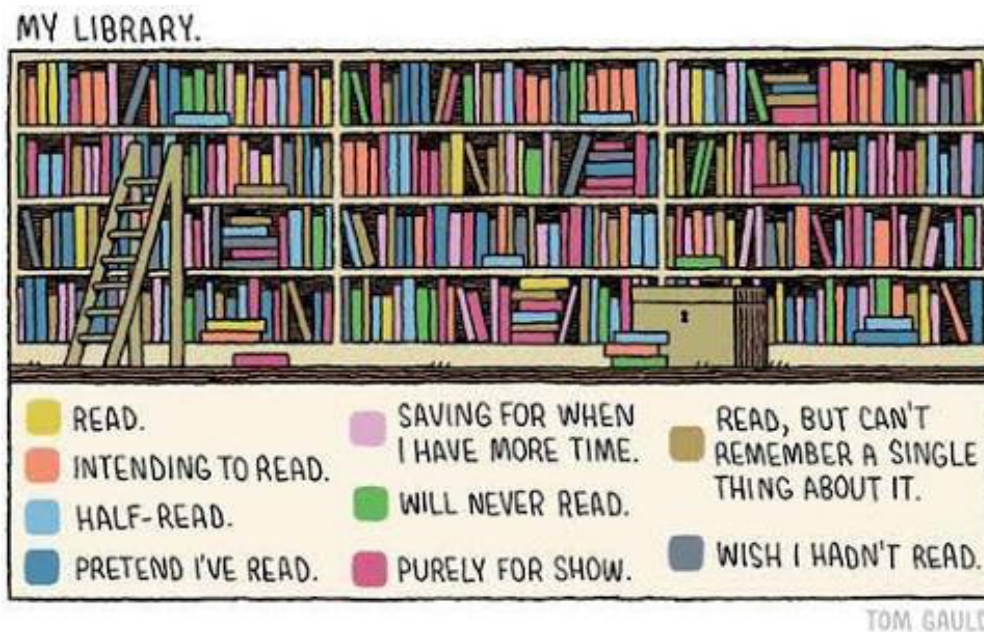
Uma reimpressão de 1962 – em muito bom estado – de uma célebre coletânea de ensaios (publicada pela primeira vez pela Gallimard em 1934) de Paul Valéry, *Pièces sur l'art*, onde se encontrava “La conquête de l'ubiquité” (“A conquista da ubiquidade”), bem conhecido pelos benjaminianos por causa do trecho em epígrafe n° “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”, no qual também se achavam dois breves ensaios, agora bem úteis para mim, que discutem o valor estético do objeto livro: “Les deux vertus d'un livre” (“As duas virtudes de um livro”) e “Livres” (“Livros”). Em “Bibliomania à venda”, do meu hoje esgotado *Ociografias*, eu deplorava a devolução e perda (para um primo de um grande amigo meu, então fotógrafo) do exemplar que usara emprestado durante mais de dois anos. O presente volume era uma aquisição, bem barata, feita recentemente (em uma deliciosa vagabundagem vespertina domingueira) na famosa feira de livros usados do parque Georges Brassens em Paris, feira na qual uma vez, surpreso, eu catei abandonados no chão (ainda que em relativo bom estado) o *Les aventures de Télémaque*, de Louis Aragon, e o *Plume*, de Henri Michaux.

E, enfim, o mais recente deles, uma coletânea de ensaios de Umberto Eco, *A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia*, publicada em tradução de Joana Angélica D'Ávila pela Record em 2010, e que seria útil, sobretudo, para pensar a situação do livro em papel após a disponibilização de grandes acervos escaneados em mega-bancos de dados na internet (por exemplo, apenas entre os mais genéricos, o *Google Books* ou o *Gygapedia*) ou adquiríveis para a leitura eletrônica em um *kindle* ou em um multimídia *i-pad*. Curiosamente eu formulara, em uma conversa telefônica na noite anterior ao dia da aquisição, a

hipótese de que deveria existir já em livro uma coletânea de artigos de Eco sobre o tema (de que eu me lembrava de haver lido alguns muito bons, em 2008 ou 2009, na imprensa francesa), mesmo que eu jamais a tivesse visto ou dela tivesse lido uma resenha. No dia seguinte, em meu primeiro passeio a pé (depois da mudança de endereço) pela avenida Prudente de Moraes, aonde fui pagar umas contas no Banco do Brasil, resolvi não só entrar no Beirute para experimentar uma *esfíha*, como também entrar numa livraria (então ainda sem placa) para dar uma olhada no breve acervo composto sobretudo de *best-sellers*. Minha surpresa foi grata quando, numa estante lateral em que os livros estavam amontoados na horizontal, eu encontrei (discretamente apagados entre duas obras ficcionais recentes mais conhecidas de Eco) dois exemplares deste livro. Estranhamente, a alegria de comprar um livro novo (ou seja: ainda não pertencendo à minha biblioteca, mas que, no caso, poderia também não existir) parecia maior do que possuir todo o conjunto de livros de algum modo já conhecidos.⁴

Teodoro Rennó Assunção
(Faculdade de Letras da UFMG)

⁴ É certo que a mobilização operada por um novo tema reservava também a feliz surpresa da redescoberta de um livro já esquecido como *A biblioteca desaparecida*, de Luciano Canfora, cuja sábia epígrafe, de Sêneca, fora citada por mim em “Bibliomania à venda”: “Agora chegamos à biblioteca, não aquela composta de muitos livros, mas de livros escolhidos.”



A biblioteca de cada um os livros que a gente (não) joga fora

Para falar sobre os livros da “gente”, como Márcia Rosa nos convida a fazê-lo, vou tentar explorar um pouco a prática com os livros, isto é, tentar evocar a relação íntima que cada um pode ter com este objeto.

Meus livros ficam na estante, mas sem nenhuma classificação preestabelecida. Tenho um critério particular que muda de acordo com meus interesses e, apesar de desconhecer a lógica em jogo, raramente não encontro um volume que procuro.

Fico mais tentada a classificá-los de acordo com sua escrita: alguns têm uma narrativa ou uma teoria, histórias e conceitos com uma estrutura regular. Livros para serem lidos, interpretados, colecionados de acordo com a ordem do Outro.

Outros são para “não ler”, inúteis, não sossegam nas prateleiras, são sempre excessivos. Para estes, é preciso inventar como e o que fazer com eles, deixar a leitura ressoar ou, quem sabe, fazer um objeto de arte, como o faz a artista plástica Leila Dazinger com os livros herdados e nunca lidos.

Nas estantes estão os livros para se ler e os “não para ler” (pas à lire). Existem os livros que nunca abri, os que leio com frequência, e aqueles que leio apenas fragmentos esparsos; outros, leio com voracidade repetidas vezes e, a cada vez, me parece um outro livro. Posso ler um livro sem compreender, pelo puro prazer da leitura, sem me preocupar com o sentido.

A disposição dos livros em uma biblioteca particular faz um corpo, escreve uma vida e seus modos de gozo, absolutamente singulares. Odeio generalizar, mas não resisto à ideia de que as bibliotecas são arrumadas segundo o modo de gozo. As masculinas, mais organizadas – um, mais um, mais um... até não acabar. Geralmente observam uma ordem alfabética ou temática, e os livros nunca são jogados fora. O estilo masculino cobiça a biblioteca alheia e aprecia comparar o tamanho da sua biblioteca à do outro.

As femininas não fazem coleção porque caem no infinito que há entre dois volumes. Suportam não ler um livro até o fim, descompletam suas bibliotecas ao dar um livro para um amigo que o cobiça e podem até jogar fora um livro se as ideias do autor as insultam.

Foi com os livros que atravessei um luto. Esses objetos, sendo lidos ou depositados ao redor, inscreviam um corpo ausente. Laurent, em seu último livro, cita uma passagem de *Radiofonia* (*Outros escritos*, p. 407) onde Lacan fala dos objetos fora do corpo encontrados nas sepulturas antigas – colares, copos, armas ordenados pelo conjunto vazio das ossadas, como elemento irreduzível. Esses subelementos estavam ali mais para enumerar o gozo do que para fazê-lo reingressar no corpo. Talvez, em nossa cultura, os livros possam ter essa função.

Busquei entre meus livros algo sobre as bibliotecas de cada um: o que se inclui e o que se joga fora. Encontrei, na minha estante de inclassificáveis, um que nunca tinha lido – “*As bibliotecas plenas de fantasmas*”, de Jacques Bonnet. Ele fala da própria loucura e da de outros com os livros. Entre as muitas histórias que ele conta, traz uma passagem de “*Uma história da leitura*”, de Alberto Manguel:

Levantando pilha sobre pilha de volumes familiares [...] me pergunto – como faço a cada vez – porque conservo tantos livros que sei que não os relerei nunca. E me respondo que a cada vez que me desembaraço de um livro, percebo alguns dias mais tarde que é precisamente aquele que eu procuro. Eu me digo que não existe nenhum livro (ou poucos, muito poucos) nos quais não encontro nada que me interesse.

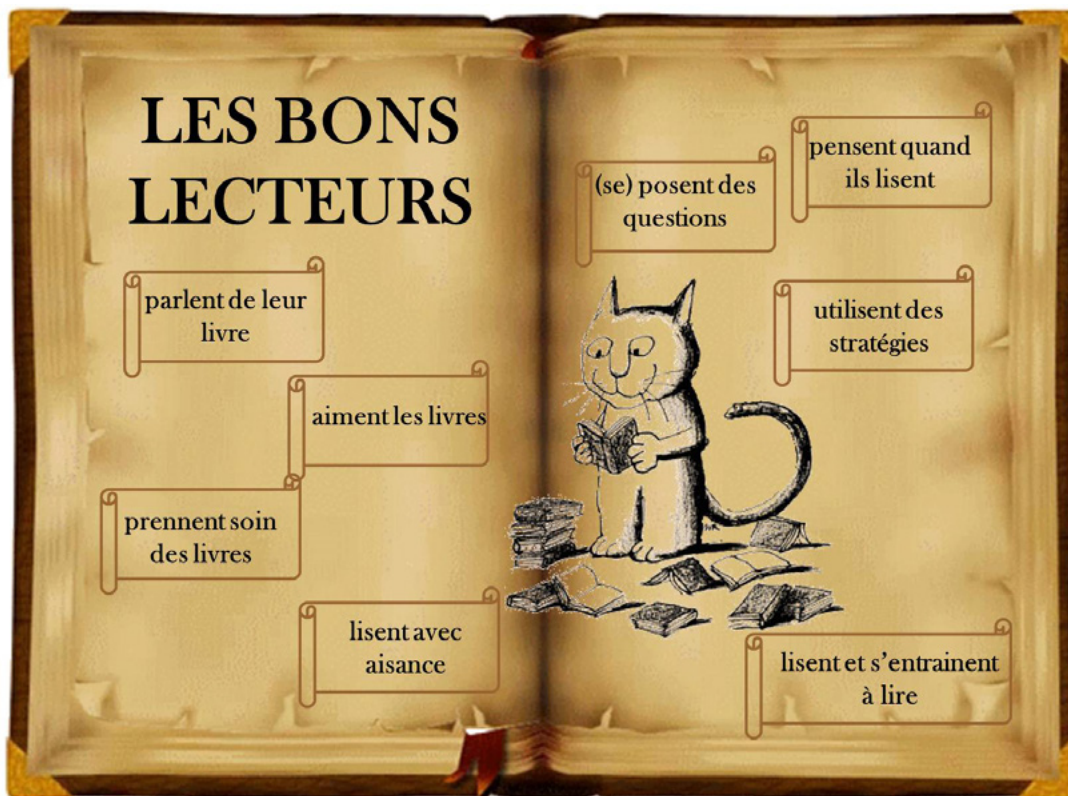
Concluo, portanto, que os livros não são de jogar fora, a não ser uma vez ou outra, por amor ou por ódio, para presentear ou rasgar, conforme o caso. E na pior das hipóteses, nas fogueiras dos Estados totalitários, como pôde constatar nosso querido Freud.

Para concluir, sugiro ao Conselho da Escola que inclua nas entrevistas de admissão de novos membros uma questão sobre os livros e as leituras daqueles que se candidatam. Acho que os livros dizem mais sobre a formação do que a publicação de textos universitários em revistas que ninguém lê.

Ana Lucia Lutterbach

Fragmentos de um texto apresentado na Biblioteca da Seção Minas
BH, 21 de maio de 2016





O desassossego da experiência da escrita

Introdução

Por implicar quem escreve com a inconsistência do Outro, a escrita é, por excelência, uma experiência de desassossego a ser atravessada pelo escritor. Achar as palavras, ficar sem elas, transmitir a palavra do outro, nomear a experiência, encontrar o silêncio que existe entre as palavras, não é sem inquietação. Vou abordar três aspectos dessa experiência: em primeiro lugar, algumas palavras sobre o escrever; depois, sobre o escrever a clínica; por fim, sobre assinar o que se escreve.

Sobre escrever

O real próprio ao inconsciente faz a diferença entre a psicanálise e a ciência. Este real, Lacan o define com a fórmula – “não há relação sexual” –, que sustenta a especificidade do saber psicanalítico e o distingue do saber da ciência, da religião e da mitologia. Ao tratarmos da questão da escrita, estamos tratando da questão do signo, que é fundamentalmente o que se diz, mas também o que se escreve. Na vertente da fala está sua função significante, função de representação do sujeito e de articulação da cadeia que determina o significado, mas onde se encontra no nível da fuga de sentido o que é da ordem do “não há relação sexual”. A outra vertente do signo é a letra, que designa sua natureza de objeto, suporte material que o discurso concreto empresta à linguagem, idêntica a si mesma, passível de deslocamento e transmissão. Quanto a

fórmula – não há relação sexual –, Lacan nos diz no terceiro capítulo do *Seminário*, livro 20: *Mais, ainda*, que ela só tem suporte na escrita, no que a relação sexual não se pode escrever.

Tudo que é escrito parte do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual. A escrita tem origem no impossível de escrever. “A letra vem ao primeiro plano a cada vez que o sujeito se vê confrontado com a inconsistência do Outro” (MANDIL, 2012, p. 63). O que se escreve do real do inconsciente numa análise implica a modalidade lógica da contingência, isto é, o que cessa de não se escrever. Quando o sujeito do inconsciente é colocado a trabalho, reabre-se a fuga do sentido, condição para que algo da escrita se produza.

A escrita da clínica: formalização e testemunho

Para um analista, a escrita da clínica abre uma série de questões: escrever caso por caso, articular um saber sobre a experiência do real próprio de cada caso, zelar pelo sigilo, publicar o caso, localizar os efeitos da escrita do caso. Todas essas questões são discutidas cuidadosamente por Freud nas “Notas preliminares ao relato do caso de Dora”. Nessas notas, Freud assume a importância das duas linhas de estudo do caso clínico, a saber, a perspectiva do caso único e a perspectiva do caso típico. “Na minha opinião”, disse Freud, “o médico assume deveres não só em relação ao paciente individual, mas também em relação à ciência; e seus deveres para com a ciência significam, em última análise, nada mais que seus deveres para com os inúmeros outros pacientes que sofrem ou sofrerão um dia do mesmo mal” (FREUD, 1905/1976, p. 6). De uma parte, buscamos a singularidade, isto é, o caso propriamente dito; e de outra parte, buscamos generalizar, articular teoricamente, elaborar conceitos e matemas, pesquisar a casuística, fazer correlações entre os casos, recorrer às formulações já estabelecidas, formalizar. A escrita da clínica convive, portanto, com o singular e com o universal.

O fato de receber crianças psicóticas no consultório, que se implicaram no tratamento analítico durante longo tempo, que obtiveram uma limitação do gozo em excesso e efeitos terapêuticos sensíveis, foi determinante para a busca de formalização dessa experiência. O esforço de extrair da clínica da criança psicótica um saber transmissível concerne aos deveres para com o caso e para com a ciência estabelecidos por Freud.

Ainda que a escrita em psicanálise possa se deixar pautar pelo ideário do discurso universitário, segundo os formatos conhecidos de monografia, dissertação, tese etc., somente o real do caso extraído de sua *lalangue* permite ao analista escrever a partir dos restos depositados no campo da transferência. Com Lacan, chamo de escrita da clínica o recurso às letras lacanianas, que viabilizam a formalização, as letras dos matemas, dos esquemas, dos gráficos, que transmitem o saber clínico.

Do ponto de vista da elaboração, há sempre para quem pesquisa e escreve o tensionamento entre o saber clínico que se articula e peças soltas que se dispersam; entre o que se ordena da clínica por meio dos matemas e o que permanece como resíduo ou como causa da formalização. A meu ver, é o que justifica considerar a escrita da clínica segundo duas diferentes modalidades, a da formalização e a do testemunho. Quanto a esse ponto, o testemunho, o texto de Enric Berenguer, “Testemunho: ensino irônico”, publicado em *Opção Lacaniana* número 54, traz uma importante contribuição ao defender a ideia de que “todo ensino psicanalítico participa do testemunho” (BERENGUER, 2009, p. 68).

O testemunho se refere sempre, de algum modo, ao limite do discurso, e inclusive da formalização. Nesse ponto, a escrita chega a ser invocada como testemunho eletivo de algo que se situa nos confins do saber e do real. Onde o discurso não “diz”, testemunha. E, onde o testemunho do discurso desfalece, apela-se para o testemunho da escrita. O ensino se caracteriza por buscar ativamente esse limite, construí-lo. Falando e escrevendo sobre ele, mas fazendo com que o falado e o escrito

testemunhem. Na realidade, não há ensino sem buscar esse limite; do contrário, cai-se no saber estabelecido (BERENGUER, 2009, p. 70).

Berenguer discute uma gama de testemunhos que não se vinculam unicamente ao dispositivo do passe numa escola lacaniana e sim a outros dispositivos de transmissão do saber também incluídos na Escola. Ele identifica formas plurais de testemunho na obra de Freud e ao longo dos seminários de Lacan, o que certamente confere à psicanálise um estatuto particular de ciência. Considera que o testemunho em Freud adquire a forma de elaboração teórica e não de biografia e traz sempre uma dupla referência de sua experiência como psicanalista e como analisante, a exemplo da sua *Interpretação dos sonhos*, obra que inaugurou para Freud a psicanálise.

O psicanalista também verifica como que, por vezes, a obra de Freud assumiu para Lacan o valor de testemunho, como, por exemplo, no seu comentário sobre o sonho de Irma. Nos seminários de Lacan, o autor identificou formas de testemunho que perpassam sua elaboração teórica. São elas: um elemento autobiográfico incluído como material em um texto teórico; os aportes do auditório dos seminários; o que Lacan recolhia de sua prática de analista como testemunhos de seu ensino e que assume o estatuto de prova ou demonstração. Sob o termo testemunho, Enric Berenguer inclui também uma série de chamadas de Lacan endereçadas aos seus ouvintes, interpelando-os ou convocando-os a um tipo de resposta, fosse de confirmação, de rejeição ou de objeção à sua fala. Concordando com Berenguer, encontramos em Lacan, nas diversas etapas de seu ensino, a presença da enunciação, visto que nem o significante mestre nem o saber ocuparam o lugar de agente de seu trabalho.

J.-A. Miller também inclui a perspectiva do testemunho no ensino de Lacan. Ele recolhe esse dado do “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” a propósito dos casos de urgência. Cito Lacan: “assinalo, que, como sempre, os casos de urgência me atrapalhavam enquanto eu escrevia isso. Mas escrevo, na medida em que creio dever fazê-lo para ficar a par desses casos, fazer com eles par” (LACAN, 2003, p. 569). Isso vale “como um testemunho” (MILLER, 2010, p.19), afirma o psicanalista.

A possível afinidade entre o ensino e o testemunho em psicanálise vai conferir à elaboração e à produção teórica um lugar de enunciação. Por não ser um cientista integralmente, o analista e seu discurso não dispensam a implicação do desejo do analista. É neste sentido que não somente a clínica, mas também o ensino pode ser irônico ao portar a marca da inconsistência do Outro. A teoria, assim como o discurso, pode ficar na posição de *semblant*. A autenticidade do saber depende da resposta que cada sujeito dá ao ponto de inconsistência do Outro, onde não há uma só resposta válida para todos.

Enquanto o cientista coloca o significante a trabalho para produzir um saber, porém à custa da exclusão da subjetividade e de sua causa, o analista não a exclui de sua ciência. Por consequência, ele pode se deparar com o trabalho do inconsciente, que, com frequência, se imiscui na construção de um texto, na elaboração de uma hipótese, de uma tese. Trabalhei esse ponto no artigo “O real da clínica e a ciência do sonho”, publicado na *Revista Curinga* n. 31, relatando um sonho que, durante a escrita da tese, contribuiu decisivamente para a formulação do problema real causa da pesquisa e para a seriação dos casos clínicos em construção. A leitura do texto de Enric Berenguer levou-me a retomar essa questão para inseri-la na perspectiva do testemunho. Acrescento aqui a contribuição do texto de Márcia Rosa, “Psicanálise: uma ciência das intimidades?”. Este artigo discute a especificidade da psicanálise enquanto uma ciência que não exclui o real, uma ciência êxtima. Esta formulação se sustenta na noção lacaniana de “extimidade”, isto é, de exterioridade íntima, que concerne à Coisa no âmago do ser.

Escrever e assinar

Assinar, além de escrever o texto, também implica o lugar da enunciação no campo teórico da psicanálise, que abordarei a partir do nome próprio e da letra. Mais uma vez foi um sonho, esse feito na etapa final da escrita, que me colocou a questão do assinar o que se escreve: “eu estava diante de uma página escrita por Freud, letra ilegível, com exceção da sua assinatura embaixo ao final da página”. O desassossego da escrita está para a insônia assim como o sonho está para um certo apaziguamento dessa inquietação. Vale dizer que, no meu caso, o trabalho do sonho atenuou em diferentes momentos da escrita o desassossego advindo dela.

A questão do nome próprio e da assinatura é abordada por Ram Mandil no livro *Os efeitos da letra* (2003) e por Márcia Rosa no livro *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro* (2011). Ambos reconhecem na assinatura um lugar da enunciação. Ram discute a noção de assinatura a partir de Joyce, perguntando o que haveria de particular na “assinatura Joyce”. A marca de Joyce é uma relação específica do falassar com a língua, com a linguagem e com a escrita por meio da qual ele se fez um ego. Para Joyce, o nome próprio compensou a carência paterna.

Segundo Derrida, autor com quem Ram Mandil dialoga, o termo assinatura ganha o peso de um conceito. A assinatura conjuga o nome próprio com a escrita. Ela implica a busca da propriedade de um nome, no nível da escrita, do lugar da enunciação.

Márcia Rosa trabalhou em seu livro a questão da assinatura a partir da noção de autor e da escrita autobiográfica. A assinatura como uma marca no texto, de um fora-texto, reenvia à responsabilidade da enunciação do texto escrito, ao nome como o que resta da presença do autor no texto. Diferenciando o nome próprio da assinatura, Márcia Rosa considera dois aspectos do nome próprio, a saber, o aspecto semântico segundo o qual ele é designação, marca, traço singular e identidade estável do indivíduo; porém, ele pode se tornar um elemento da pragmática por meio da assinatura.

Segundo Éric Laurent, foi através da leitura lacaniana de Joyce, que teria introduzido o escrito como o que não é para ser lido, que “Lacan concebe o escrito no mesmo registro que o nome próprio, como o que não se traduz, como um limite na tradução” (LAURENT, 2003, p. 63). O nome próprio evidencia uma dimensão da linguagem que não é da comunicação e que se aproxima, portanto, da escrita. Na medida em que a nomeação faz aparecer um vazio da descrição, ela faz um verdadeiro furo na dimensão do sentido. No texto “Sintoma e nome próprio”, Laurent chama a atenção para o paradoxo da operação do nome próprio, a saber, abrir e ao mesmo tempo tapar o furo da fuga de sentido.

A escrita como lugar de enunciação, isto é, de produção de uma marca singular, um traço de alteridade, confere ao nome próprio seu estatuto de letra. O nome próprio é apenas um índice, é sem sentido, não significa nada, e concerne ao valor de letra tomado do significante. Sua lógica implica uma operação com o (-1), o inominável no conjunto do significante, pois o nome próprio não representa o sujeito para outro significante, representa-o em termos absolutos funcionando como um designador rígido.

Para concluir, proponho aproximar o termo “assinatura Freud” de dois outros termos, a saber, o “acontecimento Freud” proposto por Lacan, o “traumatismo Freud”, proposto por Miller, como nomes do corte introduzido por Freud no discurso universal, inaugurando um modo inédito de fazer ciência.

Suzana Faleiro Barroso

Referências:

BERENGUER, E. Testemunho: ensino irônico. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Eólia, v. 54, p. 67-74, maio 2009.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. (1903) In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. VII. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 5-107.

LACAN, J. Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*. (1976) In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 567-569.

LAURENT, E. Sintoma e nome próprio. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Eólia, v. 38, p. 59-72, dez. 2003.

MANDIL, R. *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro, Contracapa; Belo Horizonte, UFMG, 2003.

_____. O ato de leitura em psicanálise. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Eólia, v. 63, p. 43-50, jun. 2012.

MILLER, J.-A. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan. O sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ROSA, M. *Fernando Pessoa e Jacques Lacan: constelações, letra e livro*. Belo Horizonte: Scriptum, 2011.

_____. Psicanálise: uma ciência das intimidades? In: ROSA, M. *De que real se trata na clínica psicanalítica?* Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012. p. 231-247.

Retórica da elaboração poética. Notas sobre Freud e a escrita

A um jovem que hesitava em encarar uma análise, Lacan, para marcar o término das entrevistas preliminares, diz-lhe:

Todos acabam sempre se tornando um personagem do romance que é a sua própria vida. Para isso não é necessário fazer uma psicanálise. O que esta realiza é comparável à relação entre o conto e o romance. A contração do tempo, que o conto possibilita, produz efeitos de estilo. A psicanálise lhe possibilitará perceber efeitos de estilo que poderão ser úteis a você (LAURENT, 1992, p. 36).

A primeira coisa que salta aos olhos do jovem em questão, que era Éric Laurent, é que a obra parece vir antes do autor e ficar esperando por ele, que pode chegar tarde demais. Essa bela passagem mostra-nos ainda outra coisa, concernente ao que ocorre entre Freud e Lacan em termos dos modelos literários que subjazem à prática clínica de cada um.

O inconsciente freudiano caminha pari passu com a forma narrativa, que é a do romance goethiano. (...) A forma de relato implicada tem suas imposições: definição clara dos personagens, separação entre comentário e descrição, entre o dito espirituoso da conversação pública e a ruminação do monólogo interior. A prática de Lacan é contemporânea de uma estrutura narrativa transformada pela escrita moderna, na qual o romance é subvertido pelas contrações do tempo, do espaço, dos personagens, do dentro e do fora (LAURENT, 1992, p. 37).

Em outras ocasiões e textos, pude trabalhar a escrita e o estilo de Lacan e suas relações com a escrita moderna. No presente ensaio, gostaria de anotar algumas ideias acerca da escrita freudiana. Vou me ater a um ou dois aspectos, muitas vezes negligenciados entre os leitores de Freud. Trata-se dos processos poéticos de amenização e ocultamento que

funcionam tanto na escrita poética e trágica, quanto na escrita freudiana. Para abordar isso, pretendo ler uma pista deixada por Freud sobre as relações entre *Édipo e Hamlet*, na *Interpretação dos sonhos*, e retomada em seu artigo “Dostoievski e o parricídio” (FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas*, 2015, p. 283-305).

Retórica da elaboração poética: atenuação, ocultamento.

O catálogo das aberrações humanas foi descrito muitas vezes, por muitos autores, muito antes da invenção da psicanálise. A dificuldade de ler Freud é que, ali, o leitor se reconhece. Quantas vezes a poesia épica e o drama trágico, a filosofia de Diógenes a Sade, a literatura médica de Krafft-Ebing ou de Esquirol, as homilias e as bulas, os códigos penais e os arquivos de instituições como prisões, sanatórios, monastérios, os relatos de viagens, a etnografia, a literatura moderna, e tantas outras infindáveis fontes contribuíram para o catálogo quase infinito das aberrações humanas? Relatos de desejos e práticas incestuosas, de assassinios, sacrifícios humanos e crueldades terríveis, de variações quase infinitas de uso do corpo e da sexualidade, dos mais variados tipos de loucura e insanidade povoam o imaginário da cultura desde a mais remota noite dos tempos. O que há de chocante e inaugural no discurso de Freud é que ele consegue trazer para dentro do teatro da mente e da arena dos impulsos todo esse espetáculo horrendo das aberrações. Mas quando o faz, não há mais teatro, nem arena, nem espetáculo e nem aberrações. As fronteiras entre o normal e o patológico perdem, depois de Freud, sua confortável nitidez, que asseguravam a nós, espectadores ou leitores, a distância suficiente que nos protegia desses perigos longínquos. Os processos psíquicos que conduzem ao adoecimento são os mesmos que presidem nossa vida cotidiana mais banal. Basta o mais trivial acontecimento, que pode ser desde a mais corriqueira lembrança ou o pensamento mais fugidio, o deslocamento sutil de um quadro de referências estabilizador ou o súbito encontro com a violência traumática, para que correntes psíquicas entrem em conflito de maneira a instalar num

sujeito um quadro sintomático das mais variadas gravidades e durações. Freud investiga os mecanismos e a dinâmica do quadro sintomático de uma jovem histórica protegida por um pseudônimo, a neurose obsessiva de um paciente estrangeiro também escondido por um pseudônimo, que funciona, aliás, descrição definida de seu sintoma, a paranoia desencadeada de um escritor que assina e torna pública sua loucura, com a mesma audácia com que desvenda aspectos da vida psíquica de grandes homens, como Leonardo, Goethe ou Dostoiévski. Por que, então, estaríamos nós, leitores, eu e você, protegidos da investigação acerca dos mais recônditos segredos, que julgamos tão bem escondidos num cantinho obscuro da memória, nem sempre acessível a nós mesmos? Talvez resida aí, nessa distância encurtada entre nós e os outros (os insanos, os criminosos, os parricidas, os incestuosos, os pervertidos etc.), um dos motivos maiores não apenas da resistência à psicanálise na cultura, mas da resistência dos próprios psicanalistas e leitores de Freud aos textos de Freud. Seus textos exigem de nós não a fria distância do cientista que descreve a sintomatologia objetiva, definida por traços observáveis de comportamento do doente; não a plácida certeza de que ao deixarmos o teatro, a sala de cinema ou fecharmos o romance tudo aquilo perderá a inquietante estranheza da ficção e seremos subitamente devolvidos e reintegrados à realidade que nos circunda. A meio caminho entre a objetividade da ciência e a estranheza da ficção, a escrita de Freud exige de nós não apenas a paciência do conceito, mas a superação de processos psíquicos os mais diversos. O leitor pode se identificar com um caso clínico, pode reconhecer em si um aspecto qualquer de uma fantasia descrita num sonho ou num ato falho, pode rejeitar como absurdas as hipóteses que por vezes nos tocam onde não esperávamos. A exigência subjetiva de ler Freud pode ser enorme. Talvez deva sê-lo.

Um aspecto raramente lembrado entre os especialistas na escrita de Freud é o cuidado com o material. Para situar alguém no curso do tempo, os gregos costumavam se referir não ao ano de nascimento de uma pessoa, mas ao acme de sua vida. Pois bem, Freud estava no acme de sua vida, por volta dos quarenta e poucos anos, quando escreveu sua *Interpretação dos sonhos*. Aposta extremamente arriscada para um médico com pretensões de ascensão à burguesia vienense. Ali, ele relata um sem-número de sonhos próprios, narra circunstâncias pessoais, reconhece em si mesmo fantasias inconscientes incestuosas, parricidas, descobre uma bissexualidade constitutiva e recalca, não sem, a cada vez, pedir licença ao leitor, em nome da curiosidade científica e do

desejo de saber, para tais indiscrições. Longe de serem raros, episódios assim abundam no texto de Freud. Muitas vezes, ele se compara ao escritor, ao romancista ou ao poeta, sempre com a necessária modéstia de se colocar em desvantagem, para descrever o enquadre narrativo que empresta sentido ao sonho, à fantasia ou ao sintoma ali descrito.

Como narrar um caso clínico, descrevendo detalhes da intimidade do analisante, sem com isso alimentar com indícios que poderiam tornar reconhecíveis os atores daquela história, numa Viena com ares de metrópole, contudo setorizada em estratos sociais, onde não raro o médico é parente ou vizinho do paciente?

Em seu ensaio sobre Dostoiévski, a certa altura Freud afirma que não pode ser mera coincidência que três das maiores obras da literatura universal tratem do mesmo assunto. Refere-se ali a *Édipo Rei*, a *Hamlet* e a *Os irmãos Karamazov*. Todos os três lidam com o amor incestuoso recalçado e o desejo inconsciente de assassinar o pai. Freud acrescenta uma observação essencial, e que certamente aplica-se não apenas a Sófocles, Shakespeare e Dostoiévski, mas ao próprio Freud. Diz ele: “Mas, sem atenuação e ocultamento, a reelaboração poética não é possível.” (FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas*, p. 297).

O que está em jogo na narração dos casos clínicos, no relato de sonhos, na indiscrição da revelação de um distúrbio de memória, na descrição pormenorizada dos componentes de uma fantasia, não é justamente a atenuação e o ocultamento dessa elaboração poética primeira, anterior à análise propriamente dita dos mecanismos psíquicos subjacentes? Tudo se passa como se, antes do desocultamento promovido pelo analista, fosse necessária, em alguma medida, uma elaboração inicial, que ameniza e encobre, que envelopa, que dissimula.

Numa carta de 22 de agosto de 1874, o jovem Freud aglutinava uma concepção bem-geral, uma mera intuição ou suspeita, mas que mais tarde terá consequências. É a poesia de uma obra de arte que, quando ela é excepcional, torna a obra menos susceptível à reprovação moral... (Freud, *Correspondance 1873-1939*, 1991 (1960)). Qual estatuto devemos conceder a essa declaração? Sigismund, àquela altura, ainda grafava seu nome exatamente como seu pai lhe havia batizado; antes de suprimir duas letras, ainda não tinha a menor ideia do que viria a ser a psicanálise. Em termos biográficos, estava às voltas com escolhas juvenis, do tipo que

carreira seguir, direito, medicina, carreira literária, o que fazer com o corpo e com a sexualidade etc.

O jovem, que há pouco tempo havia completado 18 anos, afirma que é a poeticidade da poesia, se nos for permitida essa ênfase, na extração do elemento mais característico, mais irreduzível, e não a obediência a algum tipo de forma, que, através de um processo que está longe de poder ser justificado ou mesmo esclarecido, permite resguardar a criação do julgamento moral. Ora, Freud, ao longo de sua carreira, precisou resguardar-se do julgamento moral a cada passo novo, a cada nova descoberta, justamente por causa da temática sexual cada vez mais à luz do dia em seu trabalho. Na famosa nota da *Traumdeutung*, em que *Édipo e Hamlet* aparecem juntos pela primeira vez, talvez seja isso que esteja ao fundo.

No texto de 1928, sobre Dostoiévski, justamente considerado o moralista, é precisamente isso que está em jogo. É o caráter artístico, mais especificamente poético, de uma obra, mesmo quando não se trata de um “poema”, mas do poético que existe em determinadas criações, que, de certa forma, empresta a essa obra uma espécie de passaporte de livre acesso, uma rota que permite passar ao lado da aduana do julgamento moral. *Laisser-passer*. Não se trata aqui, na *Dichtung*, da beleza, da sensibilidade ou da intuição. Trata-se do fato que o especificamente poético é aquilo que remete ao fundamento da própria linguagem, anterior talvez a ela. Aquilo de que a língua é já uma primeira tradução.

Nisso tudo, a diferença de estatuto entre os três personagens é notória. Starobinski tem razão em afirmar que figuras trágicas como Édipo e Hamlet funcionam muito mais como operadores, como “elementos funcionais”, do que como objetos, na economia do pensamento freudiano (STAROBINSKI, 1967). Na mesma linha, comenta Lyotard:

Se não há nem livro nem artigo de Freud sobre Édipo ou a fortiori sobre Hamlet é porque a figura do rei morto desempenha para o inconsciente de Freud (ao menos epistemologicamente) o papel de uma espécie de tela ou grelha que, aplicada ao discurso analítico, lhe permite escutar o que ele não diz, reagrupar os fragmentos de sentido disparatados, dispersos no material (LYOTARD, 1994, p. 72).

Na seção IV do capítulo 5 da *Interpretação dos sonhos*, o tema edípico imiscui-se de forma um tanto oblíqua numa

espécie de inventário de temas oníricos, como se a hipótese formulada no contexto transferencial com Fliess ainda não gozasse de elementos que permitissem sua justificação e sua confirmação numa obra com pretensões de reconhecimento como a *Traumdeutung*. Uma longa nota de rodapé associa Édipo a Hamlet. Em edições ulteriores, a nota emerge e é incorporada ao corpo do texto.

A primeira coisa que essa nota afirma é que as duas criações trágicas (*Dichterschöpfungen*), *Édipo* e *Hamlet*, fincam suas raízes no mesmo terreno, no mesmo chão (*Boden*). Hamlet, como um típico príncipe da Renascença, é absolutamente indiferente à vida ou à morte de seus cortesãos. Mas, ao contrário do que uma certa corrente da crítica assevera, ele não é incapaz de agir: por duas vezes na peça ele dá provas de poder matar sem hesitação. O problema não está no campo da ação, mas no objeto dessa ação, na fantasia mobilizada.

O ponto que nos interessa mais de perto é o que podemos chamar de uma *teoria implícita da história afetiva da humanidade*. A teoria que será desenvolvida mais tarde em textos como *Totem e Tabu* e *O homem Moisés e a religião monoteísta* é aqui sugerida em uma de suas primeiras e incompletas formulações. Trata-se do que Freud nomeia como “progresso secular do recalçamento na vida afetiva (sentimental) da humanidade” (“das säkulare Fortschreiten der Verdrängungim Gemütsleben der Menschheit”)

Essa hipótese funciona como uma filosofia da história implícita, que se cruza de modo bastante complexo com sua teoria social e sua concepção de linguagem. De maneira grosseira, podemos apresentar mais ou menos assim. A história afetiva da humanidade coincide com uma espécie de dessexualização imposta pela vida social. Embora esse processo possa variar infinitamente, Freud percebe na evolução da linguagem e dos costumes que o recalçamento amplia seu alcance a cada nova etapa da história humana. Evidentemente, o custo a pagar por esse processo é alto. O interessante aqui é que a confirmação material desse processo histórico nesse momento nos é oferecido pela comparação das duas tragédias em pauta, o *Édipo* e o *Hamlet*.

O analista, assim como o criador literário, o poeta, o *Dichter*, trabalha com os rastros, os resíduos desse lento processo. Pois são esses traços que denotam que o progresso do recalque não é sempre bem-sucedido. Ao contrário. E o poeta se vale justamente desse material, que vai se depositando e se sedimentando em camadas e camadas de resíduo, na estrutura

espiralar da linguagem. Pois a linguagem que falamos é apenas a superfície de um solo erodido, sulcado, fissurado. Na perspectiva freudiana, a linguagem é uma estrutura apenas se pudermos conceber uma estrutura feita de placas, que, como as placas tectônicas, se movem lentamente, mas que às vezes sofrem abalos...

Entretanto, as diferenças entre *Édipo* e *Hamlet* são marcantes. Se é verdade, como escreve Starobinski, que “Édipo não tem inconsciente, porque ele é nosso inconsciente”, é também verdade que “ele não precisa ter uma profundidade própria, porque ele é nossa profundidade; (...) atribuir a ele uma psicologia seria derrisório: ele já é uma instância psíquica” (Starobinski, 1967, p. XIX). Desse modo, Édipo não é um objeto a ser interpretado, ele é um operador. Não há nada escondido, nenhuma motivação obscura, nada detrás da cortina. Tudo se desenrola segundo a necessidade e a causalidade própria a uma tragédia do destino (*Schicksalstragödie*). O crime fora cometido sem saber e sem querer, o que, na ética grega, e a fortiori para a doutrina do inconsciente, não isenta o sujeito de sua responsabilidade.

Édipo é o limite da própria interpretação, na medida exata em que funciona para Freud como um *interpretans*. Com Hamlet, tragédia do caráter, tudo se passa diferentemente. É desse modo que Freud, não por acaso, em sua *Selbstdarstellung*, de 1925, apresenta as diferenças entre as duas peças. A inação de Hamlet, sua paralisia, sua hesitação, exigem que o intérprete construa hipóteses que não são oferecidas de bandeja pelo poeta. O herói shakespereano, ao contrário do herói trágico grego, não está submetido à moira ou um oráculo; entidades semidivinas como a ‘ate’ não desempenham um papel determinante na condução de seus atos; enfim, Hamlet está abandonado a si próprio, às suas memórias, ou seriam alucinações?, como o homem moderno - que ele ainda não é exatamente, mas que já o espreita - estaria dentro em breve apavorado diante do eterno silêncio dos espaços infinitos. De qualquer modo, os signos perderam sua clareza, os indícios são demasiado frágeis para fundamentar uma decisão. Preso no teatro de sua luta interior, Hamlet não sabe distinguir com clareza os índices que se apresentam diante dele. O mundo perdeu sua transparência, ou ainda não recuperou?, a insidiosa opacidade imiscui-se em cada elemento que se apresenta diante dele. O fantasma de seu pai, a voz que sopra em seu ouvido, tudo é fugidio, opaco. Como distinguir entre uma percepção externa, a figura de seu pai retornando do mundo dos mortos para lhe exigir vingança, e uma lembrança, uma fantasia, uma imagem produzida

no meu eu? Onde as fronteiras entre o exterior e o interior fincam raízes? Onde começa a fantasia e termina a percepção? E se tudo for sonho, ou pior, o perigo mais terrível, uma ideia delirante ou mesmo uma alucinação? Não é difícil perceber o fascínio de Freud pela figura de Hamlet.

O enigma que Freud decifra em Hamlet não concerne, claro, à literatura ou à crítica literária: seu interesse é o paciente real, que entra pela porta, que sofre, que fala, que vai embora.

A operação de Freud, de essência gramatical ou lógica, consiste em mostrar que uma dupla negação é o equivalente degradado, fantasmático, de uma afirmação: Hamlet não cometeu o assassinato do pai, mas por outro lado ele não chega a agir contra aquele que o cometeu. Então, é porque ele não cessou, inconscientemente, de desejar cometer (Starobinski, 1967, p. xxxvii)

Starobinski faz uma anotação decisiva. O estudo de Ernest Jones sobre Hamlet parte da teoria psicanalítica, como um conjunto fechado de ferramentas, para chegar a Hamlet. Estamos no terreno da psicanálise aplicada, ao contrário do que havia tentado Freud, que vai de Édipo e de Hamlet até a psicanálise.

Para concluir, gostaria de retomar algumas linhas do último parágrafo do belo ensaio de Freud, “O poeta e o fantasiar”, aqui na primorosa tradução de Ernani Chaves:

Os senhores se recordam quando dizíamos que quem tem sonhos diurnos esconde suas fantasias cuidadosamente diante dos outros, porque sente que aí há motivos para se envergonhar. Eu acrescentaria que, mesmo que ele pudesse nos comunicar essas fantasias, não poderia nos proporcionar, por meio de tal desocultamento, nenhum prazer. Se experimentássemos essas fantasias, ou nos livraríamos delas ou permaneceríamos distantes delas. Mas, se o poeta nos apresentasse previamente suas brincadeiras ou contasse para nós aquilo que esclarecesse seus sonhos diurnos pessoais, então, sentiríamos, provavelmente a partir de diferentes fontes, um grande prazer que flui conjuntamente. Como o poeta realiza isso, eis aí o seu segredo mais íntimo; na técnica da superação desta repulsão, que

certamente tem a ver com as limitações existentes entre todo o eu individual e os outros, consiste, verdadeiramente, a *Ars poética* (FREUD, S. 2015, p. 63-64).

Qual seria, na visão de Freud, o segredo mais íntimo da arte poética, senão a capacidade de suspender a fina e tênue película que separa o eu individual e o outro, encontrando no mais profundo mergulho em nossa intimidade não uma essência interior, mas justamente seu contrário, uma exterioridade? A capacidade de desocultar uma fantasia, de levantar um véu, sem cair na banalização exibicionista da confissão pública da intimidade, um pouco na linha em que se separam o erótico e o pornográfico? Houve um tempo em que a interpretação psicanalítica sonhou que bastava tornar consciente um conteúdo da fantasia inconsciente para que o recalque fosse como que superado e o sintoma pudesse ceder em sua morbidade. No entanto, já aqui, em 1908, Freud parece vislumbrar o que depois se consolidará com o conceito de perlaboração, uma forma de trabalho do material fantasístico que se dá através de uma elaboração paulatina de conteúdos inconscientes por um certo regime de uso da palavra. Esse regime supõe uma escuta, um dispositivo em que a palavra circula fora dos espaços habituais do reconhecimento, do aplauso ou da censura? Não estamos aqui na antecâmara de uma experiência da extimidade, na medida em que encontramos no âmago de nosso ser, em seu núcleo mais íntimo, algo relativo à alteridade mais radical? Pois é através de alterações e ocultamentos que o poeta atenua o caráter egoísta das fantasias, possibilitando assim o “ganho de prazer puramente formal” (p. 64). Não apenas a ciência é condição da psicanálise, mas também a literatura.

Gilson Iannini
(Ouro Preto-Belo Horizonte)

Obras citadas:

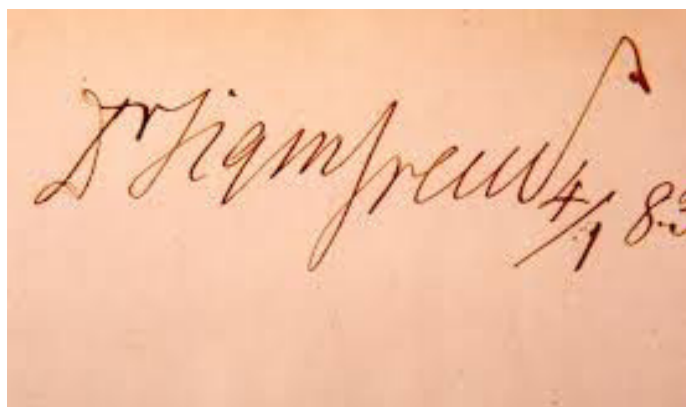
FREUD, S. *Correspondance 1873-1939*. (1960) Paris: Gallimard, 1991.

FREUD, S. *Arte, Literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LYOTARD, J.-F. (1994). Freud selon Cézanne. *Em Des dispositifs pulsionnels*. Paris: Galilée.

LAURENT, E. (1992) “Quatro observações sobre a preocupação científica”. In: GIROUD et alii, *Lacan, você conhece?* São Paulo: Cultura, 1998.

STAROBINSKI, J. *Hamlet et Freud*. In: JONES, E. *Hamlet et Oedipe*. Paris: Gallimard, 1967.



SURFANDO



- Começamos indagando a função política de uma Biblioteca. Para tal, nada melhor do que ir até a Colômbia e a Biblioteca litoral de Medellín.

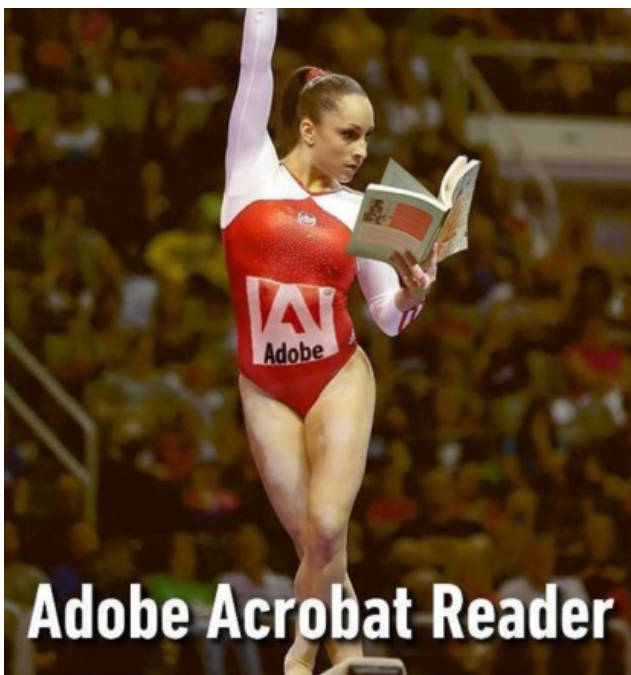
1- Maravillas de Colombia: Biblioteca España, Medellín

<https://youtu.be/pft1So0oVls>

- A seguir percorremos o labiríntico espaço da Biblioteca italiana de Humberto Eco.

2- Biblioteche: Umberto Eco

<https://youtu.be/UoEuvGT1wBs>



- Enfim, curiosos em saber qual livro U. Eco retira da sua estante de *mileum* volumes, concluímos tratar-se das Galáxias do escritor brasileiro Haroldo de Campos.

3- Haroldo de Campos “Isto não é um livro de viagem” (Ed. 34, 1992) Álbum completo

<https://youtu.be/AIEEciVwwoo>

Lançamentos

- ZBRUN, Mirta [org.] *“Bibliô Referências. O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação, de Jacques Lacan”*, KBR Digital Publishers LLC, 2016.

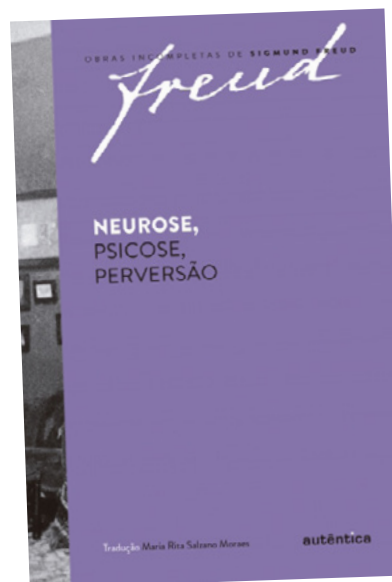
ebook: <https://www.amazon.com.br/dp/B01MAUJHNM>

POD: <https://www.amazon.com.br/dp/1944608397>



- FREUD, Sigmund, *“Neurose, Psicose, Perversão”*, Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ebook: https://www.amazon.com.br/dp/8582179855/ref=asc_df_85821798554586439/?tag=buscape-14-local-20&creative=380333&creativeASIN=8582179855&linkCode=asn



- PAES BARRETO, Francisco, *“O bem-estar na civilização”*, Curitiba: CVR, 2015.

ebook: <http://www.ebalivros.com.br/produto/bem-estar-na-civilizacao-o-527396>



Bibliô agradece a colaboração dos autores aqui publicados

Editor: **Marcela Antelo**
Editor responsável deste número: **Márcia Rosa**
Design gráfico: **Celeste Hampton**

Equipe bibliotecas EBP

Marcela Antelo [Diretora]
Lêda Silva Guimarães [EBP - Rio de Janeiro]
Teresinha Natal Meirelles do Prado [EBP - São Paulo]
Márcia Rosa [EBP - Minas Gerais]
Mônica Hage [EBP - Bahia]
Anamaria Vasconcelos [EBP - Pernambuco]
Oscar Reymundo [EBP - Santa Catarina]

Diretoria EBP 2015-2017

Ana Lúcia Lutterbach Holck [EBP Diretora geral]
Paula Borsoi [Diretora tesoureira]
Fernanda Otoni Brisset [Diretora secretária]
Marcela Antelo [Diretora biblioteca]

ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br



Instalação: Richard Wentworth "False Ceiling" – Que o céu nos proteja.

Ler é vagar. Há na leitura uma espera que não busca um resultado. Não todo mundo pode ler. E não há que forçar a todas as crianças do mundo a ler. Aquele que toma um livro se expõe à emoção de uma página que, de repente, faz surgir um acontecimento dramático, de ser desestabilizado... Há um perigo. Eu adoro esse perigo. Não sei para onde vou. Quando a gente abre um livro não sabe para onde vai. Mas aqueles que são frágeis, ou querem a todo custo saber para onde vão melhor que não leiam.



ler a escondidas

EDITORIAL

Livros proibidos como objetos de desejo foram e serão trama argumental de diversas aventuras. Bulimia de letras ou apetite por recônditos? Livro como objeto causa, livro para ser devorado fora do olhar do Outro. O escondido tem o aroma da substância perdida, por isso nos atrai, oferece seu mistério, para deleite do leitor.

O Bibliô n.32 se inspira em um evento realizado pela Biblioteca da EBP-Minas Gerais, dirigida por Márcia Rosa Lucchina, sobre “As religiões do livro”. Um tema inédito e exigente, que foi abordado por dois pontos de fuga. Cito Márcia:

Sob o título “as religiões do livro”, estivemos conversando não apenas sobre religiões que se constroem em torno do livro, mas também sobre nossa relação religiosa, profana, sacrílega,..., com o(s) livro(s). Para tal, indagamos a alguns leitores: “Você reza em qual Bíblia?” e a alguns outros, “Qual livro proibido você leu escondido?”.

O texto de Claudia Moreira, também surgido desse evento, sobre “Um livro escandaloso”, é de leitura imprescindível para os freudianos. Após apresentar dois exemplos das suas leituras escondidas, ela introduz o Moisés de Freud como livro resistido, proibido, do qual podemos extrair a falha que

Freud descobre fraturando toda identidade, questão de absoluta atualidade. O judaísmo como ética da separação, como diz Miller, em “O sintoma charlatão”.

Antônio Teixeira nunca precisou ler um livro escondido. Em contrapartida, escolhe transmitir sua experiência de juventude, de arrebatamento frente a um livro irresistível e o modo de aquisição do qual se vale para dele usufruir. Trata-se da versão original dos *Escritos* de Jacques Lacan. Letras para não ser lidas durante um tempo, tempo ditado pela subjetividade do leitor frente à objetividade do livro a ser apropriado.

Teresinha N. Meirelles do Prado ensina que a própria leitura pode encarnar a transgressão. O constante suspense vivido na clandestinidade, posta em cena de um insaciável desejo de saber. Busca apoio em Clarice Lispector para pintar o afresco da felicidade clandestina que a prática da leitura pode proporcionar a um jovem corpo falante.

Gustavo Dessal não conta com nenhum livro proibido na sua experiência de leitor. Como autor, faz umas recomendações de leitura e gentilmente cede uma resenha sobre um conto de Clarice Lispector. Jordan Gurgel e Lucíola nos entregam duas peças soltas de suas experiências de leitura sob as cobertas.

Finalmente e como alimento para a leitura do *seminário 6* de Jacques Lacan, presente nas nossas mesas de trabalho, publicamos um artigo de Alicia Calderón de la Barca, sobre o artifício da *play-scène* do qual se serve Shakespeare no seu Hamlet, para pôr em cena uma verdade mentirosa.

Surfando se encontram divinos detalhes para leitores e recentes lançamentos para os quais chamamos a atenção.

Agradecemos aos autores e leitores,

MA



Sobre um livro escandaloso

Claudia Moreira

[Psicóloga, psicanalista, doutora em teoria psicanalítica UFRJ]



Na tentativa de responder à pergunta feita por Márcia Rosa - qual livro proibido você leu escondido? -, duas lembranças me vieram à tona, dois livros em particular: *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva, e *Olga*, de Fernando Morais.

Li *Feliz ano velho* muito nova e de uma sentada só. A história contada ali se parecia em tantos aspectos à história de qualquer adolescente: o encontro com o sexo; as primeiras experiências amorosas e seus fracassos; o uso de drogas; as festas; as questões existenciais típicas. Mas o fio da trama era o acidente que o deixaria tetraplégico, a recuperação, a adaptação à sua nova condição. Numa escrita não linear, Marcelo vai e volta ao seu passado, conta memórias, relembra fatos aparentemente banais, se recrimina, sofre com o vazio deixado pela falta de notícias de seu pai. Conta com detalhes o dia em que a polícia chegou em sua casa para levá-lo. O deputado Rubens Paiva desapareceu durante o

período da ditadura militar no Brasil. Ao final do livro, ele escreve que agora era outro Marcelo, o Marcelo Rodas, e que ele teria que se virar com isso. A história contada ali era ao mesmo tempo linda, triste, contada com humor e delicadeza. Marcelo não era herói, nem exemplo, mas era bem melhor que isso.

O outro livro que li escondido foi a biografia de Olga Benário, judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas. Essa frase aparece na primeira capa do livro. Li esse livro quando tinha 16 anos. E fiquei completamente tomada pela história. Nos dois sentidos, porque o livro é sim uma aula de História, mas a história de Olga Benário Prestes é inquietante, marcante. Apaixono-me por Olga por sua coragem, por sua fortuna. Fico assustada com as cenas de tortura descritas ao longo do livro, com a deportação de Olga - grávida de Luís Carlos Prestes - para a Alemanha e termino de ler o livro arrasada com a carta que ela deixa para sua filha e seu marido antes de partir para o campo de concentração nazista.

Dois livros, duas biografias, e muitos anos depois estou às voltas com a escrita da tese de Doutorado. Meu projeto inicial era trabalhar o que intitulei "As figuras de Deus em Lacan". "Deus é a face feminina do gozo", "Os deuses são do campo do real" e "Deus é inconsciente". Queria prolongar os estudos realizados no Mestrado sobre religião e dar um passo à frente, procurando examinar os aforismas lacanianos. Mas o caminho não foi bem assim.

Logo no início da pesquisa, ao ler o seminário *O avesso da psicanálise*, me volto para o estudo de *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939): o que era para ser uma parte do trabalho, vai ficando maior e, quando me dou conta, descubro que não há uma linha sequer que tenha escrito que não esteja relacionada ao *Moisés* de Freud. Eu não consegui sair desse livro. O *Moisés* de Freud é um tesouro. Para muitos, um livro proibido. Antes mesmo de sua publicação, já causava alvoroço: Freud recebera inúmeros pedidos para que seu livro não fosse publicado.

De certa forma, esse foi o livro proibido que li. Aqueles outros dois livros não eram proibidos. Digamos que o fato de serem inapropriados para minha idade o tornavam proibidos. É diferente de um livro que recebe um anátema. Quando de sua publicação, *Moisés* foi execrado, massacrado por todos os lados. A obra conseguiu desagradar judeus e não judeus. Martin Buber referiu-se ao livro como um gesto lamentável da parte de Freud, um livro

não científico baseado em hipóteses infundadas (GAY, 1992, p. 582). Abram Yahuda afirmou que as palavras de Freud em seu ódio a Israel poderiam ter sido pronunciadas por um dos cristãos fanáticos. Mas o padre Vincent McNabb, em Londres, escrevendo a um jornal, afirma que talvez fosse o caso de se perguntar, após a leitura de *Moisés*, “se o autor delas não teria um grande uma obsessão sexual” (GAY, 1992, p. 583).

O público em geral reagiu mal e se manifestou de forma feroz: “uma torrente se precipitou sobre Freud, estranhos da Palestina, dos Estados Unidos, da África do Sul, e do Canadá expressaram seu desagrado com as ideias de Freud com uma liberdade irrestrita (...). “É de se lamentar que os bandidos na Alemanha não tenham te posto num campo de concentração, é lá o seu lugar. Quase ninguém foi capaz de considerar as ideias de Freud estimulantes ou corretas” (GAY, 1992, 583).

Moisés causou escândalo. Os povos pré-históricos indo-europeus empregavam a raiz *-skand* para formar palavras como saltar, trepar, escalar. Na língua espanhola, esse radical deu origem a palavras como ascender, descender, ascensor, escala e transcendência, entre muitas outras. Os indo-europeus compuseram com *-skand* e o sufixo *-alo* o vocábulo *skandalo*, que significava obstáculo, que chegou ao grego como skandalon (“obstáculo” com o sentido de “armadilha” para derrubar alguém). O latim tardio o acolheu com a denotação de “escândalo”, opróbrio, até chegar à forma atual, *Escandalus*, “motivo de ofensa, pedra de tropeço, tentação”. Pedra de tropeço é uma expressão idiomática da *Bíblia* hebraica e do Novo Testamento e denomina a atitude ou comportamento de alguém que conduz outrem a pecar. Fazer alguém tropeçar.

O que causa escândalo? O que faz alguém tropeçar? Podemos dizer, sem dúvida, que o furor logo após a publicação do livro se vincula a sua tese central: fazer de *Moisés* um estrangeiro, um egípcio. Nas palavras de Freud, “privar um povo do homem a quem enaltece como o maior de seus filhos”. Para todos, essa ideia é falsa, absurda.

Quero destacar uma pequena passagem de “Radiofonia”. Lacan ao resgatar a etimologia da palavra falso, pede que a conectemos menos a seu

oposto, que seria verdadeiro, e mais a sua raiz latina: “*falsus* é o caído em latim”. Nas palavras de Lacan:

Tornar dupla essa palavra é tomá-la como é preciso [comme il faut], quando se trata de defender o falso [faux] na interpretação. É justamente como falsa – digamos, que cai bem – que uma interpretação opera, por estar de banda, ou seja: ali onde se dá o ser, a partir da patacoada [pataqu’est-ce] (LACAN, 1970/2003, p. 427).

Tornar dupla a palavra falso (“faux” e “il faut”) é marcar a ligação estreita entre a falha e aquilo que não se pode dispensar, que é inevitável, que é preciso. Nesse sentido, “defender o falso na interpretação” é outra forma de dizer que através da história sem lógica, através da patacoada, podemos assinalar a intromissão da falha, que é precisa e que necessita de tempo para se inscrever. Conclui Lacan: “é ali que se dá o ser”. Essa dupla vertente, o falso como falha e como necessidade incontornável, vale tanto para aquela história contada pelo analisante como também para a história construída por Freud em seu *Moisés*.

Esse aspecto levantado por Lacan é precioso para entender o ódio dirigido a Freud quando da publicação de seu livro e toda a controvérsia que *Moisés* suscita. Ele é um livro que apresenta uma falha, uma fissura na história de Israel, mas também na história de cada um de nós.

Quero me valer aqui das reflexões feitas por Edward Said em seu ensaio intitulado *Freud e os não europeus* (2004) para demonstrar como um autor pôde efetuar uma leitura brilhante do *Moisés* freudiano, alcançando a meu ver aspectos fundamentais do texto que se aproximam, em certa medida, do que Lacan observa em “Radiofonia” sobre o falso na interpretação.

Said parte do pressuposto de que a forma como Freud se coloca frente à questão da identidade judaica pode fornecer um modo de leitura da atualidade. Mas é preciso explicar o que ele entende como modo de leitura. Para Said (2004), “Os textos inertes permanecem em suas épocas: aqueles que se contrapõem vigorosamente às barreiras históricas são os que permanecem conosco geração após geração” (p. 55). É este exatamente o caso de Freud.

Se o pai da psicanálise foi uma espécie de explorador da mente, foi também,

no sentido filosófico, um inversor e remapeador de geografias e genealogias aceitas ou estabelecidas. Ele assim se presta, pela memória, pesquisa e reflexão, a uma estruturação sem fim, tanto no sentido individual como coletivo. Que nós diferentes leitores de diferentes períodos históricos, em contextos culturais diferentes, continuemos a fazê-lo em nossas leituras de Freud, me parece nada menos do que uma justificação do poder que o seu trabalho tem para instigar novos pensamentos, bem como para iluminar situações com que ele mesmo talvez jamais tenha sonhado (SAID, 2004, p. 57).

Assim, ler um texto freudiano é ler um texto que se contrapõe de forma vigorosa às barreiras históricas de seu tempo. Ler é acessar algo que estava em estado de latência na escrita e que reverbera no presente, ultrapassando e iluminando situações que poderiam ser inimagináveis pelo próprio autor. Sem dúvida, Freud jamais poderia ter sonhado que um intelectual palestino pudesse lançar mão das suas elaborações em *Moisés* para endereçar uma crítica a um pensamento em voga no Estado de Israel no que se refere à afirmação da identidade judaica.

Sobre Freud e a judeidade

A publicação de *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939) foi vista por muitos como uma espécie de acerto de contas entre o pai da psicanálise e sua renegada condição de judeu. Como se o livro fosse prova material da relação ambivalente de Freud com o judaísmo. Freud nunca recusou seu pertencimento ao povo judeu. Embora tenha, por diversas vezes, se automeado como um “judeu ateu”, isso não é o mesmo que repudiar sua identidade judaica. Ao contrário, é possível recolher, ao longo de sua vasta correspondência, inúmeras declarações afirmativas nesse sentido. Para um jornal judaico de Zurique [o *Jüdische Presszentrale* (Imprensa central judaica)], Freud afirma: “posso dizer que me mantenho tão distante da religião judaica quanto de todas as outras religiões (...) Por outro lado, sempre tive um forte sentimento de fazer parte de meu povo e sempre o nutri em meus filhos. Sempre permaneceremos sob a denominação judaica” (FREUD, 1925 *apud* YERUSHALMI,

1992, p. 35). Em outros termos, Freud desvincula pertencimento cultural e observância religiosa.

É notório o número de estudos que se dedicaram a analisar a relação de Freud com o judaísmo, mas boa parte desses trabalhos termina por interpretar em demasia o homem Freud, deixando escapar aspectos relevantes à psicanálise propriamente dita e resvalando para o uso abusivo de fórmulas reducionistas. Para ficar apenas no mais conhecido deles, quero citar o livro de Marthe Robert (1989), *Freud e a consciência judaica*, cujo argumento central é que *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1939) é a expressão das tentativas freudianas de resolução de seu conflito edípiano com seu pai Jakob. Robert (1989) considera que a proximidade da morte faz com que,

Pouco antes de reencontrar seus pais, ou como diz a Bíblia retornar ao seio de Abraão, de Isaac e de Jacó, Freud [seja] tomado por um derradeiro sobressalto frente à fatalidade inexorável da filiação, que limita todo homem impondo-lhe uma origem, uma raça, um nome. Consciente de se aproximar perigosamente de Jakob Freud através de uma semelhança cada vez mais acentuada, ele se defende com todas as suas forças contra esse ‘retorno do recalcado’ que, a partir da metade da vida, anuncia ao vivo a lenta extinção de sua individualidade (p. 164).



Considero um equívoco pensar, como Robert, que a escrita de *Moisés* é uma espécie de denegação à “fatalidade inexorável da filiação”. Trata-se do contrário. Freud, em *Moisés*, se posiciona frente à herança que recebeu de seus pais, o que é bem diferente de recusá-la. Lembremos que em seu *Compêndio de Psicanálise*, escrito à mesma época que o terceiro ensaio de *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Freud praticamente para de escrever, evocando a frase de Goethe que abre um dos capítulos de *Totem e tabu*. “Aquilo que herdastes de teus pais conquista-o para fazê-lo teu”. Assim, o desfecho proposto por Robert ao dizer que, ao final de sua vida, Freud “não é mais nem judeu nem alemão, nem o que quer que seja que ainda possa trazer um nome: quer ser apenas o filho de ninguém e de lugar nenhum, o filho de suas obras, e de sua obra que, à semelhança do profeta assassinado, deixa os séculos perplexos ao mistério de sua identidade” (ROBERT, 1989, p. 166), não me parece preciso. Ao final de sua frase, ela afirma “o mistério de sua identidade”. Está aí toda a questão. A esse respeito, Fuks é quem melhor refuta Robert:

Desnaturalizar e desapropriar uma figura ancestral do próprio universo simbólico não significa, necessariamente, odiar-se; antes disso, pode ser um sinal de quem possui a coragem de se despojar de um mito para reintegrar outro saber sobre a origem e, com isso, perpetrar a construção de uma identidade. Pode-se dizer que Freud – tal como o profeta bíblico que quebrou as tábuas da Lei sobre a imagem do bezerro de ouro para fazer valer a lei da irrepresentabilidade de Deus – torna-se, com a publicação de *Moisés e o Monoteísmo*, igualmente um demolidor de ídolos: reativa o imaginário bíblico, demole seu ídolo maior, faz reintroduzir o tema do estrangeiro na história desse povo que se funda e se sustenta, a partir de seu próprio estranhamento (FUKS, 2000, p. 90).

Este é o ponto que interessa a Said (2004) em *Freud e os não europeus*: “A visão que Freud tem de *Moisés* como alguém de dentro e de fora, é extraordinariamente interessante e desafiadora” (p. 48). Há um estrangeiro no seio da tradição judaica: “Edward Said nos oferece *Moisés e o monoteísmo*

como nada menos que uma parábola política para os nossos tempos” (ROSE, 2004, p. 94).

Ao escavar a arqueologia que funda a identidade judaica, Freud aponta para a fissura, para a impossibilidade de se encontrar uma unidade. Recusar essa falha é ir em direção ao engodo da constituição de uma identidade total. Ou seja, no lugar da identidade fundadora, Freud descobre uma divisão original...

Rev.: Luiz Gonzaga Morando Queiroz

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. (1939) Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- FREUD, S. *Totem e tabu*. (1913) Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FUKS, B. *Freud e a Judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GAY, P. *Um judeu sem Deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LACAN, J. Radiofonia. (1970) In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 400-447.
- ROBERT, M. *De Édipo a Moisés: Freud e a consciência judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- SAID, E. *Freud e os não europeus*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- YERUSHALMI, Y. H. *O Moisés de Freud: judaísmo terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.



Experiência de saber e testemunho íntimo na leitura dos escritos de Jacques Lacan

por Antônio Teixeira
[AMP/EBP-MG]¹

Foi por volta, eu creio, do mês de junho desse ano que nosso colega Gilson Iannini nos interpelou com a ideia, que neste colóquio se concretiza, de se organizar as efemérides do cinquentenário dos *Escritos* de Jacques Lacan. Lembro-me de, naquela ocasião, ter abraçado a proposta com entusiasmo incontido; assim que li seu *e-mail*, precipitei-me a organizar o esboço desse encontro, onde acreditava poder enunciar os resultados de uma pesquisa que venho realizando sobre o significado desse gesto,

¹ Esse texto é a transcrição de uma conferência apresentada em 2 de dezembro de 2016, por ocasião do Colóquio “50 anos dos *Escritos* de J. Lacan”. Essa conferência, por sua vez, é a versão modificada e complementada de uma intervenção realizada quatro semanas antes - a convite de Márcia Rosa Luchina, coordenadora, na ocasião, das atividades da Biblioteca da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas -, em evento intitulado “Os livros que lemos escondidos”.

assumido tardiamente por Lacan, de colocar-se em obra com a publicação dos *Escritos*. Mas houve de saída um desconforto: não havia consenso quanto à proposta de que alguém viesse teorizar sobre esse acontecimento. Para alguns, a ideia era que cada participante viesse não teorizar, mas testemunhar sobre seu encontro singular com os *Escritos* de J. Lacan, abrindo assim espaço para uma conversação acerca das incidências subjetivas dessa experiência.

Essa discordância inicial parecia inserir uma separação de propósito que nos dividia naquele período. Havia, por um lado, os que visavam ao projeto de uma transmissão testemunhal da experiência íntima de cada um, por oposição aos que optavam por uma visada mais epistêmica, mais orientada pela experiência universal de saber aberta com a leitura dessa publicação. Foi, aliás, a partir de tal divisão por assim dizer, entre testemunhistas e epistemistas, que tentamos realizar a distribuição dos nomes entre as mesas, como se fosse possível opor leitura epistêmica e apropriação testemunhal dos *Escritos*. Se me interessa particularmente evocar isso aqui, é porque só tardiamente fui perceber o engano dessa divisão. Dei-me conta, já na véspera desse colóquio, de que essa divisão era ilusória, era um erro de perspectiva, uma separação que não existia. A ideia que eu gostaria de discutir é a de que não haveria, propriamente falando, uma divisão entre apropriação testemunhal dos *Escritos* e sua leitura epistêmica em razão do fato, que tentarei explicitar, de que não há apropriação teórica desse estranho livro que possa ser dissociada do significado testemunhal de sua aquisição.

Para esclarecer o que estou tentando dizer, gostaria de partir de um dado testemunhal que evoquei há algumas semanas no seminário da Biblioteca coordenado por minha amiga Márcia Rosa Luchina. Convidado a vir testemunhar, naquela ocasião, sobre a experiência de leitura de um livro que teria lido escondido, pensei, inicialmente, em declinar do convite, por lembrar que jamais precisei de ler um livro nessas circunstâncias. Diante da impossibilidade de falar de um livro que li escondido, ocorreu-me falar de minha experiência não exatamente de leitura, mas de arrebatamento por um objeto-livro, não de um livro que li escondido, mas de um livro que levei escondido há 30 anos, em 1986, o admirável objeto-livro que sempre foi para mim a versão original dos *Escritos* de Jacques Lacan. Estudante sextanista de Medicina, sem recursos na grave crise dos anos 80, sentia-me irresistivelmente atraído por aquele estranho livro de que tanto

se falava na Faculdade de Filosofia, exibido nas prateleiras externas da livraria que eu frequentava. Ciente de que, naquele tempo, ninguém dentre meus pares possuía tal relíquia, eu via a aquisição daquele livro como a conquista de um troféu. Mas sua apropriação não poderia ser o gesto banal de compra, ela teria que ser clandestina. Foi assim que, numa época em que ainda não havia etiquetas de alarme para aquele tipo de produto, coloquei o objeto-livro sob um jornal e saí nervoso e triunfante para fora da livraria.

Importante notar que por um longo período após essa apropriação indébita, quando já frequentava a residência de Psiquiatria do Instituto Raul Soares, eu conservava um objeto-livro que me encantava possuir, mas sem ter acesso a seu conteúdo. Já há alguns anos lia Freud, na tradução espanhola da Biblioteca Nueva, e meu interesse dileitante pela Antropologia me permitia ter alguma ideia sobre o que era o Estruturalismo. Mas meu domínio indigente da língua francesa, somado à abissal ignorância da teoria lacaniana, tornava a leitura dos *Escritos* impeditiva. Foi somente dois anos mais tarde, quando comecei a frequentar os seminários do Simpósio do campo freudiano e o Mestrado em Filosofia da UFMG, que descobri nos autores pontífices as vias de entrada para a leitura dos *Escritos*. Foi assim que, nos cursos do professor Célio Garcia, me foi indicado estudar *O título da letra*, de Nancy e Labarthe, ponte fundamental para a leitura de *A instância da letra no inconsciente*, assim como o *Desejo puro*, de Bernard Baas, porta de entrada para “Kant com Sade”, além dos artigos do jovem Jacques-Alain Miller, publicados nos *Cahiers pour l'analyse*, lanternas indispensáveis para iluminar a lógica dos textos escritos de Lacan.

Mas antes de ter acesso ao texto, havia, conforme estava dizendo, o estranho fascínio pelo objeto-livro que eu tinha em mãos: um grande volume de páginas sobriamente encadernadas em cobertura branca, contendo, na capa da frente, o único e discreto título: *Écrits*, em formato padrão, sobre o qual se divisava, em caracteres rubros, o nome não menos judicioso do seu autor: um certo Jacques Lacan. Somente alguns parágrafos na contracapa, de difícil apreciação. Nada de imagens, nenhum comentário de orelha, nenhuma manobra publicitária destinada a provocar o interesse do leitor. Um livro bizarro, desprovido de ornamentos, que tinha tudo para ser, como disse G. Iannini, um *worstseller*, um fracasso editorial: novecentas páginas de artigos esotéricos sem nenhuma concessão didática, inacessíveis

tanto ao leitor iniciante quanto ao público leigo, redigidos no limite da inteligibilidade por alguém que, segundo me informavam, há muito desconfiava da facilidade enganosa da compreensão. Sua consagração foi, contudo, imediata, para a surpresa do próprio autor: cinco mil exemplares vendidos em quinze dias, cinquenta mil para a primeira edição, cento e vinte mil exemplares na edição de bolso...

Havia, portanto, ali, um enigma a se decifrar. Como entender esse surpreendente fenômeno de massa que subitamente elevou ao estatuto de obra monumental da cultura um conjunto de textos que, separadamente, estavam restritos ao círculo reservado de alguns poucos iniciados? Para buscar elucidá-lo, vale a pena tentar nos transpor para a situação francesa daquele momento, a fim de contextualizar o que ocorria quando Lacan se propôs lançar, em 1966, a coletânea de textos escritos que se tornou o seu *magnum opus*.

Sabemos, por exemplo, que, naquele período, todos os grandes autores da corrente estruturalista francesa já haviam publicado suas obras de referência. Lévi-Strauss já era conhecido por suas *Estruturas elementares do parentesco* e sua *Antropologia Estrutural*; Foucault, por sua *História da loucura* e seus estudos arqueológicos; Barthes, por seu *Michelet* e seus *Elementos de Semiologia*; e, um ano antes, em 1965, Althusser acabara de publicar o seu *Ler o capital...* Somente um certo Jacques Lacan permanecia alheio a esse movimento, dele se separando como pensador sem obra. Ocioso dizer que, naquela ocasião, nenhuma circunstância editorial o impedia de publicar a visão de conjunto de sua doutrina. O que estava em questão, nessa ausência de obra, não era uma impossibilidade contingente, relacionada, por exemplo, à carência de um editor; havia ali uma recusa meditada. A bem da verdade, a publicação dos *Escritos* jamais se colocou, para Lacan, como efeito de uma empolgação do autor. Essa publicação antes se situava, conforme salienta Éric Marty, no horizonte de uma reflexão pessimista sobre a ideia da assimilação da obra pela cultura, destinada, uma vez consumida, à lata de lixo da *poubelliciation*. O fazer-se obra não deriva, para Lacan, de algum tipo de voluntarismo particular. Se ele à obra consente, é antes, contrariado, em razão de uma escolha forçada, de uma decisão determinada pela força de um cálculo circunstancial.

O que estava em questão para Lacan por ocasião da publicação dos *Escritos*, no final de 1966, eram os efeitos da ainda recente fundação da Escola Francesa de Psicanálise, criada em 1964, da qual ele

assumiria explicitamente o encaminhamento tanto institucional quanto ético, político e epistêmico. A Escola Francesa de Psicanálise, renomeada como Escola Freudiana de Paris, se colocara, portanto, desde o seu início, como uma escola de orientação lacaniana. Lacan estava em vias de estabelecer a unidade de sua orientação no momento em que finalmente consentiu com a demanda de seu analisante, o editor François Wahl, que já há algum tempo insistia sem êxito em convencê-lo a publicar a coletânea selecionada de suas intervenções escritas.

A escolha forçada da obra se ligava, naquele momento, ao imperativo ético de restituir o sistema de pensamento em que o texto freudiano, deturpado em sua apropriação instrumental pelo contexto da *ego-psychology*, voltasse a revelar sua necessidade própria. A refundação da doutrina freudiana como um sistema dotado de necessidade interna implica, antes de tudo, separar o texto doutrinal de seu uso circunstancial, apartando o campo das proposições necessárias da teoria dos enunciados sem necessidade das opiniões. Restaurar o texto freudiano como um sistema de pensamento significa afastar o saber do rumor, o teorema do ponto de vista, a proposição necessária do discurso opinativo.

É nessa perspectiva que assumir a dimensão de obra, em seu sentido propriamente moderno, significa instaurar, em meio à multiplicidade geral da cultura, a unicidade de uma doutrina autônoma que desse múltiplo se diferencia, ali introduzindo uma superfície de refração. A obra tem por função separar o texto doutrinal dos enunciados do contexto cultural que dissipa o pensamento na pluralidade inconsistente das opiniões. Centrada num sistema de nomeações que confere ao conjunto dos textos uma forma reconhecível, a obra realiza essa unicidade mediante a associação do nome do autor com o título materializado na publicação. O conceito gestado no interior de uma obra afirma-se, assim, como um conceito de autor, via de regra definido por um nome próprio, embora tal autoria possa também ser referida a uma coletividade reunida em torno de determinado paradigma. Falamos, portanto, do inconsciente freudiano, do engajamento de Sartre, do *habitus* de Bourdieu, da *mais valia* de Marx; mas também podemos nos referir à lógica de Port Royal, à álgebra comutativa de Bourbaki, e assim por diante.

É inexato, todavia, afirmar que toda produção autoral, seja ela coletiva ou individual, se determina invariavelmente como obra, se dermos ao termo de autoria o seu sentido mais específico. Eu posso referir-me, por exemplo, ao termo *lalangue* valendo-

me de um excelente artigo publicado por Ram Mandil, sem dizer que se trata de um conceito mandiliano. É possível ser autor de artigos ou mesmo de livros sem ser necessariamente autor de uma obra, como de fato acontece na grande maioria dos textos a que chamamos de monografias. Distintamente do autor de obra, o autor de monografia geralmente publica seus textos em periódicos destinados à difusão do saber já articulado a um determinado campo doutrinal. Embora Jean-Claude Milner reserve o termo “monografia” aos artigos relacionados à atividade científica, como aqueles que se publicam nos periódicos de física ou de biologia, a mim me parece mais exato aplicar essa denominação a todo saber produzido no campo de uma prática discursiva previamente constituída. É nesse sentido que podemos chamar de monografias os textos divulgados, por exemplo, numa revista de arte ou de crítica literária, sem que seu conteúdo resulte necessariamente de algum tipo de atividade científica. A monografia é o texto que se realiza no espaço esotérico da obra, quando seu sistema já se encontra constituído como campo demonstrativo neutro.

Desculpem-me se trago aqui essas considerações, não é por mero desejo de teorizar. Elas nos ajudam a pensar sobre o que de fato ocorreu na mudança da monografia para a obra, por ocasião da publicação dos *Escritos* de Jacques Lacan. A discussão mais pormenorizada seria, todavia, demasiado extensa; interessa-me enfatizar somente, como havia evocado há pouco, que a passagem da monografia à obra resulta, tanto no caso de Freud e de Lacan, não de um querer voluntário, mas do gesto contrariado de uma decisão. No caso da constituição da obra freudiana, o célebre sonho da monografia botânica descrito na *Traumdeutung* vem revelar, no dizer de Jean-Claude Milner, a constatação melancólica, por parte de Freud, de sua necessidade de abandonar a via segura da monografia para perfurar, no contexto da cultura, um novo espaço que pudesse abrigar sua pesquisa. Era-lhe necessário criar um campo específico para a doutrina que estava formulando, uma vez que o campo da monografia científica não oferecia mais lugar a sua descoberta. O célebre verso de Virgílio “Flectere si nequeo Superos, Acheronta movebo”, que Freud dispõe no frontispício de sua interpretação dos sonhos, reflete justamente esse imperativo: se não consigo convencer os representantes superiores da ciência (Flectere si nequeo Superos), moverei o campo subterrâneo da cultura (Acheronta movebo).

A conclusão, que todos conhecemos, é que a forma da obra triunfou, abrindo espaço para o texto psicanalítico no contexto da cultura, ainda que, como diz J.-C. Milner, a um altíssimo preço: a horda selvagem dos Jungs, Reichs, Ferenczis e Adlers que Freud teve que suportar. Com o detalhe de que cada um deles queria se constituir como obra à parte, com sua corte de prosélitos, menos pela força de uma decisão do que pela banalidade do querer voluntário. Para assegurar a unidade do campo psicanalítico, evitando sua dispersão nas obras individuais, seria necessário fundar uma IPA como dispositivo de regulação doutrinária: à exceção da obra fundadora, só deve haver monografias no campo psicanalítico (MILNER, 1995, p. 17).

A sequência é também conhecida: a IPA se consolidou como um sistema doutrinário relativamente estável, estendendo-se, sobretudo, para os países de cultura anglo-saxônica. Porém, sabemos que, algumas décadas mais tarde o campo psicanalítico, assim constituído, se desestabilizaria com a introdução de um novo enclave produzido por Jacques Lacan. Os motivos circunstanciais estão reportados: eles se iniciam com o julgamento de Lacan por parte do alto clero da IPA francesa, que o condenava pelo uso supostamente indevido das seções curtas. Inicialmente impedido de exercer suas atividades de analista didata, Lacan viria em seguida a perder o auditório do Hospital Saint'Anne, onde há uma década se realizava seu seminário semanal, para finalmente ser banido da Sociedade Francesa de Psicanálise, formalmente vinculada à IPA, em 1964. O campo psicanalítico se fechava para Lacan.

Mas deixemos, todavia, de lado o drama historiográfico da ex-comunicação. Retenhamos, somente, pelo momento, que Lacan, longe de ser o *enfant rebelle* que tantos imaginam, soube consentir com a monografia no período em que seu contexto o permitia. Ele não somente publicou diversos escritos monográficos, ao longo de sua vida, como também dirigiu uma importante revista – *La psychanalyse* – destinada a esse tipo de divulgação. Se Lacan consentiu em adotar tardiamente o desvio pela obra com a publicação dos *Escritos*, em 1966, foi por considerar que o contexto absorvera a psicanálise, transformando-a numa prática de gerenciamento de almas que não deixava mais lugar para o texto freudiano. A necessidade de um novo enclave se impunha. Uma vez mais seria preciso fazer-se obra; mais uma vez seria necessário, para retomar a expressão de Jean-Claude Milner, descer ao

Aqueronte da cultura para reabrir espaço à doutrina psicanalítica.

Eu acreditava ver, contudo, uma singularidade nesse fazer-se obra, nessa descida ao Aqueronte de J. Lacan. O singular é que Lacan não constrói um escrito destinado a constituir-se como obra, como foi o caso da *Traumdeutung* freudiana, a qual seguia canonicamente as normas de revisão bibliográfica, re colocação do problema, estabelecimento de hipóteses e finalmente fundação de uma nova perspectiva para tratar o objeto assim constituído. Houve, a bem da verdade, o projeto de um livro fundador intitulado *O questionamento da psicanálise* que Lacan anunciou, sem, contudo, jamais levar essa ideia a cabo. Agradava-me, portanto, pensar que a obra de Lacan teria algo que se aproxima do *ready-made* de Marcel Duchamp. Assim como uma roda de bicicleta se converte em obra de arte pelo gesto calculado de deslocamento de sua posição na percepção social da mercadoria, transportando-a para a sala de exposição de um museu, o conjunto das monografias de Lacan parecia ter-se convertido em obra pelo simples gesto que as encadernar num volume intitulado *Escritos*. Um dado parecia, aliás, confirmar minha hipótese. Conforme nos relata J. Derrida, logo após publicar seus *Escritos*, o que Lacan temia não era que o conteúdo de seu livro fosse mal compreendido ou criticado. O seu principal temor, confidenciara ele a Derrida, era de que os *Escritos* se desencadernassem, que a costura da encadernação não suportasse o volume de textos, que a obra, enfim, perdesse sua unidade material e se espalhasse. Encantava-me interrogar esse fenômeno, para pensar a ideia do objeto-livro: como uma obra pode se constituir pelo simples gesto de encadernação de textos monográficos?

Mas minha hipótese não era exata, eu estava mais uma vez enganado. Por indicação de Gilson Iannini, coloquei-me a ler a pesquisa historiográfica de Jorge Baños Orellana, *El escritorio de Lacan*, livro em que o autor nos demonstra que os *Escritos* nada tinham de um *ready-made*. Para preparar sua obra, Lacan não se contentou em transportar seus escritos monográficos para o interior de um volume encadernado. Ele, na verdade, se fechou num hotel de Paris, onde permaneceu de março a outubro de 1966 relendo seus textos, reescrevendo-os e reexaminando as provas a serem enviadas para a edição final. Conforme os procedimentos de análise genética comentados por Baños Orellana evidenciam, houve ali, durante esse período, um grande trabalho de transformação, destinado, sobretudo, a reelaborar

o estilo texto final. Caberia, então, finalmente se perguntar por que motivo o trabalho sobre estilo se coloca, para Lacan, na transição da monografia para a obra fundadora.

Não me compete, decerto, dissertar aqui sobre o vasto problema do estilo, em Jacques Lacan, sobretudo porque já existe, a esse respeito, uma referência inultrapassável: o livro de Gilson Iannini, que já circula em sua segunda edição. A questão da estilística interessa-me tão somente como ponto sobre o qual se apreende a função unificante do autor, pois é dessa função unificante que depende, conforme dizíamos anteriormente, a unicidade da obra que diferencia a doutrina da multiplicidade geral da cultura, conferindo sua autonomia própria.

Por longo tempo se supôs que o autor da obra só seria apreensível, no que ele tem de único, ou seja, naquilo que não se ensina, que somente ele poderia dizer, através do estilo. Por isso, o estilo foi considerado pela crítica literária, representada sobretudo por Sainte-Beuve, como a ponte que nos conduz à unicidade do autor, revelando-o em sua intimidade. Havia uma espécie de devoção religiosa ao estilo, como se nele estivesse depositado o selo de garantia da obra. Se a obra é a expressão da unidade da doutrina, o autor seria sua função unificante, função do Um que só poderia ser captada a partir do estilo como marca do íntimo do autor em primeira pessoa na obra, cabendo à crítica literária o trabalho de seu desvelamento. Porém, Lacan já desconfiava dessa solução de Sainte-Beuve, que consiste em buscar na relação do autor com o estilo o princípio de unificação da obra. Seu programa de retorno a Freud é contemporâneo de um movimento crítico destinado a desconstruir precisamente, em sentido contrário, o culto ao autor como princípio de ordenação do texto. Atento a tudo o que se passava a sua volta, Lacan não desconhecia o surgimento, a partir dos anos 60, de uma corrente crítica representada, sobretudo, por M. Foucault e R. Barthes, que associava a importância conferida à figura do autor a uma visão individualista que concebe a obra nos termos burgueses da mercadoria e do patrimônio intelectual.

A começar por Barthes, em “A morte do autor”, essa primazia dada ao personagem autoral não mais seria do que uma ficção historicamente datada do homem moderno, determinada tanto pela produção do prestígio pessoal do indivíduo com a ideologia da Reforma, quanto pela necessidade capitalista de se unificar o produto do pensamento na forma mercadoria. Para Barthes, o autor deveria deixar de

querer ordenar a unidade da obra, dando espaço a uma verdade impessoal, não comandada pela figura do eu. O que conta é o que o leitor entende, e não o que o autor quis dizer.



Por sua vez, Foucault, quando dirige sua crítica à função do autor, também rejeita a ideia de um caráter natural e espontâneo dessa figura. A figura do autor nada mais é do que uma ficção moderna coextensiva de um modo de organização social e política surgido com o aparecimento do capitalismo, a partir do século XVI, ao qual se articulam tanto inovações tecnológicas, como a invenção da imprensa de Gutenberg, quanto jurídico-penal, como a criação do códex e do direito autoral, além de motivações tanto estéticas, como o mito romântico do gênio criador, quanto comerciais, como as estratégias de vendagem e as premiações. É nesse sentido que, ao meditar sobre a ideia do autor como princípio de unicidade da obra, Foucault nos revela seu constrangimento em se constituir ele

próprio como autor, ao ser convocado a escrever o prefácio da 2ª edição de seu livro *História da loucura*. Foucault não queria se colocar como autor que assume a autoridade do que enuncia, e se sentia particularmente incomodado por entender que no prefácio o autor é chamado a prescrever o sentido do que foi escrito. Por isso, ele nos conclama a tomar suas palavras não como proposições unificadas pela função autoritária do autor, mas acolhidas em sua fragmentação dispersa. Ao invés de ser respeitado pela autoridade de sua obra, Foucault pede para ser traído, deformado e esquecido. “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e ser levado para além de todo começo possível [...]. Em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, o ponto de seu desaparecimento possível”, e blá-blá-blá...

A bem da verdade, por mais irresistível que seja a modéstia de Foucault ao despir-se da autoridade do autor, e apesar de todo respeito que temos por ele, ainda assim não podemos ceder a esse devaneio no campo da psicanálise. Estamos cientes do que ocorre quando se entrega o texto à apropriação irresponsável do leitor anônimo, conforme se viu na deturpação sofrida pela doutrina freudiana em sua recepção pelo contexto americano. Seja qual for a derrição contemporânea do autor, não podemos deixar de interrogar, pelo menos no campo da psicanálise, sobre o que queriam dizer seus fundadores. Por isso, interessa-nos meditar sobre o que o próprio Lacan tinha a dizer sobre a obra que ele nos endereçava, em 1966.

Ora, o prefácio, já dizia constrangidamente Foucault, é o lugar em que o autor vem dizer como se organizam seus enunciados. O prefácio é o que, na obra, mais se assemelha a uma carta em que o autor tenta explicar ao leitor como ele gostaria de ser lido. Vale, então, salientar que, para nossa felicidade, Lacan nos endereçou, em seus *Escritos*, vários textos que funcionam como prefácios, dentre os quais gostaríamos de comentar o primeiro, curtíssimo e luminoso, que se coloca na porta de entrada de sua obra, intitulado “Abertura desta coletânea”.

Lacan inicia esse texto a partir precisamente de um comentário sobre a questão do estilo, evocando a célebre fórmula endereçada por Buffon à Academia Francesa de Letras, por ocasião de seu laureado: o estilo é o próprio homem. É importante ali notar que no lugar em que o culto do estilo reverencia o personagem do autor, na figura do grande homem que ordena sua obra, Lacan nos convida a meditar sobre o que há de jocoso nessa figura do grande

homem, representada por Buffon em seus trajes burlescos. Ao se colocar como autor de uma obra, Lacan não se deixa enredar por essa fantasia do grande homem. O ridículo dessa fantasia estilística do grande homem, aos olhos de Lacan, é não entender que o estilo depende não da eminência do autor, mas do laço que o constitui em seu endereçamento ao Outro, na forma da mensagem que lhe retorna invertida. Nesse sentido, Lacan concebe o estilo não como uma entrega autoral da obra pronta a um leitor admirativo já presente, mas como meio de construção da obra através do leitor não dado, porém criado pelo seu endereçamento. A questão do estilo diz, portanto, respeito a quem vem a ser o leitor que ele faz existir.

Vale lembrar que a questão do “quem” é aqui particularmente sensível, uma vez que o estilo tradicionalmente se aborda, conforme vimos anteriormente, como marca do íntimo do autor em sua obra, na primeira pessoa. Mais importante do que a crítica de Foucault e de Barthes, a propósito da ideologia do culto ao autor, a grande subversão que interessa a Lacan vem não do Estruturalismo, mas do escritor Marcel Proust, grande herege que abalaria as fundações da igreja do estilo ao denunciar como impostura o trabalho de Sainte-Beuve². Para demonstrá-lo, Proust escreveria em 1919 os *Pastiches et mélanges*, conjunto hilário de versões pseudoautorais de um mesmo assunto, onde se evidencia que a figura do estilo, supostamente advindo do íntimo na primeira pessoa do singular, na verdade não comporta indexação pronominal.

Os pastiches têm por tema comum o *affaire* Lemoine, notícia que circulou nos jornais nos anos de 1908 e 1909: um escroque chamado Henri Lemoine, que dizia ter descoberto o segredo da fabricação do diamante, recebeu um soma considerável do Senhor Julius Werher, enganando-o com experimentos falseados. Os pastiches de Proust relatam o caso Lemoine no estilo de Balzac, Flaubert, Sainte-Beuve, Michelet, entre outros, seguindo uma narrativa indistinguível dos autores referidos. Mas os pastiches não são apenas um anedotário destinado a nos fazer rir. O que Proust ali questiona é justamente o *quem* referido ao estilo, mostrando que ele não comporta vínculo natural com a primeira pessoa, ao ser realocado na prosa romanesca de maneira indistinta. Mas o que acontecia quando Proust escrevia, sem que ele soubesse, provoca J.-C. Milner, é que no mesmo período em que ele redigia

² Indispensável ler, a esse respeito, J.-C. Milner, *L'écrivain sans église*, disponível em: <http://www.academia.edu/18563827/L%C3%A9crivain_sans_%C3%A9glise>.

seus pastiches, a psicanálise já havia modificado a estrutura do íntimo, desfazendo sua indexação pronominal na primeira pessoa do singular. O Inconsciente freudiano se encontra precisamente referido ao íntimo que desconhece a repartição pronominal entre o *Ich*, o *Du* e o *Er*, permanecendo indeterminado no pronome neutro como *Das Es*.

Ciente dessa indeterminação pronominal do íntimo, a questão do estilo que interessa a Lacan não se coloca como marca inconfundível do íntimo do autor na primeira pessoa, conforme pretendia a tradição da crítica literária antes de Proust, mas como objeto indeterminado que afeta o leitor, transformando-o em sua intimidade (IANNINI, 2012, p. 306). Tal indeterminação, aliás, vem a ser o que confere a eficácia do objeto carta no conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe: a carta endereçada à rainha, cujo conteúdo íntimo não é jamais explicitado pelo discurso que a cerca, afeta intimamente a todos que delas se apoderam. É em relação a esse ponto que cheguei à conclusão, anunciada no início de minha intervenção, de que a apropriação epistêmica da obra de Lacan não pode ser separada do testemunho de seu efeito sobre mim, como leitor. A experiência mostrou-me ser impossível ler diletantemente os *Escritos*; os *Escritos* não se dão a ler como objeto de curiosidade neutra de alguém que quer simplesmente aumentar o seu cabedal de cultura. Para acessá-los, foi-me necessário conservar na estante o objeto-livro inacessível, fascinante e estranho, até que suas páginas se abrissem vagarosamente a mim, no ritmo de minha própria transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAÑOS ORELLANA, J. *El escritorio de Lacan*. Buenos Aires: Oficio Analítico, 1999. Disponível em: <<https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/jorge-b-orellana-el-escritorio-de-lacan.pdf>>.

BARTHES, R. 6. In: _____. *Le bruissement de la langue*. Paris : Seuil, 1993. pp. 61-75

DERRIDA, J. Pour l’amour de Lacan. In : *Lacan avec les philosophes*. Paris : Albin Michel, 1991. pp. 397-420.

FOUCAULT, M. Qu’est-ce qu’un auteur ? In : *Bulletin de la Société française de philosophie, LXIV*. Paris : Vrin, 1969, pp. 73-95.

IANNINI, G. *Estilo e verdade em J. Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LACAN, J. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.

MILNER, J.-C. L’écrivain sans église. Artigo disponível em: <http://www.academia.edu/18563827/L%C3%A9crivain_sans_%C3%A9glise>.

MILNER, J.-C. *L’Euvre Claire*. Paris : Seuil, 1995.

PROUST, M. *Pastiches et mélanges*. Paris : Gallimard, 1992.

Clandestinos amores

Teresinha N. M. Prado
[AMP/ EBP-SP]

Em resposta à provocação lançada por Marcela Antelo, para que cada colega produzisse um texto a partir de uma lembrança de leitura proibida, ocorreu-me pensar algo de proibido no contexto da leitura e não propriamente relacionado a seu conteúdo, e é o que tentarei explicar a seguir.

Aos 8 anos, a família mudou-se para um sobrado mais novo, em bairro mais tranquilo. No quintal dessa casa havia um ‘quartinho’, construído para as coisas que já não tinham lugar. Para mim, contudo, era o refúgio onde passava muitas horas do dia; lugar em que encontrava um universo inteiro a explorar, por vezes mais instigante do que as brincadeiras com outras crianças. Havia objetos antigos, revistas, discos, brinquedos abandonados pelos irmãos mais velhos e livros... muitos e variados gêneros, cuja procedência me era desconhecida. Ali podia praticar a maior das transgressões: ler. Através dos livros descobria (e imaginava) um passado que me ultrapassava e que jamais escaparia à genealogia fantasiada, movida por um insaciável desejo de saber.

O que começara, anos antes, com uma incontida inclinação por desmontar objetos, sobretudo engenhocas que faziam funcionar ‘alguma coisa’ (impulso que fora inibido pelo susto de provocar um curto-circuito ao tentar desmontar e remontar uma pequena luminária, no quarto paterno), encontrara destino menos arriscado nas ‘expedições arqueológicas’ do fundo do quintal e numa atividade de ‘contemplação ativa’. Embora nem sempre se tratasse de leituras cujo teor fosse efetivamente proibido, o sentimento era de constante suspense: a possibilidade (e o risco) de ser flagrada em atividade tão prazerosa tornava aquele depósito, construído em dois níveis no rumo de um barranco, o refúgio ideal para as incursões investigativas entre o final da infância e o início da pré-adolescência, quando surgiram na cena outros atores e outros interesses...

Não é difícil identificar nessa reminiscência o terceiro destino que Freud, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, descreveu acerca da “pulsão de saber” e sua relação com a posterior curiosidade investigativa, pela via da sublimação,

com componentes da pulsão de dominação e da pulsão escópica. Essa passagem é também destacada por Freud em seu artigo sobre Leonardo da Vinci (1910). Mas o que pode fazer uma atividade de leitura parecer transgressora, mesmo que o conteúdo do que se lê não o seja? Guardemos esta pergunta.

Para tentar respondê-la, buscarei o auxílio da literatura. Há um conto de Clarice Lispector intitulado “Felicidade clandestina”, que vale a pena destacar aqui. Em primeiro lugar, o título. Evoca algo que perpassa o texto, acerca do modo como a narradora se sente desde a infância (a narrativa é também uma reminiscência), como se a felicidade lhe fosse algo ilícito. Mas, no contexto desta discussão, chama-me a atenção a palavra “clandestina”. Se recorremos ao dicionário, encontramos duas acepções convergentes e semelhantes ao tema proposto: ilegal, ilegítimo, feito às escondidas¹. Aliás, as mesmas palavras presentes no verbete “proibido” (donde a aproximação...).



Voltemos ao conto. O ponto forte desse texto não é a história, que traz a lembrança de alguém cuja infância fora pobre, uma menina aficionada por livros e seu sofrimento resignado – “*Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito (...)*” – ao ver-se nas mãos de outra menina, esta filha do dono da livraria, detentora de um objeto que a rival ansiava obter, e que se divertia com sua frustração a cada vez que adiava o empréstimo do livro. Um amor quase proibido, dadas as condições socioeconômicas da narradora, *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato: “*era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o*”. Como

¹ Cf. Dicionário Aurélio eletrônico.

em outros textos de Lispector, para além do enredo simples, descortina-se nas entrelinhas um outro acontecimento, que revela outra cena, em outros parâmetros, virando a história pelo avesso.

Nessa outra cena o que se mostra é o caráter ilícito do acesso à satisfação que pode produzir o objeto desejado: “*Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas maravilhosas palavras, fechei-o de novo, fui passear pela casa, (...). Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim.*”

No conto, o que torna a felicidade clandestina é a ficção de si que não só a personagem constrói, já que se trata de uma ficcionalização de um dado biográfico. Ao mesmo tempo, revela a satisfação produzida em relação a esse objeto, descrevendo-o pela literalidade do efeito decorrente desse encontro: “*Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. (S) Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. (S) Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante*”.

Em “Felicidade clandestina”, expõe-se uma verdade acerca da felicidade: acessível apenas de modo clandestino, a delimitar o campo da narradora como impróprio quanto a uma imagem, sempre construída, de plenitude e a possibilidade, pela via dessa clandestinidade (pelas beiradas), de uma satisfação que se produz na encenação mesma dessa transgressão, através da surpresa. O fato de o livro cobijado converter-se em amante ao qual não deve entregar-se, para não correr o risco de levantar totalmente o véu dessa ‘felicidade’ possível, atravessada, que uma vez desvelada poderia ser perdida, mostra que esta satisfação só pode ser obtida ‘como quem não quer nada’, isenta de qualquer intencionalidade expressa. A satisfação maior se dá em torno do alcance desse objeto, pelo olhar e pelo toque, destacando a materialidade do que se faz causa de um prazer que precisa se fingir inconfesso; preliminares da festa envolvendo o objeto que anima as formas de contemplação.

Como aponta Miller em “Coisas de fineza em psicanálise”², a relação do falasser com o gozo é paradoxal, pois “o gozo que há é o que não deveria haver”; a ficção do sujeito, a verdade mentirosa, interfere no modo de gozo, produzindo uma fissura que o torna inadequado. Assim, podemos considerar

2 Miller, J.-A. [2008-09]. Curso de Orientação Lacaniana: “Coisas de fineza em psicanálise”, aula de 13/05/09. Inédito.

que, do ponto de vista da fantasia e seu enunciado rígido, o gozo é sempre ilícito. Mas isto não significa que não seja obtido.

No *Seminário 7*, embora as elaborações acerca do matema da fantasia³ ($\$ \langle a \rangle$) tomem o objeto na vertente imaginária, ali já aparece caracterizado como ponto de fixação que confere satisfação à pulsão⁴. Lacan refere a “promoção do objeto idealizado”⁵ (leia-se: sublimação) como uma miragem que permite “uma certa felicidade”, uma satisfação direta por uma “mudança nos objetos ou na libido”⁶; mais adiante especifica, com Freud, que se trata de mudança de alvo, sem passar pelo recalque. E relaciona isto à simbolização da fantasia, na qual o desejo se apoia. Ao referir-se à Coisa (*das Ding*), nesse *Seminário* Lacan procura articular não só simbólico e imaginário, mas algo do real, antinômico aos dois outros registros, que se coloca como um “primeiro exterior”.

Para exemplificar o que caracterizaria a sublimação, no que denomina “apólogo da revelação da Coisa para além do objeto”, Lacan refere uma prática colecionista que verificou certa vez ao visitar o amigo Jacques Prévert. A prática de colecionar objetos corriqueiros fora modificada por ele de maneira muito particular, que consistia em agrupar várias caixas de fósforos vazias, encaixadas umas às outras, formando uma fita que contornava a lareira e quase toda a sala pelos cantos. Ele nos mostra que uma caixa de fósforos, que normalmente possui a função restrita de guardar os palitos, por uma operação, como diz, “de caráter completamente gratuito, proliferante e supérfluo, quase absurdo dessa coleção”⁷, dá a ver que “não é simplesmente algo com uma certa utilidade”⁸, mas que, dependendo do modo como é tomada, ressalta a Coisa que nela subsiste, produzindo em seu colecionador e naqueles que se comprazem com o que veem, uma satisfação particular.

Hoje podemos ler retroativamente esse ponto do *Seminário 7*, considerando que ao articular sublimação com satisfação direta, “elevação do objeto à dignidade da Coisa”, tendo definido esse objeto como satisfação da pulsão implicando uma mudança na relação do objeto com o desejo, Lacan lançou as bases para considerar os modos de gozo do

3 Como sabemos, Lacan ainda não havia forjado o conceito de objeto a, estabelecido 4 anos mais tarde, no *Seminário 11*.

4 Lacan, J. (1988[1959-60]). *O seminário*, livro 7, *a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, p.143.

5 Idem, *ibidem*, p.126.

6 Idem, *ibidem*, p.129.

7 Idem, *ibidem*, p.144.

8 Idem, *ibidem*, p.143.

falasser. Como diz Miller, “quando nos encontramos em um ponto terminal, é lícito ressignificar o que o precede”⁹.

Assim, voltando à pergunta em suspenso¹⁰, o caráter ‘transgressor’ de estar ‘a sós’ com livros que potencialmente permitiriam o acesso a um universo imprevisível e, como tal, prenúncio de experiências proibidas, independe do conteúdo específico de cada volume, pois o determinante é o contexto mesmo em que se insere esse objeto no uso que dele é feito, pela satisfação que produz, mas não sem destacar um ponto de incongruência em relação a uma verdade construída que o transforma em outra Coisa. Experiência que, diante da possibilidade de ser desvelada, produz frisson.

9 Miller, J.-A. (2017). “Uma nova aliança com o gozo”. *Opção lacaniana*, (75), no prelo.

10 O que pode fazer uma situação de leitura parecer transgressora, mesmo que o conteúdo do que se lê não o seja?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, S. (1980[1905]). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In *ESOPSF*. Rio de Janeiro: Imago, vol. X.

Freud, S. (1980[1910]). “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”. In *ESOPSF*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XI.

Lacan, J. (1988[1959-60]). *O seminário, livro 7, a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lispector, C (1998). “Felicidade clandestina”. In *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.

Miller, J.-A. (2017). “Uma nova aliança com o gozo”. *Opção lacaniana*, (75), no prelo.

Miller, J.-A. [2008-09]. Curso de Orientação Lacaniana: “Coisas de fineza em psicanálise”



LIVROS PROIBIDOS... NENHUM

Gustavo Dessal

[AME da AMP/EEP-MADRI]

Menos ainda às escondidas. Sim, de modo solitário, evidentemente. Leio fundamentalmente ficção, e alterno clássicos com autores modernos. Os últimos: *The invisible man*, de Orson Wells; *14 juillet*, de Éric Vuillard, meu autor francês contemporâneo favorito, junto com Philippe Claudel; vários contos de Joyce Carol Oates (recomendo fervorosamente *Gun love*, e *Where are you going, where have you been*, este último dedicado pela autora a Bob Dylan); *All the beautiful horses*, de Cormac McCarthy.

E uma descoberta: *Let's keep talking. Lacanian tales of love, sex, and other catastrophes*, de Yael Baldwin. Um conjunto de casos clínicos muito bem contados e argumentados por esta autora norte-americana. Para que não se diga que nos EUA a psicanálise não existe...

GUSTAVO DESSAL NASCEU EM BUENOS AIRES, MAS MORA E TRABALHA EM MADRI DESDE 1982. PSICANALISTA, AME DA ESCOLA EUROPEIA DE PSICANÁLISE E DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. ESCREVE ENSAIOS SOBRE PSICANÁLISE E TAMBÉM FICÇÕES. DOIS DOS SEUS ÚLTIMOS ROMANCES SÃO CLANDESTINIDAD (BUENOS AIRES, 2010) E MICRONESIA (BUENOS AIRES, 2014). EM 2014 PUBLICOU O ENSAIO EL RETORNO DEL PÉNDULO (BUENOS AIRES E MADRID, 2014), COM ZYGMUNT BAUMAN. SEUS TRABALHOS FORAM TRADUZIDOS PARA O INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO, PORTUGUÊS E ROMENO. SEU ROMANCE MAIS RECENTE, **SURVIVING ANNE: A NOVEL, FOI PUBLICADO POR KARNAC EM 2015.**

Além de responder à pergunta que anima o Bibliô n. 32, Gustavo Dessal honra nosso número com umas palavras sobre “Amor”, conto da nossa amada Clarice Lispector publicado em *Laços de família*, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998, p.19. Livro indispensável para o próximo Enapol.

Comentário sobre “AMOR”, de Clarice Inspector

Gustavo Dessal

Ainda que uma das regras obrigatórias do relato breve seja a de introduzir o leitor na trama sem demora alguma, nem todos os escritores desse gênero o conseguem com a mestria que a autora demonstra neste conto. Nos primeiros parágrafos já nos encontramos com todas as linhas de força argumentativas e, ainda que só ao final saibamos o que vai acontecer, isto já está antecipado desde o começo.

Uma mulher. Uma mulher, e poderemos nos perguntar se é uma entre tantas outras, uma como a maioria, ou se é alguém especial. O conto nos submerge de imediato em uma atmosfera de sensualidade, de sensorialidade intensa. Não posso deixar de sorrir ao pensar como os homens tendem a concentrar seu interesse e sua atenção em um pequeno setor da realidade. Quando o fazem, o resto deixa de existir. Para isto lhes serve o falo. Elas, em contrapartida, estão abertas ao mundo, inclusive ao cosmos, se exagero um pouco. Será por esse motivo que a natureza lhes afeta de outra maneira? Estão atentas à temperatura, ao sol, à chuva. Um dia nublado lhes diz algo, ou muito. Pode inclusive lhes alterar o ânimo. Eles, entretanto, estão ausentes de tudo isso, sua libido posta na pequena coisa. O resultado disto é que elas tenham uma relação distinta com a vida, na medida em que esta é animada por um gozo do qual nós, humanos, estamos separados pela fronteira da linguagem. A elas, a linguagem não contém totalmente. Os homens o sabem desde sempre, e por isto a imemorial desconfiança em relação às mulheres. Nelas há sempre uma janela entreaberta, e por essa janela intuem o mundo que está além da fronteira. Isto não lhes impede – muito pelo contrário – de desdobrar-se e se entregar com devoção ao dever de velar pelo íntimo, o centrípeto: os filhos e o fogo. Em todas as culturas, no Oriente e no Ocidente, têm sido elas as encarregadas de cuidar a prole e vigiar o fogo, para que permaneça acesso. Ana cria seus filhos e cuida dos fogões de sua cozinha.

“O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável.”, escreve Inspector no conto. E um pouco antes: “Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida.”. Não obstante, essa outra felicidade, fora do âmbito da existência com a qual havia consentido com absoluta convicção, permanece à espreita. Ela sabe disso, presente. Por isso aprendeu a tomar suas precauções para manter-se afastada de tudo aquilo: Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções”. E se acaso se aproximasse o espanto dessa felicidade à qual renunciara para entrar em seu “destino de mulher”, ela saberia o que fazer para sufocá-lo.

Eis se produz um encontro ao acaso. Uma contingência traumática. Uma contingência traumática é a irrupção inesperada, súbita, brutal, de um elemento que não pode integrar-se na trama do sentido. A trama do sentido é o que nos mantém unidos ao sentimento de continuidade da vida. A trama do sentido é a bolsa com as compras que Ana carrega, uma tela, uma rede tecida que contém, que nos contém, que a contém. O elemento súbito é um olhar. Não há nada melhor do que um cego para demonstrar o poder do olhar, que é capaz de ver para além do visível. Isto se sabe desde sempre. Por isso Tirésias, aquele que tudo vê e antecipa, tem os olhos cegos. Temos olhos para não ver, diz o Eclesiastes. Temos olhos para não ver que o olhar nos olha. E é melhor não ver isto em demasia. O encontro de Ana com esse olhar rompe algo, o mundo contido na malha do sentido escorrega e ela se extravía, se perde nesse outro mundo incerto onde tudo transborda, sai do seu contorno e de sua forma. Esse outro mundo cuja metáfora é o Jardim Botânico, onde o Éden não se distingue do inferno: “O jardim era tão bonito que ela teve medo do inferno”. Como Ana consegue regressar ao lar do sentido, à casa onde seu corpo encontrou sua morada e seu apoio? Lembrando de seus filhos. Mas, inclusive na familiaridade do cotidiano, algo se mostra diferente. Talvez Ana esteja louca, ainda que me incline a pensar que não está e que, tão somente, experimentou, por um breve lapso, uma saída através da janela entreaberta pela qual uma mulher pode sair um pouco, esta janela aberta nas fronteiras fechadas da Lei.

Trad.: Marcela Antelo

Rev.: Teresinha Prado

Catecismo

Jordan Gurgel

[AME da AMP/EBP-Ba]

Não se tratava de um livro e sim de uma revista (o “gibi dos adultos”), de fabricação caseira, artesanal – o famoso “CATECISMO”, de Carlos Zefiro [Alcides Caminha] – e para nada ensinava nenhuma doutrina religiosa como sugere seu nome de fantasia. Ao contrário, ensinava aos adolescentes curiosos (e corajosos) o que era sexo, alimentando suas fantasias.

Sempre havia um número novo que era lido escondido (e muito escondido), por todo menino dos anos 50 a 70. Eu costumava ler no ginásio (nos anos 1963/66), junto com os colegas e afastado de qualquer adulto (às vezes íamos para a serraria da Escola e nos escondíamos no galpão de madeira). Se éramos flagrados pelo “censor” (era como se designava aquele que fiscalizava os alunos; no nosso caso, o famoso “Seu Geraldo”), o caminho era a diretoria e o castigo era 3 dias de suspensão; ...e o pior, a recomendação explícita: “o aluno só poderá comparecer à escola acompanhado dos pais ou responsável”. Castigo em dose dupla!

Era o máximo de transgressão e libidinagem naqueles anos em que a censura imperava, a TV engatinhava, o cinema “erótico” era proibido para menores de 18 anos e a “playboy”, nem em pensamento.

A minha geração passou pelos incentivos eróticos e gozosos de Carlos Zefiro.



Escondida

Luciola Macêdo

[AMP/ EBP-MG]

O primeiro livro que li escondido não me lembro da idade exata que tinha, nem mesmo o título do livro. O encontrei na estante de livros da biblioteca de meu pai. Era um livro que versava sobre as mudanças corporais dos meninos e meninas com a chegada da adolescência, com fotos, gráficos, tabelas por idades e esse tipo de coisas que uma menina quando entra na puberdade quer saber, mas morre de vergonha de perguntar...

Depois, já na adolescência, dessa época me lembro muito bem, circulavam na escola, entre um pequeno grupo de amigas do *Lice*, na hora do lanche e dentro de sacos de pão, os tais livros proibidos.

Depois da escola, nos dias de sol, costumava sair de bicicleta pra beira do lago Omodeo, e então devorava com ardor o conteúdo proibido: os meus preferidos, à época, foram *Teorema*, de Pasolini e *I nutrimenti terrestri* (Os frutos da terra), de Gide.



A montagem de uma ilusão: a play-scene*

Alicia Calderón de la Barca

[AME da AMP/EEP-BARCELONA]

A *play-scene* é o estereótipo com o qual se conhece a “posta em cena teatral” que conforma o núcleo do terceiro ato do drama *Hamlet*, o teatro dentro do teatro. O tema permite introduzir a relação da psicanálise com o teatro e o giro que se produz com Lacan. Esse giro se explicita a partir de 1962 e sua formulação poderia expressar-se assim: não se trata da psicanálise aplicada ao teatro, mas do teatro aplicado à psicanálise.

Mas, já anteriormente, nas sete lições de 1959, se perfila a posição diferencial de Lacan quando diz: “Hamlet não é um caso clínico. Hamlet, claro, é mais que evidente, desnecessário lembrar, não é um ser real. Hamlet é, se quiserem, como uma placa giratória onde se situa um desejo, e nela podemos encontrar todos os traços do desejo”¹. “Entendemos que o poeta está sempre à frente...”² - há aí um acordo com Freud.

Na lição de 18 de março de 1959, Lacan introduz a distinção entre, por um lado, a peça teatral com a dimensão da cena e sua divisão em relação ao lugar onde se encontra o espectador - implica também a necessidade do intermediário e sua vinculação com o tema do autor; por outro lado, a versão escrita do texto, ou seja, a forma literária da peça teatral. Esta última, segundo comenta Kenneth Muir, um especialista em temas shakesperianos³, apenas começa a ser difundida e a ter êxito na segunda metade do século XVIII. É recente, então, o início, cada vez mais, das abundantes e diversas interpretações da crítica sobre não só o mistério que suscita o caráter enigmático do personagem, mas também de quase cada incidente da obra. Em relação ao enigma do personagem, há no clássico estudo de E. Jones uma séria e exaustiva recopilação da opinião crítica, tanto a tradicional como a de seu tempo, grande parte dela novamente lida por Lacan, que a comenta numa das primeiras lições sobre Hamlet como uma ilustração significativa para extrair delas o essencial. Seguindo essa linha, busquei algumas referências em relação às interpretações da crítica literária especializada sobre a *play-scene*, que logo comentarei.

O teatro e a psicanálise

O tema do teatro como tal e de Hamlet em particular está presente em vários escritos de Freud, se bem que não comente particularmente a *play-scene*. Freud compara a

vida psíquica em sua totalidade com um teatro, seu cenário e seus personagens, e sabe-se que introduz o inconsciente a propósito do sonho como este lugar que chama de “a Outra cena”. Mas tanto a cena quanto “a Outra cena” prestaram-se a uma utilização quase clínica, repetida até a atualidade, de que a psicanálise toma o teatro e o personagem como um objeto de estudo clínico.



No giro que Lacan introduz, e que foi sinalizado por François Regnault⁴, trata-se muito mais de aplicar o teatro à psicanálise: é a própria psicanálise que se deve pensar como um teatro, o teatro da neurose, porque o teatro como tal ilustra a função do inconsciente como discurso do Outro, seja pela experiência da relação do espectador com o personagem, seja porque o ator enuncia o discurso do Outro (neste caso, o autor) e também porque acrescenta um *plus* ao fato de que a verdade se apresenta sob a forma de uma ficção. Lacan não esquece que há uma cena primitiva para a psicanálise, essas cenas traumáticas - o teatro privado - que Freud queria recuperar, mas joga além disso com o equívoco possível do cênico do mundo no sentido teatral.

Essa ideia já se encontra, de certo modo, nestas lições, embora seja na de 28 de novembro de 1962, quando ao retomar o tema de Hamlet e da *play-scene*, que Lacan esclarece a relação entre o mundo, a cena e a cena sobre a cena. Ele diz: “Portanto, primeiro tempo, o mundo. Segundo tempo, o palco em que fazemos a montagem desse mundo. O palco é a dimensão da história. A história tem sempre um caráter de encenação.”⁵ Também aponta que a dimensão da cena, sua divisão com respeito ao lugar, mundano ou não, cósmico ou não, onde se encontra o espectador, está certamente aí para ilustrar ante nossos olhos a distinção radical entre o mundo e aquele lugar onde as coisas, ainda as coisas do mundo, vêm dizer-se, colocar-se em cena segundo as leis do significante⁶. Quer dizer que a trama, a própria urdidura do mundo e da cena, é o fantasma. É uma maneira de dizer que não é a vida que é sonho, mas a realidade. O nível seguinte ao do mundo e da cena é o da cena dentro da cena, a *play-scene*.

Quando a psicanálise trata uma peça de teatro – e a série é longa em Lacan –, trata-a em termos teóricos, como uma construção. Com Hamlet, assistimos a um drama subjetivo no qual um sujeito portador de uma pergunta é idêntico a seus ditos, uma formação de puro artifício que se produz no lugar de uma verdade como suposta. A teatralidade é portanto fantasmática, não sintomal, e em *Hamlet* coloca-se em jogo o próprio marco onde se situa o desejo, como uma placa giratória, diz Lacan, “onde se situa um desejo”⁷. Na representação teatral, há um dizer redobrado de um ver, uma articulação do audível e do visível que devem ser interrogados como tais. É com esta posição que Lacan aborda o drama de Hamlet para tratar a questão do desejo.



A verdade como ficção na play-scene

Se é possível dizer que todo teatro contém na realidade o teatro no teatro *ad infinitum*, em Hamlet temos uma forma de tematizar a verdade como ficção na *play-scene*. O recurso da “obra dentro da obra” pode conceber-se de forma generalizada como “ficção dentro da ficção”. A partir deste ponto, pode-se sustentar que a ficção dentro da ficção é o momento em que a ficção é confrontada com seu próprio exterior, como seu próprio interior. Para que a ficção esteja estruturada, é essencial que se exclua algo dela. Este algo é o crime, que sobre a base de sua exclusão adquire o estatuto de “crime original”, o crime por excelência próprio do real. É algo original que estruturalmente falta, que já apareceu como sua própria repetição da primeira vez e cujo único original é esta mesma repetição. Então se estabelece a ficção por meio da disjunção em relação ao real, sustentando-se por meio de algo que “não pode mostrar-se” com um matiz especial: “só pode mostrar-se duplicando-se” na forma de uma ratoeira na qual se deve captar “algum signo de culpa”. Este é o mecanismo fundamental da “ficção dentro da ficção”. O conhecimento da identidade do assassino precede a cena de teatro e é a maneira pela qual a verdade se mostra ou nos mira desde os olhos do assassino a partir do que a verdade *surpreende*, a única pessoa que a conhece desde o princípio.

Para chegar a este ponto, centrar-me-ei na articulação do texto, os fios da trama.

Em primeiro lugar, temos a questão da razão de ser do drama de Hamlet. É o seguinte: o pai retorna em forma de fantasma para revelar uma verdade, o crime que provocou sua morte, efeito de uma traição que o surpreendeu enquanto dormia sobre um leito de flores. Este crime excluído será a cena que se reproduzirá no prólogo da *play-scene*. O pai sabe que morreu por vontade do irmão, quem “*arrebata-lhe a vida, a coroa e a esposa*”, e retorna para ordenar ao filho não apenas vingança contra seu assassino, mas também para pôr em primeiro plano a luxúria da rainha, algo que não havia escapado à observação do filho. No entanto, para Gertrude, o espectro pede respeito. O que Lacan assinala é que Hamlet se debate com um desejo, mas este desejo está longe de ser o seu próprio porque a chave não é seu desejo por sua mãe, mas, pelo contrário, o desejo de sua mãe.

E chegamos ao ponto: esse crime que se oculta do mundo da cena é o que Lacan marca como o elemento capital sem o qual o drama não teria razão de ser. É em relação a isso que ganha importância a função da *play-scene*, que é encenação dessa cena que permaneceria oculta, dirigida por um mestre de cerimônias que será o próprio Hamlet.

Nesta representação, há duas partes: um prólogo a modo de/como pantomima e a obra em si para representar “A morte de Gonzago”. Na pantomima se reproduzem os

detalhes do crime levados a cabo por um tal Luciano, que o próprio Hamlet assinala como sendo “o sobrinho do rei”. Lacan e vários comentadores indicam a agitação que move Hamlet durante esta representação, diferentemente do que acontece com o rei, que permanece impassível; por sua vez, quando se passa ao texto da obra, que será recitado pelo rei e pela rainha da comédia, produz-se não só a perturbação do assassino, mas também a interrupção da representação com o célebre *Give me some light* – estes são os signos da culpa. É o momento do triunfo maníaco de Hamlet mas, no entanto, logo se demonstra ser insuficiente para permitir-lhe sair da inibição. O que Lacan enfatiza aqui é a desorganização em que cai sua conduta.

O tema, então/portanto, é a função da *play-scene*. Há aqui uma questão: a quem vai dirigida a armadilha da ratoeira quando, ao final do 2º ato, Hamlet diz: “*The play’s the thing wherein I’ll catch the conscience of the king.*”? (A obra é a coisa com a qual capturarei a consciência do rei.)

O que fica claro no desenvolvimento da cena dentro da cena é que Hamlet não apenas arma este espelho do espetáculo como ratoeira para seu tio ou para sua mãe buscando índices de sua cumplicidade, mas também para pôr-se a si mesmo em cena. Haver-se deixado tomar no caminho por sua própria imagem, esta é a armadilha.

Então, o que Hamlet faz representar sobre a cena? A resposta de Lacan no *Seminário A angústia* é que é a ele mesmo que representa, neste tal Luciano sobre o rei da comédia, consumando o crime no momento da pantomima, e conclui: com este personagem, Hamlet trata de dar corpo a algo que passa por intermédio de sua imagem propriamente especular, não no modo de realizar sua vingança, mas como modo de assumir primeiro o crime que logo tratará de vingar⁸. Mas a identificação especular com o assassino mostrará ser não suficiente para que Hamlet execute o ato solicitado pelo *ghost*.

Para que isto seja possível, será necessária outra identificação de natureza completamente diferente, uma identificação com o que Lacan chama, em 1962, de *alma furiosa da vítima*, com Ofélia, a suicida. Será necessária esta outra identificação para que possa encontrar-se com seu desejo e encaminhar-se ao encontro mortal com seu próprio ato.

Para situar a cena do teatro no teatro, é preciso articulá-la com a cena anterior e com as que seguem. Na anterior, os comediantes representam um episódio que Virgílio descreve na Eneida. Hamlet fica surpreendido pela emoção que capta num ato ao representar uma ficção que, no entanto, lhe é alheia. Decide então tomar partido do teatro como estratégia, montando, como uma ficção, a verdade excluída que foi denunciada pelo fantasma do pai.

A consequência imediata à *play-scene* é que, embora tenha a oportunidade de matar o rei ao surpreendê-lo

rezando, não pode fazê-lo. O pretexto: “*Ficarei vingado ao surpreendê-lo enquanto purifica sua alma? A espada não poderia buscar ocasião mais horrível*”. Como assinala Lacan, é um pretexto que não conseguiu convencer ninguém.

Desta ocasião rejeitada, há uma consequência a tirar que se relaciona à *play-scene* e sua limitação.

A explicação que Lacan oferece no *Seminário A angústia* sobre a postergação do ato é distinta da proposta nas lições de 1959. Retoma o tema da *play-scene* e sua vinculação à inibição para realizar o ato. Assinala que, para poder atuar na cena de sua própria missão – matar o tio –, Hamlet arma esta outra cena, mas que o espelho desta representação sobre a cena é insuficiente para desencadear o ato necessário. Identificar-se com o assassino da cena representada lhe devolve a imagem do assassino, mas apenas a imagem não basta para fazer o que tem que fazer e não faz. Isto só pode ser feito pelo sobrinho de comédia.

No gabinete da mãe, celebrar-se-á a célebre *closet-scene*, o outro estereótipo com o qual se denomina a cena que ocorre frente a um toucador ou escritório com um espelho, como mostra toda a iconografia clássica segundo as ilustrações de Simmonds.

Em sua autobiografia, Laurence Olivier comenta que não conseguia entender a natureza da dificuldade que Hamlet tinha para levar a cabo o que devia fazer; perguntava-se pelo enigma de seu conflito interior. Foi assim que, tentando entender o personagem, leu a obra de Jones, “Uma explicação do mistério de Hamlet: o Complexo de Édipo”. Pareceu-lhe um trabalho maravilhosamente esclarecedor e decidiu consultar o autor para falar do tema. “*O professor se empenhava em dizer-nos que este complexo é inconsciente e que, tanto para Hamlet como para Shakespeare, a natureza do conflito lhes escapa*”, diz Olivier, “*no entanto, para mim, a explicação psicanalítica dava toda uma possibilidade de entender esta incapacidade absoluta de Hamlet de levar adiante o que se esperava dele, assim como suas mudanças de humor*”⁹. É a partir das conversas com Jones que o leito matrimonial é o primeiro que aparece aos olhos do espectador na versão filmada.

Nesta cena intensa que Lacan comenta dizendo que “chega ao limite do suportável por sua cruzeza”, Hamlet diz coisas à mãe como: “*o hediondo suor de um leito infecto*” ou “*a corrupção dos mimos do amor*”, expondo com toda clareza que o ponto fundamental é o desejo da mãe. Este é o desejo enigmático que desperta seu horror, que o pai possa haver fracassado como causa do desejo de sua mãe.

É este o Outro central para Hamlet, porque o fantasma do pai também resulta totalmente submetido ao desejo da mãe, inclusive reaparece nessa cena para retê-lo em sua violência dizendo-lhe: “*ponte entre ela e sua alma em luta... Falai com ele*”.

O que está em questão é o lugar do pai como causa do desejo da mãe. É o ponto da castração do pai, que tem sido incapaz de aceder ao desejo da mãe. O pai de Hamlet demanda desde o/a partir do Ideal, em nome dos ideais, e se o desejo em Hamlet decai, é porque o Ideal afundou. O fantasma demanda vingança, mas não diz nada de seu desejo, nem se desprende daí o lugar da causa para Hamlet. Este é o ponto fundamental que se relaciona com a ausência de luto na mãe e que se coloca para ele desde o primeiro solilóquio, ainda antes do encontro com o *ghost*.

O luto e o objeto do desejo

Lacan define o luto dizendo que só se pode fazer o luto por aquele de quem fomos a falta. Se Lacan sustenta a importância da identificação com o objeto do luto, não se refere a qual seja/a qualquer que seja a identificação com este objeto como causa, porque este objeto não é causa do desejo do sujeito, mas sim como Outro barrado, o Outro desejado como desejante. A identificação com o objeto perdido é a identificação com a falta no Outro, enquanto barrado.

É a partir do lugar de causa que Hamlet teve para Ofélia que ele percebe, com sua desapareição, que poderá matar e também fazer-se matar. Será necessária outra identificação distinta da especular, a identificação que remete ao furo no Outro, ao objeto do desejo como tal, mas um objeto que foi maltratado, que foi descuidado e que só ressurgue por meio da identificação quando houver desaparecido como objeto.

A cena sobre a cena que Hamlet monta com os comediantes não remedia sua inibição porque o espelho da representação sobre a cena é insuficiente para desencadear seu ato. Apenas será possível depois da cena, na surpresa do enterro de Ofélia. Na revelação que aí se produz do que foi para ele este objeto descuidado, inclusive desconhecido por ele mesmo até este momento:

Eu amava Ofélia; quarenta mil irmãos que tivesse não poderiam, com toda a intensidade do amor, alcançar minha soma. A Laertes que queres fazer por ela?

Lacan diz que se vê aí operar, nua, “a identificação com o objeto que Freud nos aponta como sendo a mola mestra da função do luto.”¹⁰

Nas lições de 1959, Lacan fala de Ofélia, sobretudo em relação ao falo, e não se refere exatamente ao objeto do desejo do mesmo modo como o faz no *Seminário A angústia*. Mas a identificação ao falo não brinda a resposta que permite sair da inibição, é o objeto que brinda esta resposta. A identificação com Ofélia, com o que Lacan chama “o furor da alma feminina”, é o “que lhe dá forças para se transformar no sonâmbulo que aceita tudo, inclusive ser, no combate – já o assinala bastante –, aquele que luta para seu inimigo, o próprio rei, contra sua imagem especular, que é Laertes. A

partir daí, as coisas se ajeitam sozinhas e sem que ele faça, em síntese, outra coisa senão exatamente o que não deve fazer, até que faça o que tem de fazer. Ou seja, ele mesmo será mortalmente ferido antes de matar o rei”.¹¹ É a identificação com o objeto perdido – com aquela cujo desejo ele sabia que causava e que, por ser causa do desejo de Ofélia, ela se torna objeto de seu desejo o que o move à ação, diferentemente da demanda paterna, que se mostrou impotente para que pudesse realizar o ato.

Entre a *play-scene* e a cena do enterro de Ofélia, Lacan estabelece duas formas diferentes de identificação: a identificação com a imagem especular na *play-scene* e a identificação com o objeto do desejo como tal, a partir da “visão no lado de fora de um luto de verdade com o que ele entra em competição – o luto de Laertes por sua irmã, que era o objeto amado por Hamlet e de quem ele fora subitamente separado pela carência de desejo”¹². Trata-se, portanto, de uma identificação diferente da identificação à imagem e também distinta da identificação ao traço significante. Mostra que o segredo do fantasma não é a identificação última ao falo.

A play-scene e a crítica literária

Com Lacan, podemos servir-nos dos críticos literários como ilustração significativa. Da profusa literatura “hamlética” recolhi algumas interpretações da *play-scene* segundo as linhas atuais da crítica moderna. Quanto à crítica tradicional, há uma referência explícita de Lacan, John Dover Wilson, um shakespeariano clássico inevitável, já que todos se referem a ele. Wilson, num de seus livros sobre o tema, *What happens in Hamlet*¹³, um estudo de 1935 com contínuas revisões até 1993, coloca como tese que o coração do mistério do personagem é que “o mistério em si mesmo é uma ilusão porque Hamlet é uma ilusão”. A explicação que brinda esta montagem de ilusão é que “o segredo” por trás de Hamlet é Shakespeare. Que o próprio mistério é uma ilusão criada, uma montagem com um propósito dramático elaborado pela perícia técnica de Shakespeare. Em relação a isto, Lacan assinala que o aperfeiçoamento do ofício de autor não basta para explicar o giro decisivo que esta obra constituiu na produção shakespeariana, como tampouco explica totalmente as mortes de seu filho e de seu pai, ocorridas pouco antes de escrevê-la. Assinala também que o tema da morte e dos lutos não realizados marca a obra do princípio ao fim e indica que tanto o poeta como o protagonista estão comovidos por sentimentos que lhes afetam sem que possam explicá-los; neste ponto, há um acordo com Jones. Wilson leu os trabalhos de Jones e, embora elogie seu estudo, rechaça a interpretação psicanalítica porque diz que “Hamlet não é nem um ser vivo, nem tampouco um personagem histórico, mas sim uma construção dramática”.

Em seu livro, há um capítulo dedicado à *play-scene*, “A ratoeira múltipla”. Wilson procura fundamentar as tramas paralelas que convergem nesta cena que, em sua opinião, é o ponto central, o nó do drama. Aborda o tema tentando dar conta do propósito dramático colocando-se perguntas que fazem o texto responder. Dos numerosos temas, selecionei quatro:

O tema da pantomima: considera-a fundamental como antecipação da ação, como um *flash* da cena falada que segue e que, para Wilson, em seus detalhes mostra que “o sobrinho” sabe.

O tema da frase, a “obra é a coisa”, para jogar/brincar como o gato com o rato. Tanto Wilson quanto Kenneth Muir (1965) interpretam que a *play-scene* tem a intencionalidade de provar não só a culpabilidade do tio, mas também a cumplicidade da mãe.

O tema da ratoeira, cuja função é capturar por surpresa. Com relação ao ato, Wilson sublinha/observa que Hamlet atua somente por impulso. Enfatizo-os porque são temas retomados por Lacan. Ponto de giro porque finaliza a comédia de máscaras e prova a verdade da história do fantasma.

O tema do criador por trás dos propósitos do personagem; para este crítico, um criador é alguém que move os fios do que considera “a maior marionete da literatura”. Por isso, considera que a *play-scene* é sua obra-mestra. Para Wilson, Shakespeare é Outro com um saber sem falhas.

Com respeito à crítica moderna, como característica geral, faço notar qual ser opõe a ênfase na subjetividade, seja o do autor ou o do herói da crítica tradicional. As linhas mais atuais são a pós-estruturalista e a nova crítica historicista. Selecionei três que consideram o ponto da *play-scene*. Tanto uma quanto a outra destacam a identificação especular, ainda que extraíam conclusões diferentes.

No primeiro grupo, Anne Ubersfeld¹⁴, representante da semiótica teatral atual, nega o conceito de ilusão no teatro. Entende o teatro como uma encenação de certa imagem das condições socioeconômicas e das relações entre os homens. Retoma o preceito freudiano de que o sonho interior ao sonho diz a verdade. Do mesmo modo que, por uma dupla negação, o sonho de um sonho resulta verdadeiro, o “teatro no teatro” diz o verdadeiro, assinala-o, mudando o signo da ilusão e denunciando-a. Para esta autora, o teatro é uma construção imaginária que diz não o real, mas o verdadeiro, embora o espectador saiba que essa dita construção encontra-se separada da existência quotidiana. Indica, portanto, diz, que há redução da ilusão já que, para que haja espetáculo, o imaginário deve estar acantonado em seu lugar de imaginário e isto se realiza, segundo esta crítica, a partir do funcionamento da denegação que permite a construção de um real concreto como resultado de um juízo que nega sua inserção na realidade.

Deste modo, a *play-scene* é entendida como um exemplo de desmascaramento operado pela teatralidade, um dar à luz ao verdadeiro. A estrutura em espelho dos personagens permite diferentes combinações que se reproduzirão ao longo de toda a obra: Hamlet e Cláudio passando na *play-scene* por Hamlet (pai) e Polônio (pai) até Hamlet e Laertes. Ubersfeld considera que se desprende daí uma situação muito complexa que obriga o espectador a tomar consciência do duplo estatuto das mensagens que recebe. Sua conclusão é que a reversibilidade da ação prepara a derrota e a morte conjunta de Hamlet e Laertes, ambos combatentes de uma causa perdida. O elemento a apontar desta concepção é a qualidade de intérprete que outorga ao espectador e o sem saída do imaginário. Mas a dificuldade estriba no conceito de realidade e de real-concreto que maneja.

Leonard Tenenhouse¹⁵ é o representante inglês mais importante da chamada “nova crítica historicista”, elaborada em fins de 1970 por um americano, Stephen Greenblatt. Centra o problema na ação violenta e a autoridade como parte da crise política do Renascimento inglês, o poder absoluto dos Tudor, que permite a instalação do sujeito soberano, a privacidade e a interioridade.

Tenenhouse analisa a posta em cena da obra dentro da obra montada por Hamlet, não como uma astúcia para captar a culpabilidade do rei, mas sim como um recurso que nos leva a compreender como a vingança solicitada constitui um crime contra o estado. Esta é sua interpretação de que o crime cometido por Cláudio esteja representado na pantomima pelo sobrinho. A conclusão do drama, portanto, será que nem Hamlet, nem Cláudio podem chegar a ser legítimos soberanos da Dinamarca.

Seus argumentos centrados em complexas relações entre a linguagem, o poder e o saber se fundamentam na sugestão de Michel Foucault acerca de como o controle do estado pode efetivar-se não somente através da linguagem, mas também através de manifestações teatrais como juízos e execuções. Para este crítico e a linha que representa, Shakespeare era um político.

Por último, quero destacar W. T. Jewkes¹⁶, que parte da relação entre a pintura e o drama renascentistas. Assinala este teórico que, na pintura do Renascimento, aparece o homem como um sujeito confrontado com o mundo que inclui, a ele próprio, como objeto. O marco, que havia representado a imposição de certa ordem e regularidade, resulta agora uma janela que estabelece uma relação com a superfície, inclusive uma ruptura com a mesma. É um convite a um mundo mais além do marco como nova aventura da perspectiva do Renascimento. Relaciona o pictórico da representação teatral e o fato de que os elementos dramáticos podem ser manipulados para produzir efeitos análogos aos da pintura. Uma dessas manifestações da relação entre sujeito e objeto

é a convenção do drama dentro do drama, a *play-scene*, que realiza a possibilidade de um marco através do qual se pode ver um espaço de espelhos refletivos que inclui, além disso, o fato de que Hamlet modificou algumas linhas da obra que fará representar e que esta obra, ao mesmo tempo, dobra a representação da pantomima. Na medida em que Hamlet revela que Luciano é o sobrinho do rei, a perspectiva especular muda nosso ângulo de visão. Este crítico diz que “se podemos tirar da cabeça as implicações freudianas” a conclusão é uma dupla imagem: uma retrospectiva e a outra prospectiva. Se na primeira Cláudio não é melhor que Luciano, na segunda Hamlet não poderá cumprir a vingança ao não ser melhor que ambos. É preciso dizer que, em suas conclusões, Jewkes, ao fim e ao cabo, embora não o saiba, concorda com a psicanálise - não há saída para a identificação especular.

Concluirei citando Jorge Luis Borges¹⁷ quando diz que Cervantes teria gostado da *play-scene* em Hamlet, já que Dom Quixote, um quase coetâneo de Hamlet, é um livro sobre livros que, em sua segunda parte, conta com a primeira como já publicada. Ou como nas posteriores *As meninas*, onde não se sabe se o quadro que o pintor pinta dentro do quadro pode ser ou não o quadro que vemos.

Trad.: Roberto Dias

Rev.: Luiz Gonzaga Morando Queiroz

Alicia Calderón de la Barca

Psicanalista em Barcelona e Girona, AME da ELP-Catalunya e da AMP, docente do Instituto del Campo Freudiano - Sección Clínica de Barcelona. Alguns títulos publicados: “Esos puntos radicales de lo real...”, “Karen Horney y el “sueño de la mujer toda””, “La locura del yo”, “El padre real: un operador estructural”, “Joan Rivière y el secreto de lo femenino”, “Simbólico, imaginario y real y condición de amor: sobre el caso de “La joven homosexual”, “Artificio de artista”, “Enigma de las epifanías”. Tradutora frecuente dos seminários de Jacques-Alain Miller publicados em Freudiana, da qual já foi diretora.

Artigo publicado originalmente em Freudiana, n. 17, ELP-Catalunya, Barcelona, maio/agosto, 1996, cedido amavelmente pela autora.

ENDNOTES

- 1 LACAN, J. *O Seminário*, livro 6: *O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 312.
- 2 LACAN, J. Homenaje a Margarite Duras. In: _____. *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: Ed. Manantial, p. 65.
- 3 MUIR, Kenneth. *Aspects of Hamlet*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- 4 REGNAULT, F. Le héron de l'empereur. *Quarto*, Bruxelas, n. 23, p. 47, 1985.
- 5 LACAN, J. *O Seminário*, livro 10: *A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 43. Em espanhol não se utiliza palco e sim cena: “Así, primer tiempo, el mundo. Segundo tiempo, la escena a la que hacemos que suba este mundo. La escena es la dimensión de la historia. La historia tiene siempre un carácter de puesta en escena.” (LACAN, Jacques. *El seminario*, livro 10, la angustia. Buenos Aires: Paidós, 2006. p. 43.)
- 6 LACAN. *O Seminário*, livro 10: *A angústia*. p. 43.
- 7 LACAN. *O Seminário*, livro 6: *O desejo e sua interpretação*, p. 312.
- 8 “O que Hamlet manda representar no palco, portanto, é, afinal, ele mesmo praticando o crime em questão. Esse personagem, cujo desejo não consegue animar-se para fazer a vontade do *ghost*, do fantasma de seu pai - pelas razões que tentei articular para vocês -, tenta dar corpo a alguma coisa que passa por sua imagem especular, sua imagem posta naquela situação; não consumir sua vingança, mas primeiro assumir o crime que depois será preciso vingar.” (LACAN, J. *O Seminário*, livro 10: *A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 45.)
- 9 OLIVIER, Laurence. *Confessions of an actor*. Ed. Nicholson, 1991.
- 10 LACAN. *O Seminário*, livro 10: *A angústia*, p. 46.
- 11 LACAN. *O Seminário*, livro 10: *A angústia*, p. 46.
- 12 LACAN. *O Seminário*, livro 10: *A angústia*, p. 363.
- 13 DOVER WILSON, John *What happens in Hamlet*. Cambridge: Cambridge University Press, 1951.
- 14 UBERSFELD, Anne. *Semiótica teatral*. Madrid: Cátedra, 1998.
- 15 TENENHOUSE, Leonard. *Power on Display: The politics of Shakespeare's Genres*. London: Routledge, 1986.
- 16 JEWKES, W. T. *To tell my story: the function of framed narrative and drama in Hamlet*, Shakespearean Tragedy. Stratford-upon-Avon Studies, Ed. E. Arnold, 1990.
- 17 BORGES, J. L. *Conferência em Buenos Aires em setembro 1977*. (Inédito)

LANÇAMENTOS

Antonio Teixeira, Heloisa Caldas (Orgs.)

PSICOPATOLOGIA LACANIANA

VOLUME 1 | SEMIOLOGIA



Escola Brasileira
de Psicanálise

autêntica

Antonio Teixeira, Heloisa Caldas (Orgs.). *Psicopatologia lacaniana, Volume 1, Semiotologia*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

PSICOPATOLOGIA LACANIANA

Este livro original não tem equivalente na psicanálise de orientação lacaniana. Ele só podia ser possível no Brasil, pois é o país onde se tece uma relação particular entre os movimentos de reforma psiquiátrica e nossa orientação psicanalítica.

Um livro que dá todo seu lugar ao sujeito como tal no campo da psicopatologia, sem se esquecer das hipóteses que ele pode tomar no caráter e na personalidade. Distingue cuidadosamente os registros que lhes são próprios. Coloca em exergo o lugar e a função das diferentes experiências da fuga de sentido e do enigma no campo clínico. Subverte os prestígios da consciência destacando o profundo desconhecimento que ela constitui com relação as ditas “funções” do Eu. Interroga, a partir da dimensão do Real própria a nosso campo, o que o discurso clínico nomeia como realidade. O inconsciente

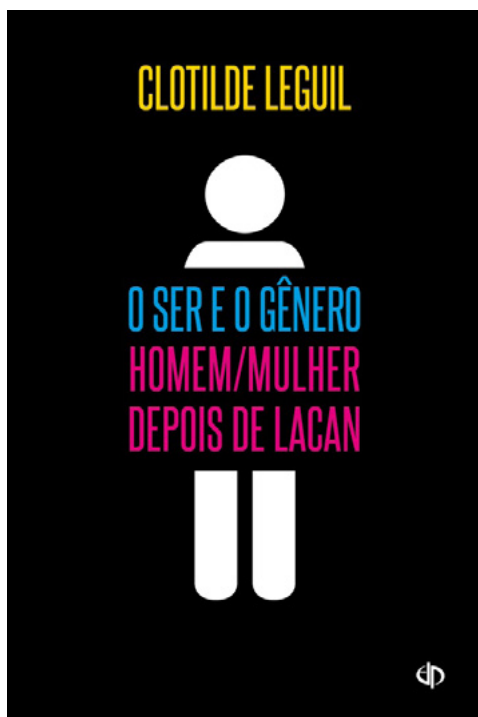
como memória é também aqui muito bem situado como anti-memória. Em vez da oposição, que se faz de bom grado, entre emoção e cognição, os laços e o lugar do afeto são situados em sua relação com a estrutura do Outro do discurso, traçando os contornos de uma cognição afetiva. As categorias kantianas fundamentais do tempo e do espaço, constitutivas do sujeito da psicologia, são retomadas a partir das categorias da experiência psicanalítica.

O debate sobre o transtorno de atenção com ou sem hiperatividade é deslocado a partir da função lógica da debilidade mental. Por fim, este livro realiza o *tour de force* de situar a atualidade da sexuação nos debates sobre o gênero, nos limites da clínica.

Éric Laurent

[Ex-Presidente da Associação Mundial de Psicanálise – AMP]

Leguil,
Clotilde,
*O ser e o
gênero: homem/
mulher depois
de Lacan*, trad,
Vera Avellar
Ribeiro; org.
da edição
brasileira
Andréa Reis
Santos. Belo
Horizonte:
EBP Editora,
2016.



El psicoanálisis y su aporte a la cultura contemporánea

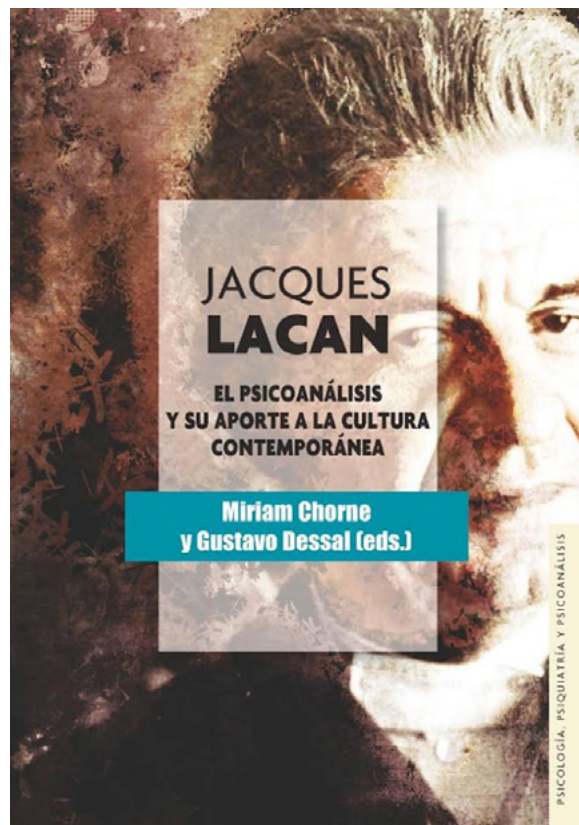
Depois de Freud, Jacques Lacan (1901-1981) é hoje o psicanalista mais influente da cultura contemporânea. Seu ensino não se limita à prática clínica, senão que incide de maneira exponencial na maioria das ciências humanas e sociais. Quiçá não seja excessivo afirmar que, junto com o de Heidegger, seu pensamento constitui um dos referentes intelectuais decisivos do século XXI.

Lacan desenvolveu uma estratégia epistêmica, clínica e política que consistiu em extrair a medula da lógica freudiana empregando instrumentos conceptuais renovados. De tal modo, deixou também sua impronta em cada um dos saberes dos que extraiu elementos para construir seu discurso: a linguística, a filosofia, a crítica literária, a ciência política, ou o direito, por nomear so algumas de muitas disciplinas. Conforme transcorre o tempo, não somente o movimento psicanalítico expande o reconhecimento ao seu ensino, senão que o mundo intelectual e acadêmico descobre também a riqueza que os conceitos lacanianos são capazes de infundir nas suas numerosas especialidades. Autores como Foucault, Derrida, Milner, Deleuze, Laclau e E. Trías, entre outros, dão testemunho disso.

Este é um livro de introdução e consulta de uma disciplina, a psicanálise, que, ainda que muito vasta, não forma um sistema fechado nem uma cosmovisão. Está planteado pelos seus editores como uma obra coletiva para a qual foram convocados 49 especialistas, de cinco línguas diferentes, que percorrem uma muito ampla, ainda

Índice

Apresentação	11
Prefácio	13
Prólogo: Insustentável leveza do gênero	21I.
Libertar-se das normas de gênero	39
II. Pré-história do modelo unissex 61	
III. A inquietante estranheza do gênero 87	
IV. O gênero fora da norma 109	
V. Papel de homem/Papel de mulher 135	
VI. Perfume de mulher mais além dos clichês 155	
VII. Nas origens do gênero 175	
Epílogo: O gênero, nova tessitura do ser 197	
Bibliografia e referências cinematográficas 207	
Agradecimentos 209	



que nunca exhaustiva, gama de conceitos e temas fundamentais. Seu objetivo é tanto o leitor curioso como o acadêmico ou o iniciado em sua teoria e em sua prática. Não pretende substituir o tesouro e a beleza da leitura da obra de Lacan, um verdadeiro modelo da hospitalidade do saber, senão e antes que nada, ser um efetivo convite a ela.

Miriam Chorne e Gustavo Dessal

*The Lacanian
Review, Hurly-
Burly, Journal
of the New
Lacanian School
and the World
Association of
Psychoanalysis,
n.2 Autumn,
2016.*



Contents

4 Editorial

5 Véronique Voruz, *Sex All Over The Place: "Fuck!"*

Thematic section: Sex all over the place

9 Jacques-Alain Miller, *Truth is Coupled with Meaning*

The dialogue

21 Jack Halberstam and Marie-Hélène Brousse, "Queering Psychoanalysis"

Uncouplings

30 Pierre-Gilles Guéguen, *Manipulation of the Imaginary in a Homosexual Couple*

43 Paul Verhaeghe, *The Scandal of Sex: We Hate the One We Love*

Pawned fantasies

58 Laurent Goumarre, *Let's Talk About Porn... To Camera*

62 Gustavo Freda, *The Scopie Emptiness of Pornography*

65 Christiane Alberti, *What Remains of Our Fantasies*

Choosing not to choose

70 Jorge Assef, *What Sexuation Can We Trust?*

83 François Ansermet, *To Choose One's Sex: the Paradox of the Parlêtre*

88 Pamela King, *The Third Sex: an In-Between*

Whither the phallus?

94 Bruno de Halleux, *Sexuality at the Time of the Speaking Body*

105 Jacques-Alain Miller, *A New Alliance with Jouissance*

Formations of the analyst

Supervision

118 Éric Laurent, *The Logic and Surprises of Supervision at the Time of the Parlêtre*

133 Patrick Monribot, *The Possibility of an Act*

Reduction: Analysts of the school

137 Anne Lysy, "This is Not a Clinical Case"

140 Anna Aromí, *The Fall of the Case*

144 Marie-Hélène Brousse, *On Pass Testimonies*

146 Débora Rabinovich, *My Bestiary*

150 Luiz Fernando Carrijo Da Cunha, *The Risk of an Invention*

154 Ram Avraham Mandil, *Making a Stepladder of the Sinthome*

158 Jésus Santiago, *The Speaking Being Beyond the Man/Woman Binary*

Our congresses

Clinical Orientation

166 Miquel Bassols, *Psychosis, Ordered Under Transference*

171 Jean-Pierre Deffieux, *Modes of Enjoyment, Time to Choose*

178 Herbert Wachsberger, *From the Enigmatic Experience to the Elementary*

Phenomenon

184 Claudia Iddan, *Push-to-the-Man*

SUREANDO

Le virtuel sur scène : un théâtre en mutation ? por Christiane Page em :

Lacan Quotidien n° 443, publicado por Navarin editor, no Sábado, 29 de novembro de 2014 - 10h21 [GMT + 1]

Disponível em:

<http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2014/11/LQ-443.pdf>

Muir, K. (1992) **'Freud's Hamlet'**, in Wells, S. (ed.) *Shakespeare Survey: Cambridge University Press*, pp. 75–78

Disponível em:

<https://doi.org/10.1017/CCOL0521420555.007>



John Berger morto em janeiro de 2017.

“Quando lemos uma história, nós a habitamos. As capas de um livro são como o teto e as quatro paredes. O que vai acontecer terá lugar entre as quatro paredes da história. Isto é possível porque a voz da história faz tudo por si só”. *Keeping a Rendez-vous, Vintage*, 1992. Suas quase memórias em português, publicadas pela Rocco: <http://www.rocco.com.br/livro/?cod=1701>

John Berger entrevistado em Newsnight, BBC2, em 2011. Disponível em: <https://youtu.be/U7LZxCUApds>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/01/1849541-peca-remonta-encontro-entre-susan-sontag-e-john-berger-leia-trecho.shtml>

DANCE ME TO THE END OF LOVE

WWW.JERRYSGITARBAR.COM

THE LEONARD COHEN COLLECTION

A Intro

♩ = 67 (♩-♩)

Em CAPO FRET 3 Em B7

Gtr 1

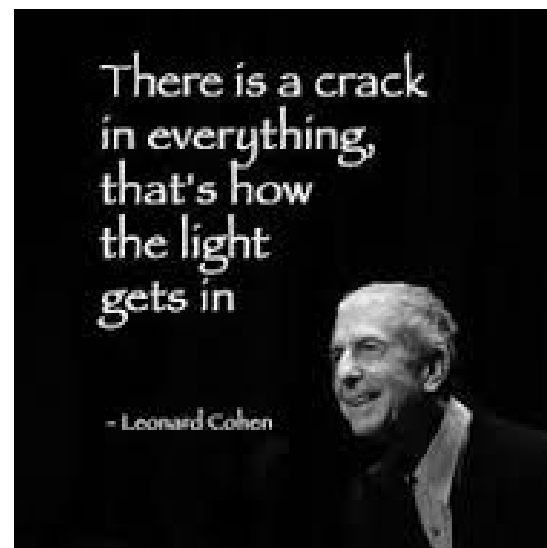
T	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	2	2
A	0	0	0	0	2	2	2	2	0	0	0	0	0	2	2	2	2
B	0	2	0	2	0	0	0	2	0	2	0	2	2	2	2	2	2

Leonard Cohen



John Donne

Citado por Lacan no Seminário 6, John Donne nunca publicou, mas fez consistir o semblante de que sabia como gozar do corpo de uma mulher: <http://www.newyorker.com/books/page-turner/john-donnes-erotica>



<https://www.youtube.com/watch?v=YrLk4vdY28Q>

CIDADE MOTOR

A cidade que não mais existe. Distopia em formato de ficção para os amantes de quadrinhos

<http://rvculturaarte.com/Cidade-Motor>

https://issuu.com/rvculturaarte/docs/cidademotor_miolo_divulga___o_isuu

Bibliô agradece a colaboração dos autores aqui publicados e de Luiz Gonzaga Morando Queiroz e Teresinha Natal Meirelles do Prado pelas revisões realizadas.

Equipe bibliotecas EBP

Marcela Antelo [Diretora]

Lêda Silva Guimarães [EBP - Rio de Janeiro]

Teresinha Natal Meirelles do Prado [EBP - São Paulo]

Márcia Rosa [EBP - Minas Gerais]

Mônica Hage [EBP - Bahia]

Anamaria Vasconcelos [EBP - Pernambuco]

Oscar Reymundo [EBP - Santa Catarina]

Diretoria EBP 2015-2017

Ana Lúcia Lutterbach Holck [EBP Diretora geral]

Paula Borsoi [Diretora tesoureira]

Fernanda Otoni Brisset [Diretora secretária]

Marcela Antelo [Diretora biblioteca]

Editor: **Marcela Antelo**

Design gráfico: **Celeste Hampton**

ebp@ebp.org.br
www.ebp.org.br



Bibliô agradece a colaboração de todos autores aqui publicados.

Equipe bibliotecas EBP

Marcela Antelo [Diretora]

Lêda Silva Guimarães [EBP - Rio de Janeiro]

Teresinha Natal Meirelles do Prado [EBP - São Paulo]

Márcia Rosa [EBP - Minas Gerais]

Mônica Hage [EBP - Bahia]

Anamaria Vasconcelos [EBP - Pernambuco]

Oscar Reymundo [EBP - Santa Catarina]

Diretoria EBP 2015-2017

Ana Lúcia Lutterbach Holck [EBP Diretora geral]

Paula Borsoi [Diretora tesoureira]

Fernanda Otoni Brisset [Diretora secretária]

Marcela Antelo [Diretora biblioteca]

Editor: Marcela Antelo

Design gráfico: Celeste Hampton

ebp@ebp.org.br

www.ebp.org.br

Rua Teodoro Sampaio, 1441 – conj. 13 - Pinheiros

CEP.: 05405-150. São Paulo - Brasil

+55 (11) 3676-0297 | ebp@ebp.org.br

www.ebp.org.br